JOSÉ ROBERTO SALES

A MEMÓRIA DOS SENTIDOS

Edição do Autor
Varginha - MG
2019

JOSÉ ROBERTO SALES
Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências

A MEMÓRIA DOS SENTIDOS

2ª edição
Revista e ampliada
Texto definitivo

Varginha (MG)
Edição do Autor
2019

© Copyright José Roberto Sales, 2002 (1 ed.); 2019 (2 ed.)

Catalogação na Fonte
Responsável: José Roberto Sales

869.3B

Sales, José Roberto, 1957-
A memória dos sentidos / José Roberto Sales

Varginha: José Roberto Sales, 2019.

2 ed. revista e ampliada. Texto definitivo.
342p.

Bibliografia
ISBN 978-85-60604-24-1

1. Romance. I. Título

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL
Escritório de Direitos Autorais
Romance registrado no Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional, em 27 de setembro de 2002. Certificado de Registro n.º 269.778, Livro nº. 484, folha nº. 438.

Digitação, paginação, supervisão e revisão final:
José Roberto Sales.

Tiragem: 100 exemplares.

Impressão e acabamento:
Gráfica Editora Sul Mineira.
Rua Tiradentes, nº. 395. Centro.
Varginha – MG

PREFÁCIO

Maria de Lourdes Figueredo Saullo
Especialista em Literatura Geral e Brasileira
Universidade de Taubaté (SP)

A memória dos Sentidos, de José Roberto Sales, é uma obra essencialmente romântica. Os personagens, o cenário e a linguagem utilizada pelo autor revelam um acentuado lirismo e transbordam de emoção e sentimento. Possuidor de um estilo clássico e elegante, com uma linguagem fluente na rica descrição de detalhes de ambiente de época, o autor surpreende e seduz o leitor.

A Memória dos Sentidos narra a história de um amor apaixonado, sensual e envolvente que retido pela memória ultrapassa o tempo e o esquecimento.

Através da leitura deste romance, nos deixamos levar como Dandara, personagem de grande lirismo e singeleza. Pelas lembranças de Orminda Vitoriano somos conduzidos irresistivelmente por suas histórias, por suas memórias do passado, ao seu mundo, onde a realidade, os sonhos e a fantasia se mesclam numa atmosfera mágica.

A Memória dos Sentidos nos fala de uma paixão em que as sensações são despertadas através da fruição do ser amado. A exploração sensorial do amor leva os amantes a um delírio único, a um êxtase verdadeiro e sensual, que acontece num determinado tempo e num determinado lugar, mas que perdura para além da eternidade.

Através da Memória dos Sentidos podemos tocar “nas delícias”, sentir “as carícias” deste homem singular, cuja descrição assemelha-se a de Apolo Caçador, divindade do campo, solar e radiante em sua beleza. E percebemos também o encanto desta mulher de natureza sonhadora, misteriosa e lunar.

Sob o aspecto simbólico, podemos encontrar nestes amantes a representação mística dos elementos perfeitos e complementares: Sol e Lua.

A Memória dos Sentidos nos fala de uma intensa e duradoura paixão, de um amor que é experimentado e celebrado em sua dimensão física e espiritual. Esta fusão de corpo e alma dos amantes se faz emblemática através do casulo na xícara de café.

Para os antigos gregos, a borboleta que abandona o casulo simboliza a alma que deixa o interior do corpo, tornando-o vazio e sem vida. Orminda Vitoriano, descendente do clã dos Vitoriano, pertence a uma estirpe de mulheres possuidoras do dom dos presságios. Ela inquieta-se vagamente quando numa manhã, estando no jardim, um casulo cai na xícara de café, então, de maneira difusa e inexata, pressente que algo irá romper-se para sempre. O significado deste acontecimento será revelado no futuro e se constitui no tema central deste livro.

Nota: Publicado no *São Lourenço Jornal*, edição de 26 de maio de 2002, p. 7 (São Lourenço – MG) e na orelha da 1ª edição de 2002.

DEZENOVE BADALADAS,
DEPOIS O SILÊNCIO

Pág.

Um encontro improvável.....9
Os tempos imemoriais.....13
O casarão dos Vitoriano.....39
Leilão das memórias.....53
Dandara.....61
Mãe Aída e Ifigênia Louca.....83
Domitila.....147
Bárbara.....165
Os presságios antes do amor.....177
Orminda e Alberto.....185
Ultima fructus.....239
Orminda e a baronesa da Varginha.....247
Orminda e Bárbara.....257
Casulo e borboleta.....267
O espelho de gelo.....273
Depois do vento, as cinzas.....281
Eugênio e a estrela perdida.....293
O tempo da pêndula.....325
A Vitória-Régia do açude.....337

Orminda Vitoriano estava diante do espelho de gelo quando pressentiu o sopro da morte. Ela se lembrou do casulo dentro da xícara, viu as esmeraldas presas num porta-joias que não poderia ser aberto e o homem que atravessara séculos de sombras, glorioso em sua beleza de incendiar cidades. Então, equivocada no pântano das lembranças, lugar de extravios e enganos, supôs ter decifrado o sonho com a tetravó Alma Vitoriano, que a alertava sobre os perigos do mar. Mas enganou-se. A desgraça nunca é pouca e pode sempre ser aumentada.

UM ENCONTRO IMPROVÁVEL

Que cidade não tem seus tipos populares, folclóricos e memoráveis? Que cidade, espoliada de mitologias, não tem uma Dandara, uma Dona Miminde?

Numa manhã de solidão igual a tantas outras de sua vida de viúva, a cujo fardo se adicionava o fato de ser a última sobrevivente de um clã, Orminda Vitoriano abriu a porta do casarão e se deparou com uma preta no jardim, a contemplar, fascinada, a fachada. Ela usava uma roupa estranha e diferente, semelhante a um traje de congada. O chapéu de palha com aba larga era arrematado no laço com fitas de cores variadas, que pendiam cerca de um palmo pela aba; o cone era ladeado de sempre-vivas secas, das quais os miolos foram substituídos por tramas de lã coloridas, feitas de crochê. Assim, a preta parecia um membro de uma irmandade antiga, secreta, perdida ou que nunca havia existido. A velha senhora, intuitivamente, percebeu que não precisava temê-la, pois há muito a conhecia de vista quando, pelas manhãs, abria a janela do seu quarto e a via caminhar, sem rumo, pelas ruas próximas ao sobrado:

- Quem é você?

- Não sou ninguém. Não tenho nada nem ninguém. Já vou, não quero nada, não.

Orminda Vitoriano nunca teve meias-palavras para dizer o que pensava. A velhice não lhe roubou esse seu modo peculiar de relacionar-se com as pessoas:

- Se não tens ninguém, somos iguais.

A preta arregalou os olhos. Desconfiada, fez uma cômica cara de espanto.

- Sinhá é igual Dandara? Não “aquerdito”! – Bateu palmas e desabou num riso que parecia mais uma série de soluços. Em seguida, ficou séria e curiosa. Subiu os degraus para a varanda, de onde olhava encantada o formato dos balaustres que seguravam o mármore do acabamento na trava superior. Através da janela aberta, nas paredes da sala de estar, viu a série de retratos a óleo com as gerações dos Vitoriano e, apontando com o indicador:

- Quem é aquela lá com a pedra bonita no pescoço?

Orminda Vitoriano sorriu, discretamente:

- Era a minha avó, Domitila. A pedra é uma joia muito valiosa.

- Ela era rainha?

- De certa forma, sim.

- Ela dançava? Eu danço... quanta coisa bonita! Quanta coisa “briante”... nem no sonho, sonho isso, não. Sonho com cachorro que morde eu... quem é aquele barbudo da garrucha?

- Dandara... que nome bonito! Tu gostas de histórias?

A preta acenou positivamente com a cabeça, igual a uma criança a quem perguntam se quer um doce.

- Queres ouvir uma? É uma história muito, muito comprida – disse a velha senil tentando prosear de modo semelhante à preta.

- Gosto de história comprida.

- Terei paciência para te contar. Não sei se terás paciência em me ouvir. Podes ir embora quando quiseres.

- Não tenho lugar “pra” ir. Aqui, os “menino” não vai jogar pedra “ne mim”. Como a senhora chama?

- Orminda Vitoriano.

Dandara acanhada não sabia como se comportar na frente daquela mulher, que parecia uma mistura de mãe, santa e rainha; respirou, abriu a boca, mexeu a língua, torceu os lábios, esforçou-se:

- Dona....

Apesar do esforço, não saiu nada, além disso. Ela tentou novamente:

- Dona.... Miminde! – disse, estalando a língua e abrindo um largo sorriso que mostrava as gengivas sem dentes.

- Sim, pode ser – respondeu Orminda Vitoriano enternecida ao perceber na quase onomatopeia grunhida pela preta, semelhança ao apelido carinhoso posto a ela, pelo marido, no final do século a muito terminado: Mindinha.

- Fique aqui. Vou pegar rosca, biscoitos e leite para nós. Vamos viajar.

- Quero viajar para um lugar tão longe que não vai chegar nunca.

- É para lá mesmo que vamos. Tem muita gente de quem preciso me despedir – e quase num resmungo para si mesma, completou: - Se eu me perder, não me traz de volta, não. Quero ficar no meu mundo...

OS TEMPOS IMEMORIAIS

Houve uma época em que os portugueses atravessaram o oceano Atlântico e encontraram a muralha da Serra do Mar. Eles a transpuseram.

Houve outra época em que portugueses e bandeirantes paulistas, agressivos e violentos, financiados por notáveis potentados em arcos, embrenharam-se pelas matas da Capitania das Minas de Ouro, em Entradas e Bandeiras, à procura de ouro e esmeraldas; depararam com as serras altas da província estrutural da Mantiqueira de ainda insondáveis campanhas e garupas. Eles as transpuseram.

Foi assim que, na primeira metade do século XVIII, com o movimento das Entradas e Bandeiras já em seu ocaso, principiou a surgir no sopé de colinas, em lugar baixo pouco distante de uma várzea, o povoado que daria origem ao Curato do Espírito Santo. Naquele tempo, a vegetação do lugar se distribuía por grandes sertões formados principalmente por incontáveis pinheiros de todas as idades, o que foi, posteriormente, confundido por muitos com um mato rasteiro, áspero e espinhento, denominado catanduba, donde se originou o primeiro nome do arraial.

Felix Jacques transpôs a Mantiqueira, pelo Embaú, até o Rio Verde e expulsou os índios Catágua para as margens do Rio Grande, onde foram vencidos, quase dizimados, por Lourenço Castanho, o Velho, em batalha histórica ocorrida no ano de 1675.

Na mistura dos sangues branco, índio e preto foram escritas histórias de conquistas e derrotas, bravura e covardia, esperança e desilusão, cobiça e idealismo.

Desse amálgama de etnias e sonhos surgiram ranchos de pousadas para tropeiros, muitos deles em viagem para o coração minerador da Capitania e da Colônia, a Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto, que muitos chamavam de Cidade Imperial do Ouro Preto. Em torno desses ranchos cresceram povoados e vilarejos. Em 1709 foi criada a capitania de São Paulo e Minas de Ouro, que assim permaneceu até 1720. Em 1714, satisfazendo às determinações expostas na Ordem Régia de três anos atrás, o Sargento-Mor e engenheiro Pedro Gomes Chaves levantou o primeiro mapa da capitania de Minas Gerais para se proceder à divisão das suas comarcas, nas quais se incluiria a do Rio das Mortes, que abarcaria a região do futuro arraial do Espírito Santo.

Depois de muito trabalho e negócios, boa parte das terras das Catandubas vieram parar nas mãos de D. Fulgêncio Vitoriano. Naquela época, homem com pouco mais de trinta anos, bela e espessa barba negra, cabelos longos da mesma cor lhe caíam sobre os ombros largos e a face em graciosas e brilhantes ondulações. Não era belo, mas no rosto se podia perceber a dignidade dos antigos retratados em mosaicos pompeianos. Quando lutava, sua voz irada assemelhava-se ao trovão, os olhos cintilavam relâmpagos. As mãos daquele homem rude e altivo criado com leite de jumenta eram suaves nas carícias com as mulheres, manejavam com destreza as armas, quer brancas, quer de fogo e destruíam sem piedade o inimigo. Era generoso com os menos afortunados se assim lhe

conviesse; intolerante com os preguiçosos e indisciplinados independente das circunstâncias; companheiro e cúmplice dos amigos em quase toda situação; ardente com as mulheres até mesmo enquanto dormia, pois sonhava com elas, e devotado aos santos e temente a Deus, embora não sentisse culpa de muitas das coisas terríveis que fizera. A altivez do porte e dos gestos não denotava arrogância, antes era de tal naturalidade na aparência de uma rude elegância que cativava as pessoas individualmente e hipnotizava as plateias. Eis por que D. Fulgêncio Vitoriano era capaz de impor sua presença em qualquer lugar que estivesse e em qualquer circunstância que se lhe apresentasse. Além dessas qualidades, que não eram poucas, tinha os olhos escuros, penetrantes, profundos, olhos de quem guarda dourado segredo, como os de um árabe acostumado a atravessar desertos de aridez e luz, promotores de devassa na alma alheia, marca incontestável de uma descendência a constituir e signo da descendente última em tempos que ainda não eram possíveis de ser imaginados.

- Há aqui alguém que se oponha a esta posse e entrega ao comprador? – gritou com toda a força de seus pulmões Antônio João Fernandes, o escrivão do Juiz de Vintena, na paragem denominada Córrego dos Pinheiros.

O escrivão, seguindo usos e costumes dos antigos, cavou a terra e lançou-a ao ar por três vezes. Cortou ramos, atirou-os ao vento. Abriu portas e fechou-as, tirou terra das casas e também lançou-a ao ar por três vezes, gritando:

- Há aqui alguém que se oponha a esta posse e entrega ao comprador?

Como protesto algum houvesse por parte de qualquer interessado, foi lavrado o termo de posse, mansa e pacífica, das terras adquiridas, devidamente assistido pelos irmãos avaliadores, os alferes Francisco Alves Ferreira e Joaquim Alves Ferreira, um nomeado pelo vendedor e outro pelo procurador dos povos aplicados das Catandubas.

Os vendedores foram o coronel Francisco Alves da Silva, homem de cinquenta anos bem vividos nas muitas linhas que lhe cortavam o rosto em todas as direções e sua jovem e analfabeta mulher de dezoito anos, D. Thereza Clara Rosa da Silva. O coronel narrou a venda: "de hoje para todo o sempre, ao Alferes Manoel Francisco de Oliveira, como procurador dos Povos Aplicados, pelo preço e quantia de quatrocentos mil réis". Os vendedores consideraram-se pagos e satisfeitos e obrigaram-se a fazer venda boa, mansa e de paz, firme e valiosa, por si e pelos sucessores. "Como não soubesse escrever a vendedora, assinou por ela, a escritura, Joaquim Ignácio da Silva, sob o testemunho dos avaliadores, tendo sido redigido o instrumento de venda, a rogo, por João D'Ávila Freire. Enquanto o escrivão da Vintena empossava o procurador Manoel Francisco de Oliveira, expedia o Provisor, Vigário Geral e Juiz das Habilitações e Dispensas, em quatro de dezembro, ordem para que se publicasse, em dia festivo, na estação da missa conventual, o respectivo edital da doação patrimonial, o qual deveria ser afixado, durante oito dias, à porta da Capela ou da Igreja vizinha, castigando com pena de excomunhão maior a todas as pessoas que souberem de algum conluio, simulação ou pacto, por que não seja verdadeiro e fique seguro o dito patrimônio."[1]

Esta sorte de terras, habitada por cerca de mil almas, com algumas casas cobertas de telhas ao redor da Capela do Divino Espírito Santo, filial da Matriz de Sant'Anna das Lavras do Funil, foi denominada Curato do Espírito Santo.

Nesse local de muitos ribeirões e clima ameno, sertão rodeado por um mar de serras perdidas num longínquo horizonte azulado, D. Fulgêncio Vitoriano, neto do bandeirante Augusto Barbalho, conheceu Alma Cartaxo, de ilustríssima família portuguesa.

Ela estava de passagem em direção ao Rio de Janeiro, vindo da freguesia de Sant'Anna das Lavras do Funil, onde fora visitar parentes. Quem pode afirmar que o destino não existe? Uma roda de carruagem quebrada nas proximidades do Rio Verde forçou a parada da comitiva à sombra de frondosas árvores. Um cavaleiro se aproximava a galope pela estrada em sentido contrário. Alma Cartaxo abriu a portinhola da carruagem para apear, amparada pelo irmão, quando seus olhos se cruzaram com os do desconhecido. Instintivamente, com receio do cavaleiro que parecia ter surgido do nada, o irmão levou a mão ao bacamarte e quis impedi-la de apear. O desconhecido percebeu o gesto; amistosamente, puxou pelo arreio do cavalo e apeou.

- Não temam. Não sou um bandoleiro! Precisam de ajuda? – E, tirando o chapéu, inclinou ligeiramente a cabeça para apresentar-se: - Fulgêncio Barbalho Vitoriano, por graça de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A primeira fala entre eles, como era esperado, não foi além das convenções sociais, revelou a sutileza da desconfiança e do receio íntimos de uma dama ao se deparar

com um homem estranho em paragens ermas, perigo evidente, ainda que ela estivesse acompanhada pelo irmão e por uma pequena comitiva de desconhecidos, cujo único propósito de estarem juntos era o de chegar à corte, sãos e salvos. O olhar de Fulgêncio Vitoriano acalmou de imediato o coração de Alma, pois a masculinidade dele não conseguiu esconder a doçura de seu coração. Assim, ela não intuiu riscos à sua vida.

- Santíssimos dias... Senhora? – cumprimentou ele, numa mesura.

- Alma Cartaxo. Santíssimas noites, senhor – respondeu, encobrindo a metade inferior do rosto com o véu como se estivesse a livrar-se do calor, o que teve o efeito de lhe ocultar o belo traçado dos lábios, mas também de lhe ressaltar o olhar ferino e decidido que deixou escapar sem que ela percebesse uma meteórica cintilação de desejo semelhante à pedraria das joias que faíscam rapidamente quando no colo, pescoço ou dedos das mulheres incide um facho de luz, mas que a continuidade do mesmo movimento faz com que se apague tão incontinenti quanto surgiu. Um homem como ele, acostumado à guerra e a caça, percebeu a fagulha que acendeu desproporcional chama no sangue dele e lhe trouxe a pulsação para as têmporas, mas conseguiu conter-se nas mesuras das conveniências.

Ambos tiveram a intuição, em seu íntimo, de que aquele encontro poderia selar algo de extraordinário em suas vidas, embora, no momento, perturbados pelas emoções despertadas, o sentido ordenador de todas aquelas emoções lhes escapassem. Quem poderia supor que de um encontro

dado por obra do acaso resultaria a constituição da mais longa, influente e poderosa dinastia destas terras?

Fulgêncio Vitoriano ofereceu-se para ajudar a consertar a roda da carruagem e para acompanhar a pequena comitiva até a povoação mais próxima. Feitos os reparos, decidiu seguir até ao povoado com a comitiva. Lá, negociou montarias e acessórios, traçou planos de empreendimentos e de viagens futuras. No início da noite, à beira da fogueira, na frente da estalagem, ele e o irmão de Alma, conversavam e riam como velhos amigos. Ela observava satisfeita, à distância, o rumo que as coisas estavam tomando, enquanto ajudava as pretas a virar os pinhões na brasa. Depois de assados, escolheu os melhores, colocou-os num prato de estanho e entregou ao homem misterioso que havia surgido, de repente, no meio da poeira e do mormaço do sertão. Meses depois, eles se casaram na modesta Ermida de Santo Antônio e deram origem ao glorioso clã dos Vitoriano.

Corria o ano de 1807 e o Palacete Vitoriano já estava em pé, erguido em meio aos sertões, cheirando a tintura fresca de cal virgem, com seus mármores luzidios, seus vidros coloridos, insígnia indefectível do idealismo e do espírito visionário da linhagem Vitoriano. No entanto, aquele Cnossos Amandiquira, labirinto insondável de afetos e desejos, parecia ainda mais antigo pela maneira senhorial com que dominava a paisagem, desafiando o espaço, as espécies e a cronologia: parecia ter sido erguido antes da chegada dos bandeirantes, antes mesmo de os índios se legitimarem como os donos da terra devido à natureza do seu nascimento autóctone, num tempo que se perdia na pré-história das raças. Mais ainda: o Palacete

Vitoriano parecia ter sido erguido no Dia da Criação do mundo. Ninguém pensava nisso quando o via, mas era isso que ele evocava no sentimento e na imaginação, e, a evocação, por vezes, vale mais que o pensamento construído por palavras.

Para esse palacete, D. Fulgêncio Vitoriano, bisneto do bandeirante Augusto Barbalho e filho de Joaquim Vitoriano de Andrade, levou Alma Cartaxo, filha de ilustre família portuguesa. Quando eles se casaram em cerimônia festiva e singela, na Ermida de Santo Antônio, construída por bandeirantes paulistas em memória de um dos seus pioneiros, morto em combate com os índios, deram início à estirpe memorável dos Vitoriano.

Devido aos muitos afazeres e viagens do marido, nas raras vezes em que o casal conversava, despediam-se. Certa ocasião chovia torrencialmente uma chuva fina, dessas que duram dias, deixam o céu brusco, plúmbeo e encharcam o chão em poças d'água lamacentas. O primeiro pavimento do sobrado fora totalmente erguido e principiava-se a construção do segundo. As acomodações ainda eram precárias, mas, sem dúvida, melhores que as do rancho colocado abaixo, primeira e tosca moradia de D. Fulgêncio e seu exército de tropeiros e mineradores, antes do casamento, antes de ele conhecer Alma Cartaxo, de família portuguesa e valorosa matriarca de uma estirpe de brilho.

Alma Vitoriano aguardava o marido de pé, na soleira da porta, para despedir-se dele em partida para outra viagem de expedição, que ela esperava fosse a última, em busca de mais ouro e pedrarias. Lá fora, defronte ao sobrado, duas dezenas de tropeiros o esperam com cavalos de montada e bestas de

bagagem arreiadas de surrões de carne seca, arroz, feijão, toucinho, sal, café, rapadura, fubá e doces cristalizados e garrafas de aguardente usada para lavar os pés quando molhados em passagens de insalubres pântanos. A alimentação era complementada no meio das trilhas com mel de pau e frutas silvestres. Levavam também toldos e barracas de brim, a cama de campanha de D. Fulgêncio com armação de oleado, panelas de pedra e ferro, pratos de estanho, cuias, castiçais de campanha, velas de sebo e todas as miudezas necessárias à realização de empreendimentos deste tipo. Uma carroça, armas diversas, pequenas canastras, redes de dormir, índios e pretos integram a comitiva.

D. Fulgêncio Vitoriano surge no salão do sobrado com chapéu de couro de larga aba, botas de montaria, armas no cinturão e longa capa nos ombros que lhe vai até um pouco abaixo dos joelhos. A água da chuva escorre pelas vidraças. Alma Vitoriano se protege da umidade e do frio com roupas de lã e um xale nos ombros.

- Tens os pretos, alguns índios e tropeiros para cuidar da casa e proteger-te. Toma também este bacamarte – diz D. Fulgêncio Vitoriano.

- Não necessito. O preto Terê domesticou uma jaguatirica para mim e durmo com um punhal embaixo do travesseiro – diz Alma Vitoriano, decidida – Não temo pela minha vida que não corre perigo. Temo perder-te.

D. Fulgêncio guarda o bacamarte no cinturão, sabe que seria inútil insistir. Aquela mulher parecia não ter medo de nada, se preciso fosse passaria toda a sorte de privações e trabalharia como um homem. Encantara-se com a mulher de

fibra e sem papas na língua e até ele mesmo ouvia o que não queria quando, com o sangue quente, dizia coisas que não devia. A única forma de acalmá-lo era enfrentando-o, ela sabia disso como ninguém. Quando Alma Vitoriano acreditava em algo ou decidia-se por um propósito, não havia quem a demovesse, mas a fortuna parecia estar do seu lado, raramente ela tomava alguma decisão, formulava algum juízo ou impressão equivocadas das situações ou das pessoas. Por isso, D. Fulgêncio acabava por consultar-lhe sempre, ainda que por subterfúgios, como se estivesse jogando conversa fora, como se falasse apenas para puxar assunto. Mas nem essas armadilhas infantis do marido escapavam à perspicácia de Alma Vitoriano que se fingia de ingênua por amor a ele e nunca se omitira de dar-lhe sua opinião, qualquer que fosse o assunto ou a decisão a ser tomada.

- Não é sensato abusar da sorte ou demonstrar demasiada confiança. Grandes batalhas foram assim perdidas – diz ele, arrematando.

- Essa fala serve para ti, não para mim. Quero que voltes. Não precisas mais envolver-te em incertas expedições. Essas terras aradas e cultivadas darão todo o necessário para o nosso sustento e mais os excedentes, para os luxos. Construiremos nosso engenho real. Prometas-me, então, que ao regressares ficarás em definitivo no sobrado para criarmos os nossos filhos e pensarmos em nossos netos. Por que trocas o certo pelo duvidoso? Por que pões em risco a tua vida e aventuras a deixar-me só no mundo? Não queres descendentes que possam honrar e continuar teu nome? Ademais, não deixei o Reino para tornar-me viúva em terra estranha.

D. Fulgêncio Vitoriano percebeu que, outra vez, a mulher tinha razão. Que valeria todo aquele esforço de trabalhos e conquistas sem uma prole? Sem um nome a quem passar adiante, sem alguém que pudesse ouvir suas histórias? Além da generosa dose diária de aguardente, tomada sempre um pouco antes do almoço e do jantar, da caçada ao tatu e da cobiça pelos metais e gemas preciosas, desejava constituir uma descendência. Sua alegria seria reunir mulher, filhos e netos na cozinha, nas noites de inverno, ao redor do fogo doméstico, o lar, conforme costume dos homens das cidades antigas, desde antes do Império Romano. Desta forma, ele próprio seria uma espécie de protótipo dos patriarcas desta região, que viriam a deixar a marca de seus feitos no patrimônio edificado, e, principalmente, no patrimônio imaterial, aquele que de tão valioso não tem preço, pois é a alma e a identidade de um povo: a memória e a imaginação das pessoas, daquelas suas contemporâneas e das gerações ainda não nascidas.

- A terra onde tens teu marido e terás teus filhos não pode ser estrangeira para ti!

- Prometas-me!

- Mais que prometer-te, juro-te. Estarei de regresso antes do Ano-Bom para início de um novo tempo. Aqui criaremos nossos filhos e os filhos deles até quando Deus quiser.

Alma Vitoriano respira aliviada e abraça o marido. Sabe que será difícil conter o temperamento daquele homem vital e indomável, mas muito havia por ser feito no sobrado e nas terras ao redor, ela procuraria mantê-lo ocupado nesse trabalho.

Certa vez, durante a construção do sobrado que revolveu montes de pedra e madeira, Alma Vitoriano foi picada por um escorpião amarelo. Calçava os sapatos quando sentiu lancinante dor no peito do pé. O escorpião se alojara em seu calçado durante a noite. Ouvindo os gritos de dona sinhá, escravos e mucamas vieram em seu socorro; atrapalhados não souberam o que fazer. Uma das mucamas gritava aflita para a cozinheira trazer água de limão com sal e dizia para a sinhá:

- Alma Vitoriano, grande é o nome de Deus! Grande é o poder de Deus! Jesus, Maria e José! Santo nome de Jesus! São Bento!

Rezou o credo, repetiu três vezes.

- Pronto! – disse a mucama. Sinhá ficará curada e o escorpião vai ser picado em pedaços.

Aquela falação serviu apenas para deixar Alma Vitoriano mais impaciente. D. Fulgêncio Vitoriano prontamente a acudiu. Levantou-lhe o vestido, tirou-lhe os sapatos e as meias e com elas fez apertados torniquetes, um logo acima do tornozelo e outro, logo abaixo do joelho. Com uma faca de fina e afiadíssima lâmina, talhou a pele da mulher e sugou com vigor o sangue que jorrava do ferimento, cuspindo-o a seguir na escarradeira, enquanto uma mucama massageava a perna de Alma Vitoriano com movimentos num único sentido, do joelho ao tornozelo.

- Está doendo? – pergunta o zeloso marido, que mesmo premido pela necessidade, a custo conseguira rasgar as carnes da própria mulher.

- Ainda tens coragem de me perguntar? O que tu achas?

- Mulher, quero saber se muito ou pouco.

- Não o suficiente para derrubar-me.

Apesar de toda disposição para manter-se firme, Alma Vitoriano teve durante boa parte da noite palpitações, leves tremores e vomitou uma vez. D. Fulgêncio passou a noite em claro, velando pela mulher e somente conseguiu pegar no sono alta madrugada quando ela finalmente se acalmou e adormeceu.

Ao acordar, deu pela sua falta no leito e no quarto. Encontrou-a na cozinha, ao lado dos criados, virando um tacho de doce de goiaba.

- Então, estás aqui! – exclama ele, surpreendido e satisfeito com a recuperação da mulher.

- O que querias? Veneno por veneno, o meu foi mais forte – diz ela, levantando a barra da saia para mostrar o pé vermelho, inchado e dando estrepitosa gargalhada, o que acalmou em definitivo o coração do marido.

- Ah, mulher! Nem o demo pode com vossemecê.

- O bichinho está ali – diz ela, apontando para uma garrafa de aguardente em cima da mesa onde o enorme escorpião foi colocado a curtir.

Durante bom tempo a aguardente daquela garrafa, embebida em pano, serviu para limpar feridas e cortes e alguns dos tropeiros que se sentiam mais homens que os demais se animavam a beber um gole de quando em vez.

Alma Vitoriano gerou sete filhos varões depois da primogênita Aída, que gerou Ifigênia, a Ifigênia Louca, que gerou Domitila, de incomparável beleza na ebórea carnação,

que gerou Bárbara, que gerou a última descendente direta do clã Vitoriano: Orminda Barbalho Cartaxo Vitoriano da Gama, a Mindinha do doutor Alberto da Gama, aquela que assistiria ao crepúsculo do sobrado e a sua saga de riqueza e fausto, de amores eternos e desejos proibidos, de homens bravos e destemidos que uma dezena deles bastaria para erguer do meio das selvas uma nação.

Tinha ela plena consciência de que com o marido estavam a construir uma família que deixaria profunda marca na história local. Alma Vitoriano costumava brincar com as letras do próprio nome:

- Deus criou Adão do barro, mas para os Vitoriano eu é que sou a lama e a alma desta família que todos ainda hão de conhecer muito tempo depois de eu ter virado pó novamente.

Os tempos pioneiros da conquista da terra e da manutenção de seus limites e divisas foram os mais difíceis e decisivos da história da família Vitoriano. À perseverança e bravura daqueles homens se aliavam o desejo de enriquecer, de constituir família e, mais que tudo, embora de modo ainda não perceptível para eles próprios, de criar uma nação para deixar de herança aos filhos e aos netos.

Essa conquista não se deu sem derramamento de sangue que ceifava preciosas vidas de todos os tipos humanos envolvidos, voluntária ou involuntariamente, nos conflitos e nas ações coletivas que culminariam, muitos anos depois, na formação de uma identidade cultural brasileira e no desejo e na luta pela independência que, por fim, libertaria a Colônia do Reino.

Das mulheres daqueles tempos longínquos e árduos, também se exigia grande dose de coragem, paciência e determinação. Elas pariam os filhos, auxiliadas pelas pretas e índias, administravam as casas-grandes nos cuidados com as vestimentas, a cozinha e alimentos, encarregavam-se das rezas, penitências, novenas e constituíam-se em porto seguro quando do regresso dos maridos das incessantes viagens de tropeiros. Elas eram referência de tranquilidade e segurança para seus homens numa terra bravia e hostil que devia ser conquistada a cada dia.

Não eram somente os embates entre os homens a ceifar vidas. Passava-se fome, e os gêneros alimentícios eram escassos e caros. Havia o ataque de animais selvagens como a onça pintada, de serpentes venenosas e de artrópodes peçonhentos. Picadas de mosquitos transmitiam a febre palustre, enfermidades eram veiculadas pelas águas insalubres que produziam febres e desarranjos nas vísceras. O tratamento desses males se dava, sobretudo, pela sangria e pela purgação e procurava-se fazer com que o paciente evacuasse, cuidando para mantê-lo refrigerado. Desta forma, o homem que conseguisse completar quarenta anos de idade podia dar-se por satisfeito; envelhecer era luxo dado a poucos. Devido ao sem número de doenças, os conhecedores dos segredos das ervas e plantas medicinais e da arte da benzeção e das rezas eram muito procurados e tidos em alta conta. A medicina tradicional era acessível somente aos aristocratas e às pessoas de posses.

É preciso que se diga antes que o tempo leve tão rapidamente da memória e apague lembranças, que o amplo caminho que daria origem ao largo de São Miguel era de terra batida que se transformava em lamaçal na época das chuvas e impedia as mulheres de atravessá-lo devido ao panejamento excessivo das vestimentas. Não havia sapatinho de cetim que resistisse à ausência ou à rudeza desigual do calçamento público; trabalho era o que não faltava para os sapateiros da incipiente urbe. Os homens o atravessavam calçando botas de couro de alto cano, montados em cavalos ou burros.

Nesse tempo, o palacete dos Vitoriano já havia sido erguido há muitas décadas, autorizado pela Lei de Concessão de Sesmarias e regularizado como posse particular em 1855, no Registro Paroquial de Terras e, monumental, massacrava com o luxo e elegância de suas formas e materiais todas as construções em seu derredor. Ao longe, ele parecia um imenso teatro de ópera no qual se encenava sempre o mesmo drama familiar.

Num tempo ainda mais remoto, o lugar da imponente avenida era trilha dos índios Carajás, que por ali transitavam rumo à caça e à pesca. Foi por esse tempo de conflitos, contendas e derramamento de sangue que o bravo D. Fulgêncio Vitoriano e sua tropa de mineradores principiaram a erguer, com carta de autorização d'El Rey, o mais grandioso sobrado destas terras, doravante conhecido como o Palacete Vitoriano ou, mais simplesmente ao gosto do vulgo, Casa Vitoriano.

O arraial se expandiu entre as colinas, lenta e irracionalmente como mandava a velha tradição portuguesa, com a maioria de suas casas baixas e construídas de pau-a-pique; algumas poucas, de sapé; outras usavam grandes tijolos de barro cozido ou secados ao sol, feitos pelos escravos. E um número menor era de alvenaria, com cobertura de telhas, embora grande parte não recebesse reboco. Na maioria delas não havia vidraças; nas pequenas casas usava-se a urupema, um tecido de caniço nas janelas e mesmo em algumas portas. Assim como na maior parte dos arraiais brasileiros, as casas do Espírito Santo ficavam fechadas durante a semana, sendo abertas apenas nos dias de festas ou de celebração de missas, pois a maioria da população residia no campo. Nessas ocasiões, os fazendeiros proprietários ali permaneciam por algumas horas. Durante a semana, o arraial do Espírito Santo era habitado pelo capelão, sacristão, taberneiros, vendeiros, estalajadeiros, escrivão do Juiz da Vintena e, distante do centro, as meretrizes, que alegravam a vida dos tropeiros e lhe esvaziavam as algibeiras.

Vez ou outra, várias bestas de carga e sela atravessavam as ruas, puxadas pelos tropeiros no transporte de toucinho, sal, fazendas e miudezas domésticas, o que causava grande alarido. Alguns deles eram proprietários das tropas, terras e escravos, o que os fazia bons partidos para o casamento. Por isso, donzelas casadoiras de famílias de menor estirpe penduravam-se nas janelas para ver aqueles rudes homens no trato com as bestas e as cargas. As mais recatadas abriam somente uma fresta da janela; as afoitas abriam meia-folha e permaneciam ocultas atrás da outra meia-folha fechada. Com

isso, perdiam parte do espetáculo: viam os homens somente pelas costas.

Muito tempo se passaria, até que, no final do século XIX e início do século XX, o que se podia ver dos dois lados da atual Avenida Rio Branco eram amplos e bem construídos sobrados que em muito lembravam as edificações de alguns vilarejos italianos, separados por largo, comprido, bem cuidado e belíssimo jardim. Enfim, um lugar que convidava ao passeio, ao repouso, à contemplação e levava ao desejo de ali residir.

D. Fulgêncio Vitoriano morreu no tempo da Quaresma, anos depois da conclusão das obras do casarão. O corpo posto em cima da mesa de jantar de grossas e largas tábuas foi velado por carpideiras que entoavam sem cessar, a primeira estrofe do cântico sagrado 'Oh, face amortecida', triste melodia que remontava ao século XII:

"Oh, face amortecida de funerária cor,
O ver-vos tão sem vida, traduz imensa dor.
Oh, face iluminada outrora de fulgor,
Agora verbera da qual fenecida flor!"[2]

A cabeleira sedosa e cerrada, grisalha como carvão misturado a cinzas, tão cerrada a ponto de não se poder ver o couro cabeludo, era a mesma do tempo em que ele cumprimentava as damas dizendo-lhes: - Santíssimos dias, senhora. Ele foi lembrado pelo espírito guerreiro, pela barba grisalha, pelo porte garboso encimando montarias, pela conquista das terras e seus limites, pelo assassinato de índios em traiçoeiras emboscadas, pela construção do sobrado, pela

inauguração do clã Vitoriano, aquele que atravessaria séculos e ajudaria a construir a história de todo um povo. O genearca impávido foi lembrado por ter-se enriquecido nas minas de ouro das vilas da Campanha da Princesa da Beira, Santana das Lavras do Funil e São Gonçalo da Campanha, por ter desposado uma portuguesa temperamental cuja coragem se igualava à dos poucos homens mais ousados e destemidos e superava a de muitos outros. Lembraram do progenitor primevo por todos os inúmeros atos, mas ninguém conseguia recordar-se da voz do homem. Nem mesmo Alma Vitoriano, pois o amor deles era ato e não verbo.

Todas essas lembranças inundavam o espírito de Alma Vitoriano, senhora idosa, à beira do esquife do marido venturosamente morto por causas naturais. Usava um vestido negro de cauda e touca de lã da mesma cor, véu de crepe, um leque em uma das mãos e um lenço na outra. O véu cobria-lhe a cabeça e o rosto. Ela velou o corpo, em pé durante todo o tempo sem escorar-se, sem nada comer nem beber, sem derramar uma única lágrima mesmo tendo o coração dilacerado, sem proferir palavra alguma de lástima, moldando nas suas atitudes e pensamentos as marcas do que viria a ser a dignidade e a têmpera dos Vitoriano de todas as gerações.

Alma Vitoriano, como o marido, também sabia ser mais gesto que palavra em gestos que valem mais que qualquer palavra. Mais que um palacete, ele lhe deixou a alma dos mineiros como herança: as montanhas que lhe faziam lembrar-se ternamente da terra onde nascera, as montanhas do Reino.

Em pouco tempo, o patronímico Barbalho Vitoriano deixou de indicar apenas mera agnação, mais uma entre

tantas. Vitoriano passou a ser sinônimo de bravura, coragem, espírito empreendedor, refinamento, trabalho, generosidade e festividade. Em todo o Curato do Espírito Santo, não havia donzela casadoira que não desejasse se tornar uma Vitoriano, que não sonhasse em casar-se em cerimônia incomparável e mudar-se, com todos seus pertences para o sobrado, onde reinaria absoluta como uma rainha.

A família Vitoriano foi pioneira na exploração das minas de ouro em Vila da Campanha da Princesa da Beira e em Santana das Lavras do Funil e a primeira a abandoná-las ao principiarem a dar sinais de esgotamento. Os Vitoriano foram os primeiros da região a plantar café e a acreditar que se o Império abolisse a escravatura isto não arruinaria a economia do país. Também foram os primeiros a se declararem publicamente contra a monarquia, percebendo que a situação social, política e econômica do país, sustentada pelo modelo trípode monarquia-clero-escravatura estava esgotado – tão ou mais que as velhas minas – e que, querendo-se ou não novos tempos viriam trazendo alternativas antes impensadas; cumpria-se, pois, adaptar-se a elas para sobreviver. Os Vitoriano, portanto, eram ou se tornaram em sua maioria, republicanos e liberais por convicção política, pragmatismo ou mero instinto de sobrevivência.

Quando a Câmara e o Senado aprovaram a Lei João Alfredo que viria a ficar mais conhecida como Lei Áurea e a princesa Isabel, condessa D'Eu, logo a assinou declarando abolida a escravidão no Brasil, os Vitoriano solicitaram do Serviço de Imigração famílias de imigrantes italianos para trabalharem como colonos, substituindo os pretos na lavoura.

Quando as primeiras famílias chegaram ao Brasil, o coronel Euclydes Vitoriano, pai de Orminda Vitoriano desceu pessoalmente ao Porto de Santos para recebê-las e providenciar a necessária papelada burocrática. O primeiro encontro entre eles aconteceu em uma modesta pensão, nas proximidades da Casa de Inspetoria dos Imigrantes, à qual se chegava após atravessar ruelas estreitas e empoeiradas. Os Vitoriano tiveram o mérito de, em cada época, anteciparem-se aos demais e adotarem as medidas que se revelariam no futuro, as mais adequadas e rentáveis financeiramente.

Os Vitoriano possuíam um código não escrito de conduta para os homens e outro para as mulheres que regulavam, em aspectos muito amplos, o comportamento que deles era esperado. No entanto, essa amplitude, na vivência da vida diária, acabava por se estender às minúcias das atitudes mais comezinhas.

Vitória – palavra da qual a agnação Vitoriano se originou. Vencer o inimigo ou o competidor em uma guerra ou batalha, triunfar ou obter brilhante êxito no que se propusesse a empreender, assim era o espírito de cada um dos Vitoriano, fosse homem ou mulher, espírito esse aliado ao trabalho árduo e persistente, à obsessão pelos pormenores e arguto senso de observação, à capacidade de pensar em termos amplos e antitéticos na elaboração de estratégias para as quais se analisava os diversos fatores envolvidos, levaram o clã, no decorrer das décadas, à glória dos empreendimentos da qual o sobrado era o símbolo mais eloquente e visível.

Os homens deveriam ser ousados, bravos e destemidos, mas somente essas qualidades não bastavam. Cumpria que fossem também justos, honestos, bons administradores e entendedores da arte da política e da conversação.

As questões que ferissem a honra eram resolvidas em duelos. A um Vitoriano ultrajado caberia matar o adversário em contenda ou entrar morto no sobrado para ali ser velado e carpido. Nenhum Vitoriano humilhado poderia erguer a cabeça e entrar desonrado no casarão.

As mulheres deveriam administrar a casa-grande com senso de ordem, justiça e economia, cuidar dos filhos e dos escravos domésticos além de rezar, bordar, costurar e recepcionar os inúmeros convidados do marido que, por vezes, se hospedavam na casa. Também deveriam ler fluentemente em português e francês, tocar algum instrumento musical, de preferência o cravo ou o piano e declamar poemas. Essas habilidades eram imprescindíveis para a animação dos saraus.

O casamento entre primos, apesar de estimulado com o objetivo de preservar o patrimônio de futuras e sucessivas divisões, era pouco praticado. Somente Aída e Ifigênia desposaram os primos e foram as mais infelizes dos Vitoriano.

Esse código não escrito de valores era como uma afiadíssima espada suspensa e presa por um fio de seda sobre a cabeça de cada Vitoriano; era a Lei e a Lei é inviolável.

Aos homens e mulheres era absolutamente proibido fazer em público qualquer referência ao episódio de Ifigênia Louca ou mesmo pronunciar seu nome. Tal assunto somente seria comentado na intimidade das alcovas, em sussurros, para que as crianças, hóspedes ou criadagem não pudessem ouvir.

De igual modo, o sótão onde Ifigênia Vitoriano enlouqueceu e passou trancafiada os derradeiros anos de sua vida, no último pavimento do sobrado, construído em águas-mestras, tornou-se cômodo aberto uma única vez ao ano, no mês de dezembro, para limpeza. Lá estavam todos os cacaréus em desuso pela família no decorrer das épocas: a enorme e pesada tesoura de ferro, usada pelas parteiras no corte do cordão umbilical de todos os Vitoriano, desde Aída (o único a tê-lo cortado por instrumento cirúrgico, Eugênio Vitoriano, marcou o ocaso da linhagem, morto e sepultado em terra estrangeira); utensílios de cobre dos primeiros tempos da moagem da cana no engenho real; uma lamparina de azeite que teria pertencido ao bandeirante Fernão Dias Paes Leme, durante o período em que residiu na Quinta do Sumidouro, objeto dado de presente a Domitila Vitoriano por um mascate árabe, encantado pela formosura daquela mulher que parecia impossível de existir até mesmo nos sonhos; bateias; cestas com pequenos objetos indígenas de pedra e cerâmica; gramofone; a liteira de couro de Alma Vitoriano; os bacamartes do marido D. Fulgêncio; o tálamo maldito de Ifigênia; o dossel de solteira de Orminda Vitoriano; antigos vestidos; canastras e baús; rocas; alfarrábios e cimélios de toda a ordem; o *lorgnon* de prata de Domitila Vitoriano com uma das lentes trincadas; moedas sem valor; faqueiros de prata incompletos; louças e porcelanas lascadas; móveis fora de moda ou quebrados; negativos de fotografias em placas de vidro; caixas de papelão com fotografias e uma de madeira com envelopes de cartas não lidas, entregues a Aída Vitoriano para que ela as levasse aos mortos, ainda com o lacre de cera,

pois ninguém se atreveu a abri-las para profanar segredos que mereciam o descanso eterno: que as traças e cupins fizessem, então, o trabalho deles; estribos de prata; espadas; mosquetes e objetos assemelhados, enfim, um depósito de peças da história da vida íntima dos moradores do sobrado, datadas pelos acontecimentos dos quais participaram como cenário ou figurino.

Da coleção de fotografias, além do álbum de tecido e madeira com o monograma da família posto em lugar de destaque na sala principal, as mais impressionantes eram aquelas em ambrótipo, estampadas em vidro, muito bem polidas, algumas emolduradas em estojos de bronze ou prata, outras, em madeira de lei policromada, num requintado trabalho de marchetaria. Todas eram retocadas em ouro, e, mais que arte, eram pura magia. Algumas fotografias dos escravos, em daguerreótipo, também foram preservadas. Somente os que trabalhavam dentro da casa-grande, principalmente, mucamas e amas-de-leite, tiveram esse privilégio. A mais notável delas é a de uma preta, conhecida como Nhá Nana, vestida como sinhazinha, sentada em uma cadeira e olhando com altivez para a câmara. Em pé, agarrado ao seu braço, um pequeno Vitoriano pende a cabeça, ternamente recostada no seu colo. Que revelação das relações familiares, afetivas e sociais essas imagens representam! Quanta coisa não foi, ou, não pôde ser dita, escrita, ou mesmo percebida, mas estava ali, congelada, pronta para ser descoberta. Bastava alguém dedicar a elas um pouco de seu tempo, um olhar atento, despido e sensível, capaz de saltar do objeto fotografado em primeiro plano, para trás do qual os

segredos finalmente poderiam ser descortinados. E seriam segredos de afeto, ternura e desejo, como os de toda família.

Em todos os tempos, a única dos Vitoriano a violar o código não escrito das normas foi Ifigênia Louca. O destino dela foi lamentado por todas as gerações.

Não parir um filho varão ou tê-lo morto. Era esta a transgressão que tanto temia Orminda Vitoriano. Transgressão que anunciaria o fim da estirpe, podada na guia mestra e com vida nas ramificações laterais divididas em infindáveis outras até a dissolução completa de sua essência.

O CASARÃO DOS VITORIANO

Quando chegou a época em que as terras dos Vitoriano estavam conquistadas e devidamente delimitadas, principiou-se a construção do sobrado que abrigaria todas as gerações da família.

Mão do homem, história do ser. O sobrado dos Vitoriano começou a ser erguido na última metade do século XVIII, por mãos de índios, pretos, mineradores e antigos bandeirantes, orientados por arquitetos portugueses e italianos. Foram dez anos de planejamentos e tempo gasto para as encomendas – mármores, vidros e ferros – chegarem da Europa e subirem as serras, no lombo de mulas, pretos e alguns índios. A construção consumiu mais quinze anos de trabalho diário, ininterrupto, de modo que, toda uma geração se envolveu nas atividades, até o término da obra, na penúltima década do século. Foi a primeira edificação de grande porte do Curato do Espírito Santo, futura Vila do Espírito Santo da Varginha, e uma das mais suntuosas, ainda décadas e décadas depois. Tão suntuosa e monumental que, mesmo em data muito posterior, as construções do Colégio Marista, do Palacete Vila Dona Vica, na Rua Direita, residência do doutor Silva Frota; do sobrado do Coronel Joaquim Pinto de Oliveira, distinto membro do Diretório político, na Avenida Rio Branco e da Casa Hard Rand & Comp., na Praça da Estação de Trens, embora amplas, elegantes e luxuosas quando vistas individualmente, perdiam brilho comparadas com o Palacete Vitoriano, arremedos de um esplendor inigualável.

Distante uma légua do sobrado, dos bens de produção dos Vitoriano um dos mais preciosos até meados do século XIX era o engenho de cana-de-açúcar que a piedosa Alma Vitoriano batizara de Engenho Real do Espírito Santo por ter ele canavial próprio, grande número de escravos com dedicação exclusiva, oficinas completas e muito bem aparelhadas, além de ser movido à água ao contrário dos demais engenhos da vila, desprovidos dessas condições favoráveis e tocados por cavalos e bois redondos. Era um luxo de encher os olhos dos visitantes o engenho com suas fornalhas, casa das caldeiras e a de purgar, utensílios de cobre e a imensa roda da água feita de vinhático cortado no mato três dias depois da lua cheia. Na corruptela utilizada pelo povo simples da aldeia, o engenho era conhecido apenas como Realengo Santo. Os demais eram engenhocas. Assim, desde os primórdios, ficara bem estabelecida a diferença não somente entre os tipos e a qualidade dos engenhos da vila, mas principalmente entre a família Vitoriano e as demais.

Uma bem cuidada sebe contornava o muro do sobrado pelo lado de dentro em toda sua extensão. Nos dois lados da entrada principal, na base da escadaria de pedra aberta em leque, uma profusão de arecas-bambus, manacás, jasmins-estrelas, agapantos lilases e alamandas amarelas. Suave fresca constantemente sopra nessas paragens e se encarrega de levar para dentro do sobrado a fragrância do jardim, para deleite dos moradores e encantamento dos visitantes. Nas laterais da edificação, nos lados da entrada principal e aos fundos, pérgulas em forma de “T”, cada uma com doze colunas dóricas de mármore encimadas por armações de madeira, sustentam

viçosas e floridas trepadeiras. Sonhar acordado é o sentimento suscitado em quem caminha entre as colunas de pedra das quais sempre pende exuberante vegetação. Na frente e à direita da entrada, uma lagoa com contornos naturais de pedras intercaladas por vegetação rasteira e florida, na qual nadam cisnes e marrecos.

Escadarias internas de mármore, com corrimãos de ferro trabalhado; lustres de estanho com campânulas de cristal mais fino que a casca de um ovo e madeiras de lei, da melhor qualidade, em janelas, portas e pisos. Magníficos vitrais, com vidro belga colorido, foram assentados entre a ala íntima dos aposentos de dormir e a ala social.

Na sala de jantar, imensa pêndula de chão, em caixote de jacarandá, cujas veias deixam ver belos e naturais desenhos, passou a contar o tempo dos Vitoriano, num latejo semelhante ao pulsar dos corações. O relógio de pêndula recebia o cuidado especial de Aída Vitoriano no tempo do casarão que coubera a ela no continuum das gerações da família. Ela o vigiava, atenta para lhe dar corda antes que essa terminasse totalmente. A única vez em que ele parou, em uma noite em que Aída demorou-se mais que de costume em uma quermesse, ela sentiu-se remotamente inquieta como se o casarão tivesse parado de respirar. Com o tempo, a vigília virou uma espécie de obsessão. Fazia questão de limpar o vidro e de lustrar, ela mesma, a caixa de madeira com óleo de peroba. Caso suspeitasse que a corda poderia se esgotar durante a madrugada, não importava de levantar-se à luz de velas para impedir que isso acontecesse. As criadas da casa limpavam a

sala toda, mas nunca punham a mão na pêndula, embora nunca tivessem sido impedidas e nem mesmo advertidas.

As longas distâncias e a precária condição das estradas encareciam sobremaneira o transporte de qualquer tipo de objeto, principalmente os de grande porte, por isso, qualquer viajante que entrasse no palacete era imediatamente tomado pelo assombro, tal a variedade e qualidade da mobília e demais aparatos que o ornamentavam.

A cozinha era um amplo e arejado cômodo, e, de todos o mais rústico com piso de cerâmica cor de ferrugem. A maioria das janelas postas na parede dava para a parte final do lago, parte esta arrematada por um bambual volumoso, porém, de pequena estatura. Pontas de veados penduradas nas paredes serviam de cabides para arreios, capotes e qualquer outro tipo de coisa. Das janelas podia-se observar o nado sincronizado dos patos e marrecos com suas penas verde-musgo, luzidias aos raios do sol como turvas gemas de jade. Os portais refletiam o esplendor dos antigos impérios de ultramar, trabalho cuidadoso do tempo que envelheceu a madeira e a primeira pintura posta sobre ela cujos veios eram ressaltados por esse satinê do acaso. Adentrar-se por eles era ingressar no palco que consagrou as mulheres da família Vitoriano. Das janelas da cozinha também se poderia avistar parte do monjolo fornecido de água por meio de regos puxados do açude. Nele era triturado o milho, até virar fubá ou canjica para uso doméstico.

Tropeiros e serviçais dos hóspedes eram hospedados em uma pequena e rústica casa ao lado do monjolo, com mobiliário bastante simples, mas decente: catre ou leitos com

colchões de pano de algodão recheados de palha de milho cortada em tiras. Os catres eram de couro cru ou de tábuas, assentados sobre forquilhas cravadas no chão.

O palacete Vitoriano foi a primeira residência da província a dispor de banheiros dentro do corpo da edificação principal. Havia três: um para os homens, outro para as mulheres e outro para as crianças, todos com acesso por uma mesma antessala cuja porta principal dava para os fundos da cozinha. Os aposentos eram pequenos, escuros e frios, semelhantes a celas, com alto pé-direito, fechados por grossas portas de madeira em ripas verticais enceradas com cera de abelhas e vigorosamente lustradas com pano seco. Bem próximo ao teto, no final de duas das paredes opostas de cada aposento, atendendo à finalidade de ventilação e higiene, grandes aberturas retangulares, finalizadas em pedra e gradeadas com grossas barras de ferro trançadas, para circulação do ar; bem abaixo, um par de castiçais de parede, em estanho, para meia dúzia de velas cada. Em outra das paredes foi encostada mesa de madeira com tampo de mármore para acomodar bacia, jarra d'água, toalhas e vaso com ramos e flores de jasmim. O chão trazia revestimento em cerâmica cor de terra e, as paredes, cacos de pedra de formato bastante irregular e variegado, quase até ao teto. Num dos lados, os apetrechos de limpeza: um montículo de areia seca cercado por mureta de tijolos recozidos, pá, vassoura e pequena verga de madeira, trocada amiúde, cuja serventia era misturar os excrementos à areia e com isso secá-los, a fim de serem removidos higienicamente, tarefa executada pelos escravos. Para urinar, eram utilizados penicos de porcelana

francesa pintados à mão com estampas de rosas e violetas, contornados nas bordas por filetes de ouro e enfileirados em baixas prateleiras do lado contrário ao da abertura das portas.

A areia usada era removida diariamente e, uma vez ao mês, toda ela, para limpeza completa dos cômodos, primeiro, por uma mistura de cal virgem dissolvido em água, depois, por vinagre de uvas.

No tempo de Orminda Vitoriano, esses cômodos em desuso serviam para amontoar as sobras dos objetos variados das gerações da família que já havia entulhado todo o sótão. Com a modernidade do saneamento, essas celas perderam sua função original ironicamente preservada em metáfora.

Nem tudo que havia no palacete, no entanto, era fruto de influência europeia. Como no restante do Brasil, a influência oriental nele também se fazia presente, mas de forma tão arraigada nos usos e costumes que, no conjunto, todos os objetos e hábitos perpetuados pela prática diária, pareciam compor um todo harmônico. Assim é que havia o chafariz, os alguidares, o banguê para transportar o bagaço da cana para a bagaceira após a moagem, vidros de perfumes da Índia, algumas paredes recobertas com azulejos pintados, esteiras, delicados pentes de marfim e de tartaruga, xales os mais diversos e para todas as ocasiões, sem falar no apreciado hábito de degustar o arroz-doce com canela e hortelã, uma das sobremesas árabes prediletas dos finos jantares dos Vitoriano.

Uma ala especial da construção, bastante reservada para preservar a vida íntima dos moradores, destinava-se a acomodar visitas e, ao longo das décadas, hóspedes ilustres lá se instalaram. Sabe-se de todos: o hóspede principal e seus

acompanhantes, quanto tempo permaneceram, almoços e jantares saboreados, vinhos degustados, quitutes servidos e a impressão tida do acolhimento e de tudo o mais que pudesse merecer comentários. Aída Vitoriano inaugurou o costume do registro abrindo um caderno especial com esse propósito, escrito com a delicada caligrafia de quem percebe nos mínimos gestos do cotidiano uma consagração da existência. Era um grande volume de capa dura, com estampas florais, fechado em arremate por um laçarote de cetim cor-de-vinho e guardado na mesma gaveta do livro de receitas.

A leitura dele revela que o Imperador D. Pedro II, membros da família real e comitiva da corte cancelaram de última hora uma visita, devido ao súbito mal-estar que acometeu Sua Majestade Imperial, quando de sua estada na Vila das Águas Virtuosas de Caxambu.

Pelo Palacete Vitoriano, também passaram o Marquês de Santa Bárbara, cujo sestro era mordiscar os fios do bigode. Ele tinha por hábito olhar a todos com infinita arrogância, por cima das lentes do pince-nez. Ia quase sempre acompanhado de sua sobrinha solteira a feia Emerenciana Palácios (o buço e o descomunal nariz afastavam qualquer possível pretendente).

Ela tratava os pretos da casa alheia como se estivesse na própria: - Fale somente quando falarem com vosmecê. Fale somente o necessário e fale baixo.

Despertava com isso, da senzala à casa-grande, profunda antipatia, pois tratava muito mal aos escravos e, alcoviteira, ocupava o seu tempo dando-se a mexericos e intrigas de toda ordem, especialmente as sentimentais, percebendo malícia nos olhares mais ingênuos e despudores na mais sincera das

afeições. Como nada escapava da infeliz inclemência de ambos, mas, principalmente, da sobrinha, o anúncio da partida sempre provocava alívio generalizado dos pretos. Nenhum deles tinha a coragem suficiente para pôr os senhores da casa-grande a par desses fatos que desmereceriam pública e definitivamente a conduta de pessoas como eles, dados a aparentar origem aristocrática, mas cujo refinamento superficial era semelhante ao de um verniz ordinário que descola da madeira depois de tomar um pouco de sol e chuva. Apesar da conhecida benevolência dos Vitoriano no trato dos escravos e na prática da caridade cristã, não convinha que os pretos se envolvessem em circunstâncias que poderiam dar ensejo a mexericos. Emerenciana Palácios era dissimulada o suficiente para reverter qualquer situação a seu próprio favor. E, em uma circunstância tal, ai do preto que ousasse abrir a boca.

Lá estiveram o Barão de Alfenas e distinta família; Joaquim Eloy Mendes, Barão da Varginha, honraria concedida pela Princesa Isabel, a Princesa Regente Imperial, com seu título de Major, comprado da Guarda Nacional em 1888 e que mandara construir uma rua ligando sua residência à igreja do Pontal, cidade que no futuro teria seu nome – Elói Mendes; Constança Figueiredo, a Condessa de Matacavalos, que triste e solitária em sua viuvez precoce, gastava os dias de sua estada à sombra das árvores, suspirando ao recordar-se do marido. Ela se referia ao casarão como Palacete Vitória. Dona Marianna Bárbara da Conceição, a baronesa da Varginha, amiga da família e particularmente afeiçoada a Orminda Vitoriano, a quem considerava como a filha que nunca pudera ter, ignorava

a opulência do casarão para expressar somente seu afeto: para ela, o Palacete Vitoriano era apenas a “casa” da Mindinha. Outros hóspedes ilustres foram o Visconde do Serro do Frio com a mulher, a doce Perciliana Quental, alma sensível e melancólica que não se assustava em escutar passos nos corredores altas horas da noite, nem com as batidas nas portas, pois sua respiração obedecia ao ritmo e ao tempo mágico do sobrado; o desembargador de Catas-Altas, Lopes de Gouveia, cujo assunto principal era sempre ele mesmo com o relato das realizações do passado, exageradas em seus sucessos e com desfecho tão rocambolesco e fantasioso que inevitavelmente despertava o riso e era a descontração das conversas do café após o jantar.

A mulher, Francisca de Assis Gouveia, talvez por enfado da companhia previsível e cansativa, era dada a debruçar a opulência de seus seios na janela, por seguidas horas, onde se punha a olhar os pretos no trabalho, ao redor da casa, como quem contempla um suculento prato de carne ao molho (sua vida, perfume de escândalo desde a menarca, quando se descobriu famélica de homens e, por mais que os tivesse, estava sempre à míngua). Arrastada pela ardência do baixo-ventre a procurar pelo amor no sexo, condenou-se a uma busca desesperada e vã: encontrava aquilo que dizia não querer, aquilo que lhe bastava apenas no momento de sua própria consumição e fugacidade e que já era nada no instante seguinte. Francisca de Assis Gouveia nunca pôde saber que o desejo de amar já é o amor e procurando por ele, sôfrega, coisa grandiosa, inalcançável, guardada em lugar insuspeito, entre os pretos, mineradores, artesãos, carpinteiros, mascates,

militares de baixa patente e assemelhados, ficou conhecida pela alcunha de Chica dos Homens ou Chica do Vintém, por dar aos menos afortunados, após o gozo, uma moeda.

- Rameira, mulher desavergonhada!

Era o mínimo que se dizia dela. Não era verdade! A Chica dos Homens se entregava pela generosidade dos próprios prazeres.

O almirante Adalberto de Bulhões era outro dos hóspedes mais frequentes. Mancava da perna direita e apoiava-se, com a elegância de um lorde, em uma bengala de osso de baleia com castão de madrepérola e ouro. Feriu-se na Guerra da Tríplice Aliança, onde estivera em luta ao lado do conde d'Eu. Os companheiros de caserna se referiam a ele, respeitosamente, como *almirantíssimo*. Admiravam seu caráter honrado, bravo e generoso. Finda a guerra, o prestígio dos militares estava tão em alta quanto – finalmente – o sentimento da unidade nacional, mas, não somente por isso, o almirante era recebido no Palacete com as reverências prestadas aos heróis: grande pompa, respeito e admiração. A guerra deixou para trás batalhões de órfãos paraguaios e um panteão de heróis petrificados e anônimos, mas a vida continuava. Homem simples, culto e bem falante, sua plateia predileta era a de crianças as quais contava seus feitos enaltecendo o amor pátrio e premiando-as ao final com as balas tiradas do bolso da casaca, cravada de medalhas e fitas das condecorações recebidas das mãos do próprio Imperador. Apesar de todos os feitos, o *almirantíssimo* era um homem solitário, sofrido em sua viuvez silenciosa e tinha por hábito, todas as manhãs, ir aos correios verificar se havia chegado

correspondência, sabe Deus de quem. Como a carta esperada nunca chegava, regressava cabisbaixo, pensando já no dia seguinte, quando tudo poderia ser diferente.

Adalberto de Bulhões e Constança Figueiredo eram almas idênticas que se conheciam e muitas vezes frequentavam o casarão nas mesmas ocasiões. Encerrados em si mesmos e absortos no amargor cada um de sua própria viuvez e de suas próprias circunstâncias de vida, jamais se aproximaram o suficiente para perceber que poderiam ter sido felizes juntos. O passado de lembranças engolfou-lhes o presente e o futuro.

Eram poucas as assinaturas de Don'Anna Milagres, amiga de infância de Aída Vitoriano. Depois dos rumores de que essa respeitável senhora se deitara com o padre, ignomínia das ignomínias, a pudica Aída não pensou duas vezes: rompeu com a amizade e não mais a recebeu no palacete. A maledicência nunca foi comprovada com a revelação de algum fato incriminador ou depoimento de testemunha confiável, mas mesmo assim se transformou em escândalo impossível de ser ignorado. Pessoas piedosas tentaram intervir argumentando que ninguém pode ser condenado sem provas suficientes, ao que Aída respondia com a convicção costumeira, repetindo o que ouvira da avó:

- Quando o povo comenta, ou é, ou está para ser.

Alguns ainda tentaram:

- Quanto tempo se leva para construir a honra, um nome respeitável e basta alguns poucos rumores para se pôr tudo a perder! Pior ainda, rumores que não precisam ser confirmados com provas, basta que surjam.

Aída Vitoriano tinha a resposta na ponta da língua ao repisar um dito antigo e surrado:

- Às mulheres não bastam que sejam honradas, elas devem também aparentar isso.

E o caso foi encerrado com a honra de Anna Milagres ainda mais abalada. Quanto aos párocos, quase todos glutões e apreciadores da boa e farta mesa, o livro traz as assinaturas da maioria deles, desde Antônio José dos Santos, primeiro pároco do antigo povoado das Catandubas.

A lista dos hóspedes, no decorrer das décadas, é quase infindável. A impressão da maioria deles talvez possa ser resumida no agradecimento escrito ao pé de uma das páginas: "Obrigada pela estadia agradável e acolhedora, como de costume. De todas as boas lembranças que levo daqui, somadas às outras das estadias anteriores, devo dizer que jantar no Vitória (era assim que ela chamava o Palacete) é um acontecimento inesquecível." Assinado: C.F., Condessa de Matacavalos. Parte da palavra Matacavalos encontrava-se borrada como se, no custoso adeus, a condessa tivesse deixado cair uma lágrima, não se saberia jamais se vertida por custar-lhe muito despedir-se ou por saudades insuperáveis do marido.

Nos fundos do palacete, do lado oposto ao da estrebaria, após atravessar a última pérgula, a capela em estilo barroco com frontispício em pedra-sabão, encimado por rosto de anjo, tendo aos lados duas asas abertas e, abaixo, fita com a inscrição *Cui faxit aeternitas*[3].

O altar, em madeira de lei pincelada a ouro, traz em cada lateral uma grossa coluna com capitel esculturado e fuste

em espiral, de idêntico acabamento. Ao centro, escultura portuguesa, em madeira policromada de Nossa Senhora das Mercês, provavelmente do século XVIII, em tamanho quase natural, com olhos de águas marinhas.

No teto de madeira, pintura com santos, anjos e nuvens, de autoria anônima, embora alguns conhecedores de arte, sem nenhuma documentação histórica afirmem categóricos, que, pelo estilo, proporções e uso das cores, trata-se de obra de Manuel da Costa Ataíde, o Mestre Ataíde. A pintura é, de fato, muitíssimo semelhante às que se podem ver em Ouro Preto, Mariana e Sabará. Os céticos refutam a hipótese, pois além de não haver documento comprobatório da passagem do artista pela freguesia e o livro de hóspedes do palacete não registrar seu nome, na base da cartela portada pelo principal anjo do conjunto está inscrito *Anno 1845*. Nesta data, Mestre Ataíde já havia falecido. Os defensores da autoria contestam os argumentos, afirmando que a data pode ter sido inscrita posteriormente, já que a capela passou por restauração no ano citado. Polêmicas à parte, o valor artístico da obra é indiscutível e sua qualidade o único consenso.

Os Vitoriano eram sepultados na capela. Os sepultamentos mais antigos eram feitos no chão, os mais recentes, em gavetas nas paredes. O centro da ermida estava ocupado por duas fileiras de bancos, separadas pelo espaço de circulação entre elas, da entrada ao altar. Nas lápides de mármore, inscrições com os nomes e as datas do natalício e da morte. Havia sepulturas vazias. Domitila Vitoriano foi a última a ser sepultada na capela. Depois da epidemia da gripe

espanhola, os Vitoriano passaram a ser sepultados no mausoléu construído pela família, no cemitério municipal.

Naquele clã, o transcurso do tempo, aliado às muitas realizações de seus membros, grandiosas, ousadas, pioneiras, poéticas, encarregou-se de entrelaçar de tal forma mito e realidade que as gerações vindouras não mais conseguiam distinguir um do outro, nem perceber onde exagero e invenção se destacavam como colagem mal posta dos fatos. Finalmente, em muitos aspectos da vida social, paroquianos e familiares viviam a alegoria como verdade e teatralizavam o real, construindo uma epopeia para a freguesia. Desta forma, para ficar apenas em poucos exemplos, a população assistiu ao casamento de Bárbara Vitoriano como se estivesse no teatro de ópera; via, em noites escuras ou envolvidas pela bruma, D. Fulgêncio Vitoriano, passar a cavalo, entre becos e ruelas, tinindo o metal das ferraduras nas pedras do calçamento, sob a luz bruxuleante dos lampiões; acreditava na eterna juventude de Domitila cujos cabelos, pele e porte eram ainda admiráveis na velhice, por seu viço e elegância; que Aída conversava com os mortos e conhecia as poções medicinais de Isaura Albuquerque, a bruxa dos Açores; que Alma tinha poder especial sobre os felinos, pois onças e jaguatiricas não a atacavam e que Ifigênia Louca era a reencarnação de uma rainha ioruba, enlouquecida por amar um guerreiro que não a desejava.

LEILÃO DAS MEMÓRIAS

Varginha, Sul de Minas Gerais, nutrícia da *coffea arabica*. O transeunte que, à noite caminhar hoje pela principal avenida do centro da cidade, a Rio Branco, vai percorrer uma avenida moderna, larga, com altos prédios de concreto armado, cerâmica e vidro, iluminação pública com lâmpadas a vapor de sódio emitindo intensa luz amarelada, calçadas revestidas com pedra portuguesa branca e preta compondo desenhos estilizados da folha do café, riqueza da região e da cidade, chão da rua recoberto por manta asfáltica e inóspitos jardins, onde sobra concreto e faltam árvores, sombras e frescores. Enfim, tudo que uma cidade que se pretende moderna precisa ter para se tornar tão impessoal quanto as outras e adquirir o almejado e inútil status.

O transeunte distraído talvez não consiga imaginar a Avenida Rio Branco que morreu, e, menos ainda, o largo de São Miguel da Vila do Espírito Santo da Varginha, antiga Freguesia do Espírito Santo, mais antigo ainda Curato do Espírito Santo que sucedeu as Catandubas, para dar lugar a esta outra de agora, da cidade de Varginha, a Princesa do Sul de Minas.

Hoje, no entanto, o transeunte não mais poderá ver o sobrado no número 57 da Avenida Rio Branco, nem mesmo este número existe mais. O sobrado veio abaixo em 1978, poucos anos depois da demolição da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo, o principal patrimônio cultural da cidade, quase meio século após o vigário da paróquia, em insensatez de

clérigo inquisidor, descaracterizar a obra original, sagrada em 1908, sentenciando suas torres laterais à derrocada. As falhas nas estruturas de sustentação das torres levou ao aparecimento de rachaduras, o que foi constatado nos relatórios das perícias da engenharia civil. No entanto, muitos acreditavam que isso não justificava a sua derrubada. Naquela época, os recursos técnicos já seriam suficientes para permitir uma solução menos drástica para o problema. Como essa solução não foi providenciada, as torres tombaram no meio do pó como heroicos soldados vencidos na batalha contra a insensibilidade humana.

A antiga Varginha em que Orminda Vitoriano viveu não era apenas a cidade de pedra, edificada, com seu casario imponente, ruas, vielas, capelas e arvoredos. Era a cidade das relações entre as pessoas, e mais que tudo, a cidade imaginada por ela, com a alma de todos os seus antepassados nas obras que, como oferendas sagradas, chegaram até ao presente. O futuro lhe permitiria evocar em ecos essa cidade irrecuperável, perdida para sempre na realidade, mas passível de ser sonhada e reconstruída de muitas formas diferentes, pois cada um sonha o próprio sonho. Sobraram vestígios da cidade de pedra e do trabalho das inúmeras mãos, que também já se foram, nos móveis, porcelanas e muitos outros objetos de arte. Essa arte que sobreviveu pode dar uma pálida ideia de aspectos da cidade imaginada que recriamos em nossa própria fantasia. Mas, ironicamente, a cidade de pedra de hoje, que nos parece inegavelmente sólida, é tão imaginada e fantasmática quanto era a de Orminda Vitoriano naquela época. Nesse ponto, nenhuma consideração sobre a verdadeira realidade das coisas

importa. A Varginha antiga de Orminda Vitoriano pode sempre se abrir como uma janela mágica para ser agora tão nossa quanto foi dela naquele tempo de sonhos de amor.

Se o hipotético transeunte passasse em frente ao número 57 da Avenida Rio Branco, na primeira semana de abril de 1968, poderia ver escrito em uma pequena tabuleta de madeira afixada no portão principal do sobrado:

LEILÃO
Móveis, joias e objetos de arte
Espólio de Orminda Vitoriano
3.315 peças

A casa esvaziada para as vidas que não estavam mais lá. Até aquele instante, embora desgastado, o casarão encontrava-se preservado do destino trágico que tiveram tantos outros da cidade: a demolição completa ou parcial, aquela que arranca os telhados, portas e janelas, seca as fontes de pedra e deixa as vivendas desnudas, com as vísceras expostas e a intimidade devassada. A varanda se tornou abrigo ocasional de desocupados e mendigos como lembrete aos homens que a glória do passado não garante um salvo-conduto para a transposição do tempo.

O leilão foi transmitido ao vivo pela Rádio Sul-Mineira AM, ondas médias e curtas, durante seguidas trinta e seis horas, pois o acervo de grande importância histórica, artística e cultural trouxe à cidade os mais conhecidos e conceituados *marchands* do Rio de Janeiro e São Paulo. As peças menores de prata, bronze, estanho, cobre, alpaca, porcelana, cristal e vidro

colorido foram divididas em lotes de doze, vinte e quatro e trinta e seis unidades e arrematadas em conjunto, exceto os aparelhos de jantar em faiança, Limoges, Sèvres, Meissen, Companhia das Índias, o azul-pombinho Staffordshire, os faqueiros de prata e os aparelhos de chá em prata Sheffield, arrematados no conjunto que as próprias peças compunham. Os lustres de cristal bohemia e baccarat tiveram o endereço certo de mansões da Avenida Paulista, construídas no tempo da aristocracia cafeeira. Representantes de diversos museus do país arrematataram pinturas e esculturas sacras dos séculos XVIII e XIX, lustres, móveis, livros raros e os magníficos vitrais com vidro belga colorido e os franceses Champigneulle, devidamente desmontados e embalados para o transporte. Da mesma forma que os vitrais, o teto da capela em largas tábuas de madeira, com pintura em estilo barroco foi fotografado e depois, desmontado por equipe técnica especializada. Cada tábua, embalada separadamente, após minucioso processo de exame, limpeza e higienização.

O lote das joias constituiu um item à parte pela diversidade e qualidade tanto dos metais como das pedrarias, pelo material e pelo fino acabamento, tendo sido agrupadas por categorias: anéis e alianças, pulseiras e braceletes, brincos, pingentes e medalhas, colares e cordões, a maioria de ouro amarelo e rosé-avermelhado (que Aída, mãe da Ifigênia Vitoriano, chamava à moda antiga de ouro russo). Além do camafeu de Domitila Vitoriano, outra joia cobiçada era o anel de ouro com uma pedra de rubi engastada, retangular, lapidada em talhe em degraus, presente recebido por Orminda de sua avó Domitila, quando completara quinze anos. A grande

pedra de rubi, de início, possuía a coloração avermelhada e translúcida dos gomos de romã amadurecida no tempo das castanhas portuguesas. A predileção de Orminda, que raríssimas vezes tirava o anel do anelar da mão esquerda, fez que com o uso a pedra adquirisse uma tonalidade bem mais escura que lembrava a cor do sangue grosso escorrido do pescoço das galinhas degoladas pela preta da Mina nas pedras do quintal.

Os móveis da biblioteca foram trocados na época em que Alberto da Gama passou a viver com Orminda Vitoriano no sobrado, por mando dele, logo após o casamento. O estilo escolhido – não o único, mas, o predominante, foi o *Thonet* austríaco. As peças feitas em madeira nobre tinham uma tonalidade que variava do caramelo ao chocolate. Bárbara Vitoriano odiava em silêncio a escolha do mobiliário pelo genro, pois o achava frágil e leve demais, ao contrário da maioria do mobiliário do casarão, pesado, compacto e maciço, capaz de resistir impávido à passagem dos séculos e à alternância das gerações. Ela, no entanto, percebia que o *Thonet* combinava perfeitamente bem com a delicadeza do jovem casal. Como de costume, jamais verbalizou seu desagrado com o gosto do genro. Afinal, o que importava mesmo era a felicidade da filha, e isso, ela conseguia ver de sobra em seus olhos. Então, que se danasse o estilo dos móveis. Bárbara jamais imaginou que no futuro os móveis pudessem ser arrematados em leilão e passariam a compor o décor do salão principal da biblioteca pública municipal, onde ficariam muito bem postos a combinar com o chão de largas tábuas corridas. Evidentemente, o poder público não dispunha

de recursos para serem empregados dessa maneira, o que causaria escândalo aos olhos da população; a compra e a doação foram feitos por munícipe benfeitor que preferiu manter sua identidade no anonimato. Respeito aqui a vontade dele e não revelo seu nome, mas dele pode-se dizer que, na juventude, era pessoa de estreito convívio dos Vitoriano.

A vitrola – gramofone da *Victor Talking Machine Co.,* de 1905, em perfeitas condições de uso e sonoridade, foi arrematada pelo vigário da paróquia do Divino Espírito para ser usado como curiosidade e atrativo para as crianças nas aulas de catecismo, quando ele o punha em uma mesinha no topo da escadaria externa da Igreja Matriz a tocar um *long-play* de 78 rotações por minuto com uma arranhada Ave-Maria já exaurida pelas centenas de execuções. Após findar cada execução, o vigário convocava as crianças para a próxima aula e lhes atirava uma chuva de balas e caramelos. Elas pulavam como cabritos monteses entre os degraus para disputarem qual delas conseguia encher mais a mão com os caramelos voadores. A finada Orminda Vitoriano não suporia que sua vitrola de estimação pudesse ter destino tão lúdico e, por certo, ela não o teria desaprovado, infeliz que foi em sua maternidade de filho único e por uma imperdoável peça do destino, morto antes dela.

A liteira de Alma Vitoriano, maltratada pelo tempo, foi arrematada por fazendeiros locais e décadas depois, restaurada, seria doada para compor o acervo do Museu da Cidade. O camafeu italiano, de rara gema bicolor em violeta-claro e branco opalino, com acabamento lateral em ouro de vinte e quatro quilates, pertencido a Domitila Vitoriano,

encontra-se perdido até hoje e foi a única peça da Casa Vitoriano a ficar de fora do leilão. O desaparecimento misterioso deu origem a diversas versões: alguns dizem que foi sepultado com Orminda Vitoriano, a última proprietária da joia; outros, que parentes distantes, responsáveis pelo inventário dos bens a roubaram; outros ainda, que um colecionador de relíquias conseguiu adquiri-la por quantia exorbitante muito antes do leilão; outros mais, que Orminda Vitoriano, já bastante senil teria dado a joia de presente para a preta Dandara e que a peça deveria estar, portanto, no fundo do açude, segundo relato de desacreditados pescadores que tinham por hábito matar a sede com cachaça. Mas a verdade é que ninguém pode afirmar, com certeza, o paradeiro da joia que adornava o graciosíssimo colo de Domitila Vitoriano, a mais bela mulher destas paragens em qualquer época, beleza clássica cinzelada em ebórea carnação: *la fece natura, e poi ruppe lo stampo*[4].

Contudo, o transeunte não saberia quem foi Orminda Vitoriano, pois o palacete permaneceu lacrado por exatos vinte e três anos e mesmo naquela época as novas gerações desconheciam a história de Dona Mindinha e da família Vitoriano. Desconheciam, portanto, a história da própria cidade. Para elas o sobrado era somente uma enorme casa velha, no centro da cidade, a atrapalhar, junto com a antiga Igreja Matriz, a chegada do tão desejado progresso. Nem o belo sobrado nem a antiga Matriz puderam resistir a esse olvido que nada mais era que a materialização do desprezo pelo duro trabalho e pelos sonhos dos pioneiros fundadores da cidade.

Em 1978, o Palacete Vitoriano veio abaixo. Quando o reboco foi removido, em muitas das paredes de pau-a-pique, foi possível ver com impressionante nitidez, os sulcos que as mãos dos escravos deixaram ao prensar o barro, numa assinatura fossilizada. Não restaram ruínas que pudessem indicar aos espíritos mais observadores e sensíveis: aqui houve glória e luxo, aqui começou a construção da história de todo um povo. Não restaram menos que ruínas, nem este insignificante consolo de restolhos houve, pois não sobrou pedra sobre pedra. Assim, os anos terminados em oito, por triste coincidência do destino, revelaram-se nefastos para a cidade e para a família Vitoriano, cujo maior emblema foi a epidemia da gripe espanhola de 1918, que levou a óbito quase duas centenas de varginhenses, dentre eles alguns dos últimos dos Vitoriano.

Os restos mortais dos Vitoriano, sepultados na capela, os mais antigos, no chão, os mais recentes, nas paredes, foram exumados na presença de familiares e autoridades, guardados em caixas de espesso vidro, postas dentro de outras de mogno, lacradas com pregos e sepultados, definitivamente, no mausoléu da família, no cemitério municipal. Quem lá for talvez se espante com a glória gelada e silenciosa no teatro de mármore – o mausoléu da família, e faça uma reflexão sincera acerca da vaidade dos homens, desde sempre condenada à inutilidade e ao fracasso.

DANDARA

Dandara é a preta maluca da Varginha, analfabeta, desdentada. Frequentou escola por longo tempo, mas não aprendeu ler nem escrever. Sequer conhece letras e números. A idade de Dandara ninguém sabe ao certo, ela chama a todos por “tio” ou “tia” em qualquer lugar: ruas, mercado, padaria... Dandara acena a mão, a ninguém hesita em oferecer seu sorriso amplo e ingênuo de retardada. A falha dentária e espontaneidade infantil da preta corpulenta assustam os transeuntes.

Ela não abandona a pasta de material escolar com cadernos, livros didáticos e lápis; sempre quer papel e lápis de cor. Esse material é um acessório de sua indumentária. Desconhece moeda e hora, é desorientada no tempo. O tempo de Dandara nenhum relógio marca. Visceral, é uma pulsação. Tem aurora, poente. No meio, a noite longa, escura, com criaturas de assombro e medo.

O sonho de Dandara é estudar bastante, tornar-se médica e, quem sabe, mudar-se para a Alemanha. Ouviu falar muito de lá, por causa da guerra. Ou então, ir para Paris, de navio, claro, para ganhar muito dinheiro, pois ela conhece países e cidades da Europa de tanto folhear as velhas revistas ilustradas e despencadas que as pessoas ricas da cidade lhe dão para não jogá-las no lixo.

O que lhe restou de família – irmã e sobrinhos – é desestruturado, ansiogênico, conflituoso. Mora com a irmã solteira e dois sobrinhos. O ambiente familiar é tenso. A família

é grande e dispersa geograficamente. Os pais faleceram há anos. Ela desconhece os próprios antecedentes. Disseram-lhe que seria descendente de um preto escravo, muito bonito, alto e forte, que era príncipe na África e morreu tragicamente num crime de amor, ciúme e desespero. A história familiar de Dandara não é como a de Orminda Vitoriano, que conta detalhes precisos e íntimos da vida de seus tetravós, como se os tivesse conhecido, vivido com eles, ceado na mesma mesa, participado das mesmas festas.

O que falta a Dandara de referências familiares, sobra a Dona Orminda – a Orminda Barbalho Cartaxo Vitoriano da Gama, descendente de Joaquim Vitoriano de Andrade, da Vila de Campanha da Princesa da Beira, um dos primeiros moradores do antigo Curato do Espírito Santo, ele, por sua vez, descendente de bandeirantes, de Augusto Barbalho, no tempo em que Minas Gerais era a Capitania de São Paulo e Minas de Ouro. Atada ao rol infindável de seus avoengos e extraviada das gerações coevas por patinar nas sombras de um passado há muito perdido, Orminda Vitoriano não se dava conta de sua extemporaneidade. Para ela, o passado e o presente eram uma única e mesma coisa. E foi nesta rede vaga e majestosa de tempos simultâneos que Dandara deixou-se aprisionar para viver noutras épocas, outras vidas e, prazerosamente, fugir do seu cotidiano farto de abusos, humilhações e acontecimentos prosaicos, desprovidos de importância.

Dandara, a preta louca da Varginha, desce e sobe ladeiras, conversa com os passantes; com uns, ri, com outros, chora. Sua vida é uma peregrinação de Sísifo. Mas Dandara

queria mesmo é ser a vitória-régia do açude. Um dia, ela própria buscaria por seu destino grandioso de flor amazônica.

Por volta do fim da guerra, nos tempos em que Dandara era “mocinha nova”, no dizer dos antigos, de dois em dois anos, o circo chegava à cidade, o que fazia a sua alegria. A prefeitura expedia a guia autorizativa para a ocupação temporária da principal praça da cidade, local onde duas ou três décadas atrás ainda se localizava o cemitério paroquial. Quase todos os munícipes falecidos durante o século XIX foram ali sepultados. Por isso, não era incomum que vez ou outra em que o antigo campo santo estava a ser perfurado para se fincarem as estacas de sustentação da surrada e puída tenda colorida, os circenses achassem cabelos, clavículas, escápulas, vértebras, costelas, úmeros, fêmures e falanges – só para citar as descobertas mais frequentes da garimpagem óssea indesejada e assustadora. A religiosidade daqueles homens rudes, supersticiosos e tementes a Deus, fazia com que coletassem os ossos em um saco de linhagem arranjado pelos apanhadores de café e os sepultassem em uma vala mais profunda, onde não mais correriam o risco de ter seu sono eterno perturbado. Tudo isso era sabido pelas autoridades locais, políticas e sanitárias, e pelos moradores da cidade, mas a apaziguadora compreensão geral era que a ocorrência do lúgubre achado tornava-se inevitável, dado que milhares de defuntos foram ali sepultados e que a remoção das ossadas para o cemitério municipal entre 1918 e 1923 nunca tinha sido concluída a contento, apesar da completa derrubada dos túmulos. Dandara preferia não pensar em nada disso, pois tinha medo de ossos de gente, almas penadas e assombrações.

Sua alegria era sentar-se no ponto mais alto da praça para ver subir aos céus a lona colorida de listas vermelhas e amarelas com sua bandeirinha a tremular ao vento no mastro central. Nunca faltava alguém para dar a ela alguns trocados ou um ingresso de presente, e, à noite, quando o circo estreava, era das primeiras a entrar e a sentir o cheiro de estrume misturado com o da grama macerada, o das lamparinas de querosene e o do suor dos animais encarcerados. Ela quedava absolutamente encantada com o urro do leão, com o colossal tamanho do elefante balançando sem tréguas seu corpanzil e tromba para lá e para cá como se estivesse a dançar, com a mulher que cuspia fogo alimentado pela gasolina, com o jogo dos espelhos que revelava a mulher-macaco, com a agilidade dos trapezistas loucos a desafiar a gravidade entre um trapézio e outro com pulos no vácuo sem rede de sustentação e com as roupas coloridas dos palhaços tão ou mais puídas que a da lona da tenda, trituradas pela desesperança dos artistas que iam de cidade a cidade comendo a poeira vermelha do caminho com a sina de fazerem a alegria dos outros e de nunca realizarem os próprios sonhos. Mas o encantamento maior de Dandara era com a peça de teatro cujos personagens principais eram o padre, a alcoviteira, o noivo, a noiva e o pai dela, e o suposto amante da noiva, todos da roça, enredados numa historieta de enredo ao mesmo tempo trágico e cômico, o que fazia com que ela se perdesse em meio a tanta emoção despertada e quando, por fim, chorava, não sabia mais dizer se era de tristeza ou de alegria, um choro que se parecia, portanto, com o de uma criança pequena que chora porque a emoção vem com força e que o motivo ou lhe é desconhecido ou é sem

importância alguma porque a emoção, qualquer que seja ela, impera sobre os motivos.

A vida de Dandara nunca teve a alegria despretensiosa do circo. A imagem nunca mais sairia da sua lembrança: o cafezal verdinho, verdinho, a perder de vista; os frutos de rubi. A terra, o som dos passos nas folhas secas do chão. Os dela trôpegos, desesperados. Os dele, desejo. Há homens que não querem consentimento, são atiçados pelo não, tomam pela força. Um homem assim encontrou Dandara.

Dandara nasceu em Varginha, entre colinas de cafezais, quaresmeiras e ar gelado do inverno. Quando chega a primavera, a vida explode, colorida. O hálito floral da estação, suave e adocicado, vem pela brisa, em cada esquina. Com maço de flores apanhado em jardim alheio, Dandara percorre as ruas, sorridente como uma Nossa Senhora das Flores dos Excluídos, dos Miseráveis Todos do Brasil, deixando as pedras da rua salpicadas de pétalas coloridas e perfumadas. Uma Nossa Senhora grotesca, ingênua, parda, descendo a ladeira com uma procissão de moleques no seu encalço. Moleques de pipas na mão, suados, pés nus.

A rua para andar. É isso que Dandara tem de mais seu. Na Vila do Espírito Santo as ruas são o início e o fim do mundo de Dandara. Ela anda pela cidade toda. De dia, sol quente. De noite, lua gelada. Cruza com burros e pangarés puxando carroças, com senhoras de olhar distante e sombrinhas abertas, com crianças de uniformes que acabaram de sair do grupo escolar. Passa viela, becos escuros. Passa bêbados, operários. A molecada grita, molecada cruel:

- Retardada, louca!

- Mulher da vida, nega maluca!

- Desdentada, carapinha!

Ela tem balas nos bolsos do vestido. Mas as crianças não querem as balas de Dandara, quentes, suadas, embrulhadas em papel amassado e grudento. Querem escarnecer, apontar a diferença que a transforma em coisa de troça e a faz valer nada, ser menos ainda que os animais domésticos, pois eles são dignos de estima.

Dandara chora. Lágrima grossa, quente, sentida. Mãos trêmulas. Já apanhou da meninada. Rasgaram seu vestido, puxaram seus cabelos. Rodopiaram com ela rua abaixo, feito pião até Dandara cair e ralar o rosto no chão pontudo e escorregadio de pé-de-moleque.

Passa cafezal. Agora, tem medo. Foi estuprada em um, pega desprevenida no meio de suas andanças. Homem tarado. Gritava, louca. Tomava murros na cabeça. Livros pelo chão, terra, bagos de café e aquele homem que a possuía pela força. O furor mitológico do macho era tamanho que levantava a poeira vermelha do chão, uma poeira que Dandara respirava e virava cola em sua boca seca. A ondulação do corpo dele deitado sobre o dela fremia da mesma forma que as ondas do mar avançam implacáveis pela areia da praia atiçadas pelo vento das tempestades. Rubiácea. Os grãos de café, naquela época do ano, vermelhos de rubi. Reluzentes, polidos, lapidados como joia viva em uma trama de sangue. Do jeito da hemorragia menstrual de Dandara, diluviana. A penetração lhe rompeu as entranhas, esfacelou suas vísceras, aprisionou sua alma, transformou-a em coisa bruta. Nada estancava aquela dor. O touro bravio gemia em seus ouvidos, empapava seu

corpo todo com um suor grosso, viscoso, salgado, cada vez mais excitado com os gemidos de dor, com o olhar da outra, igualzinho ao das presas que caíram em armadilhas ou foram encurraladas pelo predador sem a menor chance de defesa. O pescoço dela se virava sem parar de um lado para o outro como um pêndulo desesperado de relógio que perdera o compasso. Os movimentos da pélvis do fauno insaciável produziam socos abruptos que lhe doíam da virilha e da base da espinha dorsal até dentro do estômago, sufocavam sua respiração. Um grito que ninguém ouviu, atravessou a plantação. Quando ele se saciou, foi-se embora deixando no ar um suor com cheiro de nozes mordidas que perturbaria as lembranças de Dandara pelo resto da vida.

Acudiram tarde demais, fato consumado. O homem tarado quis Dandara: carapinha desgrenhada, poucos dentes, higiene precária. Transtornada, ficou até tarde da noite conversando com a floresta de café; milhares de varetas com gotas enormes de sangue, baloiçando desvairadamente ao vento. Desvairadamente como Dandara. E ela só queria um pai para dizer o que está certo ou errado. Como alguém pode saber isso se não tem pai? Começou a chover uma chuva pré-histórica e não apareceu ambulância alguma para levar Dandara para casa.

A primeira noite, Dandara passou-a insone, confabulando, perdida em fantasias. Na segunda, dormiu um sono mortal, pesado de soníferos, sem lugar para desejos e temores, sem tempo para sonhos e esperanças. As muitas outras noites, tantas que seria menos trabalhoso contar as estrelas no céu, Dandara passou-as numa consumição de dar

dó. Circulava pela casa seminua, enrolada em lençóis como um anjo arrastando túnica de penitências. Tentava lembrar-se de rezas da infância, mas como a memória lhe era madrasta, voltava ao leito em prantos: em vez das preces olvidadas, soluços e gemidos.

Dandara não soube descrever para o delegado da polícia como era o homem, seu porte, sua face, a cor de sua pele, as roupas que vestia. As imagens que ela retinha do episódio eram emaranhadas e confusas, fato que, associado à deficiência mental, de articulação vocabular e da fala, tornava a cena e o personagem indescritíveis. A potência do fálus foi tamanha que era a única coisa de que se lembrava. Para a polícia, essa lembrança que provocava risos nem sempre contidos dos anspeçadas, era absolutamente inútil. A precariedade intelectual de Dandara constituiu a salvação do criminoso. Embora o homem não tenha jamais sido identificado nem cometido o mesmo delito outra vez, para surpresa dos investigadores, pois os criminosos movidos por compulsão tendem a repetir sua conduta, durante anos, nenhuma donzela ou senhora de qualquer idade ousou passar nas imediações do cafezal ou das trilhas que davam acesso a ele.

Um mês depois com os hematomas das coxas, braços, abdômen e costas já empalidecidos, Dandara sentiu a barriga inchada e os seios endurecidos. Diziam-lhe que ia ter um bebê. Ela lembrou-se das bonecas de porcelana inglesa que tinha visto na vitrine do empório do seu Carmélio, no mesmo local onde anos depois seria construída a Casa Cristal de presentes para gente rica, e ficou feliz. Na certa, teria um filho parecido:

face branca, bochechas rosadas e olhos azuis iguais aos de algumas imagens esculpidas das santas da Igreja Matriz. Ela poderia vesti-lo com roupinhas de renda e organza como aquelas postas à venda na loja.

Intuitivamente, mesmo sem ver relação alguma entre a violência sofrida e sua prenhez, arranjou um pai para a criança, um pai que teria o efeito de apagar em definitivo a humilhação sofrida e de elevá-la a uma condição social em que seria obrigatoriamente respeitada, mesmo que a contragosto: – O filho é do prefeito! – afirmava para as pessoas indiscretas ou maldosas que lhe perguntavam, mais maldosas que indiscretas, pois ninguém na cidade ignorava o estupro, assunto dos mais falados e repisados por pessoas de todas as classes sociais durante semanas a fio.

Ninguém buliria com ela quando estivesse a passeio, sentada no banco traseiro revestido de veludo do Ford Bigode 1927 do senhor prefeito, carregando ao colo uma mimosa bonequinha feita de carne e osso, de pele alva e olhos azuis como as águas-marinhas. O prefeito era um homem estimado por suas virtudes políticas e farmacêuticas. Tinha apurado senso estético. Vaidoso, vestia-se com o esmero da moda, um autêntico e encantador dândi. Figura ímpar que, obviamente, se destacava da monotonia dos tipos municipais, comuns e surrados. Talvez, por toda essa série de atributos, as pessoas lhe faziam a condescendência de lhe perdoar a excentricidade de subir a escadaria da Câmara Municipal cantando trechos de ópera e gesticulando como se estivesse num palco. As excentricidades vocabulares do alcaide municipal não necessitavam de desculpas: eram motivo de risos e de

admiração, nunca de escárnio, nem dos mais ferrenhos oponentes políticos, pois revelavam uma cultura vastíssima e anacrônica decantada na leitura dos clássicos universais da literatura e do teatro e de obras jurídicas de peso. Invariavelmente, ele dava início a todo discurso sempre da mesma forma, não importando se o motivo era um batizado, sepultamento, velório, crisma, casamento, inauguração de uma obra pública ou os estragos feitos pelo último temporal na cidade:

- “Ilustríssimos cidadãos municipais desta alvissareira e promissora urbe, nesta ocasião solene em que tenho a subida honra de vos falardes....”

Para o prefeito todas as ocasiões pareciam solenes, mesmo as mais comezinhas e prosaicas, pois o que lhe importava não era o fato em si, mas a visão trágica e melodramática que ele tinha dos fenômenos do mundo e da vida. Na plateia podiam-se ver alguns ouvintes a mover os lábios na repetição dessa abertura de discurso há muito sabida de cor por todos e que parecia uma espécie de latim político ritualístico semelhante ao do latim das rezas proferidas no interior da igreja.

Dandara imaginava que a convivência com o prefeito poderia transmitir a ela, numa espécie de osmose afetiva, a estima que a população a ele devotava.

A imaginação fértil, no entanto, não livrou Dandara do amargo desfecho que o destino lhe reservara bem na semana em que a irmã havia viajado de trem para São Paulo a fim de comprar tecidos encomendados pelos fregueses. A irmã de Dandara era operária de uma fábrica de confecções, morava na

Rua dos Biscoitos, próximo ao Buracão. Costurava muito, não tinha tempo para ela. A costura já dava “panos pra manga”, que dirá Dandara!

Antes do estupro, Dandara teve uma filha. Não sabe quando. O pai da menina era casado. Faleceu em acidente automobilístico. Ansiosa e confusa, entregou a filha para adoção. Ignorava o paradeiro da menina. O destino de Dandara é ignorar a própria história, esquecer-se de sua vida.

A boneca de porcelana, os vestidinhos de renda e organza e o pai prefeito desapareceram por completo de sua vida na noite em que teve uma violenta dor de barriga e expeliu tanto sangue misturado com pedaços de carne viva que teve que ser socorrida pelos vizinhos. Ela passou duas semanas em absoluto repouso: a primeira, com uma prostração que beirava ao torpor e uma febre indomável que não cedia nem mesmo à quantidade excessiva de quinino ingerida. Alimentava-se de caldo de galinha, frutas, pão, leite e mel que almas caridosas da Pia União de Maria da Paróquia do Divino Espírito Santo lhe levavam todos os dias. Elas também cuidavam de arejar o pequeno cômodo enfumaçado pelo fogão a lenha onde Dandara vivia, forravam o colchão de capim com lençóis trocados todos os dias e vestiam os travesseiros com fronhas. A roupa de cama usada e em muito bom estado, sem furos nem remendos, lavada, passada e levemente perfumada pelo sabão de cinzas com ervas aromáticas, foi doada por fiéis caridosos e compadecidos que frequentavam a missa dominical. Dandara se enterneceu com a caridade alheia. Sentiu pela primeira vez na vida que não era tão enxovalhada como parecia. O suave cheiro silvestre

exalado dos tecidos lhe trouxe aos olhos as flores ofertadas pelos paroquianos aos santos da Matriz. Contudo, jamais lhe sairiam da lembrança a imagem do falo equino, o odor do sêmen que ela achou parecido com o da água sanitária, a respiração, a pele vulcânica, o suor escorregadio e os movimentos do titânico sátiro que a arrebatara involuntariamente para envolvê-la em uma fúria que nem em seus pesadelos mais sombrios supunha que pudesse existir. Uma fúria que parecia rasgar suas vísceras por dentro em movimentos ritmados entre os quais ela tentava aproveitar a pequena pausa entre eles para ver se conseguia puxar para dentro de seus pulmões um pouco de ar. Seu sofrimento foi ainda maior porque tudo isso aconteceu anos depois de ter entregado para adoção a filha tida com o homem falecido no acidente de automóvel.

Quando, por fim, conseguiu sair do estupor, Dandara ganhou as ruas novamente para reafirmar sua condição vitalícia de rainha louca da Varginha. Ao por os pés na calçada pela primeira vez em semanas, a luminosidade excessiva do sol de verão naquele céu sem nuvens, turvou-lhe a vista. Ela havia se esquecido de que era dia da folia de reis; foi envolvida pela algazarra dançante e musical do terno de marungos, todos pretos ou mulatos, iguaiszinhos a ela, cujas roupas coloridas fez com que se recordasse da dos palhaços do circo. A alegria de uns e outros parecia a mesma em cores, sons e movimentos, mas Dandara era outra. Tonta e a enxergar pequenas bolinhas flutuantes, luminosas e amarelas, sentou-se na sarjeta até os marungos dobrarem a esquina no final da rua.

“Leve é a dor que pode refletir e usar a dissimulação: os grandes males não podem ser escondidos...” – afirmou o magnífico Sêneca pela boca de Medeia. Dandara não conhecia Sêneca nem Medeia. Ela não fazia reflexões sobre sua própria dor: quando sofria, ela era a dor. Ingênua, sensível, delicada e sempre crente nas boas intenções alheias, não sabia o que é dissimulação, fingir ser alguém que não se é, esconder um sentimento para alcançar um provável benefício. Dandara era Dandara em todas as situações. Nas boas, ria demais e seus olhos brilhavam com uma satisfação infantil e desmedida; nas ruins, chorava até soluçar e perder a respiração.

Cada fato isolado que produz sofrimento causava uma dor indizível; os sofrimentos somados parecem, então, absolutos, imerecidos e absurdos. Os sofrimentos de Dandara eram ao mesmo tempo, indizíveis e absurdos, pois ela não conseguia pô-los em palavras. As impressões sensoriais da curra se lhe apresentavam, ou melhor, se lhe impunham à consciência, difusas, fugitivas, misturadas e sobrepostas num caos aflitivo que parecia almejar a eternidade. Quanto ao merecimento, o amor recebido e as dores havidas, nem os de Dandara, nem os de nenhuma outra pessoa nada devem a ele.

Reclamava para Dona Miminde das pessoas na rua, do povo que não lhe dava sossego. Os religiosos diziam-lhe que pecou. Com raiva, vendeu a bíblia. Tinha medo de soltarem uma bomba no Brasil e ela morrer. Ainda bem que em Varginha não há porto para atracar navios e os alemães não conseguiriam chegar aqui. Há dias em que queria arrancar os cabelos e sumir. Não saberia para onde.

- Dona Miminde, será que os alemães chegam de submarino no Rio Verde? Tem jeito?

- Dandara, a guerra já acabou e os alemães estão muito longe daqui.

Esteve internada no manicômio da cidade vizinha, por algum tempo. A experiência foi-lhe traumática (haveria jeito de não o ser?). Quase morreu. Cortaram-lhe os cabelos. Só pensava em fugir. Outros pacientes se apossaram de suas poucas coisinhas de uso pessoal. O barulho era infernal, não dormia. A medicação enrolava-lhe a língua. Cortaram-lhe os cabelos, isto não se devia!

Dandara gostava de desenhar. Depois da amizade firmada, ela sentava-se nos bancos dos jardins do sobrado, aproveitando a sombra das amendoeiras, abria o caderno e desenhava para Dona Miminde. A maioria dos desenhos que produzia tinha formas geométricas simples e eram coloridos de acordo com seu estado de humor no momento: preto-acinzentados, quando deprimida; vermelhos, quando irritada ou agitada. Eventualmente, desenhava pessoas. Eram semelhantes a ela: raça preta, lábios grossos, carapinha.

- Ah, este aqui está parecendo o preto Bantô da Ifigênia Louca – diz Dona Miminde como se tivesse conhecido pessoalmente o amante da bisavó.

Às vezes, Dandara produzia um conjunto humano primitivo, atávico, arquetípico. Eram formas ancestrais. O protótipo humano de Dandara vinha de longe no tempo, de outro continente. Era quase arqueológico.

Enquanto desenhava, desfiava casos compridos, cheios de detalhes, ora cômicos, ora trágicos. E personagens. Nas

histórias de Dandara havia as histórias de Dona Miminde com as gerações que viveram no casarão dos Vitoriano, as do imaginário popular da cidade e a história de Dandara que se entrelaçava com todas as outras, para compor uma trama de amor e ódio, a trama da vida.

Dandara era uma Penélope sem Ulisses, bárbara e desdentada. Sobrou-lhe o manto, a trama infindável. O Ulisses de Dandara morreu no acidente, não volta. Nunca mais. Restou a penúria – talvez também a delícia – da trama infinda.

Generosos ou raivosos, antinômicos, duais e maniqueístas, os personagens nunca eram indiferentes. As histórias de Dandara pegavam Dona Miminde de surpresa, sempre no meio. O início ela saltava, pressupunha que a velha senhora soubesse. O final necessitava da intervenção da ouvinte. Mas qual Xerazade, a história de Dandara nunca cabia numa só conversa. Tinha meandros amazônicos. Nem que houvesse mil e uma noites. Xerazade às avessas; mestiça, desgrenhada, quem podia se interessar pelas histórias de Dandara, além de Dona Miminde? Era um sem fim, um não-acaba-mais.

Orminda Vitoriano nunca fez troça do analfabetismo e da debilidade mental da preta desgadelhada, mas se divertia com os vocábulos que a outra inventava. E eram tantos inventados que dava para criar um dicionário de Dandarês ou imaginar que Dandara falava um dialeto próprio, invencionice dela mesma. Assim, Orminda era Miminde, saudade era “sôdade”, cair relâmpagos, “relampegar”, e havia outras palavras que ela não conseguia pronunciar, nem mesmo uma única sílaba, como, por exemplo, paralelepípedo. As desse tipo,

tão complicadas e com tantas sílabas, iguais à Maria-Fumaça que puxava um vagão atrás do outro numa fila interminável, pareciam-lhe inúteis. Para que aprender a falar uma palavra tão grande que embolava a língua? Bastava-lhe saber que a rua não era de terra, era calçada com pedra. Quanto à Maria-Fumaça, ela servia para carregar muita gente e muita mala, baú, malotes postais, frutas, legumes, porcos, galinhas, todo o tipo de mercadoria para os empórios, inclusive os penicos de ferro esmaltado que ela achava um luxo que gente fina trazia guardado embaixo da cama para a serventia noturna. Tudo era muito simples. Cada coisa tinha sua utilidade bem definida; a utilidade fazia a coisa existir e era isso que importava.

- Dandara, que bichinho é esse de asas coloridas que está voando ali?

Dona Miminde perguntava só para ouvi-la dizer:

- É uma “brabuleta”, Dona Miminde.

Dandara sabia que, ao contrário dos outros objetos, as “brabuletas” não tinham nenhuma utilidade aparente, a não ser alegrar a vida da gente com seus volteios coloridos em voos cuja rota labiríntica somente elas conheciam. Cada espécie tinha uma forma e cor de asa diferente, todas eram bonitas, e, as asas, recortadas por artesões e artistas se prestavam a ser coladas em imagens ilustradas e antigas de santos como a capa da Santa Rita de Cássia feita da parte azul-violeta da asa de uma *prepona deiphile*. O reflexo azul-violeta de tonalidade profunda, divina e reluzente (“brilhosa”, no vocabulário de Dandara) a emocionava.

Dandara também fazia perguntas extemporâneas e estapafúrdias a partir de palavras isoladas, pinçadas daqui e dali da prosa de pessoas que passavam a conversar na rua ou na praça pública.

- Dona Miminde, o que é Zeppelin?

A velha não se surpreendia mais com as mudanças repentinas de assunto nem com o ideário imprevisível e vagante da outra.

- Tu já viste o "Seu" Pereira da farmácia fumar charuto? Zeppelin é um enorme charuto voador. Ele é oco por dentro e carrega as pessoas de um lugar muito longe para outro.

- "Viche" Maria! – e os olhos da preta brilhavam cheios de uma admiração mística e sagrada, pois a coisa voadora inventada pelos homens era tão surpreendente que podia atravessar o oceano, e, o oceano, conforme Dona Miminde lhe dissera, tinha tanta água e era tão grande e tão mais fundo, muitas vezes mais que não dava nem para calcular, que o açude da Varginha.

E riam-se ambas. Nesses momentos, Orminda Vitoriano se enchia de ternura pela preta que não tinha nada na vida, a não ser o palpitar do próprio coração. Lembrava-se de sua infância, das brincadeiras com palavras dos poemas infantis rimados, cheios de onomatopeias e repetição de sílabas, tique-taque, blim-blão, chuá; das modinhas e das cantigas de roda, dos livros ilustrados e coloridos da biblioteca do casarão. Saudades dessas coisas todas que estavam perdidas em um tempo tão remoto que Dandara nem poderia imaginar que houvesse, porque a existência dela se encontrava absoluta e fenomenologicamente presa ao presente, um presente real,

concreto, de cada segundo contado, e apenas no exato segundo em que era contado, que depois de escoado, não era mais nada porque já havia passado, e, logo viria outro a substituí-lo, ao mesmo tempo igual e diferente. Esse trabalho a pêndula do casarão marcava e reafirmava com seu tique-taque infindável que já havia atravessado séculos. Dezenas dos Vitoriano nasceram, viveram e morreram no casarão; gerações se sucederam. Nada disso alterou o ritmo da pêndula: o movimento e o ruído do vaivém dentro da caixa de madeira tão antiga que parecia petrificada eram e seriam os mesmos desde sempre.

Dandara ouve atenta, e Orminda Vitoriano continua a contar as histórias da construção do sobrado e da temperamental Alma Vitoriano que criava livres, ao redor do edifício, garças e tucanos e mantinha, dentro do sobrado, uma jaguatirica domesticada, que somente permitia criados homens em casa, mesmo na cozinha, por ciúmes do marido. Dandara ouve e bate palmas. A sina das Vitoriano seria amar os maridos, desesperadamente; a dos Vitoriano, serem destemidos e indômitos. A única a escapar desse sortilégio, teve trágico destino: um amor de desgraça que levou à morte e à loucura e cobriu de opróbrio o clã dos Vitoriano por muito tempo, porque a honra, embora portada pelas mulheres, pertence aos homens.

Dona Miminde também narra histórias de dar medo: de escravos fujões, capturados pelo capitão do mato e barbaramente castigados pelos seus senhores; da antiga Rua dos Enforcados, perto da cadeia pública, onde prisioneiros eram executados, da infeliz noiva de um deles que nunca

conseguiu casar-se, depois de ficar conhecida como a 'noiva do enforcado'. Ah, que pena Dandara tinha dela! O vestido de noiva guardado em um baú! A infeliz criatura não dava conta de desfazer-se dele, nem de vendê-lo, emprestá-lo, dá-lo de presente ou, muito menos, de reformá-lo para usá-lo em outras situações. Dizem que a noiva do enforcado morreu muito idosa, o baú com o vestido ao pé da cama. O véu, dobrado em dois, serviu-lhe de mortalha. A caridade de banhar o corpo da velha noiva defunta com água perfumada e de embrulhá-lo no véu com o qual se teria casado foi feita pelas devotas do Divino Espírito Santo. Será que depois de morta ela ainda volta à Rua dos Enforcados à procura do amado? Seria ela a mulher de branco que muitos juram ver a andar pela cidade em noites de lua escondida?

Dandara também tinha medo do cemitério dos leprosos na saída da vila. Depois que ela descia do Largo de São Miguel rumo a Igreja Matriz, virava a Rua de Santa Cruz. Seguia muitos passos rápidos quase a perder o fôlego, até que, mais a frente, em um pequeno largo também à esquerda, dava com a imponente paineira-rosa, copada e frondosa, com uns vinte metros de altura. A paineira ficava ao lado do portão de entrada daquela rejeitada moradia dos mortos, pois todos temiam a doença deformante e assustadora, mesmo depois dos doentes mortos e enterrados. Restava que desde a inauguração desse campo santo, há tanto tempo, ninguém mais se lembrava de quando esses mortos não tinham sossego, pois continuavam a assombrar a imaginação dos vivos com a sua temida moléstia bíblica.

Ela achava bonitas as flores rosas-avermelhadas que todos os anos na mesma época despencavam durante semanas seguidas, antecipando o voo gracioso das painas, que D. Miminde lhe dissera parecer com a neve caindo naqueles lugares muito longe e frios que ela havia visitado com o marido. Um lugar era “Londis”, o outro, “País”, outros tinham um nome tão esquisito e diferente que ela não conseguia se lembrar de jeito nenhum e, se lembrasse, não conseguiria falar porque nome estrangeiro dá nó na língua. Deviam de ser longe mesmo, depois do Rio de Janeiro, lugar mais distante da Vila do Espírito Santo que ela poderia imaginar, muitos e muitos dias andando a cavalo, sem parar.

Dandara achava a paineira linda de doer (tão linda que ela ignorava seus espinhos), mas nunca naquele descampado solitário e ermo em que sempre estava a ventar, quis recolher as flores atapetadas do chão nem ajuntar as painas esvoaçantes para fazer delas um macio travesseiro de sonhos. Tinha medo de levar para casa a floração de uma árvore que se alimentava de defuntos leprosos. Era o que lhe diziam, era no que acreditava. E quando Dandara acreditava, não tinha dúvidas. As certezas de Dandara eram perigosamente verdadeiras e faziam com que no mundo dela as mentiras não existissem e a imaginação fosse feita de fatos palpáveis.

Próximo ao antigo pelourinho, que há muito havia sido removido, escutavam-se, em madrugadas escuras, gemidos dos condenados e dos pretos que iam para o tronco. Orminda viveu algumas dessas histórias e outras lhe foram contadas pela avó materna, Domitila Vitoriano, senhora de muitas posses e poses.

Dandara ouve as histórias fascinada, imaginando-se em cada cena, dando risada das histórias alegres e chorando com as histórias tristes como se estivesse no teatro do circo. E de tanto ouvir as afabulações de Orminda Vitoriano, Dandara acabava por lembrar-se delas como se as tivesse vivido. Assim preenchia os vazios da própria vida com as sobras mnésicas que sufocavam a velha senhora.

MÃE AÍDA E IFIGÊNIA LOUCA

Aída Vitoriano, a primogênita da primeira geração dos Vitoriano, filha de Alma e Fulgêncio, foi também a primeira da família a nascer com o dom maldito dos presságios, dom ausente em toda a linhagem masculina. Sonhadora, deixou como legado essa característica em todas as descendentes dos Vitoriano.

O perigo dos sonhos alados de Aída Vitoriano era não ter onde pousar. Apresentada em uma quente noite de sarau ao alferes Theóphilo Castro, ficou vivamente impressionada, sentiu umas vontades sem jeito. Ele lhe falara quando apresentados, a pretexto de continuar conversação:

- És ainda mais formosa do que me disseram. Soube também que vosmecê ajuda os necessitados. A caridade é uma virtude cara aos olhos do Senhor.

Aída Vitoriano respondeu-lhe da forma que convinha a uma grande dama daqueles tempos:

- Não me elogie. A vaidade é um pecado no qual não pretendo incorrer. Não me preocupo com a beleza e o luxo. Deixo isso para os pecadores.

Na boca de qualquer outra mulher, essas palavras pareceriam secas, quase ríspidas. Ao dizer que deixava a vaidade para os pecadores, Aída logo percebeu que poderia parecer arrogante. Arrependeu-se, melhor seria ter aceitado o elogio e fingido certo ar de recato; não havia como corrigir, desdizer ou fazer emendas no que havia dito. Fora traída pela língua ferina e pela espontaneidade. O alferes, no entanto, não

absorveu da fala o conteúdo, mas atentou para o timbre da voz, o meneio da cabeça, o olhar interessado e ao mesmo tempo escapadiço. Além disso, como Aída pronunciou as palavras com voz baixa e suave, ao alferes elas lhe pareceram a récita de um poema.

- A vaidade em uma senhora como vosmecê jamais seria vício, mas virtude.

Desta vez, por demais desconcertada, ela nada respondeu, esboçou um meio sorriso e retirou-se levando no pensamento a imagem do homem gentil, guapo, de fala pausada e tranquila. O cabelo dele tinha a tonalidade do ouro envelhecido. Como contraste, o olhar vivaz e triunfante denunciava uma vida interior cujo combustível era a paixão.

Não foi preciso mais que essa impressão inicial para que Aída passasse a perceber nos encontros seguintes, em cada frase vaga, em cada olhar perdido e gesto corriqueiro, a insinuação de desejos, a possibilidade de tornar reais seus sonhos mais bem guardados. O amor por aquele homem parecia manifestar-se em cada alinhavo das roupas dela. Na primeira noite em que cearam juntos, Aída pôs sobre a mesa um jarro com flores silvestres que ela havia colhido ao redor do casarão. Na mesma noite, levou o arranjo para o quarto. As flores duraram três meses sem murchar. Ela viu nesse fato inusitado um presságio: o anúncio de um amor verdadeiro e perene. Não se equivocou. Apenas não lhe ocorreu que um amor verdadeiro e perene pode não ser correspondido.

E assim viveu sete anos de sua vida, alimentando diariamente o monstro voraz da fantasia. Sonhava com coisas que nunca iriam acontecer, chorava por um afeto que supunha

correspondido, suspirava lembrando-se dos toques das mãos – para ela mais que simples gestos da etiqueta social, prenúncio de outras desejadas carícias.

Na reunião dos fragmentos das lembranças, logo construiu um mosaico cujas peças eram os olhares fugidios do alferes; aquele cumprimento um pouco mais demorado que os outros do qual guardava a sensação do calor da mão dele a atravessar o tecido da luva que ela usava. Mesmo sem nenhum contato físico além desses, a convivência entre eles resultou em uma intimidade quase tão intensa quanto a proporcionada pela conjunção carnal e daí retirou toda sua força imorredoura, alimentada pelo erotismo do olhar e ser olhado, admirar e ser admirado; o sorriso que lhe pareceu enigmático enquanto ele cortava a carne no prato do jantar; o suspiro indefinido ao qual ela não soube a que atribuir e inúmeros outros detalhes e situações costurados pela infinidade dos sonhos dela dava sentido àquele aparente caos: com certeza ele a amava. Desavisada dos desencontros da vida, iludida num quase delírio, preparava secretamente o enxoval, rendilhando sonhos e ilusões de um amor que nunca seria dela, enquanto trazia o bastidor entre as mãos a bordar floradas em ponto de cruz.

O tempo dela era o do “se”, uma permanente e angustiante espera: Se ele chegar um dia a dizer que me ama! Se ele me roubar um beijo na boca e eu me sentir entontecer em seus braços! Se ele me mandar uma carta de amor e me pedir que faça um sinal de que lhe correspondo na hora do jantar: dobrar o guardanapo de determinado modo; pôr um talher atravessado de um jeito diferente sobre a mesa; deixar

como que por esquecimento ou distração, uma flor sobre o prato dele!

Não há desejo contido por força das convenções sociais ou por outros motivos que uma hora não aflore, repentino, à procura de seu alvo como flecha certeira, ou, sob as mais variadas, surpreendentes ou improváveis máscaras. A irrupção do desejo de Aída Vitoriano se dava quando, nas agradáveis noites de sarau, punha-se a tocar Beethoven ao piano de forma absolutamente tempestuosa, arrancando de cada nota dedilhada um lamento, um suspiro dolorido ou uma promessa desfeita em acordes que lembravam o bater furioso das ondas do mar nas pedras quando uma tempestade se anuncia trazida pelos ventos. Era incrível que ela tivesse adquirido tal destreza tendo se iniciado com as modestas partituras do “Répertoire des jeunes pianistes”. A performance não traía o segredo nem revelava nada que pudesse ser socialmente reprovado, pois ninguém ali, talvez nem mesmo ela, conseguisse estabelecer a conexão entre o desejo amordaçado e o arrebatamento artístico musical.

Imaginava o dia em que após ele ter-se declarado, ela lhe confessaria o seu amor desmedido:

- Esperar-te-ia por toda a minha vida, e, quando ela se acabasse, esperar-te-ia mais que uma vida.

Somente algo burlava a coerência da delicada construção: por que, então, ele não se declarava? O que o impedia? A timidez? O recato excessivo? O medo da recusa? A titulação epopeica dos Vitoriano? As convenções sociais que separam os ricos dos pobres? A desaprovação da família dela? Mas como, se Aída lhe dera a entender que o amava e para

isso empregou todas as formas e meios adequados a uma senhora, aqueles que preservam o pudor, o recato e a dignidade? Ele tinha todos os motivos para se sentir seguro e se declarar. Por que permitia que ela o amasse, se não poderia lhe devolver na mesma medida o afeto recebido? Não seria um disfarçado e mórbido exercício de crueldade?

Por mais que pensasse, Aída Vitoriano não conseguia compreender a razão da demora. A espera passou a lhe angustiar ainda mais. Se chegasse um negrinho qualquer de recados, imaginava um bilhete ou carta com a desejada declaração de amor. Se ouvisse o trote de um cavalo ou o ruído de uma charrete em frente ao palacete, via o homem apear para finalmente lhe dizer que a amava. Se batessem a aldrava, poderia ser ele chegando para surpreendê-la com uma visita inesperada e uma declaração impetuosa e repentina. Horas antes de ele chegar para o jantar ou para o sarau, Aída tinha palpitações e suores nas mãos. O som da voz dele lhe causava frêmitos.

Nunca chegaram a ficar a sós e, por isso, foi fácil para as pessoas – mesmo as pouco perspicazes – perceberem nos repetidos encontros de salão o interesse especial que o alferes despertava em Aída. Ela não ignorava a diferença de posição social entre ambos, diferença que todos faziam questão de lhe apontar como se não tivesse percebido, mas nada disso lhe importava: queria ser a sombra onde aquele pássaro indômito pudesse procurar abrigo.

Além dos encantos que percebia no homem, tinha uma impressão romântica das patentes militares e das funções que lhe pareciam nobres, idealistas e com um toque de aventura

que muito lhe agradava. Aventuras que, certamente, seriam muito diferentes do cotidiano das mulheres da casa-grande com seus dias bordados no bastidor, suas rendas tecidas com os sonhos mais improváveis, seus doces cozidos nos tachos de cobre e a mobília cheirando a óleo de peroba. O amor fez com que Aída ignorasse as convenções sociais e o apelo do pai; ele chegou a lhe ameaçar dizendo que a mandaria para um convento, para que ela se afastasse do "sargentão".

Para o alferes Aída reservava a melhor porção da sobremesa, o lugar de maior destaque à mesa, dava-lhe a carne já cortada no prato, as frutas mais aromáticas e saborosas, a toalha mais macia para lhe enxugar o rosto e as mãos. A bacia de porcelana onde ele cuspia, ela mesma fazia questão de lavar, escondida, para espanto das pretas. E dele, o que recebia em troca? Um silêncio que não conseguia entender, um silêncio que a fazia esperar e sofrer. Derramava lágrimas de saudades se passasse mais de um dia sem vê-lo; de solidão, quando imaginava, quase num pesadelo, que ele poderia nunca se declarar, e, de desespero, quando a saudade e a solidão se mesclavam num sentimento único para torturá-la em uma angústia sem fim. Então, molhava o linho dos lençóis com a copiosidade de suas lágrimas, grossas bagas de sal líquido. Sofria quieta, sufocada pelo desejo, pelo medo da verdade que se recusava a perceber, pelo pavor da solidão na qual via sua vida submergir até o seu último dia, caso não pudesse dividir sua alma com aquele homem que lhe parecia o mais belo e desejável de todos. Queria fazer parte da vida dele; ele já era parte da sua desde o instante desafortunado em que pôs os olhos nele: aquela espécie de pássaro não busca abrigos

em sombras, pelo contrário, quer atirar-se como Ícaro à luz do sol.

Um dia, ao sair da missa dominical, Aída Vitoriano viu-o de modo inesperado na luminosa manhã de início de inverno. Seu coração encheu-se subitamente de uma alegria transbordante e inútil. O olhar dele trazia na profundeza quieta as pausas assustadoras que precedem os abalos sísmicos secundários. O sorriso, meigo, terno, fugitivo, fê-la lembrar-se dos peixinhos que em sua infância tentava apanhar com as mãos nas margens do açude. Escorregadios, da mesma natureza do lodo verde-musgo, impossíveis de serem pegos.

Dessa vez, a surpresa do encontro não a deixou cega e muda aos sentimentos que deveriam ser ditos, mesmo que de modo oblíquo, o único modo que permitiria a si mesma. Disse-lhe que fazia nove anos, quando, em uma noite de seis de junho, ele adentrou-se em sua casa, sozinho, pela primeira vez, e que, no próximo ano, seriam dez. Ele surpreendeu-se com a revelação. Aída ficou sem saber se a surpresa seria pelo fato de ele achar que nove anos são muitos já passados sem que ele se desse conta: a ele nem parecia que seriam tantos, ou, pior, nem se dera ao trabalho de contar no calendário os dias que se passaram daquele encontro, pois o significado para ambos era de natureza bem diversa; ou, pelo fato de ela transformar um evento absolutamente desimportante em data quase religiosa para ser lembrada e rememorada como se fossem estações de sentimentos a se suceder no tempo imaginário dos afetos. Para ela, o encontro havido importava em tudo. Para ele, não passaria de uma banalidade que não deveria ser levada em consideração.

Antes de se despedirem, Aída teve o ânimo de lhe dizer (uma última esperança que o futuro revelaria igualmente vã) que os encontros entre eles ainda eram possíveis e que essas possibilidades poderiam trazer outras dentro delas, mas que dia haveria de chegar que um deles receberia a notícia da morte do outro. Nesse dia, não caberia lamento algum por parte do sobrevivente, pois as possibilidades foram dadas e ninguém pode culpar ao destino se elas não foram devidamente aproveitadas. O olhar dele encheu-se de um espanto úmido com essa fala abrupta, quase trágica, porém, verdadeira e que lhe pareceu como se tivesse a receber um ultimato, não dela, Aída, mas de uma vida futura que se deixa esvair sem cuidado e sem culpa; a voz emudeceu em sua boca.

O silêncio emocionado dele revelou a Aída Vitoriano que nada mais lhe restava a não ser a dura crueza de tentar preservar o resto da dignidade espancada por um sonho que acabava de se desfazer à sua frente. Ela, repentinamente, pareceu compreender tudo; baixou o véu preto sobre o rosto e assim eles se despediram, tão inesperadamente como haviam se encontrado. Em um instante, o vulto amado dele misturou-se com os das pessoas na rua e evaporou-se na claridade translúcida do dia.

Depois da surpresa, Aída voltou ao casarão, tomou uma caneca de fumegante e cheiroso café, saboreou uma broa de milho crocante que se desmanchou em sua boca igualzinho aos suspiros que somente a preta cozinheira do casarão sabia fazer. Debruçou-se no peitoril da janela a ver os pretos a trabalhar tão ao longe que pareciam formigas transportando restos de folhas picadas.

Aída não conseguiu chorar, não mergulhou nos seus sonhos costumeiros de quando via o homem amado e não anteviu futuro algum para si a não ser o de estar ali, debruçada na mesma janela em que sua mãe já havia estado. Janela em que, certamente, suas filhas e netas também se debruçariam até o tempo inimaginável em que o casarão restasse erguido a fazer pouco dos sonhos de cada uma delas e a dar um valor sobre-humano às conquistas dos homens que o ergueram para pôr dentro dele suas mulheres sufocadas de desejos e ânsias irrealizáveis e a glória de todos eles que poderia ser medida em arrobas de ouro, pedras preciosas, engenhos de cana-de-açúcar, café, e, acima de tudo, uma honradez viril de que ninguém ousaria duvidar nem afrontar.

A fantasia de tão sólida e inexpugnável aparência ruiu por completo na tarde em que lhe anunciaram o noivado do alferes com uma prima dele, parente distante dos Vitoriano. De tão inesperado, o anúncio pareceu a ela, fantástico, custou-lhe noites de insônia e seu peito lhe pareceu um deserto sufocante, pois suas lágrimas haviam secado, seus soluços foram engolidos e o tremor de desejo que avivava seus músculos se transformou em languidez, apatia e desinteresse pela vida. Com o tempo, ela formou a percepção intuitiva de que é impossível competir com sonhos que não foram vividos. Eles moram na imaginação, no quase; lá eles vivem perfeitos e insatisfeitos. Ela somente não sabia que sua vida toda seria um quase.

Antes, no tempo doloroso da dúvida em que ainda lhe restava o consolo do mais promissor dos sentimentos – a esperança, ela fitava o alferes com o olhar derramado de

afeição. Agora que a certeza da derrota definitiva havia-se firmado, olhava-o como um passageiro que chega atrasado ao cais e vê ao longe o vapor se confundir com a linha arredondada do horizonte, um horizonte inalcançável, perdido para sempre. Aída Vitoriano recusou-se a ir ao casamento e a despedir-se do casal, que se mudou logo após as bodas, para uma fazenda nas terras altas da Mantiqueira. Ela nunca mais os viu. O rosto dele, no entanto, ela o veria para sempre em sua lembrança de equívoco azul-hortênsia envolta em sombras de flores.

A partir de então, passou a carregar a dor da impossibilidade mais cruel: a certeza de saber que ele jamais seria seu, não apenas no presente, agora, que o desejava ardentemente, mas da impossibilidade do nunca, do para sempre, o que eternizava a insatisfação na ruína de seus sonhos e no amargor de uma vida vivida na ausência do que ela imaginava que lhe poderia bastar. Restou-lhe – triste fado, o consolo algoz das próprias lembranças.

Esses acontecimentos transformaram Aída Vitoriano numa matriarca aparentemente glacial. Apesar da certeza das impossibilidades, ela jamais conseguiu apagar por completo os vestígios da antiga ternura, nem despedir-se verdadeiramente das supostas promessas de amor recebidas. Passou a vida nesse hiato que tinha a propriedade de ser, ao mesmo tempo, realidade, fantasia e desejo. Que importa? São coisas inseparáveis. A esperança sofreu uma modificação com o inevitável desgaste da passagem dos dias: do “amanhã ele vai bater à minha porta” para “um dia ele ainda vai bater à minha porta”. Essa modificação permitiu que Aída Vitoriano

continuasse a esperar indefinidamente, porém, sem a angústia e o sofrimento dos primeiros tempos.

Desiludida com a vida e com o amor, Aída Vitoriano entregou-se sem resistência nem entusiasmo ao casamento que o pai lhe arranjou com o primo Antônio. Então, ao lado desse homem bissexto, que lhe despertava apenas desprezo e a fazia sentir-se ainda mais só, sua infelicidade se tornou real e completa. Os pretos viviam oprimidos pela escravidão e, ela, branca, pelo convencionalismo. Passou a temer as tempestades com raios e trovões: durante as chuvas não segurava tesouras nem facas, cobria os espelhos do palacete com lençóis e toalhas, emborcava um prato atrás da porta da cozinha para deter o vento. Um espelho é a passagem do mundo. Em qual deles seu rosto se perdeu? Em qual deles seu rosto se esfacelaria?

Tal como um livro, o espelho do quarto trazia dentro dele muito mais que o mundo antigo da época em que foi feito e os rostos das Vitoriano com seu viço, rugas, silêncios e esperas que jamais teriam fim. Aquele espelho, portanto, abria a janela do tempo da coexistência simultânea em que todos os fatos eram vividos apenas como parte de um presente indevassável e absoluto que impedia o passado de ser o tempo das coisas idas e retirava do futuro a dúvida e a expectativa, porque ele traria somente mera repetição ou, no máximo, uma semelhança perigosamente disfarçada de rompimento que poderia induzir seu incauto coração a ter esperança. Não havia caos nessa mistura: o passado nunca se esvaia por completo, o futuro chegava a conta-gotas. O miolo do presente absorvia,

lentamente, por osmose, elementos de ambos como uma fatia de pão em que se passa geleia dos dois lados.

As rosas vermelhas deixaram de ser suas flores prediletas, agora lhe pareciam tempestuosas e pouco oportunas. De vez em quando e ao longo de toda a vida, sonhava com o alferes um sonho que se repetia: Ele chegava ao palacete, batia à porta e, ao vê-la, tinha os olhos úmidos de lágrimas. Sem camisa, tomava suas mãos e a abraçava. Dizia ter reconhecido tarde demais que a amava. Logo estavam abraçados, nus, na cama e, quando os afagos principiavam, o sonho acabava. Nesses dias, Aída acordava radiante. Para ela, o tempo não trouxe a ruína completa dos desejos, apenas deixou-os em infusão como as ervas do chá numa xícara tampada pelo pires.

Na maturidade, Aída Vitoriano passou a contar a passagem do ano não pela sucessão das estações, mas pelo tempo das coisas: o tempo da Folia de Reis, o do entrudo, depois, o da Quaresma e o das enchentes das goiabas, o da Páscoa e o do Corpus Christi, e o que vinha quando acabava o inverno para trazer o barulho ensurdecedor e fino das cigarras, seguido pelo tempo da revoada dos milhões de aleluias em meio ao chuvisco incessante que anunciava a proximidade do final do ano e os preparativos para o Natal.

Envelheceu com um coração que havia arquitetado a própria ruína e na dureza dos traços do seu rosto ainda sobrou um resto da antiga doçura açoitada por toda uma vida de trabalho, contenção e poder. Nos tempos longínquos de sua juventude, imaginava, ingenuamente, que o amor e o desejo de amar eram possíveis somente aos jovens. Quando a idade

desfolhou os anos no seu rosto, percebeu-se renovada pelo desejo que não fora extinto, mas a tristeza infindável era a mesma de outrora. Pensou, então, que a Aída Vitoriano envelhecida era apenas a imagem espectral que os outros viam e que a verdadeira Aída havia congelado sua face no tempo no dia do anúncio do noivado do alferes.

Salve, regina, mater misericordiae...

Uma noite antes de o marido morrer repentinamente vitimado por uma apoplexia fulminante, Aída Vitoriano teve um presságio.

Noite pesada de chumbo, sem aragem; cerradas as incontáveis janelas do casarão distribuídas pelos dois pavimentos das diversas alas da construção em "U". A lua ia alta no céu, também denso, sem estrelas. Mesmo assim, algumas velas do lampadário holandês de teto se apagaram, envolvendo o salão do sobrado em fina névoa azul-acinzentada.

Vita dulcedo, et spes nostra, salve...

Foi neste momento que Aída Vitoriano, recostada em um dos sofás e quase a adormecer, ouviu um tropel de cavalos adentrar-se pela cozinha e tinir as ferraduras no chão de cerâmica. Por breve instante pensou no marido que ao regressar de viagem com os tropeiros trazia lotes arreados com mantimentos, mas um pouco mais desperta, percebeu o inusitado da situação.

O galope chegou até a sala. Aída Vitoriano nada viu, apenas ouvia o tropel circular entre o mobiliário e sentia vibrarem as largas e grossas tábuas do chão. Não gritou pelas mucamas. Não se lastimou pela ausência do marido. Estava

surpreendida, não amedrontada: desde menina acostumara-se com o incomum em sua vida que de tão intensa, por vezes, confundia-se com os sonhos.

Ad te clamamus exules filii hevae...

Ela fez o sinal da cruz e retirou-se para o quarto de dormir. Quando chegou ao topo da escadaria, o ruído do tropel desaparecera. A madeira das incontáveis janelas do sobrado estalava, mas devia ser por causa do calor do dia, transformado no mormaço da noite. Ajoelhada na beira da cama pôs-se a rezar o salve-rainha em latim:

Salve regina mater misericordiae...

Enquanto rezava, uma voz, que ela acreditou ser de Dona Isaura Albuquerque, pelo sotaque dos Açores, a finada bisavó de Antônio Vitoriano, seu marido, acompanhava a reza, repetindo palavra por palavra, escandindo as sílabas, num leve, porém, audível sussurro. A proximidade da voz era tanta que quase pôde sentir o hálito e a presença.

Ad te suspiramus gementes et flentes...

Isaura Albuquerque havia sido denunciada aos representantes do Santo Inquérito por prática de bruxaria. Ela cozinhava habitualmente, em tachos de cobre, ervas medicinais, guardava as infusões em recipientes de vidro e as aplicava em cataplasmas nos enfermos. Criava gatos, seus animais de estimação prediletos e não tinha receio de atender àqueles que a procuravam altas horas da noite, caminhando altiva em meio às trevas, com seus emplastros, ataduras, tisanas e especiarias. Foi o bastante para a formalização da denúncia por um primo. Os examinadores do Santo Ofício juntaram os indícios das atividades noturnas suspeitas

acobertadas pela neblina e pela fria luz lunar com as provas encontradas no corpo de Isaura. O diabo havia deixado uma marca bem visível em suas costas quando fizera sexo com ela: uma cicatriz de queloide em forma de meia-lua. Além disso, Isaura gritou impropérios ao ser posta nua em uma sacristia para ser espetada por alfinetes. Até mesmo um exemplar da terceira impressão do livro "Arte de Cozinha", de Domingos Rodrigues, que obteve licença do Santo Ofício para publicação em 1.679 e foi encontrado junto com papéis avulsos de receitas de infusões, foi considerado obra indevida, pois incentivava o pecado da gula. Não havia mais, pois, dúvidas da ligação de Isaura com o demônio. No julgamento do Santo Ofício, por pouco ela livrou-se de morrer na fogueira, mas teve espoliados pela Igreja todos os seus bens dos quais o primo denunciante recebeu expressiva parcela.

In hac lacrimarum valle...

Encarcerada, apartada da família, tendo perdido os bens e os gatos que foram atirados em um caldeirão com água fervente, tratada a pão e água, e, agora, olhada com desconfiança e medo por todos, Isaura Albuquerque passou a ter delírios e visões, o que confirmava a possessão demoníaca e, depois, morreu na miséria, mendigando restos de comida pelas ruas, vestida de andrajos. Ela que ajudara a tantos, não pôde ser ajudada por ninguém, pois quem se atrevesse a ajudá-la afrontaria a Igreja e poderia ser acusado de pacto com o diabo.

Vez ou outra, separados por intervalos de semanas ou de meses, fatos estranhos aconteciam no sobrado e os moradores de cada geração foram aprendendo a conviver com

eles de tal modo que, embora ainda inexplicáveis pela razão científica, terminaram por perder a aura de assombro.

Velas e lamparinas apagavam-se sem que estivesse soprando a menor brisa, batidas nas portas de madeira altas horas da noite, ruídos de passos pelos infindáveis corredores e sussurros de palavras ou de frases, em geral de preces, em idioma ioruba, tupi ou português, eram fenômenos de ocorrência frequente.

Eia ergo, advocata nostra, illos tuos...

Na época em que D. Fulgêncio Vitoriano, pai de Aída, ocupava todo o seu trabalho na delimitação das terras, durante a aragem de um monte para o cultivo de cereais, encontrou um antigo cemitério indígena. Ao lado de inúmeras peças líticas e cerâmicas de uso bélico e cotidiano desses silvícolas como machadinhas, pontas de lanças e tigelas, foram achadas várias igaçabas com restos de ossadas. O cemitério fora, pois, violado. É bem verdade que ele se encontrava distante do sobrado, porém, ainda assim, em terras da família.

Misericordes oculos ad nos converte...

Aída Vitoriano acreditava que índios e pretos tinham alma como os brancos, apesar de a Igreja Católica, Apostólica, Romana dizer o contrário (os pretos eram cativos por causa do pecado e cabiam-lhes castigos, pois era das obras de misericórdia castigar os que erram). Com isso, equiparados aos animais, podiam ser explorados sem culpa como bestas de carga pelo homem branco europeu ou até pelos crioulos. Os cemitérios de qualquer povo são invioláveis. A profanação feita pelo patriarca da família, mesmo não intencional, era de mau

augúrio e poderia dar origem a uma sina nefasta para os Vitoriano e seus descendentes.

Na sombria noite do Dia dos Mortos em que Aída Vitoriano sofria com as dores do parto para dar à luz a menina que teria o nome de Ifigênia, a parteira colocou sobre a barriga da parturiente as relíquias dos Santos e debaixo da cama uma tesoura aberta para cortar as dores. Neste momento, ouviu-se a voz de uma criança índia rezar na cabeceira o pai-nosso em idioma tupi. Aída interpretou os fatos como um castigo pela violação do cemitério e como um mau presságio para a vida da filha. Antônio Vitoriano não lhe deu crédito, chamou-a de visionária, proibiu-a de se referir novamente ao assunto. Aída nunca mais lhe relatou episódio algum desta natureza e calou em seu peito as incertezas quanto ao futuro da menina. Ela trazia a alma fraturada de mágoas do marido, todas mudas e sem perdão. Naquela casa, desde sempre, as mágoas estavam condenadas a virar ressentimento e os ressentimentos acumulados, amarguras e culpas sem fim.

Et Jesum, benedictum fructum ventris tui...

O segundo presságio quanto ao destino da filha, Aída Vitoriano teve quando Ifigênia menstruou-se pela primeira vez, aos quinze anos de idade.

Naquela noite, sonhou com a igreja ricamente ornamentada para a cerimônia do casamento e repleta de convidados. Ifigênia entra na nave com um alvíssimo vestido de noiva, acompanhada pelo pai. Na beira do pequeno lance de degraus que dava acesso ao altar-mor, o pai a passa aos braços do noivo. Quando Ifigênia toca os braços do noivo, subitamente, a cor do vestido se transforma, por breves

segundos: primeiro, em vermelho vivo, do mesmo tom da cor do sangue que se derrama, para espanto e grito dos convidados e, depois, tinge-se de negro, como em um luto fechado e profundo.

A impressão causada nos presentes foi de terror e o comprido véu que cobria toda a cabeça da noiva e se arrastava pelo chão, metros atrás, contribuía para emprestar à cena um aspecto ainda mais fantasmagórico.

Nobis post hoc exsilium ostende...

Quando, logo em seguida, o vestido volta a ter a cor branca original, Ifigênia dá um grito que ressoa pelas paredes da igreja como sucessão de cristais que se espatifam no mármore, provocando uma revoada de andorinhas. Depois, segue-se um silencio sepulcral. Ifigênia cai morta aos pés do noivo, embrulhada no véu como se este fora sua mortalha.

Ao acordar, Aída Vitoriano teve certeza absoluta: o futuro reservava para Ifigênia uma tragédia que arruinaria sua vida, abalaria a família e todo o povoado do Espírito Santo. Aída Vitoriano desejou estar morta para não viver tamanha desgraça.

Oh, clemens, oh, pia, oh, dulcis virgo Maria.

Após a reza, Aída Vitoriano deitou-se e adormeceu imediatamente. Teve um sono pesado de chumbo como as noites em que a bisavó do marido saía pelas trevas em sua peregrinação de curandeira.

Anos depois, em um tempo e em uma situação que nunca imaginara para si e que não desejaria para ninguém, inválida e gorda, ao ser banhada pela filha Ifigênia, se surpreenderia com o próprio olhar enevoado posto em uma

pradaria das terras altas da Mantiqueira que somente ela era capaz de ver com seus olhos amorosos. Uma pradaria atapetada por azevém verde-musgo dançarino do vento, de onde o amado Theóphilo Castro poderia correr até ela de braços abertos com seu longo cabelo de ouro velho.

Depois do amor fracassado e do casamento com um homem que jamais conseguiria desejar nem amar, pouca coisa restou a Aída. Para passar o tempo, envolveu-se com os afazeres da cozinha e da mesa. Aprendeu como poucas pôr uma mesa farta, repleta, sortida das mais diversas iguarias, doces e salgadas, com receitas únicas, criadas por ela, testadas repetidas vezes, quando quantidades mínimas de cada ingrediente eram alteradas, até se chegar à fórmula considerada perfeita, exata, a ser repetida em futuros jantares ou almoços. As receitas ficariam guardadas em segredo, num grosso volume, escrito a bico de pena com desenhada caligrafia.

Criara um delicioso prato, feito com galinha do mato cozida num molho de polpa de maracujás, com água e vinho doce, servida com rodelas de abacaxis passados na gordura fervente de porco, com uma pitada de sal. Muitos convidados torciam o nariz para acepipes tão extravagantes, nunca vistos em outro lugar, mas não havia quem tendo experimentado, não gostasse.

Na cozinha, gamelas de todos os tamanhos, panelas de ferro e pedra, tachos enormes de cobre polidos com areia fina extraída do Rio Verde ou do Rio Palmela e lavados com suco de limão e sabão de cinzas e abacate. Fogão a lenha, feito de pedra, e uma larga mesa de madeira, onde poderiam tomar

refeições trinta pessoas, acomodadas em dois compridos bancos de jacarandá, dispostos nas laterais. Encostados nas paredes, pequenos tonéis de madeira, com banha de porco, onde se punham as carnes salgadas. Diversos armários e prateleiras guardavam pequenas caixas com doces: goiabada-cascão, bananada e marmelada e cristalizados de mamão e abóbora, feitos para durar todo o ano. Os doces em calda, de figo, limão, abacaxi e laranja ficavam em compoteiras de vidro, no guarda-comida da sala de jantar. Assim era a cozinha do sobrado, nos tempos dos poemas culinários de Aída Vitoriano.

Ela também auxiliava a criadagem na cozinha: descascava frutas e legumes, preparava carnes e molhos, observava o tempo e o ponto de cocção dos cereais e inventava o composto de temperos de ervas, folhas, líquidos, óleos e pastas que tornava inigualável e inconfundível o sabor e o aroma de seus pratos.

Na imensa lavanderia, nos fundos do sobrado, Aída Vitoriano se debruçava sobre tinas de madeira para lavar, com sabão de cinzas, as roupas de cama de linho branco monogramado, as toalhas da toalete de algodãozinho ave-maria e as finas cobertas de mesa com trabalhadas rendas e pontos de bordados, além das vestimentas dos homens e das mulheres. Extremamente zelosa com as cobertas de cama e de mesa, não permitia que preta alguma as lavasse.

Na arrumação da casa, cuidava do polimento das pratarias e ajudava os criados a derreter as sobras das velas em vasilhames de pedra, no fogão de lenha, para formar uma pasta de cera e esfregá-la nas tábuas de chão das salas e quartos com um pesado escovão de ferro de cabo de madeira

cuja base de contato com o piso levava um pano embebido no preparado.

Aída Vitoriano envolvia-se nessas empreitadas não por precisão de necessidade, que não havia, mas por desejo. Acreditava na vida feita de infinitesimais gestos de ternura, ela os efetuava com a delicadeza de uma bordadeira que, tendo o bastidor entre as mãos no qual se encontra firmemente estendido rico cânhamo, borda arabescos com fios de ouro (Onde abrigar as coisas do mundo, a não ser no coração?).

Ela guardava na imensa adega do sobrado – um cômodo subterrâneo cujas paredes eram revestidas por grandes tijolos à vista, chão e escada de pedra – algumas dúzias de garrafas de vinho tinto das melhores safras portuguesa e francesa. Vivia a aguardar uma ocasião muito distinta para abri-las, mas o tempo passava e a especialíssima circunstância nunca dava os ares de sua graça: nem o nascimento dos filhos, os batizados e aniversários, o casamento de Ifigênia, filha adorada, suas próprias bodas de vinte e cinco anos, os festejos e quermesses do povoado. Nenhuma dessas comemorações lhe pareceu suficientemente grandiosa para que desejasse abrir uma única garrafa que fosse.

Ao envelhecer, tornou-se inválida das pernas e muito gorda, trazia o cabelo em bandós, preso na nuca por meio de um coque, roupas de viúva nunca tiradas. Tinha o antigo costume das portuguesas abastadas: punha no pescoço e braços muitos cordões e relicários de ouro como que para compensar com o brilho das joias o estrago que o tempo havia feito no rosto; talvez por isso, não se visse a mesma prática de paramentos nas meninas. Desinteressou-se pelo mundo

externo. Odiava ainda mais os dias de Carnaval, com os despropósitos do Entrudo, tanto o popular quanto o familiar, alegria excessiva que considerava pouco civilizada e lembrava-se com indignação quando besuntaram a escadaria da Matriz com banha de porco para verem sua amiga, a gorda Don'Ana Milagres, rolar escada abaixo; quando encheram de pimenta a sopa de respeitado coronel da Guarda Nacional, que, alérgico, tossiu até ficar com a face arroxeada e quase morreu asfixiado; quando jogaram baldes de água fria no senhor idoso e respeitável, morador de um assobradado próximo ao açude, ele contraiu pneumonia e faleceu duas semanas depois, e, da vez em que, ela própria, num abuso que jamais deveria ser dirigido contra uma senhora, fora atingida no colo por limões-de-cheiro e bolas umedecidas feitas de pasta de cinzas amassadas, atiradas por um desocupado bêbado. Depois disso, não saía às ruas em dias de Carnaval e recusava-se a aceitar convites para almoços. Sabia muito bem que os arroubos da multidão terminariam nas molhadelas e enfarinhamentos que detestava.

Guardava as cartas recebidas sem se dar ao trabalho de lê-las e muito menos, de respondê-las. No entanto, não as jogava fora; coisas preciosas deveriam estar ali escritas. Sua atitude parecia a de um mergulhador que, ao invés de buscar pela pérola, contentava-se em contemplar a ostra e a imaginar seu segredo. Lia diariamente antigos livros portugueses de devoção, provava o ponto dos doces, tomava da sua tisana amarga sem pestanejar, ensinava pontos de bordados às pretas, distribuía os afazeres para as rendas e para a costura. Quando os pretos faziam coisas erradas ou mal feitas, ralhava

com eles com uma braveza fingida que não intimidaria a mais ingênua das crianças. Se percebesse que alguma mucama ficara amuada com qualquer entrevero, dizia logo: - Vem cá, fazer cafuné na nhanhá que a cabeça me dói. E todo aborrecimento ia embora naquele contato que era um gozo para ambas. Era uma doçura ser escravo de nhanhá Aída, naquela espécie de tribo matriarcal e isolada do mundo em que o clã Vitoriano se transformara ao longo do tempo, onde os filhos dos pretos eram propriedades dos filhos dos Vitoriano, criando entre eles uma situação de hereditariedade paralela, simultânea e cheia de afeto. Qual Vitoriano não fora amamentado também por uma ama-de-leite preta? Qual Vitoriano não dormira, às escondidas, com uma preta? As crianças pretas e as da casa-grande cresciam e brincavam juntas pelas estrebarias, pelas capoeiras, pela senzala e pelos corredores e jardins do sobrado. Muitas vezes faziam juntas as refeições e comiam sementes de abóbora assadas para combater os parasitas intestinais.

Nos seus dias de bom-humor, Aída Vitoriano brincava com qualquer preto ou preta, principalmente as crianças e jovens:

- És meu bichinho de estimação?

De início, já no aguardo da insistência, eles não davam a resposta costumeira: um abano de cabeça de consentimento que lembrava o de um cachorrinho satisfeito ao ver o dono e um leve sorriso que não chegava a mostrar os dentes. Por fim, vinha a resposta esperada após a repetição da pergunta. Nessas ocasiões, Aída e o preto explodiam em risos e toda a

cena terminava em cafuné feito na sinhá do sobrado aos pés da cama ou nos estofados do salão.

Aída Vitoriano sempre teve uma compleição forte, carnuda, cheia de suco, ombros e peitos fortes. Os decotes dos vestidos evidenciavam as costas roliças em que não se via sinal algum de ossos. O cabelo era soberbo e sedoso, tratado com gordura de cavalo. Agora, com a extrema exacerbação desses atributos, gorda, inválida e demente, era carregada pelos cômodos do palacete num devotamento de procissão do Divino Espírito Santo, sentada na imperial cadeira de imbuia envernizada, semelhante à cadeira gestatória papal, com braços, alto espaldar terminado num entalhe de flor-de-lis, assento e encosto de couro trabalhado em desenhos feitos a ferro e fogo, e os pés dianteiros, terminados em patas de leão, pregados em ripas cilíndricas lixadas e enceradas, um tanto côncavas devido ao peso excessivo suportado diariamente.

Muitas vezes, ninguém sabia ao certo se Aída Vitoriano alucinava ou se conversava mesmo com os espíritos. Nessas situações, ela dizia sentir o cheiro quente do algodão passado a ferro de brasa depois de alisado por um pano úmido.

- Sinhá está passando roupa! Sinhá está passando roupa!

Familiares e criadagem a olhavam com espanto, mas ninguém se atrevia a rir, pois quem poderia garantir que, em algum canto da casa, onde ninguém pudesse ver, não havia mesmo uma antiga sinhá a passar a ferro a roupa de vestir?

As crianças da família se divertiam ao brincar com ela tratando-a como a uma imensa boneca gorda e falante à qual podiam vestir toucas e aventais feitos com retalhos de tecidos e bordados pegos da caixa de costura. Desfaziam-lhe o coque

para pentear a cabeleira, repartida em cada lado da cabeça em duas longas tranças perfumadas e untadas com óleo de amêndoas, às quais lhe atavam fitas e laçarotes coloridos nas pontas e próximo à junção do cabelo com o couro cabeludo. Aída Vitoriano se entregava aos folguedos infantis com uma resignação mansa e tranquila, com um sorriso de Mona Lisa, pois não percebia na brincadeira nenhum vestígio da costumeira crueldade infantil, mas, antes, uma expressão delicada de cuidadoso afeto e de descoberta do mundo. A brincadeira respeitosa terminava quando ela dizia:

- Basta. Estão ouvindo os sinos? Peguem seus terços para a reza do Ângelus.

Nas raras vezes em que fazia pequenas viagens às fazendas da região para retribuir gentilezas de visitas recebidas no ano anterior, o primeiro pano que punha no fundo da canastra era a própria mortalha por ela mesma tecida.

– Não quero dar a ninguém o trabalho de fazer a minha mortalha – explicava com a mesma desenvoltura com que solicitava às crianças que fossem ao pomar apanhar frutas para ela fazer geleias.

Antes da loucura, antes do amor de perdição, que naquela época ela nem supunha pudesse existir, Ifigênia Vitoriano cuidou durante anos da mãe que ficara entrevada primeiro, e demente, depois. As pretas da casa-grande prestaram precioso auxílio: além dos muitos outros cuidados diários de alimentação, vestimenta e asseio, banhavam Aída com panos úmidos embebidos em água cristalina tirada da cisterna mais próxima do casarão cujo frescor provocava arrepios: o primeiro pano, embebido apenas com a água, o

segundo, com uma mistura de água e gotas de uma suave essência de flores, o terceiro, seco, macio e felpudo, para enxugá-la. Tudo isso era feito na maioria das vezes com Aída sentada em sua cadeira imperial, pois era tarefa quase impossível remover aquele enorme, rotundo e dócil cetáceo branco para a banheira de ferro esmaltado posta em seu quarto de dormir. Nas poucas vezes em que as pretas, ajudadas por seus homens, conseguiam pôr Aída na banheira, para facilitar o trabalho faziam isso com o receptáculo vazio e acrescentavam a água depois. Nessas ocasiões, desfaziam-lhe o coque e as tranças e, solta, a imensa cabeleira de Aída serpenteava como um ser vivo da borda da banheira até o chão; as pretas, então, a lavavam e penteavam com o pente de tartaruga. Roliça, imensa, alva e opaca como o mais puro e fino talco, circundada pela cabeleira que se espalhava pelo chão como uma coroa de prata de rainha deposta, com o olhar de boi manso que vai para o matadouro, Aída Vitoriano lembrava uma nereida benfazeja e contemplativa que tinha a sabedoria de dominar o coração dos homens e de conhecer os seus segredos. A visão mitológica não atenuava a dor de Ifigênia. No quarto, ela olhava a mãe de longe, próxima da janela vedada pela cortina, e se perguntava:

- Meu Deus, até quando?

Os cuidados com Aída a exauriam, a preocupação e o temor com os dissabores e com os sofrimentos que imaginava no porvir – e não quedou de todo equivocada –, fazia com que acordasse muito cedo todos os dias, ainda antes do despontar do sol, sentindo-se sufocada no leito, abafada como se o ar lhe custasse a chegar aos pulmões e, lá chegando, sentia-o preso,

custava-lhe a expirá-lo e, quando o fazia, parecia ter expirado menos do que devia; o coração rompia-lhe em extrassístoles e sentia um leve enjoo que lhe tornava penoso engolir o parco desjejum. Naqueles momentos, ela supunha que a maior loucura de sua vida seria aquela, sem imaginar a trama de perdição que o destino lhe cosia, pois um homem chamado Procópio, seu primo, já havia deitado seus olhos de cobiça sobre a donzela distraída que avistara em uma das janelas do casarão.

Preocupada com seu próprio estado de saúde, Ifigênia fez-se acompanhar de uma prima e procurou em segredo o médico da vila. Depois de examiná-la detidamente com atenção paternal, ele lhe afiançara o gozo pleno da saúde física, mas achou-a pálida, com as mãos geladas e úmidas e doente dos nervos. Nada que uma viagem a passeio, a leitura de bons livros, os bordados, o desenho da caligrafia a bico de pena, a música ao piano, a convivência familiar e com as amigas ou mesmo as idas à Igreja Matriz para as missas diárias e conventuais não pudesse resolver. O médico apenas lhe prescreveu água de flor de laranjeira com talos de alface para acalmar os nervos e lhe recomendou que dormisse e se alimentasse bem, coisa que ela fora lá justamente porque não conseguia fazer.

Ifigênia sentia-se culpada quando pensamentos estranhos e bizarros teimavam em vir à sua mente. A vida da mãe e aquela existência prolongada que parecia não ter fim e desafiar a lei da natureza que estabeleceu desde sempre, desde que o Verbo criou a Vida, que todas as coisas se transformam e que os seres vivos sejam eles plantas, animais e

o homem morrem um dia. Mesmo as pedras se transformam: ao longo de centenas de milênios viram terra e pó.

A mãe dela, não; a mãe dela era eterna. A vida interminável de Aída lhe pesava como castigo injusto, peça sinistra que as circunstâncias do destino lhe armaram e da qual não poderia ver-se livre a não ser se fosse uma criminosa e, isso, ela não era. Não era também tola nem ingênua. Percebia seu próprio e profundo egoísmo o que a fazia sentir-se mal ainda mais.

Naquela época, nas noites mais densas e povoadas de temores metálicos palpáveis, Ifigênia Vitoriano era assombrada por pensamentos estranhos como se lesse seu futuro em uma bacia de água. Não conhecera ainda homem, mas por um motivo impreciso e que parecia totalmente alheio à sua vontade, temia a desonra do nome. Caso isso acontecesse, o nome dela, Ifigênia, viraria um tabu para a família: ela teria um nome que não poderia ser pronunciado e uma história que não poderia ser contada, o que equivaleria a não ter nome algum, a estar fora do tempo e a ter a própria existência anulada de uma maneira ainda mais atroz que se fosse apenas pelas obrigações familiares perpetuadas geração após geração; teria sua vida associada a uma desgraça familiar imutável. Ao conhecimento público, a desgraça seria justificada como prova da degeneração familiar, uma prisão eterna, não somente dela, mas da família. Parecia castigo Deus tê-la criado para pôr em seu corpo um espírito possuído por sentimentos tão funestos e devastadores. Quem a visse com sua fala mansa e modo dócil jamais poderia imaginar as intempéries que o açoitavam.

Por fim, atormentada por todos esses sentimentos sombrios que encontraram guarita em seu coração e lá eram alimentados como animais encarcerados, açodada pela passagem dos dias e das noites que se repetiam iguais nos cuidados ritualísticos que, obrigatoriamente, devia cumprir e não vendo como escapar da incumbência que lhe fora imposta, resolveu procurar o vigário da paróquia do Espírito Santo a fim de se confessar e de encontrar um bálsamo, que, se não eliminasse por completo, pelo menos aliviaria suas dores até o desfecho vindouro previsível, mas sem data marcada.

Ifigênia Vitoriano cuidava da mãe com renúncia e com uma espécie de devoção às avessas em que o ódio parecia ter tomado o lugar do amor; culpava a mãe por isso. Esses sentimentos subterrâneos a moviam, mas, à luz de sua consciência, ela os ignorava completamente para dar notícia apenas do próprio sofrimento.

Queria que alguém, uma cigana ou uma preta velha, talvez, olhasse a água em uma bacia e lhe revelasse o dia da morte da mãe. Isso aliviaria seu sofrimento, pois um longo sofrimento com data para acabar parece-nos menor do que um sofrimento de curta duração cujo término, porém, faz-se desconhecido enquanto é experimentado. De qualquer modo, mesmo sem revelação alguma, tinha uma certeza: cada dia que findava era um a menos, tanto na vida da mãe, quanto na dela própria. Sabia que deveria manter-se em silêncio sobre seus sentimentos, pois tinha certeza de que ninguém a compreenderia. Sabia ter ofendido a Deus, primeiro, por ter esses sentimentos, depois, por abrigá-los em seu coração e, finalmente, por não conseguir livrar-se deles.

Sem avistar outra solução no horizonte, dirigiu-se, então, à paróquia no final de uma tarde, quando o sol já havia se posto e a noite ainda não chegara trazendo as sombras sufocantes que ela bem conhecia. Após longa confissão na qual não conseguiu conter os soluços e as lágrimas quentes que lhe riscaram de vermelho a alva pele da face, o vigário não lhe disse novidade alguma. Ela pecara em pensamentos contra a vida da mãe, o que, aos olhos de Deus é um pecado mortal, pecado que atenta contra a alma e sua natureza divina, contra a origem da vida e da família e reduz, quase aniquila a dignidade humana. Que punição maior pode haver que a danação eterna da alma? (havia sim, ela descobriria isso quando os olhos de cobiça se assenhorassem definitivamente de seu corpo e de sua vontade). A penitência foi-lhe prescrita como uma receita médica: ela, além de participar da reza do Ângelus que Aída Vitoriano fazia todos os dias, deveria acender sete velas para a Virgem Maria e rezar sozinha na capela do casarão um terço todas as noites durante sete dias.

Tomadas as águas de flor de laranjeira, queimadas as velas, rezados os terços, feitas outras preces, pedidos e promessas e finda a penitência, encontrava-se tudo igual a dantes, exceto que sete dias haviam passado e que a morte da mãe estava sete dias mais próxima, ainda que isso levasse mil, dez mil ou mais dias para acontecer.

A naturalidade com que Aída Vitoriano se referia à própria mortalha era tamanha que a fala: – Não quero dar a ninguém o trabalho de fazer a minha mortalha – dita e repetida muitas vezes, calou fundo no coração dos familiares e, especialmente, no da filha Ifigênia. Com a mesma naturalidade

com que a mãe falava da própria mortalha, Ifigênia pôs-se sem segredo, mas, também, sem alarde, a coser dois vestidos de luto para duas circunstâncias possíveis: um, para o caso de a mãe vir a morrer durante o verão, outro, caso morresse no inverno. Ela cosia os vestidos como se a tarefa fosse um prolongamento da penitência prescrita pelo vigário, com isso amainou sua culpa em vez de incrementá-la.

O vestido do verão tinha um decote pronunciado no busto: arrematado em elegante discrição trazia finas rendas pretas transparentes que iam até a base do pescoço de onde subiam para terminar em arremate de *frivolité* trançado pela naveta de um artífice que muito entendia de seu ofício. As rendas recobriam também toda a extensão dos braços até aos pulsos de onde o tecido se abria em cinco dedos de babados. O vestido do inverno era semelhante. A diferença é que o tecido, mais encorpado, deixava à mostra o colo e os braços; ela usaria para cobri-los e às costas uma estola de astracã marrom-escuro que em muito lembrava a pele de urso. O chapéu de amplas abas com proteção de delicado *voilette* para tampar-lhe o rosto e descer até o pescoço era o acessório necessário que completava ambos os trajes. Necessário, porque não gostaria que ninguém visse claramente seus olhos inchados de tanto chorar a morte da mãe, a pele da face retalhada de vermelho vivo e queimada pelas lágrimas, e a sombra de desespero e solidão que certamente turvaria seu olhar. Quando chegassem para lhe dar os pêsames, tinha já pronta a frase e o tom em que a diria em sussurro de lamento, de alívio e de projeto de vida futura:

- Nunca mais cuidarei de alguém.

Prontos os vestidos, e ajeitado o chapéu em uma caixa com a parte interna recoberta por papel de seda, resolveu pô-los em uma funda gaveta de um armário que quase nunca utilizava. Guardou a chave da porta em lugar que somente ela sabia. Entretanto, por excesso de precaução, ainda deu ordem às mucamas para que nunca a abrissem. A porta seria aberta somente no dia da morte da mãe.

Quando o último vestido ficou pronto, Ifigênia passou a ter estranhos pesadelos recorrentes. No sonho, encontrava-se no casarão, sozinha, em uma noite escura e fria; espessa névoa havia umedecido as plantas do jardim. No quarto iluminado por parca luz de velas, lutava para manter a porta do armário sempre fechada, mas uma força descomunal a pressionava a partir de dentro. A angústia do sonho se devia à sua luta para manter a porta fechada. Suando e exausta pelo esforço, pressentia que estava prestes a perder o duelo. Quando, por fim, a porta dava sinal de que estava prestes a se abrir, acordava agitada e com a boca seca. Então, tomava um gole d'água, vestia o roupão, e descalça, ia até ao quarto da mãe. Abria a pesada porta com vagar para não rangê-la, dirigia-se ao leito, abaixava o rosto até bem próximo ao da mãe e, ao sentir o morno hálito da lenta respiração de quem dorme profundamente, voltava ao seu quarto.

Em uma dessas noites, surpreendeu Aída Vitoriano ajoelhada no genuflexório a pronunciar uma estranha prece:

- Jesus, me tira dessa angústia! Maria, me chama! Jesus, abre o portão para mim! Maria, estou só lhe chamando, mas não está adiantando de forma nenhuma. Faz que a mamãe fique perto de mim.

Sentindo-se culpada por ter flagrado a mãe em momento de tão íntima entrega, retirou-se para seus aposentos e se perdeu em um sono de apagar o mundo enquanto o casarão inflava as velas para a travessia da noite.

Em outros dias, a mãe lhe fazia confidências quase filosóficas:

- O tempo passou tão rápido que minha vida toda parece que aconteceu ontem.

- O tempo não tem dó de reis e rainhas, destruiu impérios, esgotou belezas, por que teria dó de ti, minha mãe? Por que pouparia os Vitoriano? O que temos de diferente do restante dos mortais? Nada, minha mãe! Apenas uma arrogância que nos parece tão natural quanto a nossa prole e uma crença ingênua na imortalidade de nosso nome.

A voz de Aída Vitoriano revelava decepção e perplexidade:

- Ah, filha minha! Tu és tão impiedosa quanto o tempo. Não há fé nem sonho que possam resistir à aridez do teu coração. Temo por tua felicidade e por teu futuro.

Logo em seguida, o lampejo de lucidez da velha se esvaía e ela continuava:

- A sombrinha na água.... a sombrinha na água... é o fim dos tempos....

- Que sombrinha, minha mãe?

- Acabou tudo, filha – arrematou ela, reclinando a cabeça e caindo no sono.

Em uma noite de abril, durante a ceia corriqueira, Aída Vitoriano aproveitou a presença dos familiares para anunciar

com a voz tranquila como se estivesse solicitando aos criados mais um prato à mesa:

- Morrerei no próximo outono.

Houve um breve silêncio no qual todos se entreolharam. Com o tempo, ninguém mais se espantava com as falas premonitórias de Aída Vitoriano nem com o tom profético de sua voz maternal, mas a curiosidade deixava todos a aguardar pelos próximos ditos. A refeição seguiu seu curso habitual, sem contratempos. Quando todos terminaram, ela disse:

- Se alguém quiser me dizer ou pedir algo, estarei nos meus aposentos todas as noites, após a ceia.

Daquela noite em diante, Aída Vitoriano foi procurada por todos os familiares, alguns vindos de longe para ter com ela, tão logo souberam da anunciação. Recebia cada um, individualmente, a portas fechadas. Ouvia segredos, dava conselhos, fazia pedidos, enxugava lágrimas, recolhia cabeças em seu colo morno e macio de cetáceo antediluviano, apaziguava ressentimentos, preconizava reconciliações, recomendava o perdão como única atitude capaz de tranquilizar o espírito e, nisso tudo, era movida pelos ensinamentos bíblicos, pelos ditos do senso comum e por sua longa experiência de vida. Com todos, mantinha longas e reservadas conversas. As palavras de mãe Aída eram chaves que abriam portas e propiciavam travessias.

Não se tem notícia dos pedidos feitos, dos arrependimentos declarados, das mágoas acalmadas e dos perdões concedidos. São segredos, dentre muitos outros de décadas passadas e de gerações que já se foram, mas deixaram suas marcas perenes, porque todas as histórias que se referem

aos Vitoriano deixaram e continuavam a deixar marcas na história da Vila do Espírito Santo, de sangue nas paredes ou no chão do sobrado, de suaves ou trágicas lembranças de amor no coração das Vitoriano, também anotadas em escritos de cadernos, cartas e bilhetes e de joias herdadas que além do brilho e valor próprio ainda podiam ser mais ao revelar rumos de vidas novas, e para isso, bastava apenas que a noite mergulhasse o sobrado em sombras trazendo com elas o despertar da intuição das Vitoriano da mesma forma que o orvalho desabrocha uma flor rara no início da madrugada – tudo isso as paredes do casarão guardam.

Por vezes, em seu quarto, nas noites que anunciavam tempestades, Aída se aproximava da janela para fechá-la. Antes de puxar a cortina, mantinha o olhar perdido no horizonte onde as colinas longínquas permaneciam veladas pelo breu da noite. Ifigênia costumava surpreendê-la nesse devaneio que era uma espécie de transe:

- Mãezinha, que fazes aí parada? Queres ver a tempestade?

Aída respondeu com a voz rouca e pausada:

- Espero pelo vento, viajante incansável e sem destino. Nós estamos aqui há tanto tempo que parece que fincamos raízes. Um dia o vento varrerá os Vitoriano da face da terra.

Na noite em que fez seu testamento, Aída Vitoriano sonhou que dormia e, no sonho, acordou sentindo um movimento estranho na região dos quadris. Havia algo em cima do colchão, coberto pelos lençóis. Ao puxar a cobertura da cama, foi picada no dedo por dois robustos escorpiões.

Poucos dias depois, quando Aída Vitoriano guardou suas chinelas de lã dentro da fronha que vestia o travesseiro, Ifigênia percebeu a exata extensão da caduquice da mãe no ato e na fala:

- Pus minhas chinelas no saco de viagem. Vou para a roça e a tropa não espera por ninguém.

Ifigênia não tentou convencer a mãe do contrário. Sabia da inutilidade da tentativa e não apenas por isso, lágrimas rolaram macias e lentas de seus olhos desesperançados. Ela sabia que o fim estava cada vez mais próximo.

Naquela mesma noite, enquanto mantinha o sono da mãe sob seus cuidados como se fosse um anjo de cabeceira, Ifigênia escutou Aída Vitoriano murmurar trechos esparsos do padre-nosso e da ave-maria. Os trechos recitados e repetidos com seu fiapo de voz de velha cansada eram sempre os mesmos. Do padre-nosso: “Venha a nós o vosso reino”. Da ave-maria: “rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte”. Então, Ifigênia, comovida, se achegou ao leito da mãe, pôs-lhe uma mão na fronte, com a outra lhe segurou as mãos e, em prantos, rezou em voz alta uma ave-maria e um padre-nosso. A mãe, no transe de limbo em que se encontrava, ouviu silenciosamente a filha até sua respiração ficar tão tranqüila e calma que parecia ter cessado. Essa ocorrência apaziguou o coração de Ifigênia como se ela tivesse conseguido ser o elo que ligava a mãe ao “vosso reino” tão desejado como um lugar onde os tormentos humanos não teriam mais sentido.

Na manhã seguinte, a mucama entrou no quarto e encontrou Aída Vitoriano ainda cochilando numa poltrona, enrolada em seu xale como se fosse uma coberta.

- Sinhá?

- Deixe-me quieta. Não vês que estou a sonhar?

- Com o quê, sinhá?

- Com a neblina.

- Não é preciso sonhar com a neblina, sinhá! Veja!

A mucama abriu lentamente as cortinas. Através do vidro úmido da janela quadriculada, uma luz difusa, suave e leitosa deixava apenas adivinhar a copa das árvores com seu verde luxuriante esmaecido pela densa névoa. Desde o início da noite anterior, a torre da Igreja Matriz havia submergido completamente. O passar das horas com o repicar do sino garantiam a Aída que ela ainda estava lá com sua solidez inabalável e oculta, o que era um conforto para a sua alma. O telhado do casario em derredor também havia desaparecido, mas o ladrar esparso dos cães, o trote de um ou outro cavalo, as conversas dos transeuntes que de longe lhe chegavam como um sussurro em que se percebia a fala, mas não as palavras, e o arrastado das charretes com suas rodas de ferro a moer a terra e os seixos das ruas como a roda d'água move o moinho, atestavam que todas essas coisas estavam lá, no mesmo lugar de sempre, desde que os caminhos abertos a picadas pelos índios se transformaram, pouco a pouco, nos logradouros públicos da vila. A neblina sempre fazia com que Aída Vitoriano duvidasse da existência das coisas e acreditasse na fantasmagoria dos objetos e das pessoas.

Quando a mucama retirou-se do quarto, deixou-a no mesmo estado letárgico de limbo em que a havia encontrado, um estado em que a diluição das fronteiras entre o ver, o perceber, o significar, o lembrar e o sentir criava um mundo

paralelo que tangia o mundo real como as imagens de um eclipse lunar. Um estado benfazejo d'alma que a deixava entorpecida como se estivesse a boiar há muito tempo em água gelada. Há tanto tempo que a água gelada já não provocava dor, mas anestesia. Um estado que a fazia flutuar e habitar um tempo dilatado em que cabiam todas as gerações dos Vitoriano, inclusive as que estavam por nascer em um tempo que existiria somente depois dos netos dela e, mais além, quando esse tempo deixasse de ser a matéria efêmera e bela de carne, osso e sangue para ser memória, essa, sim, perene e indestrutível. Era esse tempo indestrutível que ela sempre almejara habitar, mas quando, de fato, pudesse habitá-lo não teria mais como dar notícia dele.

Aída Vitoriano faleceu idosa, na última e fria noite de outono em que caía uma fina garoa, diáfana e transparente, quando todos já supunham que a morte anunciada não havia sido mais que um falso pressentimento, e, que, inutilmente, ela se dava ao trabalho de carregar a própria mortalha, pois aquela mulher que transpirava a dignidade dos Vitoriano parecia ser eterna. Morreu ignorando que evento seria digno de um brinde, com todo o estoque de garrafas de vinho intocado, pois seu senso desmedido de justiça era motivado por uma culpa que lhe obliterava o desejo de ter as coisas e de usufruí-las. Essas garrafas tornaram-se a preciosidade, quase uma relíquia da Casa Vitoriano e daquela data em diante nenhum dos moradores do sobrado cogitava em abri-las como se a culpa de Aída Vitoriano assim como as heranças físicas também pudessem ser passadas para as próximas gerações. Todo o estoque foi transferido, com o devido cuidado, para a

parte mais remota da adega, onde passou a repousar no silêncio das sombras e a passagem dos anos se encarregava de depositar uma fina camada de pó sobre o vidro verde das garrafas e o papel dos rótulos que para serem lidos deveriam ser primeiro soprados.

Depois de receber a notícia da morte da mãe e vê-la no leito, pálida e bela como uma Madona de cera, Ifigênia Vitoriano sentiu a boca encher-se de saliva de gosto amargo e pegajoso como se tivesse mascado uma folha de boldo. Foi até a cômoda, abriu a gaveta, pegou a escova de dentes com cabo de marfim e cerdas de porco, abriu um pequeno recipiente retangular de louça alemã *stoneware,* tomou dele um pouco da pasta de dentes com sabor de lírio florentino, e mais bochechou que escovou os dentes. Queria apenas tirar o gosto de fel da boca, mas logo percebeu que isso não seria possível. Para uma alma amargurada, não há lírio florentino que baste.

Gritou pelas mucamas e auxiliada por elas, preparou a água, toalhas, colônias e roupas para dar o último banho na mãe. A espantosa obesidade conferia àquele corpo inerte, peso e dureza pétreas. À luz morna das velas, Aída era uma imensa e roliça estátua de mármore branco sobre a qual caíra uma finíssima camada de talco que revestira a morte de uma beleza sepulcral, eterna, doce e aveludada.

Três horas depois, Ifigênia Vitoriano desceu do quarto do andar superior do sobrado para o salão principal do pavimento térreo onde se dava o velório da mãe Aída, trajando o luto de inverno, com a estola de astracã sobre os ombros e o *voilette* a lhe cobrir a cabeça e o pescoço. O espartilho apertado ao extremo estava a lhe rasgar o fígado e a deixara

com a respiração arfante, mas o incômodo ao qual há muito se acostumara por ofício de donzela, tinha o privilégio de, naquela situação, fazer com que a dor rascante de sua alma se lhe afigurasse um pouco menor. A sobriedade excessiva era quebrada de modo quase imperceptível apenas por um par de brincos de pérolas pingentes do tamanho de um grão de ervilha presas a hastes de prata fosca incrustadas de marcassita.

Na vida de cada um há um instante de suprema revelação, único, irrepetível. Na vida de Ifigênia Vitoriano, o instante foi o de descer sozinha e lentamente a escadaria do sobrado sob o olhar atento, curioso e deslumbrado da multidão de paroquianos e de familiares que se aglomeravam ao redor do esquife posto em cima da essa. Uma fileira de cadeiras – todas as 24 da mesa de jantar encontravam-se arranjadas em forma de "U" no entorno do esquife para acomodar os mais idosos e os familiares que passariam a noite toda em vigília e orações.

Ainda no pavimento superior, Ifigênia caminhou pelo corredor cujas paredes traziam aqui e ali retângulos de luz mais clara formados pela incandescência das velas nas arandelas e pela réstia da luz lunar filtrada pelas cortinas tal como fantasmas de antigos quadros removidos. Do topo da escadaria, pôde sentir o cheiro morno das floradas – ofertas de réquiem e dos muitos círios e velas que, ao se consumir, liberavam odor característico semelhante a discreto e inconfundível incenso. Os cheiros de flores e velas queimadas se misturavam para produzir um terceiro e diferente cheiro, mais que a soma de um e de outro. O resultado era a essência

de uma glória que acabara de findar e, agora, apesar de muda, deixara suas inscrições.

O dom natural da elegância e dos movimentos graciosos – dom esse que a filha Domitila herdaria em grau incomparável – permitiu que Ifigênia Vitoriano descesse toda a larga escadaria pelo meio sem apoiar-se no corrimão, sem curvar a cabeça, sem perder o garbo, sem tropeços que não os do próprio coração. Envolta no panejamento luxuoso do traje que não economizara tecido nem volteios, a cauda do vestido era arrastada pelos degraus tal como uma cascata de água preta. A respiração, curta, entrecortada, agitava o fino tecido do véu.

A cena manteve em suspense e arrebatamento todos aos que assistiram a ela da mesma forma quando a plateia que ali estava ia ao circo apreciar as habilidades dos trapezistas que voavam entre os trapézios sem despencarem no abismo e do equilibrista da corda bamba que vai de um lado a outro a desafiar a altura sem rede de proteção, tendo na mão apenas uma sombrinha aberta para garantir o equilíbrio.

Se houvesse naquele recinto alguém que não a conhecesse, ela teria, com certeza, aparentado ser uma dama glacial e esnobe. Mas mesmo para aqueles que a conheciam, naquele momento ninguém ousou dirigir-se a ela para os pêsames e ela não pôde dizer a frase que havia ensaiado em seus pensamentos porque já não mais se lembrava dela:

- Nunca mais vou cuidar de alguém.

Assim, a imagem da mulher enlutada, altiva, etérea, espectral como uma imensa borboleta negra, conseguiu manter todos a distância a maior parte da noite.

Na vida de Ifigênia Vitoriano o instante de suprema revelação, quase uma epifania, foi aquele, o do velório da mãe, e não os dos muitos bailes e saraus dos quais participara e ainda participaria durante a pequena parte de sua vida que ainda seria livre após o luto, antes que ela fosse dividida em antes e depois da desgraça que não seria apenas dela, mas dos Vitoriano. Bailes e saraus foram e seriam muitos e, em todos, ela deixaria na imaginação e na memória dos presentes antevisões do que seria a vida de sua filha Domitila. Como não poderia deixar de ser, o velório da mãe foi um acontecimento único na vida de Ifigênia no qual ela firmou para sempre na lembrança das pessoas a imagem de uma estrela negra cujo fulgor de contraste, anúncio da decadência, somente foi percebido na contraluz argentina e emprestada da lua que vazava quase líquida dos vitrais e projetava sombras lúgubres nas paredes.

Naquele momento ímpar, a tristeza de Ifigênia Vitoriano, aliada ao seu desespero e dor extrema, tornou inúteis as palavras e confundiu os homens diluindo-lhes ainda mais o tênue limite entre a realidade e o sonho. Mas não os dos olhos da cobiça do primo Procópio que lá estavam pela primeira vez dentro do sobrado, de tal forma que o início do luto coincidiu com o início de uma desgraça construída pouco a pouco cujo desfecho se daria em um futuro não muito distante. As desgraças são impossíveis de serem mensuradas. Sempre são imensas a cada vez que ocorrem não importa a qualidade delas nem as circunstâncias em que se dão a conhecer.

Depois da morte da mãe as coisas passaram a ter para Ifigênia Vitoriano uma triste beleza de despedida. Se ela

conseguisse transformar a dor em felicidade não haveria mais sofrimento na vida; viveria, então, essa vida impossível.

Uma noite de estrelas no paradoxo de antever desgraça alguma. O pátio de pedras de cantaria iluminado por archotes e fogueiras. A terra vermelha batida. Ao som de atabaques e tambores, pretos dançam o lundu, entoando cantigas em idioma ioruba, com voz rouca de balanços em graves e agudos, numa cadência que convida o corpo todo ao movimento e pede liberdade ao espírito.

Sinhá Ifigênia Vitoriano chega ao pátio acompanhada por seu séquito de mucamas, cansada de sentir-se perdida dentro dos compridos e largos corredores do sobrado, dos amplos aposentos com alto pé-direito, de ouvir o som de sua própria voz ecoar pelas paredes e pelos mármores do chão. Ah! Quantas vezes tentara conversar com o eco de sua voz! Fartou-se de esperar pelo marido, viajante habitual, hóspede na própria casa. Sentia-se desprezada, por isso nunca se entregou verdadeiramente. Não queria odiá-lo, pois intuía que isso faria com que ela estivesse presa na mesma armadilha, a da polaridade da paixão. Gostaria de sentir indiferença por ele. Isso seria a sua libertação. Mas a almejada indiferença lhe era impossível. Ifigênia era dele apenas nas trevas da alcova, envolvida pelos lençóis, levantando a camisola bordada com a frase “Deus abençoe esta família” até a linha da cintura para que ele pudesse se fartar do seu corpo como uma besta no cio e lhe dar sossego depois, ao virar-se para o lado, caindo no sono, já esquecido dela. Tinha que ser assim. A luxúria, condenada pela Igreja, é um pecado capital. Que o pecado fosse, então, dele, não dela, que apenas consentia no dever do

matrimônio. Talvez até admitisse pecar, mas somente por um homem a quem pudesse amar. Invejava a relação de amizade entre Procópio Vitoriano e os tropeiros, pois destes ele parecia cúmplice. Cabia-lhe ser sempre grata a ele pelos vestidos de seda pura, pelas joias de ouro e pedrarias, pelo esplendor do palacete colonial que pertencia à família dela, mas que ele tão bem ajudava a manter e a conservar, pela comitiva de criados atentos a satisfazer-lhe os menores caprichos e mimos, a pentear-lhe as melenas, a dar-lhe banhos de leite de cabra, a fazer-lhe cafuné. Qualquer outra seria feliz em seu lugar, mas Ifigênia Vitoriano almejava a felicidade daquilo que o marido não lhe dava e que, por questão de temperamento, não poderia dar-lhe nunca.

Tudo isso lhe parecia agora traçado de antemão nos gestos dela própria no dia do casamento. Na noite de núpcias teve tempo de sair, furtiva, até a capela onde eram sepultados os Vitoriano para ali deixar, aos pés do altar, o buquê de noiva. Poderia tê-lo deixado na Igreja Matriz ou mesmo pedido para uma mucama levá-lo sem ser vista até a humilde capela construída pelos pretos para Nossa Senhora do Rosário. Mas, não. Pelas frestas da fria cripta dos Vitoriano, entrava um ar gelado com cheiro de mármore, água benta, velas apagadas, flores secas e poeira. Movida por estranho sentimento de capitulação, celebrou com seu gesto um tributo aos mortos, rendeu-se aos anúncios imprecisos dos mistérios da loucura e da tragédia. Na noite de seu casamento havia buscado a comunhão com a morte. Talvez a loucura fosse a libertação.

Ao fim de tarde, Ifigênia Vitoriano observa os pretos, admirada. A história daquelas vidas parecia ser oposta à sua:

em cativeiro alçavam vôo no canto e na dança, libertando, por momentos, senão o corpo, a alma dos grilhões que a prendem. Ela, não; senhora e branca, encontrava-se atada aos laços indissolúveis do matrimônio de conveniência com o primo, Procópio Vitoriano. Chamavam-na Dona, mas nem o próprio corpo lhe pertencia, ela o entregava ao marido, solícita, na escuridão da alcova, para que ele pudesse saciar-se e olvidá-la logo em seguida.

Enquanto assistia à dança, Ifigênia Vitoriano não sabia responder para si mesma qual das duas condições era a mais infeliz: a dos pretos na servidão oficial ou a dela, presa na trama impalpável e indizível das convenções sociais. Ali, sua noite interior ficava exposta a plena luz do dia.

- Quem é aquele? – pergunta Ifigênia Vitoriano para uma das mucamas.

- Aquele alto, ao centro?

- Sim.

- É o preto Bantô.

- Não o tinha visto antes.

- Nhonhô Procópio o comprou há um mês. Pagou por ele muitas moedas de ouro e prata. É um príncipe...

- Como? – pergunta Ifigênia Vitoriano, surpresa.

- Um príncipe na terra dele, dona sinhá. Foi capturado numa tocaia pelos mercadores de escravos e trazido para cá. É um preto muito esperto, será boçal por pouco tempo.

Ifigênia Vitoriano observa o preto Bantô com atenção. Ele é alto, espadaúdo, de belo porte, dentes certos e alvos. A pele negra brilhava com o suor da dança e seu olhar profundo e sincero era um olhar de quem sofreu, deixando transparecer

a melancolia de alguém que contempla um lago de águas cristalinas e vê neste espelho diáfano o sol subitamente desaparecer na limpidez azulada do céu, oculto por um manto cinzento de nuvens.

Depois da pérfida cilada onde foi aprisionado, Bantô viu sua vida transformar-se abruptamente. Atravessou o oceano nos porões de insalubre nau, amontoado como fera junto a pretos como ele, de sua própria nação e de outras, cuja língua e costumes lhe eram desconhecidos. Muitos morreram durante a travessia, de doenças, de tristura ou apatia e tiveram seus corpos atirados à sepultura do mar. Mas o destino tem desígnios insondáveis e reservava para a vida de Bantô um desfecho ainda mais cruel.

Ele notou que era observado e Ifigênia Vitoriano revelou em seus olhos mais de si do que desejava e do que pôde perceber. O primeiro olhar dela foi de curiosidade, o segundo, de admiração e o terceiro, de desejo. Todos os muitos outros olhares que se seguiram, nas semanas e meses depois, foram de amor.

As histórias dos pretos fujões e dos condenados à forca, dos amores impossíveis e proibidos, Dandara ouve com os olhos arregalados, temerosa e fascinada.

- Não se preocupe, minha filha. Isso já faz muito tempo... – diz Orminda Vitoriano e continua a contar a história da Ifigênia que acabou por ter a alcunha de louca.

- Vou-me, Bantô. Não posso estar aqui quando amanhecer.

- Ifigênia, não se vá. Falta muito para o dia clarear.

- Bem sabes que não posso. Não podemos. Se o senhor meu marido acordar, estou perdida, desgraçada.

- Se ele descobrir, nunca mais poderei vê-la. Esse pensamento me perturba o dia todo.

- Para que ele mate a um de nós ou a ambos, não é preciso que descubra algo, basta apenas que desconfie. E não digas “nunca”. É uma palavra sem fim, não gosto dela.

- Não temas. Estás protegida comigo, sou teu ogundelê.

- És príncipe na África, tua terra. Aqui, por condição da tua pele, és escravo. Não podes proteger-me, nem a ti próprio. Se formos surpreendidos, será nossa perdição. Quem nos dera que tu fosses mesmo um ogundelê.

- Cala-te! Não atraias mau agouro.

- Nada deterá o que a sorte nos reserva. Por ti, arrisquei tudo que possuo de mais caro: religião, honra de família, dignidade, filhos...mas não me queixo; fí-lo por amor. Agora, vou-me. Cá estou por mais tempo do que a prudência recomenda.

- Meu castigo é duplo: o cativeiro e os minutos que me separam de ti.

- Este castigo também é o meu. Voltarei na ocasião mais propícia. Aguarde-me.

Ifigênia Vitoriano desaparece no meio do bambuzal, no escuro da madrugada, sem saber que o desfecho trágico daquele romance ocorreria ainda antes do alvorecer. Caminhou descalça na noite sem estrelas. Cega, numa rota alterada, não sabia mais se pisando flutuava no céu, no chão ou no espaço imaterial entre ambos. Tudo era feito da mesma substância assustadora. A brisa fresca rebatida na copa das

árvores causou-lhe estranheza e arrepios. A escuridão do céu não lhe permitiu descobrir onde a lua havia se escondido. Ifigênia Vitoriano navegava instintivamente naquele espaço indefinido, onde o corpo pareceu perder o contorno, misturando-se com a pele do preto, noite, chão e o desejo que pulsava ainda mais avassalador. Sentia debaixo de seus pés as folhas pisadas, farfalhar de vestidos de senhoras dançando no salão, num barulho amaciado pelo orvalho da madrugada. Ouvia o ruído voltando nos ecos dos passos do seu amado, na direção oposta, no rumo da senzala e sentiu o cheiro dele que não foi trazido pelo vento: estava em sua pele.

Décadas e décadas depois, Orminda Vitoriano ouviria, de quando em vez, os gritos da noite de desgraça que se abateu sobre a Casa dos Vitoriano, gravados nas grossas pedras das paredes do sobrado como pigmentos de tinta de uma pintura indelével. E ela sofreria, a cada vez, por momentos, atormentada por atávico sentimento de comunhão com sua ancestral, dos mesmos suores e palpitações. Era esse o preço que os moradores do casarão pagavam, cada um de uma forma, por habitar um lugar onde cada recanto tinha uma história e havia sido palco de um encontro de amor ou ódio, desejo e ternura, cumplicidade ou traição, numa teia de afetos que envolveria cada Vitoriano de todas as gerações, uns com os outros.

Naquela noite estelar não propícia a tecer enredos de desgraça alguma, Ifigênia Vitoriano deu o primeiro passo na construção da tragédia que destruiria sua vida e a do preto Bantô e arrastaria o nome dos Vitoriano para um escândalo perpetuado na sucessão das gerações.

Ao regressar dos furtivos encontros de amor com o preto Bantô, Ifigênia Vitoriano cuidava de entrar no sobrado descalça e pela cozinha. Naquela noite encontrava-se particularmente apreensiva, temerosa de ser surpreendida. Espírito inquieto, mãos frias, úmidas e coração aos saltos.

Aquele amor tirou-lhe a paz e o sossego, mas vivia ignorada pelo marido, presa em cárcere de ouro qual raro pássaro, cercada de luxos e mimos da criadagem enquanto ele espojava-se, às escondidas, com as pretas da senzala. Sua vida estava em uma encruzilhada: o amor de perdição ou o vazio do luxo e do tédio, de qualquer modo um destino de ruína. Optou pela ruína precedida de amor, pareceu-lhe mais grandiosa, um *gran finale* para uma vida esvaziada de sentido.

Quando entrou na cozinha, após longa volta no contorno do edifício, foi ao canto do fogão a lenha, apanhou os sapatos e os calçou. Somente neste instante, ao levantar a cabeça, percebeu a presença do marido, Procópio Vitoriano, em pé, na soleira da porta entre a cozinha e a antessala de jantar. Visto repentinamente ele lhe pareceu uma enorme e negra ave de rapina de possante bico e afiadas garras, prestes a abrir as asas para dar-lhe um último e fatal abraço. A visão arrepiou-a. Aquela ave de rapina devoraria seu fígado. Ifigênia Vitoriano sente o sangue gelar-lhe nas veias num prenúncio de morte como se, instantaneamente, flores primaveris recebessem o inesperado e fatídico beijo da neve. Enfim, acontecera o encontro temido, inevitável e decisivo.

Ifigênia Vitoriano estranhou que o marido não estivesse em trajes de dormir, mas vestido com roupas de trabalho. Num primeiro momento supôs que, para azar dela, ele resolvera sair

ao campo bem mais cedo que de habitual. Mas não, logo percebeu que a situação era muito pior: ele a esperava. Ifigênia tenta recuperar-se, aparentar calma, mas a voz saía-lhe em borbotões da garganta, entrecortada por soluços e a tentativa de reagir com naturalidade a faz parecer teatral. O marido surpreendeu-a e domina a situação.

- Senhor, que susto me destes! Que fazes aqui tão cedo? Todos os criados dormem.

Procópio Vitoriano era homem impulsivo, violento às vezes, mas sua raiva causava maiores e duradouros estragos quando conseguia controlar-se. Rigoroso, escondia seus desertos. Disso não se podia esperar nada além da irrupção do trágico. Por isso, Ifigênia Vitoriano temeu-o ainda mais naquela noite de desesperos.

- Todos dormem, menos tu. Posso saber o que fazes desperta tão tarde da madrugada? É quase manhã – pergunta ele, com voz baixa e aparentando calma incomum, porque nele a calma era sempre aparência ruinosa e nunca fato alvissareiro – Viestes do jardim, bem vi.

- Não vim do jardim, mas do passeio que contorna o sobrado.

- E podes explicar-me o que fazias fora da casa uma hora destas?

- Um broche. O broche de mãe Aída. Perdi-o ainda esta tarde, ao voltar da leitura na pérgula.

- E por que tu o procuras agora? Acaso enxergas melhor no escuro?

Ifigênia Vitoriano sente-se afogar na própria respiração.

- É uma valiosa joia de diamantes e rubis e de grande valor sentimental. Não queria correr o risco de perdê-la. Pus-me a procurá-la tão logo dei por sua falta. Não reparei no adiantado da hora, nem na escuridão. Quis apenas recuperá-la antes que algum preto a encontrasse.

- Que tola és! Perdestes, com certeza e bem mais que um broche. Por que não colocastes as mucamas para procurá-lo?

- Porque dei-me pela falta somente depois que nos deitamos. Temi que algum preto o encontrasse e vendesse para comprar a própria alforria. Como sabes, nem todos são honestos.

- Achastes o broche? - pergunta Procópio Vitoriano, amargamente irônico, boca torcida num meio sorriso áspero que mais parece uma contração de dor.

- Não.

- Queres dizer que não aprecias os pretos...

- Alguns são dados a furtos, bem sabes. E agora, se me dás licença, gostaria de recolher-me – diz Ifigênia Vitoriano, tentando passar pelo marido na soleira.

- Supunha que apreciavas os pretos – diz Procópio Vitoriano, colocando-se na frente da mulher e segurando-a pelo braço com a firmeza de uma águia prendendo a vítima.

- Que conversa estranha. Não compreendo o que dizes. Deixe-me passar, quero dormir. Estás me machucando, solte-me.

- Não subirás até que resolvamos tudo.

- Nada há para ser resolvido. Que queres? Diga!

- Que me respondas a verdade.

- Procurava pelo broche...

- Mentes! A quem queres enganar? A ti própria e com isso ser mais convincente para enganar a teu marido? – grita Procópio Vitoriano, irado.

Ifigênia tem a face lívida como o mais alvo dos mármores. Ela não vê como livrar-se da embaraçosa situação a não ser negar tudo até o fim, com uma convicção que não sente, não aparenta e muito menos persuade.

- Não grite, pelo amor de Deus! Acordarás nossos filhos.

- Nossos filhos. Tu não pensaste neles. Estão nos últimos quartos do andar superior, com as criadas, bem longe daqui. Dormem sem saber que espécie de mãe os gerou. Não te preocupes com eles, se é que te preocupas.

- Deixe-me ir, preciso repousar. Esta conversa não tem sentido – diz Ifigênia, tentando passar pelo marido novamente.

- Como explicas isto? – pergunta Procópio Vitoriano pegando pela barra o vestido úmido.

- É o orvalho da madrugada, devo tê-lo roçado na beira dos canteiros.

- E isto? – pergunta ele, mostrando algo que Ifigênia Vitoriano não notara: o pólen amarelo das flores aderira ao veludo azul-marinho do vestido criando tão intenso contraste de cores que somente alguém com espírito bastante transtornado pelas emoções poderia deixar de perceber.

- É pólen das flores – diz mecanicamente, cansada de justificar-se.

- Não há flores dessa espécie na beira dos canteiros. São flores da senzala.

- O que adianta dizer-te o que fazia? Duvidas de mim.

- Continuas a negar. Admiro-te a coragem, mas não a desperdices: a causa está perdida para ti. Atravessastes o jardim descalça, no meio da madrugada. Andavas perto da senzala. Procuravas por alguém?

- Que queres que eu diga?

- Confesses. Não tens outra saída. Sei de tudo. Não adianta negares.

- E o que julgas saber?

- O preto Bantô. Deita-te com ele nas noites em que o cansaço do trabalho me faz dormir mais profundamente. Um preto que eu mesmo escolhi e comprei para o trabalho na lavoura!

- Ah! Calunias-me! Que infâmia dizes! Coisa tão hedionda não deveria ser pensada, e, muito menos, dita. Admira-me um homem como vosmecê dar ouvidos a mexericos da criadagem – brada ela, sentindo o chão fugir sob seus pés.

- Agora compreendo porque te punhas na janela a observar a dança dos pretos, indecência que os princípios cristãos condenam, afronta aos bons costumes de nossas famílias. Teus olhos eram para ele.

-Tu apenas supões compreender os costumes das pessoas que despreza. Se os meus motivos causam estranheza a mim mesma, como podes tu crer que os compreende?

- Confessas, então, que perdestes a razão e o pudor?

- Se confessasse tal, não teria perdido a razão.

- A habilidade que tens com as palavras não conseguirá enredar-me nem te livrará do castigo que mereces. Tua

coragem é a coragem da loucura: não temes o pecado nem o inferno!

- Meu castigo já existe: é um cárcere que tu não vês. Ah, senhor! Estás a cansar-me com essa conversa. Desejo recolher-me.

- Logo terás tempo suficiente para o descanso e para te arrependeres. Teu arrependimento, além de tardio, será inútil. O que tu fizestes não tem perdão nem pode ser esquecido.

- O que vais fazer? Mandar Bantô para o trabalho nas fornalhas do engenho, acorrentado como os penitentes que lá estão?

- Que mulher ingênua és! Acreditas que pena tão branda lavaria a honra de um homem ultrajado! Não, ele não irá para o engenho real.

- Não estou surpresa. Revelas-te, mais uma vez, o homem implacável que és.

- Foi este homem que te deu um lar, filhos e tudo o que uma mulher pode almejar de melhor. Qualquer outra seria feliz no teu lugar.

- Este casarão pertence à minha família. É meu lar desde antes de nos esposarmos. Tu não mo destes. Quanto ao mais, é verdade o que dizes. Não o nego.

- Reconheces, então? Teus atos são cada vez mais incompreensíveis para mim. Como pôde deitar-te com um preto, um escravo? Que desgraça a minha tê-lo escolhido! Sem saber a armadilha que o destino me preparava, escolhi o amante de minha mulher. Por que cometestes esta loucura?

- Minha vida sempre foi de interdição e de uma espera inacabável.

- De que interdição tu falas? A de teres desposado um homem digno, tão digno que demorou demais para perceber o vilipêndio que se instalou debaixo do seu próprio teto? A de teres filhos que te amam? A de pertenceres a uma família de descendentes das melhores casas do Reino? Ademais, interdição alguma como alegas, real ou imaginada, justificaria teus atos de ignomínia.

- Argumentos de nada adiantam a quem não quer ouvir. Quem és tu com quem me casei? Um homem estranho a quem pareço também uma estranha, pior que isso, uma tresloucada.

Ifigênia Vitoriano finalmente reconhece: perdera a batalha. Cai em prantos trêmula e gélida, sentindo-se arrastada como um graveto na correnteza rumo ao desconhecido sombrio: um redemoinho a espera no final para tragá-la. Em seu íntimo uma certeza: alguém vai morrer.

- Não tens pudor – continua ele – Não reconheço em ti a mulher que desposei, a mulher que escolhi para ser a mãe de meus filhos. Que erro! Enganei-me com a doçura do teu olhar e com a suavidade de tua voz. Não vi as sombras do teu coração e os demônios que elas abrigam.

- Não há demônios no meu coração, somente o desejo de amar. Se isso te assusta, não tenho culpa. E tu! Não me notas! Só pensas em ti. Mendiguei-te amor todos esses anos e nada me destes, nem migalhas.

- Amor!? Falas em amor! Mas o que é o amor para ti? Uma grande e teatral cena de ópera. Tu não te importas com as pessoas do mundo real. Nada valho para ti porque não fui capaz de caber nos teus sonhos. És incapaz de perceber o que está à frente de teus olhos.

- Eu, desesperada, teria aceitado as migalhas do teu amor que são muito menos do que mereço, na esperança inútil de viver bem com vosmecê.

- Nada do que alegues seria motivo suficiente para tamanho desatino. Acima do amor está a honra. Esquecestes que és uma Vitoriano.

- Não me amas. Meus sonhos nada valem para ti. Tu desconheces os segredos do coração.

- Vives rodeada por mucamas. Tens joias e vestidos de seda. Moras em palácio. Que mais queres? Diga, mulher insensata!

- Repito para o homem surdo que sempre fostes. O que não me destes nunca: amor.

- A vida não é amor: é honra, trabalho, dever. Não podes culpar-me por tua leviandade. Tu sofres pelo excesso infinito dos sonhos.

- Não me ouves. Jamais ouvistes...

- Se teu pai ainda vivesse, eu te devolveria a ele, mas duvido que aceitaria de volta uma filha desonrada. Desonrastes teu nome e o de tua família. Terás o castigo que mereces.

- O que vais fazer? Jogar-me na rua?

- A rua ou o prostíbulo é o lugar de mulheres como tu, mas isso ainda seria castigo de pouca monta.

- Tu não podes expulsar-me desta casa. Esta casa é de minha família há gerações. Por direito ela é mais minha que tua.

- Onde está tua antiga doçura? Agora revelas a língua ferina que tens. Mas atentes bem para o que dizes: reconheces a casa, mas abominas o lar.

- Ah! Homem cruel! Vais matar-me, então?

- A morte rápida seria um castigo brando para vosmecê.

- Que castigo é este pior que a expulsão e que a morte?

- A gravidade da tua culpa exige um castigo à altura.

- De que me acusas? De ter amado outro enquanto me ignoravas?

- Ah! Insensata, louca! Devias estar calada, mas, não! Confessas para o próprio marido amar a um preto. Acuso-te de teres perdido a própria honra, o pudor, de esqueceres quem tu és, de ignorar tua família, teus antepassados e teus filhos e de desonrar irreparavelmente o nome de teu marido. Acuso-te de encenares essa farsa abominável que tu chamas de amor, mas que é apenas luxúria pecaminosa condenada aos olhos de Deus e repudiada pelos homens de bem.

Dito isto, Procópio Vitoriano fez um sinal com as mãos, para dentro da antessala. Os primeiros raios de sol tingem de vermelho vivo a linha do horizonte e inundam a cozinha com uma tênue luz alaranjada. Toda a cena tem um aspecto irreal de sonho ruim do qual Ifigênia Vitoriano quer acordar sem conseguir.

O capitão do mato entra trazendo o preto Bantô com as mãos amarradas para trás e mordaça de pano entre os dentes. A pele do corpo traz cortes e manchas de sangue nas costas e no peito, fora açoitado.

- Bantô – grita a mulher, em desespero – soltem-no, ordeno-lhes.

- Ah! Finalmente, revelas-te. Tua máscara caiu – diz Procópio Vitoriano, cada vez mais irado.

- Não uso máscaras. Aqui está a mulher que tu nunca foste capaz de ver.

Num ímpeto e julgando-se a escolhida para morrer, Ifigênia Vitoriano abraça-se ao preto que permanece em pé, altivo, no meio da cozinha. As mãos dela se umedecem de sangue e suas lágrimas se misturam com o suor dele, ambos feitos de um sal ácido e cortante. Ela retira a mordaça e desata o nó da corda que prende os punhos de Bantô. Procópio Vitoriano, num gesto brusco e violento, afasta ambos.

- Leve-o para o pátio - ordena ele ao capitão do mato.

Saem os três. A luminosidade tênue do início da manhã começa a tirar da massa amorfa e incolor da escuridão noturna o conjunto das árvores, flores e o contorno do casarão para individualizar seus volumes e formas e anunciar a chegada do sol.

- Dê-me o bacamarte – grita Procópio e estende a mão para o capitão do mato.

- Não, por Deus. Não o mates! Castigue a mim, mas não o mates, por piedade! – grita Ifigênia tresloucada, agarrando-se a Procópio que a empurra.

Procópio Vitoriano dá um único e certeiro tiro no peito do negro. Acostumado a caçar animais em movimento e a distância, e tendo boa pontaria, mesmo perturbado pelas emoções que faziam seu coração bater como se fosse explodir, ele não erraria um tiro a queima-roupa. O estampido retumba em todas as paredes do sobrado deixando ecos que seriam sentidos muitos anos depois. Bantô cai no assoalho de

cerâmica cor de ferrugem, deitando a cabeça em lago de coral. Ifigênia Vitoriano ajoelha-se no chão, ao lado do amante.

- Minha amada, tudo acabou para nós. Teu amor tornou suportável para mim os grilhões da escravidão. Agora, ambos se rompem. O preço de minha liberdade definitiva é perder-te. Quisera, então, jamais conhecer a liberdade.

- Não! Engana-te duas vezes. O amor não se esgota. A liberdade pode ser comprada com uma carta de alforria.

- A liberdade dos homens é mais que uma carta de alforria. Estou prestes a conquistar a liberdade definitiva. Não a queria por este preço: a morte está próxima – diz o preto com um fiapo de voz.

- Não digas isso! Atrai mau augúrio.

- Aproxima-te mais.

Ifigênia chega seu rosto bem próximo ao de Bantô.

- A morte é um prêmio para mim. Teus olhos são a última luz que vejo.

- Amado meu! Leva-me contigo! De que me servirá a luz do sol sem os olhos teus? Que há de ser de meus dias sem ti?

- Parto levando tua lembrança para a eternidade. Guarda-me em teu coração e terás alento para o resto dos teus dias, assim, em mundos separados, continuaremos juntos.

- Não me peças o impossível. Para a tua ausência não haverá alento, somente desespero e solidão.

- Beija-me! Sinto o torpor da morte se apoderar dos meus membros.

- Cala-te! Nobre guerreiro, doce amante, príncipe d'África! Afasta a morte de ti!

- Minha amada! Que doce criança és! Queres que eu vença o destino e a morte. Meu destino selou-se quando fui embarcado a força no navio negreiro que aqui me trouxe. Mas não me queixo: no final da viagem conheci a mulher a quem amo e que, embora alva como a pétala da camélia, é tão presa quanto eu. Não percamos tempo sonhando com uma vitória perdida. Beija-me!

Ifigênia Vitoriano se debruça sobre Bantô. Beijam-se. O príncipe de ébano rutilante havia tombado como um animal de caça abatido e seus olhos de polidas pérolas negras se fecham lentamente, do mesmo modo que uma viçosa flor castigada pela inclemência do sol do meio-dia, aos poucos pende a haste e queda murcha. Arrancado à força de seu continente, a África e de seu povo, ioruba, onde era príncipe, encontrou trágico destino em terra estranha: um amor impossível de escândalo e ignomínia. Bantô morre nos braços de Ifigênia. Ela grita e se debruça sobre o seu corpo inerte.

Furioso, Procópio Vitoriano arranca Ifigênia desse último abraço e a arrasta:

- Basta! Esta cena me revolta e causa asco. Vamos para o sótão. E lá que tu passarás o resto de teus dias. Não faltará tempo para que penses na desonra que cometestes.

Procópio Vitoriano sai pela porta da cozinha que dá acesso à sala de jantar, puxando Ifigênia pelos braços. Pedidos, súplicas. Lágrimas, promessas. Rogos, preces. Desespero, gritos. Tudo em vão.

O capitão do mato arrasta o corpo de Bantô pelo pátio puxando-o pelas pernas, como a um porco eviscerado. Um rastro de sangue tinge e entranha nas pedras de tal modo que

deixou sobre elas linhas e manchas que embora muito lavadas jamais se apagariam por completo. As lavagens sucessivas apenas mudaram o tom de vermelho vivo para uma cor que se confundia com a da ferrugem.

Em um canto do sobrado Ifigênia Vitoriano murmurava tristezas nos restos da escuridão que precedia o amanhecer. Quando o sol do estio por fim rompe a linha do horizonte numa gema incandescente e abrasa a terra com seus raios escaldantes vai encontrá-la encarcerada no sótão.

No princípio dos primeiros meses, longos como séculos, ela teve muito tempo para pensar nas frases soturnas ou assombrosas que mãe Aída dizia a todos, na mortalha que tecera para si própria e que carregava como um amuleto em sua canastra de viagem para onde quer que fosse, uma mortalha que era o inverso de um casulo de borboleta, pois a borboleta o irrompe para dele sair muito diversa de sua forma anterior de latência, ela o irrompe com sua esplendorosa beleza e o abandona vazio para nunca mais voltar.

Ifigênia Vitoriano também pensava em outro dito da mãe:

- A vida é igual à chama de uma vela. O vento de uma janela aberta pode apagar de repente.

- De repente e sem aviso prévio – completou Ifigênia, agora, em seu pensamento. Lembrava-se com saudade das tardes em que punha a mãe na banheira para dar banho naquela imensa e suave baleia-branca, macia e morna. A mãe-beluga jamais a olharia novamente com os imensos olhos negros cheios de um afeto silencioso e verdadeiro que ela somente conseguiu perceber em toda a profundidade depois

que se tornara mãe e mais ainda agora, apartada de seus filhos. O olhar de Aída era um olhar de mãe e olhar de mãe não olha pela metade, olha tudo de uma vez, mesmo que olhe apenas pelo canto do olho, mesmo que esteja nevoento pela idade avançada, mesmo que assombrado pelos ratos verdes irrequietos e brincalhões que povoaram de imagens aquela demência, mesmo que fingisse não ver, devido a reservas e pudores, que somente um coração de mãe conhece os motivos. Aída havia morrido há muitos anos e Ifigênia guardara a memória desse olhar, que ao mesmo tempo lhe reconfortava e lhe perseguia pela culpa que sentia de ter feito o luto antecipado com a intenção ilusória de assim, talvez, sofrer menos. Enganara-se, como se enganara em muitas outras coisas da vida. A lembrança do olhar da mãe era, no momento, um consolo que não consolava e lhe fazia doer o coração de um modo tal que era preferível estar morta.

Na antessala da loucura antes do mergulho fatal e definitivo nas sombras e no cárcere da própria alma, Ifigênia Vitoriano compreendeu inutilmente: o vento que pode apagar a vela não é apenas o da morte. As mucamas lhe levavam as refeições, mas não conseguiam entender por que sinhá Ifigênia repetia sempre a mesma frase:

- Se eu fosse vento, seria feliz.

No fim dos anos da prisão no sótão, pouco antes de morrer, o tempo de Ifigênia Vitoriano era apenas cada batida de seu coração, parecida com a batida do relógio da pêndula que estava na sala principal do casarão desde o dia em que as paredes receberam a última demão de cal.

Por fim, enlouquecida, ela passou a ter presságios e a conversar com os mortos de todas as gerações dos Vitoriano; as passadas, dos tempos imemoriais da construção do sobrado, e, as que estariam por vir, em tempos ainda não dados.

Quando sua alma mergulhava num silêncio agressivo e aterrador emoldurado pelas sinistras sombras da desesperança, ela dizia para si mesma diante de sua imagem envelhecida no espelho:

- Quero a beleza eterna do esquecimento!

Pobre Ifigênia! Louca, desejava uma das poucas coisas que a família Vitoriano jamais teria, mesmo depois da morte do último descendente da última geração dos Vitoriano.

DOMITILA

Domitila Vitoriano, a senhora da janela, designação com a qual passou a ser conhecida nos círculos mais restritos e letrados do Curato, por ter-se enamorado olhando o futuro marido pelas frestas da janela entreaberta. Joaquim Camargo, fazendeiro das vizinhanças, viera visitar o pai dela. Assuntos de homens: negócios de café, bois, fazendas e política. O populacho principiara a falar na lei que aboliria o tráfico negreiro e era apoiado, senão mesmo instigado, por alguns dos mais expressivos e influentes nomes da política, das artes e das letras que se identificavam com as ideias liberais. Se isso acontecesse a escravatura poderia ser abolida em futuro talvez próximo e quem trabalharia nas lavouras? O governo imperial pagaria indenizações aos proprietários de escravos? Dizia-se que não, pois os cofres públicos estavam esgotados. Muitos tinham certo que a economia do país entraria em colapso.

A jovem Domitila serviu café na sala de jantar. Quando entrou, os homens calaram-se. Os sons que se ouviam eram os do ruge-ruge do vestido e os das porcelanas das xícaras, agitadas no metal da bandeja, fustigadas pelo calor do líquido como nau que vagueia no mar minutos antes da tempestade desabar. E ela, que sentia o coração pulsar tão forte nos ouvidos, por breve instante temeu que eles o pudessem escutar. Nunca estivera tão próxima de um homem desconhecido; pôde sentir o cheiro marcante, suave e bom do suor doce cujo aroma ela percebia com o olfato exacerbado pelo instinto de fêmea desejosa de ser capturada: era idêntico

ao das flores do jasmim japonês que ficava atrás de uma das pérgulas do casarão. Imaginou a pele do peito e dos braços dele; teriam, ao toque, a mesma suavidade acetinada dessas flores leitosas. Quase desfaleceu, inebriada nos próprios sonhos. Foi o suficiente: um único e rápido olhar, enamorou-se. Os negros olhos de Joaquim Camargo pareciam uma noite que por ter caído tão de repente havia se esquecido de trazer as estrelas. Ela quis ser a estrela solitária para brilhar sozinha naquele firmamento. Antes de retirar-se da sala, ainda o olhou de viés, pelo vidro da cristaleira e percebeu que também era olhada. Para que o pai não pudesse manifestar desagrado, saiu rápida, leve, farfalhante como um lepidóptero vivamente colorido e delicado, uma vanessa. Subiu as escadas e dos seus aposentos, discreta, temerosa e ofegante, viu o homem moreno, de tez dourada pelo sol, de olhos negros ligeiramente amendoados, prestes a aprumar-se na montaria. Joaquim não ficara imune aos encantos da bela Domitila, nenhum homem poderia ficar. Antes de sair a galope pela rua poeirenta e virar para os lados do Jardim do Sapo, viu a janela entreaberta e, atrás, o vulto de Domitila. Voltou ao jardim, colheu uma rosa vermelha, a mais bela que pôde ver entre uma e outra aparição da lua no meio das nuvens, e a jogou no balcão do quarto de dormir da jovem. Foi o que bastou para conquistar definitivamente o coração de Domitila naquela época em que as senhoras elegantes da corte tinham o hábito da jardinagem doméstica ao qual ela também resolveu aderir.

O segundo encontro, uma semana depois, foi arranjado, a pedido do rapaz, ao pai de Domitila, coronel Procópio Vitoriano, que não viu motivo algum para impedimentos, já

que a família do pretendente se igualava à dos Vitoriano em posses, condição social e educação. O rapaz lhe agradava também por outros motivos: trabalhador, respeitoso, ligado à família e ao trabalho na terra, domador de cavalos, conhecedor de pecuária e horticultura; daria, com certeza, um bom marido para a filha que ele criara com tanto mimo e zelo, protegida de interesses oportunistas e dos muitos homens que a cortejavam e cobiçavam como a um troféu por causa da beleza inaudita que era quase como uma maldição. Ela fazia parte da "jeunésse doré" daqueles anos, uma elite morena, culta e refinada que pretendia viver nos trópicos como se estivesse em Paris.

Domitila entrou no salão, tocou ao piano o Adagio sostenuto attacca, da Sonata nº 14 em dó sustenido menor, Op. 27 nº 2 "Ao Luar", de Beethoven. Seus dedos longos e ágeis esvoaçavam o teclado como revoada de borboletas sobre flores recém-abertas da primavera. Cada nota vibrava inundando o ar com promessas de amor. O homem tomou-se de encantamento. Domitila Vitoriano sentia o olhar dele a queimar sua pele como o sol do meio-dia. Terminou a melancólica execução comovida, com os olhos naufragados em lágrimas, as mãos trêmulas. Retirou-se do salão adejando num rastro de segredo revelado que valeu como confissão muda de afeto correspondido.

Joaquim Camargo viu um arco-íris na retirada da borboleta errática e aprisionado pela fugaz iridescência, apaixonou-se. Não um apaixonamento platônico, idealizado, que a beleza suprema da outra tenderia a ensejar em qualquer homem por mais bruto ou rude que fosse, mas um

apaixonamento abrasador, vulcânico e visceral. Então, envolto em frêmitos incontroláveis, sentiu o abundante jorro de pérola líquida viscoso e morno como a seiva do jasmim japonês expelir-se para cima em torno do umbigo, e depois, escorrer pela barriga. A parte mais líquida escorreu rápida pelo meio das pernas e ele com muito custo conseguiu disfarçar as ondas dos pequenos espasmos elétricos que percorreram seu corpo, retesaram os feixes da musculatura minotáurica dos braços e pernas, eriçaram os pelos, e deixaram visíveis, por segundos, os bicos dos mamilos sobre o fino tecido inglês da camisa. Inquietações metafísicas eram algo distante para ele. Felizmente, a luz tênue das velas, o tecido escuro da calça, a distração do futuro sogro que antevia em imaginações o casamento da filha querida contribuíram para que ele não percebesse a erupção ocorrida. Se houve constrangimento ali foi somente o do próprio Joaquim, mas um constrangimento resolvido entre ele e ele mesmo, sem nenhuma outra conseqüência.

- É servido de um pouco mais de café, senhor Joaquim? – perguntou o futuro sogro com a voz grave e plácida.

A voz do outro retirou Joaquim do delírio e do êxtase secreto e o trouxe de volta à sala na qual o perfume discreto de Domitila podia ser sentido a cada vez que uma lufada de ar soprasse nas cortinas. A resposta foi um meneio da cabeça e um suspiro morno que lembrou as brisas de início de primavera. Quando em seguida Joaquim levou a xícara aos lábios para sorver um gole de café, Procópio Vitoriano supôs que o pretendente tinha as mãos trêmulas pela emoção de saber-se futuro marido de uma mulher que, devido a uma

beleza jamais vista e às muitas virtudes de educação e de espírito, era cobiçada por inúmeros outros. Não era apenas isso, mas ele não estava de todo equivocado.

Meia hora mais tarde o coronel Procópio Vitoriano mandou chamar Domitila. Ela voltou ao salão com um olhar de aparente serenidade, mas o corpo todo estava tomado por embalos de discretos tremores. Quando o pedido de noivado foi oficializado, Joaquim Camargo tomou a mão de Domitila e nela depositou um rápido e cálido beijo. Ela sentiu a tepidez dos lábios, os fios do bigode roçaram sua pele como a caminhada de uma centopeia. Na frente do pai, tomada de pudores, enrusbeceu.

Muitos anos depois, Joaquim permaneceria um vigoroso e doce macho mesmo depois que o tempo se encarregou de lhe nevar os cabelos, mas foi generoso com ele, pois não lhe retirou a altivez atlética do porte de guerreiro nem a figura esguia de toureiro reconhecida à distância quando se punha a caminhar pelas ruas da vila. Ele, diferentemente de todos os outros pretendentes, teve seus encantos para cair nas graças daquela mulher incomparável que durante toda a sua vida teve olhos somente para vê-lo. E que ninguém se enganasse com a doçura dela: ela soube muito bem domesticar os instintos que porejavam da carne sempre vibrátil e morna dele e manter os dela sob estreita vigilância para que não saíssem do controle da decência, filtrados pela camisola “Deus abençoe esta família”, porque o que ele despertava nela era pura pulsão de arrastamento, uma pulsão que tenderia ao ciúme doentio, à loucura ou a morte. E ela não queria repetir a sina trágica da mãe Ifigênia, cuja loucura pareceu às mulheres de todas as

gerações dos Vitoriano equiparável em sofrimento apenas à danação eterna do inferno.

No final de todas as tardes, Domitila se recolhia ao segredo do seu quarto, fechava as janelas e nua no leito, punha-se a abraçar as roupas que o marido havia usado no dia anterior. O cheiro forte e bom do suor dele era semelhante ao de uma mistura de flores de manacá com folhas de limoeiro maceradas. Sozinha, então, ela se permitia por alguns minutos vivenciar o arrebatamento sempre contido da noite anterior, um arrebatamento carnal, sanguíneo, violento e selvagem em seu momento máximo que ao mesmo tempo levava ao gozo e a uma dor profundos e, depois, na calmaria vindoura da respiração apaziguada dos sentidos pedia a presença inexistente do amado para deitar a cabeça sobre seu peito gotejado de suor e ouvir as batidas do coração marcar o ritmo da vida.

Nesses instantes, os ruídos d'além paredes, portas e janelas do quarto, continuidade e repetição da vida cotidiana com latidos longínquos de cães, conversa da criadagem doméstica, panelas, louças e talheres a ser lavados, gemido do carro de boi e badalada do sino da Matriz, pareciam vir de um estranho mundo paralelo que não era o dela. Não era o dela, não naqueles momentos, porque o êxtase não comporta nada além de si mesmo. Domitila Vitoriano vivia as tardes de sua imaginação todas as noites quando punha a camisola antes de deitar-se com aquele homem que só de vê-lo entrar no quarto a deixava trêmula de desejo: ele tinha o poder mágico de mergulhar na escuridão todas as coisas em redor.

Quando Joaquim saía pela região a vender gado e viajava à corte para negociar o café no mercado internacional ausentando-se, com isso, durante longo período, Domitila tinha recorrentes sonhos com um beija-flor-tesoura de longo bico e asas multicoloridas a sugar o néctar de orquídeas e paineiras.

O maior temor de Domitila era o de que o marido Joaquim repetisse com ela a violência feita pelo pai Procópio contra sua mãe Ifigênia. Era da índole dos homens Vitoriano serem violentos, possessivos. Ela teve a felicidade de constatar no dia a dia desde o início do casamento quão infundado era o seu receio. A energia de Joaquim era violenta sim, mas de uma violência domesticável e amorosa que ela mesma passou a desejar e a cultivar quando a compreendeu em seu íntimo: a violência de um homem terno, saudável e vigoroso que possui com sofreguidão incontida a mulher que ama e que sente que mais a ama quanto mais a possui. Ao compreender esse fato com sua intuição, Domitila acalmou-se, passou a colher flores silvestres para espalhar as pétalas pelo chão do quarto e pela cama enquanto aguardava pelo marido depois de ter feito o toucador. Ele se ria gostosamente:

- És uma menina, a minha menina!

Certa vez ela teceu uma guirlanda com ramos e folhas de manacá e lhe corou a fronte como a de louros da vitória. Para surpresa dela, ele não rechaçou o mimo. Naquela noite, ainda que em silêncio de murmúrios e contendo a custo a rapidez frenética da respiração, ela voou mais alto em sua fantasia e sentiu que um deus grego a possuía e a levava para o Olimpo;

ela que certamente rivalizaria com as deusas em beleza e garbosidade.

A ternura selvagem entre eles prescindia das palavras e era puro gesto, algo que lembrava o desejo inaugural entre Fulgêncio Vitoriano e Alma Cartaxo, coisa que ela não sabia nem poderia saber: o abismo do tempo é intransponível e o desejo raramente deixa inscrições tão íntimas para serem decifradas no futuro. A continuidade desse afeto correspondido fez que com o tempo Domitila se lembrasse de Ifigênia Louca sem a amargura do seu tempo de solteira, época em que todos os homens, sem exceção, lhe davam medo e que acreditava que repetiria a triste sina da mãe. Domitila saiu-se vitoriosa: conseguiu amansar o instinto selvagem do marido e pô-lo a seu favor no gozo de um amor carnal, terno e profundo.

E, ulteriormente, mais que isso, compreendeu que os homens precisavam ter uma dose exata de agressividade: se pouco manifesta, pode parecer à mulher, desinteresse ou fraqueza, se a expressam de modo impetuoso e impulsivo é sinal de que podem ser, com freqüência, violentos e alheios às circunstâncias e consequências, o que é assustador e afasta o aconchego em definitivo. E para que uma mulher quer um homem se não pode dar a ele o aconchego do seu peito e a ternura que transborda de seu olhar que somente vê encantamento no ser amado?

Ali, na sala onde Dona Miminde contava as histórias para Dandara; ali, com aqueles mesmos móveis, tapetes, quadros de parede; ali, onde os Vitoriano pareciam estar desde sempre e onde deveriam permanecer por um tempo maior ainda, tão

longo que seria difícil contá-lo. Bárbara Vitoriano, mãe de Dona Orminda, nasceu daquela união.

Meses antes das núpcias de Domitila Vitoriano ela e toda a família se encontravam envolvidas nos preparativos que se resumiam em duas atividades principais: organizar a cerimônia religiosa com a lista de convidados para a recepção no sobrado e montar o enxoval completo.

Como a mãe de Domitila havia falecido há anos (e era obrigatório entre os familiares nunca se referirem à tragédia da qual Ifigênia Louca fora vítima), não faltaram tias e comadres para auxiliá-la nas tarefas. Entretanto, comprou na corte a maioria das peças do enxoval e umas poucas e especiais joias para a cerimônia. Alguns vestidos, inclusive o de noiva, foram feitos pela principal modista do Rio de Janeiro, madame Henriette Janvier, francesa, ou, melhor dizendo, parisiense, como todos a ela se referiam por acreditar ser mais *chic*. Madame havia vindo para *faire le Brésil*, mas não ao estilo das *cocottes*. De forte complexão e dedicada ao trabalho árduo, abriu uma casa na Rua do Ouvidor. Falava um inteligível português, embora arrastando de modo inevitável e cômico "erres" e "esses".

Com este propósito, Domitila Vitoriano embarcou para a cidade do Rio de Janeiro em carruagem com uma pequena comitiva: o pai Procópio Vitoriano, a mucama predileta, a tia preceptora e dois fortes pretos da criadagem doméstica para cuidarem do transporte das canastras e bagagens nas sucessivas locomoções. Como a região sul-mineira possuía abundante e habilidosa mão de obra para executar delicados bordados em ponto de cruz e crochê filê, as peças em puro

linho dos lençóis, travesseiros, toalhas de banho e de mesa seriam adquiridas na corte e entregues às bordadeiras do Curato do Espírito Santo e adjacências. O trabalho delas na excelência dos tecidos produziria um dos mais belos enxovais já vistos.

Procópio Vitoriano jamais se recuperara da tragédia de Ifigênia. A honra obrigou-o a praticar atos que depois lhe foram motivo de culpa por toda a vida, culpa para a qual não poderia haver perdão nesta terra, nem em nenhuma outra, mesmo depois da morte, pois ele tornou-se estrangeiro de si mesmo, seu castigo era a consciência da autocondenação. Procópio Vitoriano, homem sem paz, torturado pelo remorso, desdobrava-se, então, em cuidados expiatórios com Domitila, a filha mais velha, educada pela preceptora, uma tia paterna que veio residir no sobrado até que a jovem completasse seus dezoito anos. Esgotado o prazo o vínculo afetivo da tia não somente com a sobrinha querida, mas com todos os Vitoriano e deles com ela, tornou impossível que ela voltasse ao próprio lar. Sendo também viúva, viveu no sobrado até o fim de seus dias e, no início, ajudou Domitila a criar a filha Bárbara.

O pai de Domitila Vitoriano parecia perceber sempre, nos olhos da filha amada, um mudo lampejo de recriminação. Domitila conhecia com detalhes a história de infortúnio da mãe, ouvida dos escravos e parentes a meia-voz e pelos cantos, mas, entre si, ela e o pai jamais se referiram explicitamente ao assunto. As referências se davam por metáforas, olhares desviados, insinuações e frases interrompidas. Nunca se teve notícia de que ela proferisse palavras ou articulasse gestos, por menores que fossem, que

pudessem condená-lo ou absolvê-lo. O silêncio da filha era um suplício que ele suportava em forma de penitência, mas uma penitência a que alguém pode submeter-se indefinidamente sem nunca conseguir a libertação do mordicamento.

A viagem, longa e exaustiva, durou vários dias. A comitiva partiu para a Freguesia das Águas Virtuosas de Caxambu de carruagem e de lá para Juiz de Fora, também de carruagem, onde embarcaram no trem para o Rio de Janeiro. Chegando à corte, recolheram-se aos seus aposentos no Hotel Pharoux, no Largo do Paço, o mais decente hotel carioca da época, com roupas de cama, talheres e toalhas de mesa impecáveis; banharam-se e repousaram. A viagem nas estradas de terra entre as montanhas, apesar de agradável aos olhos devido às paisagens deslumbrantes com suas serras ocultas e entrevistas pela neblina, vegetação da mata atlântica e cascatas onde cristalina água rola sobre escuros blocos de pedras como inquietos véus de noiva, além do perigo dos despenhadeiros era um suplício para o corpo.

No segundo dia, saíram dos quartos, usufruíram das comodidades que o hotel lhes oferecia, passearam pelos arredores admirando a beleza das construções e caminharam à beira-mar, Domitila de braços dados com o pai e com a sombrinha aberta para proteger a acetinada cútis da inclemência do sol tropical. Os transeuntes, ao serem surpreendidos pela visão do elegante caminhar da rainha-bela dos Vitoriano, julgavam-na uma senhora recém-chegada das cortes europeias, mal podendo adivinhar que tal beldade nascera e fora criada no sertão da província mineradora, no coração do Império. No início da tarde, visitaram a Igreja do

Outeiro da Glória. Painéis de Mestre Valentim, século XVIII, azulejos portugueses em azul e branco, cenas bíblicas. Domitila Vitoriano comoveu-se às lágrimas; toda beleza a enternecia parecendo aproximá-la não da eternidade em seu irrestrito atemporal, intangível, mas de seus suficientes fragmentos, proporções e harmonia dos quais cuja imago – uma delas – era ela própria.

Somente no terceiro dia, já totalmente refeitos do cansaço, foram às compras. O pai levou Domitila Vitoriano para conhecer o velho e bom amigo Penna Fortes, proprietário da joalheria de igual nome, em Laranjeiras.

A joalheria colocava ao dispor da seleta clientela as mais finas joias desenhadas e feitas pelos melhores ourives ingleses, italianos e franceses.

A rainha-bela dos Vitoriano adentrou pelo principal salão da joalheria. Com seu longo pescoço egípcio, boa estatura que superava mesmo a de muitos homens e porte gracioso, mais parecia um raro cisne a deslizar placidamente nas águas de um límpido lago. Ela era a prima-dona dos salões que a todos encantava nos saraus do sobrado, dedilhando o piano com a suavidade dos dedos longos e ágeis e declamando poemas com voz serena e aveludada. Manuseava o leque com destreza treinada nas festas e aprimorada nos gestos da arte de seduzir, cuja cena era a dança do semicírculo entre olhares oblíquos, mechas de cabelo, marola de sedas e emanação de perfumes. Nas mãos de Domitila Vitoriano o delicado leque de renda alençon com varetas de marfim poderia ser uma terrível arma de guerra.

Devido ao conjunto de todas essas qualidades, com certeza incomuns se reunidas em uma única pessoa, pretendentes não lhe faltavam, dos imberbes aos senis, cada qual gabando-se de poder oferecer-lhe mais mimos e mesmo sendo constantemente preteridos ainda se orgulhavam de ter obtido, por frações insignificantes de tempo, um olhar da donzela. Belos olhos como os de Domitila Vitoriano não foram talhados para derramar lampejos de desdém e ironia, mas exaurida com o constante assédio da heterogênea turba esses lampejos, vez ou outra, davam-se a perceber. A quase involuntária reação à subserviência e aos excessos de solicitude conferiam ao seu semblante a altivez de uma rainha, colocando-a distante e inatingível como uma estrela. Entretanto, sua atitude causava reação oposta ao desejado: quanto mais tentava afastar os pretendentes mais numerosos e insistentes eles pareciam ser.

Não foi diferente a impressão que Domitila Vitoriano causou aos poucos clientes e, principalmente, ao senhor Penna Fortes, ao caminhar pelo salão.

- Procópio Vitoriano, que bons ventos o trazem à corte?

Os dois amigos se abraçam e trocam os cumprimentos de praxe. Procópio Vitoriano apresenta-lhe a filha, que ele conhecera ainda menina.

- Minha nossa! Aquela menininha, então, é ela! Meu Deus! O tempo que causou a minha ruína foi o mesmo que operou este milagre. Senhorita, será difícil escolher uma joia do vosso agrado – disse o senhor Penna Fortes, enlevado com aquela que ofuscava o cintilar de toda a sua coleção de joias.

- Quero uma que realce o vestido de noiva e complete o brilho da festa.

- Com todo o respeito, senhorita Domitila, joia alguma há que possa realizar esta façanha. Ao contrário, será a senhorita a emprestar sua luminosidade à joia, a qualquer delas que tenha o privilégio de ser por vós escolhida – disse o velho joalheiro, aparvalhado na contemplação estética daquela obra de arte viva que nada deixava a desejar ao trabalho dos melhores pintores e escultores de todas as épocas e que causaria inveja às senhoras da corte com seu *donaire* natural.

De fato, as joias eram inúteis ornamentos a Domitila Vitoriano: nenhum homem, movido pelo desejo, se deteria a observá-las; nenhuma mulher, traída pelo despeito ou pelo ciúme, atribuiria a elas a razão de seus queixumes. Somente Domitila, devido ao recato da severa educação familiar e religiosa recebida não tinha uma exata percepção do impacto que sua assombrosa beleza e graça causavam nas pessoas, nem poderia imaginar naquele tempo, antes do casamento, quão furioso o desejo dos homens pode ser mesmo quando revestido pelo aparentemente casto sentimento do amor. Ela lembrou-se do hálito vaporoso e morno de Joaquim Camargo e de seus movimentos de felino selvagem e aquelas joias todas lhe pareceram ter sido cinzeladas em uma geleira do ártico.

Procópio Vitoriano olhou de soslaio para a filha e a custo conteve o riso. Apesar da espontaneidade das observações do velho artífice, ele não deixava de ser um tanto afetado e teatral.

- E, com a permissão de vosso pai – continua o simpático velhinho de pince-nez – quero dar-te uma joia. Gostaria que a

aceitasses como presente de casamento de um antigo amigo de família.

Domitila Vitoriano voluteia o pescoço de cisne em direção ao pai e, olhando-o, tenta auscultar-lhe o que lhe vai ao pensamento. Procópio Vitoriano esboça um sutil aceno de consentimento com a cabeça. Ele não faria a desfeita da recusa para um amigo de tão longa data.

- Aceitarei de muito bom grado. Agradeço-vos em meu nome, em nome de minha família e de meu noivo Joaquim. Todos nós prezamos a amizade que o senhor nos devota e, podeis crer, ela é recíproca.

- Ah, assim está bem – diz Penna Fortes, tirando um pequeno estojo de madeira da vitrine e depositando-o nas mãos de Domitila Vitoriano.

Ela abre a caixa, que pela raridade da madeira e delicadeza do trabalho em marchetaria é quase outra joia. Dentro encontra-se um belíssimo camafeu italiano, em formato retangular, cuja pedra é bicolor: a do fundo, maior, em cor de violeta-claro e translúcida, a da frente, branco opalino, em autorrelevo, onde se vê o desenho em perfil do busto de uma bela mulher com os cabelos cacheados presos ao alto da cabeça por uma tiara. O retângulo da pedra é acompanhado em suas bordas, em arremate, por um fio de ouro de vinte e quatro quilates.

Os olhos de Domitila Vitoriano se umedecem, emocionada com a beleza da peça e com a afetuosidade paterna do velho senhor. Dada a opulência do presente, de início ela esboça hesitação em aceitá-lo:

- Senhor, é muita generosidade de sua parte...não sei se devo... – diz, alternando o olhar entre a jóia, o pai e o bondoso ourives.

- Se a senhorita soubesse de todas as situações em que seu pai socorreu a mim e a minha família...essa jóia expressa a minha gratidão que não pode ser recusada.

Domitila suspira emocionada e a voz lhe sai trêmula da garganta:

- Obrigada. Eu o usarei somente em ocasiões muito especiais para fazer jus ao apreço que todos lhe tributamos.

Atrás do pince-nez de ouro, os olhinhos do velho ourives se enchem de tal satisfação que mais parecia ser ele o presenteado:

- Vamos, deixe-me prendê-la ao teu pescoço para que possas ver-te com ela ao espelho – assim dizendo, adornou o colo de Domitila e levou-a à frente de um alto espelho, apoiado no chão, cuja moldura em madeira pintada em dourado, era entalhada em rococó.

Ao mirar-se pela primeira vez com a joia, naquele espelho, que, devido à posição em diagonal e à luminosidade difusa do aposento, parecia ter a superfície esfumaçada como uma tênue névoa, Domitila teve uma estranha sensação: a joia lhe pareceu gelada e úmida; respirou fundo, inclinou levemente a cabeça e levou a mão ao peito. O joalheiro não percebeu esses gestos delicados e rápidos, que, contudo, não escaparam ao pai, pois conhecia a filha como ninguém. Ao chegarem ao hotel, ele lhe perguntou:

- Minha filha, o que houve? Tu parecias presa ao espelho ao ver a joia em teu pescoço!

- É verdade, meu pai. Senti-me um pouco tonta. A iluminação da joalheria...por um breve momento, não me vi no espelho, mas através de sua superfície, vi o açude em um dia nublado de inverno, quando está prestes a amanhecer e uma névoa paira sobre ele.

Procópio Vitoriano riu com gosto:

- É isso que dá ter a imaginação fértil. Está resolvido! Não lhe compro mais romances para ler! Aliás, depois de casada, não terás mais tempo para eles.

Domitila Vitoriano esboçou dúvida num leve sorriso:

- Pode ser, meu pai! Pode ser...

O mistério daquela joia começaria ali. Anos depois, numa noite de surpresas, Orminda Vitoriano tiraria o camafeu do belíssimo estojo de madeira, o prenderia na renda da gola alta do vestido e desceria ao salão do sobrado para ser apresentada ao futuro marido...

BÁRBARA

Assim que amanheceu, as famílias dos sobrados descerraram as janelas do andar superior, todas que davam para a avenida e penduraram sobre os parapeitos as melhores colchas de crochê e toalhas em tecido adamascado. Nas casas mais singelas, os moradores colocaram jarros com flores sobre pequenos tecidos estampados e, nas calçadas, cadeiras e bancos, para que o movimento pudesse ser apreciado sem se perder nenhum detalhe.

A Igreja Matriz e seu entorno, do chão às torres, tudo foi vistoriado. A escadaria foi lavada com água-de-rosas; os bancos e imagens esculpidas dos santos, lustrados; os metais, polidos; os vidros e cristais, lavados; o chão, encerado; os tapetes, batidos e escovados; o ar, perfumado com pétalas de rosas secas sobre brasas; até o intestino seco de boi que segurava o badalo do sino foi trocado, tudo isso feito por dezenas de pessoas, entre criados, amigos, curiosos e paroquianos, diligentes e emocionados, ansiosos e reverentes.

Foi o dia dos vendedores ambulantes. Nas proximidades da Igreja Matriz, desde as sete horas daquela manhã que ninguém saberia dizer se era molhada ou fria, já se podiam ver barracas com doces cristalizados e de marolo, pratinhos de arrozes-doces com cravo e canela, iguaria introduzida na cidade pelos imigrantes libaneses que por essa época começavam a chegar, amêndoas confeitadas, pipocas, milho verde cozido, pedacinhos de coco cozido e caramelado, bolos

com cobertura de açúcar e pasta de laranja, licores, refrescos de frutas, pudins e queijos.

Além disso, ainda havia os disputados pastéis fritos feitos na hora pelo Zé da Sêca, filho de seu Adélio da banca da feira, banca que um dia viria a se instalar em cômodo do mercado municipal, conhecido por esse nome por ser rapaz macérrimo, cuja face equina formada por estrutura óssea marcante e pontiaguda, tracionava músculos e pele de modo a formar sulcos definidos e definitivos.

A fealdade encontrara nele uma forma digna e elevada de expressão. No entanto, jogava a seu favor a juventude. Na mocidade até os feios têm lá o seu encanto, pois o viço da pele e o brilho dos olhos são inegáveis atributos sedutores, coisas que, depois, o tempo rouba sem distinguir os belos dos feios. Na velhice, os que foram belos na mocidade terão sempre a seu favor as ruínas da glória finda para serem exibidas. Alguém que contempla o Parthenon parcialmente desabado não vê nele fealdade alguma, pelo contrário, a imaginação permite reconstruir a beleza monumental a partir dos seus escombros.

De modo semelhante, as donzelas da vila operária em alarido – e em segredo, outras de famílias abastadas, viam graça naquele homem a quem chamavam de o “feio-bonito”, pois o atrativo dele, além de um rosto marcante e incomum, era aliar a acentuada masculinidade à indiscutível perícia e airosidade das mãos na feitura da massa dos pastéis, uma massa tão leve e delicada que não carecia de recheio para ser apreciada.

Dessa constatação e da criatividade do Zé da Sêca, surgiu o “pastel de vento”, no início, uma espécie de piada

culinária, mote para ensejar: - “Já comeu o pastel de vento hoje? Cuidado para não gripar!” Era a brincadeira mais ouvida na banca do seu Adélio; depois, o pastel caiu no agrado popular de tal forma que passou a ser o tira-gosto de cachaça mais preferido pelos bêbados que atracavam na banca do seu Adélio como barcos à deriva que há muito perderam as âncoras, extraviaram-se dos portos de origem e ignoravam por completo a iminência do naufrágio.

Por esse motivo, para não sujar as barras dos vestidos na poeira, gordura e excrementos de galinhas e porcos do chão irregular do mercado municipal, as senhoras de família mandavam os criados buscar os pastéis com pratos da melhor porcelana da casa, pratos que voltavam repletos da iguaria, cobertos por um papel grosso de embrulho manchado do óleo da fritura.

Os pastéis propiciavam uma espécie de carnaval gastronômico, pois sua degustação abolia a desigualdade entre as classes sociais. Enquanto os bêbados se serviam deles em meio à muvuca do mercado, entre os grunhidos dos porcos, dos cães e gatos famélicos a procura de restos de comida, zumbido das moscas esvoaçantes, gritaria dos feirantes e do burburinho geral da população que o frequentava, as senhoras de escol se aboletavam em suas finas salas de jantar para saboreá-los com uma xícara de café quentinho e fumarento. Imersas em seu mundo onírico de opulentos sobrados, criado pela riqueza dos cafezais que produziam safras cada vez mais abundantes negociadas no mercado internacional, apreciadas na Europa, estavam afastadas pelas cortinas de tafetá do outro mundo, paralelo, real e duro, movido pela engrenagem

suarenta e olorífera dos músculos dos milhares de escravos da Vila do Espírito Santo.

O conjunto desses e de tantos outros regalos era de tal abundância e "gostosura" – diria Dandara, se tivesse vivido naquela época – que seria impossível a alguém comer de tudo, mesmo em comedidas porções, sem ter uma trabuzana. Era o prenúncio de uma festa de encher os olhos e o estômago e dar o que falar por muito tempo. As bordadeiras da freguesia aproveitaram a oportunidade para vender guardanapos comemorativos, em trama de linho ou algodão, bordados com o monograma *BEV* (Bárbara e Euclydes Vitoriano).

Quando na noite de suas núpcias Bárbara Vitoriano entrou sozinha na vitória para dirigir-se à Igreja Matriz do Divino Espírito Santo, a multidão acorreu aos portões do sobrado para vê-la sair. Um casamento excepcional, realizado à noite, iluminado por centenas de archotes nos jardins do sobrado e nos caminhos até a Igreja Matriz, e por centenas de velas dentro da igreja. O coronel Joaquim Vitoriano e a mulher, Domitila, não puderam acompanhar a filha no mesmo veículo, pois a comprida cauda e o véu tomaram todo o espaço disponível.

A população se amontoou também defronte aos portões da igreja e nas calçadas das poucas ruas que separavam o sobrado da Matriz. Os sinos dobravam provocando uma revoada de andorinhas em torno do campanário.

Na Freguesia do Espírito Santo, com pouco mais de sete mil almas, as festas religiosas anuais com suas quermesses em frente à Igreja Matriz e as missas e procissões da Semana Santa com os fiéis em longas peregrinações pelas ruas, de uma igreja

a outra, encasacados para protegerem-se do frio das noites de abril e com compridas velas acesas nas mãos, resumiam-se, assim como o Natal, nas principais comemorações populares, em cuja organização todos os paroquianos se envolviam.

Naquele ano, porém, os preparativos e a cerimônia do casamento de Bárbara Vitoriano conseguiu eclipsar todas as outras festividades. Um ano antes já não se falava em outra coisa na Freguesia, e as comadres não entabulavam assunto diverso, pois além da expectativa que uma cerimônia daquela monta levantava, diversas pessoas da paróquia estavam envolvidas em atividades que dariam a sustentação prática ao evento, entre elas, alfaiates, modistas, bordadeiras, lavadeiras, floristas, sapateiros, ourives, carpinteiros, marceneiros e doceiras.

Aqueles que não tiveram o privilégio de receber o convite impresso nas gráficas da Campanha da Piedade do Rio Verde para assistir à cerimônia dentro da igreja tiveram que se contentar em ver o que pudessem das calçadas ou das escadarias. Não importava o lugar, ninguém queria perder o espetáculo.

A vitória sai dos jardins do sobrado puxada por um único cavalo branco especialmente preparado para a ocasião, muito bem escovado, com brilhante pêlo e arranjo de compridas penas vermelhas de guará na cabeça, a mesma bela ave da qual os índios tupinambás roubavam as penas para tecer os mantos de seus chefes, presas na base por uma fita dourada.

- É um sonho! – diziam alguns, ao verem a vitória sair dentre as floridas pérgulas com Bárbara Vitoriano circundada pelo véu e pela cauda do vestido, parecendo estar sentada

dentro de uma enorme rosa branca, iluminada pela luz dos archotes, lampiões e da imensa lua cheia daquela noite.

- É a imagem de Nossa Senhora da Conceição – diziam outros, extasiados.

Antes mesmo do início da cerimônia, o embevecimento tomou conta de todos, sem exceção, do mais rico ao mais pobre, de familiares e desconhecidos, de homens e mulheres, de velhos e crianças.

A vitória para em frente à base da escadaria da Igreja Matriz, e Bárbara Vitoriano desce, pisando no macio tapete vermelho estendido por boa parte do passeio público, auxiliada por umas vinte donzelas e senhoras zelosas com o véu e a comprida cauda do vestido.

No adro, familiares e amigos íntimos da família a aguardam. Os convidados esperam a entrada triunfal da noiva na nave e, de quando em vez, viram suas cabeças na direção da entrada na esperança de vê-la despontar. Risinhos, cochichos, sussurros e senhoras se abanando com os leques. Não faltam invejosos a procurar pequenas imperfeições nos arranjos florais dos bancos e na organização geral da cerimônia para ter algo a maldizer no dia seguinte. A multidão se acotovela nas calçadas suspirando e aplaudindo admirada daquele espetáculo único de luxo, graça e leveza, com cenários e figurinos dignos de uma ópera: a ópera nupcial de Bárbara Vitoriano.

Quando as senhoras, por fim, terminam de arrumar véu e cauda, Bárbara Vitoriano principia a subir a escadaria. Dos dois lados e em cada degrau, da base ao adro, um coral com cem crianças vestidas de anjos, calçando sandálias de finas

fitas de couro trançado, cabelos arrumados em cachos firmados com laquê e asas de pato embalsamadas nas costas, portam nas mãos recipientes de madrepérola em forma de conchas, de onde tiram pétalas das mais diversas flores com as quais orvalham os degraus.

Bárbara Vitoriano entra no adro. As zelosas senhoras arrumam o véu e a cauda pela última vez enquanto o coral de anjos, organizado em duas fileiras de cinquenta crianças, caminha pela nave entoando: “Regina coeli laetare, Alleluia, Quia quem meruisti portare, Alleluia, Resurrexit sicut dixit, Alleluia. Ora pro nobis Deum...” e se posiciona aos lados do altar. A celestial entrada das crianças causou espécie no público e comoveu os mais sensíveis até as lágrimas.

O enorme órgão da igreja principia a tocar a marcha nupcial de Mendelssohn, e Bárbara entra na nave de braços com o pai, o coronel Joaquim Vitoriano. Estão acesas todas as velas dos imensos lustres com copos de cristal, pendentes do teto por compridos e grossos fios metálicos dourados. A igreja é inundada com uma luz etérea e difusa. Delicados contrastes de luz e sombra arrancam um brilho cintilante e perolado do vestido. O véu e a cauda cobrem quase totalmente a distância do altar à entrada principal. Luxo semelhante não se vira nem na corte.

O ápice da cerimônia acontece quando a prima dona do canto lírico brasileiro, a soprano Maria Sforza, de descendência italiana e residente na corte, trazida especialmente pela família e hospedada no sobrado com honras de princesa para abrilhantar a cerimônia com sua belíssima e maviosa voz, pôs-se a cantar a “Ave Maria”, de Bach-Gounod. Ela foi

acompanhada pelos acordes enlevantes do órgão e do coral de crianças, com vocalizações suaves e aveludadas como as pétalas perfumadas das rosas vermelhas que caíam em chuva durante o canto, sobre todo o interior da igreja, despencando de dentro dos finíssimos sacos de seda pendurados no teto ao longo da nave e puxados e abertos por cordões.

E Maria Sforza, cuja potência vocal atingia facilmente cinco oitavas, cantou com tal sentimento d'alma e arrebatação que seus agudos espatifaram vários dos copos de cristal dos lustres, para delírio da plateia estupefata e em transe. Foi um *frisson*: algumas senhoras excessivamente apertadas em seus espartilhos impiedosos chegaram a perder o fôlego e a desmaiar, quase todos choravam ou tinham os olhos úmidos, emocionados; os homens a custo continham as lágrimas, sentindo uma mão de ferro apertar-lhes a garganta; o português, dono da loja de fazendas e aviamentos, obeso e conhecido glutão, não resistiu aos excessos cometidos durante o dia, visto que foi fartando-se de iguarias em todas as barracas: o gargântua teve uma trabuzana antes da Sforza entoar Santa Maria e foi tão discretamente quanto possível retirado para a sacristia, aos abanos de leques e lenços, sem causar, felizmente, nenhum outro tipo de transtorno. Quem não sabia ficou sabendo naquela noite: a voz humana pode ser tão poderosa e arrebatadora quanto um instrumento musical quando o cantor consegue aliar à bela e rara voz uma técnica perfeita de desempenho. Mas ainda não bastam essas privilegiadas condições. O ápice é atingido somente quando o cantor permite entregar-se sem pudores à interpretação para colocar a voz única, a técnica exemplar e a alma que se lhe

abandona, cabeça a cabeça, como cavalos que correm pareados na pista do jóquei. Tal era o caso da Maria Sforza. Ela desnudava sua alma lírica para o público de uma maneira tão apaixonada que era impossível vê-la cantar sem se sentir arrastado pelos próprios sentimentos.

Na saída da noiva, ao som da Sforza vocalizando agora, com o órgão e os anjos do coral, a Ave Maria, a confusão foi ainda maior, a população aglomerou-se nos portões da igreja e do sobrado de tal forma que a noiva e os convidados gastaram quase uma hora para percorrer o pequeno trajeto. Todos se acotovelavam e ninguém queria perder um detalhe sequer do vestido e das joias da noiva, da roupa dos convidados, do cavalo branco com arranjo de penas vermelhas na cabeça, da vitória ornamentada com tule, das crianças com cabelos encaracolados e asas de pato embalsamadas.

A gorda Maria Sforza era uma atração à parte, com sua peruca loira, pele da face limpa com *vinaigre de toilette* e empolada com densa camada de *poudre de riz* sobre a qual passou outra de ruge vermelhão, um unguento feito com gordura de porco e pasta de pau-brasil, aplicado quente para manter a consistência ideal. A maquiagem parecia uma máscara, mas de que outro modo estaria bem à noite, à luz de velas?

Não faltou até mesmo quem duvidasse dos cristais espatifados e subisse até a nave para ver com os próprios olhos. Crianças juntavam as pétalas das rosas e jogavam umas nas outras, maníacos por qualquer lembrança levaram cacos de cristal para casa como provas irrefutáveis da potência vocal da dona gorda, de opulentos seios, adorada principalmente

pelas crianças-anjos do coral que puxaram as barras do seu imenso e rodado vestido de veludo verde, armado pela crinolina, com abissal decote e colar de pedrarias a fazer jus a toda fartura de atributos físicos e vocais; ela não se irritou com a curiosidade e admiração da criançada e expôs seus dentes ebúrneos dando amplas e gostosas gargalhadas, não destas em sol-e-dó, possíveis a qualquer um que se dispuser a achar muita graça em algo, mas vocalizadas e com impostação da voz, como se estivera na ribalta. Os adultos se deliciaram com a cena e as crianças amaram a espontaneidade da gorda simpática e extravagante, qual personagem de um divertido Entrudo e retribuíram jogando sobre ela uma chuvarada de pétalas.

Bárbara Vitoriano recebeu os convidados no sobrado para uma festa que durou vinte e quatro horas e parou a freguesia. Os portões foram lacrados para conter a multidão, muitos permaneceram durante toda a madrugada no passeio público, insaciáveis na curiosidade e na bisbilhotice dos mínimos detalhes que renderiam assuntos para conversas por longo tempo.

Foram servidas carnes de porco guisadas e cobertas por talhadas de laranja, carne de vaca e couves, assados de cabritos, carneiros, perus e galinhas, peixes de diversas espécies ensopados ao molho de tomate, pães fatiados, patê de foie-gras, arroz, legumes cozidos, frutas da estação, doces cristalizados e em calda, pães-de-ló, café, água mineral, ponche, refrescos de frutas, o raro licor da flor de murici procedente do Norte do país de uma cidade tão remota que ninguém sabia falar o nome, vinhos tintos das melhores safras

francesa e italiana, além daqueles produzidos na cidade, que, embora de qualidade um pouco inferior, eram muito apreciados pela cor tinta acetinada e sabor adocicado.

No serviço usaram-se os mais requintados conjuntos de porcelana inglesa em branco e azul, quatro faqueiros completos de prata monogramados, especialmente encomendados para a ocasião e taças, copos e jarras de puríssimo cristal.

Quinze dias depois, Bárbara Vitoriano e o marido estavam em lua de mel na corte. No início de maio, embarcaram do cais da Praça do Carmo para Paris no luxuoso *SS Belgic,* um verdadeiro palácio flutuante, vapor da *White Star Line*, que começara a operar recentemente na América do Sul.

OS PRESSÁGIOS ANTES DO AMOR

A memória peculiar de Orminda Vitoriano era um dia perpétuo em que todos os acontecimentos da família se repetiam *ad infinitum* sobrepostos ininterruptamente e renovados desde o ato inaugural do clã: o dia do casamento dos tetravós Fulgêncio Vitoriano e Alma Cartaxo. Ela vivia uma vida em que cada instante parecia definitivo; possuía aguda consciência dessa urgência quase trágica. O mundo dela, portanto, tinha muitos outros dentro, mas naquele tempo Orminda ainda não havia percebido isso com a nitidez melancólica e imperiosa de um condenado à forca, aguardando a hora irremediável da execução.

Em uma tarde, depois que a cidade amanheceu fagocitada pela neblina, o coronel Euclydes, pai de Orminda Vitoriano, concordara em deixar que uma *troupe* de ciganos entrasse nos jardins do palacete com seus tachos e panelas de cobre, lamparinas de azeite, tecidos e cordões e medalhas de ouro fingido. Ele havia acordado de bom humor e mandou que a criadagem servisse refeições e refrescos aos ciganos.

O grupo era composto por cerca de umas vinte pessoas, entre homens e mulheres jovens, velhos e algumas crianças. Entre eles havia também uma robusta anã com cabelo preto e brilhante de tão escuro; ela não era maior que a haste um agapanto. Viajavam em três carroças que podiam ser vistas nas proximidades do casarão, cobertas com pesado tecido, cada qual puxada por dois cavalos pangarés. As mulheres mostravam os tachos, véus, vestidos e joias de suposto ouro;

os homens, os tecidos, e, um deles, sentado debaixo de uma pérgula cujo chão encontrava-se atapetado de pétalas, tocava na viola de cedro triste modinha de despedida dessas que vão diretas, sem paradas nem baldeações, do coração de quem toca para o de quem ouve. Em um sarau, tempos atrás, Orminda Vitoriano ouvira a mesma melodia tocada por um violinista, mas somente o violeiro cigano conseguira arrancar do instrumento as notas musicais como se fora os lamentos de um coração que ama sem ser correspondido, de um coração que elegeu seu amado sem que ele tivesse se candidatado a tal posto (haverá sofrimento maior que este? Quase todos os amantes dirão que não). Com isso, o ouvinte transformava os acordes ouvidos em lembranças de amores desfeitos ou não realizados capazes de levar às lágrimas. Tempos atrás o violeiro teria sido acolhido como agregado por qualquer família abastada do povoado que visse nessa arte motivo para abrir as portas de sua casa e de sua intimidade, dar-lhe pousada nos cômodos dos fundos e sustentá-lo em troca de entretenimento diário e boa prosa para distração dos convidados nos saraus.

Do adro da escadaria da Igreja Matriz onde conversava com o vigário, Orminda Vitoriano avistava o violeiro e reparou nos braços bem torneados, na pele dourada pelo sol, nos finos e abundantes pelos que lembravam um trigal e nos compridos dedos que roçavam em carícias as cordas. Aquele homem deveria saber amar, deveria saber se entregar ao amor. Qual daquelas morenas ciganas teria o coração dele? Seus olhos passaram a procurá-la: uma lhe pareceu jovem demais, outra, velha, aquela outra não era bela o suficiente. Não conseguiu ver em nenhuma aquela que tivesse qualidades suficientes

para arrebatá-lo. Mas o amor foge de considerações razoáveis e lógicas. O violeiro desconhecido poderia ter desejos secretos que lhe escapariam perceber. A cigana dele poderia ser qualquer uma, talvez até mesmo a que ela julgasse a mais pobre em atributos. De qualquer modo, invejou-a. E ela, Orminda Vitoriano, não se deixaria enlevar-se com um violeiro errante. Essa imaginação não cabia, era inaceitável. Devia ser o efeito do calor que a deixava meio tonta e com o pensamento desatinado a correr solto em imaginações impossíveis.

As crianças corriam atrás das borboletas que se equilibravam nas notas musicais com seus volteios ao longo de todo o jardim. Divertiam-se os meninos a ver o modo como os peixes do lago se punham a pegar os miolos dos pães que eles lhes atiravam, causando uma formação de inúmeros círculos concêntricos transpassados no desabrochar à tona d'água daquelas bocas vorazes.

Orminda Vitoriano entrou no jardim do casarão quando a tarde caía como morna chuva de cinzas, e os ciganos já se preparavam para deixá-lo. No mundo à parte que era aquele jardim não havia avareza, mas uma exuberância cativante e variada de formas, cores, sons e cheiros das plantas sob a chuva ou o sol de veludo ou alfinete. Ela gostava de imaginar que pelo menos uma daquelas magníficas flores havia florescido somente para ela. Atrapalhou-se com o reboliço inesperado e tentou escapar pelo labirinto de arvoredos, dirigindo-se para a porta dos fundos da vivenda, pisando nas pedras que muito tempo atrás haviam sido manchadas pelo sangue do preto Bantô derramado em nome de ciúmes que não tinham limites. Porém, foi vista e surpreendida no meio do

caminho por uma mulher que contemplava a alvura das camélias e parecia ser a mais velha dos ciganos, uma senhora gorda, de baixa estatura, fisionomia de traços duros e comuns, cujo rosto era um pergaminho amarfanhado de rugas ali postas pelos anos e por muitos desgostos havidos. O sol o havia queimado de modo desigual: a pele próxima aos sulcos das rugas mais profundas se apresentava mais clara, e o restante, uma coloração mais escura com algumas manchas, lembrando as folhas marrom-ferrugem que caem das amendoeiras durante o outono. O cabelo grosso e grisalho estava mal cuidado. Ao contrário das outras, seu vestido era negro e ela trazia na cabeça um véu de cores discretas, preso à moda das espanholas.

- Não apresse o ritmo da vida – disse ela, dirigindo-se a Orminda Vitoriano com voz calma e um tanto grave para uma mulher.

A jovem ajeita o vestido, irritada com a súbita intromissão da estranha e com o seu jeito de forçada intimidade. Quem era ela para lhe falar assim como se a conhecesse? Teve o propósito de retirar-se dali o mais rápido possível, mas sentiu-se presa como em uma teia.

- Tens belos olhos de segredos. Mas, cuida-te, porque olhos transparentes como os teus conseguem esconder segredos por pouco tempo – continuou a cigana com a mesma voz tranquila, sem se incomodar com a irritação e aparente indiferença de Orminda Vitoriano.

- Devo adverti-la de que não tenho segredos a esconder e que não creio em adivinhações – respondeu Orminda, educada, porém, secamente.

- Não é preciso que creias, basta ouvi-las.

- O que queres? Uma moeda?

A velha não respondeu, apenas estendeu a mão de dedos longos em que se podiam ver as saliências das falanges cobertas pela pele que parecia o couro fino de um animal primitivo já extinto.

Orminda Vitoriano tira da bolsa de tartaruga uma moeda e a entrega para a velha cigana, que a guarda na algibeira do amplo vestido, onde se reúne às outras num barulho metálico. A jovem lhe estende a mão esquerda, mas a velha faz-lhe um gesto mostrando-lhe que não era preciso.

- O tempo de tua felicidade se aproxima. Serás feliz por muitos anos. Depois, no dia em que terá chovido pérolas, virá uma grande tristeza que trará dentro dela a alegria perdida. E assim será até a estrela se apagar.

- Para isso ganhaste uma moeda? Para dizer-me coisas sem sentido? És louca ou cuidas que seja eu uma tonta?

A irritação de Orminda Vitoriano não apagou da voz da mulher a convicção profética de quem está a ler um texto bíblico, com calma profunda e com doçura quase maternal.

- Vejo também outra época longe, depois das montanhas de gelo, além do mar. Está confuso, não sei o que é. Mais não digo. Entenderás quando as circunstâncias forem postas para serem entendidas, no tempo que está longe ainda de acontecer. Diferente do tempo do início de tudo. Esse está próximo com seus encantamentos e perigos.

- Já ouvi o suficiente das tuas loucuras e todas elas me escaparam – Aborrecida, Orminda dá as costas para a velha, disposta a chegar rapidamente aos seus aposentos.

- Ainda não, minha filha.

- Não te darei outra moeda – Orminda se volta e olha firmemente nos olhos da cigana, em tom de desafio.

- Não te pedi mais nada.

- Então, diga! Preciso entrar.

- Quando tudo parecer estar perdido nesse dia que se aproxima, quando o desespero que nunca sentiu antes tão avassalador tomar conta do teu coração, nesse dia tua sorte estará lançada. Nesse dia, começarás a ser feliz. É sabedoria aceitar o próprio destino.

- Ah! Ainda é preciso ter sabedoria para ser feliz! – diz Orminda Vitoriano com ironia, mas antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, a velha cigana espantou uma borboleta rosa-de-luto que esvoaçava por entre sua cabeça e ombros, fez um aceno de adeus para a jovem e sumiu entre os arvoredos com seu corpanzil redondo e pesado, tão rápida como uma aparição.

Orminda subiu para seus aposentos, estranhamente acompanhada pela borboleta que a seguiu até o quarto, a qual, antes de pôr-se a debater contra o vidro de uma janela, recortava com seu vôo incerto os fachos de luz coados pelo tecido leve e transparente da cortina, agitada pela suave brisa do fim de tarde. Aberta a janela, o surpreendente inseto permaneceu ainda por algum tempo pousado no peitoral até decidir-se a regressar ao amplo jardim onde consumiria prazerosamente toda a sua vida agitando as asas de tecido igual ao dos vestidos das damas que deixavam a igreja após a missa de finados.

A irritação de Orminda havia passado. Ela recuperou a serenidade que a surpresa com o encontro repentino e inesperado lhe havia roubado. Pelas frestas da janela fechada viu as carroças com os cavalos já descansados se prepararem para a partida, e a velha cigana que ocupava a última delas, fazer-lhe um aceno final, adivinhando sua presença na penumbra. Orminda Vitoriano abriu uma folha da janela e, discretamente, acenou-lhe de retorno com um lenço branco na mão. Depois, puxou a cortina mergulhando o quarto em doces sombras, que traziam os rumores do vento e o distante aroma do jardim. Conseguiu perceber no verão que ainda não acabara os sinais do início do outono. Lavou o rosto, desapertou o espartilho, deitou-se envolta na penumbra densa e oleosa, embalada em quimeras com a prometida felicidade que não tardaria. Os acordes do violeiro cigano chegavam-lhe cada vez mais distantes e se confundiram com o som do vento nas folhas das árvores até que, enfim, cessaram em definitivo.

ORMINDA E ALBERTO

O tempo, a morte, o amor. Dilemas ou substâncias impalpáveis. No vaivém dessa onda incerta, mas densa e vibrante, navegava o coração de Orminda Vitoriano. Ela não poderia ainda saber que, no dia futuro da anunciação, deixaria de ser uma perdedora para se tornar uma sobrevivente. Isso faria toda a diferença para ela e para o clã eterno dos Vitoriano que continuaria a existir ainda depois de acabado. Tudo aconteceu naquele tempo remoto, antes que o luto se tornasse a mais fina expressão da vida. Naquela noite, desceu sobre a cidade uma fria luz lunar, argentina como o revestimento da parte posterior dos espelhos.

O povo do Espírito Santo da Varginha dizia que as últimas chuvas de março traziam a enchente das goiabas, época em que as goiabeiras ofertavam seus derradeiros frutos maduros florescendo novamente apenas no próximo verão. Nesses dias, podia-se sentir em toda a freguesia o aroma dos doces feitos em grandes tachos de cobre, mexidos com colheres de pau, para compotas ou em pasta dura para corte, esparramados ainda mornos em caixetas de madeira, num estoque suficiente para durar até a próxima colheita.

O mês de março chegava anunciado por frescas brisas vespertinas e noturnas, intercaladas por quentes tardes. A suavidade eólica, áugure sazonal como transparências apontava os ciclos da vida na mudança das estações.

Quando chovia na noite anterior, o povoado acordava imerso em espesso nevoeiro do qual somente a torre da Igreja

Matriz com seu imponente sino de bronze se destacava. Nessas manhãs, Orminda Vitoriano se comprazia em agasalhar-se para tomar o desjejum na ampla varanda do seu quarto, no pavimento superior do sobrado. Ela se sentava de frente à balaustrada de pedra a fim de contemplar os contornos da edificação, os arbustos e árvores entre os quais faisões desfilavam suas compridas e coloridas caudas e a lagoa onde cisnes negros e brancos, acompanhados por marrecos, nadavam placidamente.

A neblina imprimia a essa onírica paisagem nemoral as pinceladas magistrais de uma pintura impressionista ao estilo de Monet no Lago de Nenúfares, porém, em uma evanescente sépia bordada pela insuficiente luminosidade solar e pelas sucessivas e móveis cortinas de névoa. A neblina para ela era como uma chuva arrependida que tivesse medo de ser chuva, uma chuva que quisesse cair e ser chuva por muito mais tempo, então, caía devagarinho para prolongar a caída, ser desejada sem assustar ninguém porque desejo sempre assusta, molhar tudo mansa e delicadamente até mostrar sua força de perseverança e encharcar os ossos. Orminda Vitoriano amava sentir os ossos encharcados de neblina. Ela e a neblina eram sempre uma coisa única: a germinação.

Nesses instantes de gregoriana introspecção e silêncio, Orminda Vitoriano sentia-se melancólica passageira de uma imensa nau fantasma à deriva em desconhecidos mares. Ela navegava nas incertezas, perdida de bússolas, faróis ou portos seguros, sem se lastimar, compreendendo a vida dada assim, sem consolo de mediocridades partilhadas em ritos coletivos que pudessem dar-lhe um falso sentido de segurança. Orminda

Vitoriano dispensava subterfúgios para sua angústia e, como no amor, mergulhava nela em toda sua profundidade para dali sair renascida como uma fênix.

À noite, as muitas espécies de aves e pássaros ressuscitavam de seu mundo mágico paralelo, mundo esse apenas tenuamente percebido durante o dia, ao misturar o som de seus trinados aos das folhas das árvores balançadas pelo vento, das muitas outras arrastadas em redemoinhos pelo chão e dos galhos dos arbustos a bater com insistência nas vidraças das janelas. Sons distantes dos rumores da cidade, o ladrar dos cães, vozes e gritos humanos indecifráveis. O planger do sino da Matriz cada vez mais melancólico ao marcar as horas com o avanço da madrugada. O apito do trem de ferro que desde muito longe anunciava a potência de sua caldeira a vapor e o arranco nos trilhos para subir a serra. A batida das ferraduras das patas dos cavalos e o aço das rodas das charretes a revolver a terra das ruas e atritar com as pedras macadamizadas. Tudo isso, amalgamado em um mundo auditivo próprio, difuso, fragmentado e esparso em sua emissão, chegava aos ouvidos de Orminda Vitoriano para fazer um sentido único, ampliado pelo denso escuro e pela iluminação insuficiente e trêmula das velas. Esse ambiente, assustador para uma pessoa acostumada a viver em um lugar maior que a Vila do Espírito Santo, fazia Orminda Vitoriano desejar uma noite longa e quase sem fim, na qual ela se punha na janela aberta de seu quarto a lembrar-se de viagens realizadas a recantos idílicos e a sonhar com amores que possuíam a virtude inafiançável de sair do terreno movediço e enganador das promessas para se tornar realidade.

Bem distante dali, o doutor Gama, médico recém-formado, embarca na estação de trens da capital da recente república brasileira, a bela cidade do Rio de Janeiro, rumo a Minas, terra natal que muito ama. Chegara à corte no último ano do II Reinado, como primeiranista de medicina, em uma época em que grandes e decisivos acontecimentos políticos alterariam a realidade do país. Um ano antes, o jovem Euclydes da Cunha, em protesto contra o regime monárquico, atirara sua baioneta aos pés do ministro da Guerra em visita à Escola Militar, no episódio que ficou conhecido como o "incidente da baioneta". Admirou-o pela coragem. O gabinete liberal do visconde de Ouro Preto havia substituído o gabinete conservador de João Alfredo, anunciando a crise política que levaria à República. Logo em seguida, o atentado contra a vida de Dom Pedro II colocou a corte em polvorosa. O soberano destronado teve a mui digna atitude de recusar do governo revolucionário um subsídio de 5.000 contos de réis e embarcou, meses depois, para a Europa, com a família real. O doutor Gama foi atencioso espectador desses acontecimentos marcadores dos novos tempos da Nação.

Na Universidade de Medicina, chamavam-no pelo sobrenome paterno devido ao pai, o deputado Benício da Gama, tornar-se conhecido político, de grande respeito e destaque nos meios políticos e culturais do Império, na década passada, pela sua luta em prol da abolição da escravatura e, também, para diferenciá-lo de outro estudante de sua turma que possuía o mesmo pré-nome.

Agora, regressa a Minas, não mais província, mas Estado, e o País é outro: o Imperador morto em Paris no ano anterior,

num quarto de hotel de segunda classe, o Bedford, quarto dezoito, e o Brasil, uma República, quem diria! Para distrair-se durante a longa e cansativa viagem, traz consigo um grosso volume de botânica, escrito em francês. Ele aproveita a oportunidade para aprender mais sobre as plantas e aprimorar seu conhecimento do idioma. Dentro do livro, umas gravuras coloridas e soltas de espécies de borboletas brasileiras.

Seus planos para o futuro estão apenas esboçados, não definidos. Sabe que deseja exercer a clínica médica e fixar residência em Minas. Talvez pudesse estabelecer-se, em futuro próximo, na nova capital do Estado, a ser transferida ou construída no antigo arraial de Curral D'El Rey, cujo nome pomposo agora é Belo Horizonte ou, então, para a Várzea do Marçal, Paraúna, Barbacena ou Juiz de Fora, não importa; no momento, estabelecer-se na cidade de Varginha ou no antigo Curral D'El Rey que aspira a ser capital, pouca diferença faria, cada uma delas abriga não mais de oito mil almas. Optava, momentaneamente, pela terra natal. Talvez no futuro próximo optasse por embarcar para a França. Seria um merecido descanso de alguns meses, após tanta dedicação aos estudos. O pai lhe acenara com essa possibilidade e estava inclinado a aceitá-la. Ele não sabia que mal chegasse a Minas seu coração lhe ditaria outros planos.

Doutor Gama era um homem interessante, de corpo e rosto bem talhados e durante sua estada no Rio de Janeiro fora muito cortejado pelas mulheres, envolvera-se com algumas, mas não se apaixonara por nenhuma. Pareciam-lhe fúteis ou domésticas demais. Ou, então, excessivamente religiosas, o que abominava quase como se fosse uma degeneração do

caráter ou da inteligência. Não era, entretanto, um homem bárbaro e sem princípios morais, antes, um humanista sensível, preocupado com as grandes causas da humanidade. Também não era do tipo idealista, romântico, sonhador, destes que se perdem em infindáveis fantasias e gastam toda uma vida sem nada realizar. Doutor Gama conseguia aliar sua filosofia humanista a um pragmatismo voltado para realizar obras. O exercício da medicina o interessava sob este aspecto. Em sua tese de doutorado na Universidade, defendera o importante estudo "Sobre a epidemia de varíola de 1873 na Freguesia do Espírito Santo da Varginha na Província de Minas Gerais". O trabalho tinha um enfoque pouco comum e fugia do padrão da maioria dos outros apresentados, mas fora muito bem organizado, levantara questões ainda pouco estudadas e mesmo escrito em uma linguagem científica e precisa, possibilitava vislumbrar um autor de estilo, com rico vocabulário e grande domínio do conteúdo, tanto teórico quanto prático. Pelo conjunto de todas estas qualidades, mereceu a nota máxima dos lentes da banca examinadora e um convite para lecionar a cadeira de doenças infecto-parasitárias na Universidade, o qual ficou de pensar na possibilidade de aceitar, mas não demonstrou grande interesse. A princípio, o que o atraia mesmo era praticar a medicina dentro de uma perspectiva mais ampla, que levasse em conta toda a coletividade, mas essa ideia foi esquecida tão logo chegou a Minas.

O codinome do doutor Gama, posto pelos colegas, era *Monsieur Tristesse* e eles o cumprimentavam:

- *Bonjour, Monsieur Tristesse...Bonsoir, Monsieur Tristesse*...com qual grande problema da humanidade se preocupa hoje, *Monsieur Tristesse*?

Porém, o doutor Gama não era triste, aliás, possuía um sutil e refinado senso de humor. Somente os ingênuos, os medíocres e os desavisados, que, sejamos-lhes justos, compõem a nossa maioria, poderiam tomar aquele ar introspectivo, de agudo senso de observação, como tristeza. O codinome não lhe incomodava e foi-lhe dado em parte por fazerem troça com seu semblante quase sempre a denotar introspecção, em parte por admirarem suas qualidades éticas, morais e de inteligência e, em parte, por invejarem tudo isso. É da natureza dos invejosos o querer destruir aqueles atributos que percebem no outro, porque o outro de fato os possui ou porque supõem que os possua e com os quais não se julgam dotados, por obra da realidade ou da imaginação. Daí o codinome carregar também certa dose de agressividade, indissociável que ela é do sentimento de inveja. O doutor Gama passava ao largo dessas pequenas vicissitudes com a *belle indifférence* dos homens de filosofia e letras.

Gama gostaria de amar uma mulher que soubesse conversar sobre literatura, filosofia, teatro e artes, uma que não o julgasse um monstro capaz de praticar qualquer barbárie somente porque ele não tinha religião e nenhum pudor em declarar isso publicamente. Naquela época, ele se julgava declarada e apaixonadamente ateu. Depois, com o tempo, após muita reflexão, passou a dizer-se agnóstico para, pelo menos, poder gozar do benefício da dúvida. Quando nas raras ocasiões em que bebia uma taça de vinho a mais, afirmava: -

Deus é antropomórfico e antropofágico! Poucos compreendiam o que ele queria dizer, mas todos se escandalizavam. Os mais ousados lhe retrucavam que ele estava a blasfemar, pecado terrível aos olhos de Deus; os mais recatados apenas pensavam isso.

Quanto às mulheres, ele desejava uma que se deitasse com ele despida dos falsos pudores e das hipocrisias que uma educação excessivamente rígida e religiosa moldam no caráter, deformando-o, uma que não achasse estranho ele contar-lhe, quando sentisse necessidade, os procedimentos médicos adotados para este ou aquele caso clínico. Enfim, queria uma mulher que também pudesse ser amiga e amante e não limitasse a vida somente aos cuidados do lar, dos filhos e às idas à igreja. O doutor Gama não encontrara essa mulher durante o tempo de residência no Rio de Janeiro. Tinha consciência de que seria difícil encontrar uma mulher assim, ainda mais na pequena Espírito Santo, terra natal para onde se dirigia.

Viajava também para atender a um pedido e anseio do pai que fazia gosto em apresentar-lhe a filha do coronel Euclydes Vitoriano, o mais rico, empreendedor e influente latifundiário, não somente da pequena cidade, mas de toda região sul-mineira e do Estado.

Na verdade, Alberto da Gama já conhecia Orminda Vitoriano, a menina magricela e desajeitada que aos dez anos de idade ainda brincava de bonecas e fingia conversar com as estrelas. Lembrava-se apenas vagamente dos belos cabelos e dos olhos negros. Se, por uma dessas coincidências do destino, ela estivesse no mesmo vagão do trem e, mulher feita,

passasse por ele, certamente não a reconheceria e o mais provável é que ela também não o reconhecesse.

O doutor Gama não sentia a menor vontade de ir a esse encontro, contudo não viu como contrapor-se à determinação do pai, não por temor ou excessivo respeito, mas por receio de magoá-lo. Aquiesceu, no entanto, com a ressalva de que não pairasse dúvida alguma para o pai e também para os Vitoriano de que o encontro entre ele e Orminda não significaria o estabelecimento de vínculos de compromisso. Que mal poderia haver em proporcionar ao pai essa pequena satisfação? Aquele pai que lhe era tão afetuoso e trazia a generosidade como traço de caráter não merecia um pequeno gesto cortês seu? Com esses pensamentos o doutor Gama ocupava sua mente, o livro entreaberto em suas mãos e o olhar na bela paisagem de prenúncio noturno que se moldava em tênues pinceladas a sua frente enquanto o trem, cuspindo rolos de fumaça, serpenteava com seus carros de vértebras flexíveis e ruidosas entre as montanhas.

Pouco tempo depois, Orminda Vitoriano desceria a escada interna do sobrado para conhecê-lo, com um vaporoso vestido de pura seda terminado em uma pequena cauda, apaixonada por outro homem, um desconhecido com o qual falara, furtivamente, naquela mesma tarde, às margens do ribeirão. E ele, de costas para a escada, de frente para a janela dos jardins não fazia questão alguma desse encontro arranjado pelas famílias, com finalidades matrimoniais e, diga-se a verdade, principalmente financeiras. Se ambos pudessem, não estariam ali a representar essa cena burlesca como atores de enredos alheios, correndo o risco de ferirem sensibilidades,

senão a deles, desinteressados um pelo outro, a dos pais dela e do pai dele, que mãe não a tinha; órfão desde o nascimento, a mãe morrera ao lhe dar à luz. Mas, enfim, já que a representação da farsa se punha como inevitável, que se a representasse. Somente dessa forma poder-se-ia chegar ao epílogo, todos amavelmente gratos pelas delícias do sublime jantar ocorrido num despropositado clima de suspense, entre olhares oblíquos, disfarçados sorrisos, suspiros indefinidos, banais palavras ditas em sussurro nas quais se procuraria ocultos significados e mais as tormentas de um sem número de atos impostos pela etiqueta social. Envolvido nessas divagações, o doutor Gama contemplava o jardim sem supor que para a contrariada Orminda Vitoriano e para a família dela aquele matrimônio era dado como favas contadas.

Consciente de que se dedicar a esses pensamentos era uma inútil consumição, pois nem cogitava cancelar o compromisso assumido pelo pai, resolveu dissipá-los. Doutor Gama abre o livro, concentra-se no estudo da botânica e no exercício do francês enquanto o trem segue impassível sobre os trilhos buscando seu destino mais previsível que o destino dos homens, engolido por uma noite que, prisioneira do tempo, borda o céu de estrelas.

Além do descomunal calor que fazia as pessoas transpirarem mesmo sentadas e à sombra, o verão daquele ano, no Espírito Santo da Varginha, trouxe também o ensurdecedor coral telúrico de milhares de cigarras. Numa tarde em que se sentia melancólica, Orminda Vitoriano aprontou-se com um vestido de tecido leve e simples no qual prendeu uma orquídea. Em seguida, pediu ao cocheiro que

atrelasse a vitória da avó Domitila, apanhou uma cabaça com água, a sombrinha e o chapéu e saiu a passeio pelo campo. A vida para ela era amor e contemplação e não apenas o movimento, o murmurinho das festas e os encontros animados de salão, embora também os apreciasse, caso não fossem demasiados. Era, portanto, uma mulher diferente das outras de sua idade. O cheiro do pó avermelhado da estrada e a pequena névoa que dela se levantava quando a terra seca era pisoteada pelas patas dos corcéis em trote, as quaresmeiras e os ipês em flor e a contemplação do mar de serras a se perder no horizonte, verdejantes no primeiro plano e azuladas nos últimos, tudo isso lhe reconfortava o espírito com a certeza da vida desabrochando incessantemente do ventre da terra.

No alto do monte, mandou parar a vitória e apeou. Estendeu uma toalha sobre a relva, à sombra de frondosa árvore de ipê que parecia tão antiga a guardar em seus anéis encapsulados a memória do mundo com suas enchentes, secas e florações. Ao longe, avistou os colonos na lida da lavoura de café. Eram pretos, de longa data, e, italianos, de imigração recente, de pele muito alva que o sol judiava, olhos azuis e cabelo de trigo.

Todos lhe pareciam valorosos, pretos e imigrantes. Haviam, por necessidade ou imposição de violência, abandonado pátria, família e língua, quem sabe também a miséria ou a pobreza, para atravessarem o oceano e tentarem vida nova em terra estranha; um tiro no escuro, de resultado incerto, mas arriscavam, lutavam por um ideal, eram vidas e histórias em construção.

A vida dela, não. A vida dela já estava pronta e acabada antes mesmo do seu nascimento. Ela, Orminda Vitoriano, era mais uma peça de um mosaico familiar gigantesco, de desenho estático e imutável. Nada lhe cabia aprovar ou desaprovar, sua tarefa era encaixar-se para ajudar a compor o desenho pré-determinado. Estava presa, assim como seus descendentes e ascendentes, a um enredo de epopeia familiar do qual o único modo de livrar-se seria a opção por uma tragédia pessoal. Como a da Ifigênia Louca e isso ela não a queria para si porque é enganosa a libertação que traz castigo maior que a masmorra de que se quer livrar.

A Orminda Vitoriano restava contemplar seu pranto nos espelhos de cristal belga do sobrado e banhar sua face transtornada pelo choro nas bacias de prata, mais desgraçada que pretos e imigrantes, pois a eles era dado sonhar.

Em poucas semanas seria apresentada ao futuro marido. Marido que o pai escolhera. Sobrava-lhe abrir o guarda-roupas, escolher o melhor vestido, as joias mais apropriadas e descer ao salão para conhecê-lo.

A memória dos sentidos na teia dos afetos era algo equivalente ao destino dos desejos. Há dias que valem uma vida. Orminda Vitoriano jamais esqueceu – ela não poderia, mesmo que quisesse – a tarde morna de setembro quando, num encontro surpreendente, apaixonou-se por um desconhecido seminu que se banhava no ribeirão. Era algo absurdo, escandaloso, do qual deveria guardar segredo, pois o pai fazia tempo havia escolhido um marido para ela: um homem que ela conhecera ainda na meninice de ambos.

Em algumas poucas ocasiões, encontraram-se em aniversários infantis, em quermesses nos fundos da Igreja Matriz quando coelhos eram postos para correr em um cercado circular cada qual a procura de sua casinha de madeira numerada, na procissão do Divino Espírito Santo e em outras circunstâncias semelhantes. Mas nenhuma dessas situações deixou qualquer marca de sentimentos. Foram encontros sociais em que pessoas que residem na mesma vila e se conhecem de vista, se cruzam, por vezes, cumprimentam-se cordialmente e, nada além.

Ela havia apanhado sua sombrinha e saíra com as amigas a passear de charrete pelos arredores da cidade. Como a hora do jantar ainda estava longe e sobrava tempo, aproveitaram-se da situação: os pais estavam ocupados recepcionando políticos das cidades vizinhas e aguardando a chegada do deputado Gama, com seu filho, jovem recém-formado em medicina. Fazia anos que Orminda não os via. Estava apreensiva. Naquela noite seu destino se uniria ao daquele homem para sempre. Há muito sabia que era ele o homem escolhido pelo pai para casar-se com ela. Quase como se estivesse em fuga, inconscientemente, decidiu com as amigas esticarem o passeio até o ribeirão Santana. Que mal haveria? Os pais estavam atarefados e elas teriam o cuidado de não se demorarem o suficiente para que notassem sua ausência.

Foi assim que chegaram às margens do ribeirão. Deliciaram-se com o murmúrio das águas nas pedras, colheram flores silvestres com as quais teceram coloridas guirlandas e espantaram os pequenos insetos voadores com abanos dos leques. Um repentino pé-de-vento arrancou-lhe a sombrinha

das mãos, arrastando-a aberta como uma rosa despetalada em incerta rota aérea com vôos rasantes sobre a grama e esbarrões nos galhos de arbustos, árvores e espinhos. Ela não se incomodou com a perda e o resultado da seda rasgada que expôs as barbatanas como a um esqueleto de réptil pré-histórico, em meio ao pó e folhas secas.

Viu um cavalo de raça amarrado ao tronco da árvore onde a sombrinha fora arremessada e, subitamente, surgiu em meio às frondosas árvores, um jovem homem seminu que acabara de sair das águas do ribeirão; trajava apenas uma ceroula que, dobrada, ia até a altura dos joelhos. O amontoado de suas roupas e o chapéu estavam na relva. Distraído, ele não percebera a presença das donzelas. Assustadas e enrubescidas, entre cochichos e risinhos, cobrindo a metade da face com os leques, elas correram para a charrete sem olhar para trás.

Orminda Vitoriano, contudo, não conseguiu sair do lugar. Parecia presa ao chão. Estava um pouco envergonhada, porém, medo não sentia. Neste instante, o homem a viu e caminhou em sua direção. Pisava a relva como um Apolo (pisava-a como fosse em sóis e luas), sereno, radiante e belo, senhor daquelas terras e de todas as outras que pudessem haver e já quase dono do coração da virginal Orminda Vitoriano. Ela se sentia magnetizada por aquela visão bela e inesperada. Que deus seria esse trazido pelo vento? Teria asas nos pés como Mercúrio? Dominaria raios e trovões como Zeus?

- Não tenhas medo. Não lhe farei mal.

Orminda Vitoriano jamais esqueceu aquele momento. O homem era de uma beleza, ao mesmo tempo, apolínea,

fundada na harmonia e na serenidade, e, dionisíaca, provocante e visceral. Com a beleza apolínea a jovem estava acostumada, via-a constantemente nos livros de pintura renascentista e nas fotografias das esculturas greco-romanas. Despertavam-lhe uma contemplação serena. O que a perturbou foi Dionísio na carnação solapadora. Não havia mais dúvidas. Era ele o homem que seu coração sempre pressentira, pois a união de Apolo e Dionísio criava um ser humano semelhante aos deuses do Olimpo, cuja força sedutora é irresistível. Logo, ela teria a convicção de que apostaria todas as suas fichas no mar de estrelas que para sempre balançaria entre ambos.

Ele tinha cabelos da cor de avelã, ligeiramente ondulados em cachos largos, com corte rente na nuca, olhos verdes profundos, jade improvável, da cor do mar ao entardecer, e, mais que brilhantes, eram luminosos. A postura era elegante, tanto para manter-se em pé quanto para caminhar. A pele alva deixava ver um suave tom róseo, semelhante aos dos biscuits pintados à mão e de um róseo mais escuro no formato dos mamilos eriçados pela água gelada do ribeirão que lhe escorria pelo corpo. O tecido da ceroula aderira à pele, evidenciando os contornos da grossa musculatura das coxas e de outros músculos, próprios dos homens. A voz era grave, viril e simultaneamente terna, não ouviria outra semelhante em toda a sua vida. Ele era único. Aquele homem seduziria qualquer mulher com sua doçura exasperantemente máscula. O som de sua voz envolvia de tal maneira que Orminda Vitoriano seria capaz de ouvi-lo por horas a fio, atenta à melodia, ao ritmo e ao timbre, sem sequer

prestar atenção ao que ele dissesse. Ela se viu refletida em sua íris, espelho do mundo, desejo de tormentas. Quem dera pudesse se afogar naquele olhar marítimo sem ter ninguém para salvá-la. O olhar dele, um olhar de maremoto, parou o tempo. E Orminda sentiu em toda extensão de sua carne o que era desejar um homem. Ele estava curioso e admirado pela presença repentina da jovem. Uma calma profunda e comovente e entre a observação feita e a resposta dada, Orminda Vitoriano não saberia precisar quanto tempo transcorreu.

- Não tenho medo. Não de ti, pelo menos.

- Quem és, posso saber?

- Orminda Vitoriano. E o senhor?

Ao ouvir o nome de família tão conhecida, rica e respeitada, a face rósea do homem empalideceu ligeiramente para logo em seguida recuperar a cor natural. Esse detalhe escapou a Orminda Vitoriano. Os olhos dela, negros, longos e de um mormaço noturno, causaram profunda impressão no homem.

- Medeiros – respondeu ele, já refeito. Posso perguntar-te o que fazes sozinha num lugar tão ermo?

- Não estou sozinha - responde ela, apontando com o leque fechado para a charrete onde as amigas os observam entre curiosas e amedrontadas.

- É verdade, perdoe-me...Não me respondestes. Não é preciso, se não quiseres.

- Meus pais se encontram atarefados, recepcionando políticos. Passeio para espantar o tédio dessas conversas que

me aborrecem – responde Orminda dando de ombros e com expressão de desagrado.

- E não gostas dos políticos...

- Oh, não, senhor Medeiros. Há que se distinguir entre os políticos, as pessoas que exercem a política e emprestam a esse exercício os seus defeitos e as suas qualidades e, convenhamos, mais os seus defeitos que as suas qualidades, da arte da política como uma série de princípios de bem governar, como uma teoria. Eu poderia repudiar os políticos, mas seria tola se repudiasse a arte da política.

- Ah, lestes "O Príncipe", de Maquiavel, com certeza – afirma ele, em tom de brincadeira e sorrindo de modo encantador.

- E Platão também: "A República".

- Não foi ele que disse que a admiração é o primeiro passo para o amor?

- Ora, ora, vejo que o senhor também aprecia os clássicos. E quem teria dito que a medida do amor é não ter medida?

- Humm...não me lembro.

- Se o senhor pensava em um filósofo ou escritor profanos, enganou-se. É Santo Agostinho – diz Orminda Vitoriano, sorridente como se tivesse dado em um xeque-mate.

- Ele devia falar do amor em outro contexto, suponho.

- Não sei que contextos o senhor imagina para o amor, mas ao amor não importa o contexto.

- É uma interessante forma de pensar, senhorita...e bem pouco comum para...

- Para uma mulher...não é isto que irias dizer?

- Sim. Mas, por favor, não te ofendas.

- E julgas as mulheres inferiores, como faz a maioria dos homens?

- Quis dizer, com vossa permissão, que és uma mulher diferente. Certamente que és.

- Isso é uma crítica? – perguntou ela enquanto tentava perscrutar o semblante dele.

- Apenas um comentário sem nenhuma valoração. Pareces precavida contra os homens ou isso é mera impressão minha?

Orminda Vitoriano não respondeu à questão formulada e apenas conseguia olhá-lo admirada e embevecida. Ele não quis fazer nenhuma outra contraposição.

- Se não criticas és um homem incomum. Agradeço-te, senhor Medeiros. Porém, por mais diferente que se possa ser, em alguma coisa sempre se está preso.

- Não achas que estamos a desperdiçar uma bela tarde discutindo questões tão sérias? Eu estava gostando de nadar, tomar sol, ouvir o canto dos pássaros e sentir o cheiro da mata – ponderou ele, já absolutamente encantado com aquela mulher que parecia viver do próprio mistério.

Ele a faz perceber novamente o cenário que havia desaparecido: o mundo mágico de brisa morna com cheiro de capim, a evaporação olorífera da grama e das flores silvestres, o gemido das águas do ribeirão na infindável luta contra as enormes pedras negras postas em seu caminho desde antes das águas encontrarem seu leito definitivo. Mas o que lhe

doeu foi o assombroso azul de um céu cada vez mais sufocante.

O semblante de Orminda Vitoriano se turva de sombras ao lembrar-se que dali a poucas horas conheceria seu futuro marido e nada, nem ninguém, poderia interromper o seu destino já traçado. Somente a morte, pensa, enquanto recorda-se da garrucha de cabo de madrepérola e polida madeira que Euclydes Vitoriano guarda em uma gaveta trancada a chave, na secretária da biblioteca.

O senhor Medeiros ampara Orminda Vitoriano com seus vigorosos braços, tocando-lhe a cintura e as costas, levemente; imaginou que ela desfalecia, pois, por segundos, viu-lhe o sangue sumir-lhe da face. Ela sentiu-se agasalhada por aqueles ombros largos, pela força dos braços e bíceps bem formados. Se, de fato desmaiasse, ele seria capaz de carregá-la com a mesma facilidade com que ela colhia flores. Num átimo de segundo, imaginou a cena: ele a tomaria nos braços e a colocaria em repouso à sombra de uma árvore. A água do corpo dele molharia seu vestido, e, ao abrir os olhos, veria o deus olímpico debruçado sobre ela, tão próximo que sentiria o calor de sua pele, o cheiro do seu hálito, o suor de suas axilas como alma de perfumes, o vigor taurino. Sentiu uma espécie de febre, a boca seca e um tremor involuntário da musculatura.

- Senhorita, o que tens? Sentes-te mal? Estás trêmula.

- A tarde seria bela senhor Medeiros, seria... - responde ela, desvencilhando-se dos braços dele e da intimidade tão inesperada quanto perturbadora que lhe permitiu sentir o hálito do homem, um cheiro morno de flores maceradas.

- A senhorita faz-me supor que guarda um segredo e que sofre com ele.

As amigas gritam por Orminda. Uma, de tão assustada, tinha lágrimas nos olhos; outra, o coração disparado, abanava-se incessantemente com o leque, o que a fazia sentir ainda mais calor. Prestes a romper em prantos, elas chamavam pela amiga.

- Orminda, vamos, pelo amor de Deus. Vão notar nossa ausência.

- Já me vou – disse Orminda, gritando para as amigas e voltando-se para o desconhecido:

- Tenho de ir-me.

- Isto é da senhorita – diz ele, abaixando-se. Apanha uma das guirlandas que ficou na relva, abandonada pelo susto das jovens. Põe a guirlanda na cabeça de Orminda Vitoriano.

- Adeus – diz ela querendo permanecer naquele lugar para sempre.

- Até breve.

- O que dissestes?

- Ver-nos-emos mais rápido do que imaginas, senhorita.

- Quem és, de fato?

- Já te disse, Medeiros.

- De onde és?

- Sou do mundo da mesma forma que tu. Até breve, senhorita Mindinha.

Ao despedir-se, Alberto da Gama já havia formado a convicção de que Orminda Vitoriano era uma mulher extraordinária, que tinha o dom de viver em seu próprio

mundo onde quer que estivesse e essa percepção – ele não soube por que, tornou-a ainda mais atraente para ele.

- Como?

- Permites-me chamá-la assim?

- O senhor é um atrevido! Como ousa!

Orminda Vitoriano corre pela relva até a charrete que sai em disparada para a cidade. Atrapalhada, deixara cair o lenço bordado com o monograma O. V. A pele de sua face assemelhava-se a rosas orvalhadas, devido às gotículas de suor que a corrida e a excitação do momento provocaram. Aquele desconhecido, aparentemente gentil e encantador, não passava de um homem rude e vulgar que usou de seus encantos para forçar uma intimidade que não havia e que não poderia haver. Um cavalheiro não se referiria a ela de modo tão íntimo num primeiro encontro. Expusera-se desnecessariamente. Jamais deveria ter entabulado conversa com um estranho, ainda mais naqueles trajes, semidespido e com sua masculinidade tão à mostra sob a trama do tecido. Ele lhe parecera, no entanto, tão desarmado em seu afeto espontâneo que o encontro com alguém assim se lhe afigurava como um milagre da vida. De qualquer modo, um atrevimento. Além de lhe por um apelido, despede-se dela com um “até breve”, como se quisesse vê-la novamente, como se, por meio da armadilha das palavras a estivesse convidando para regressar às margens do ribeirão em outra tarde qualquer, como se quisesse vê-la outra vez ou como se um novo encontro entre eles fosse realmente possível. Ela não voltaria tão cedo a passear nas margens do ribeirão, não iria correr o risco de encontrá-lo outra vez, não seria leviana a esse ponto.

Ele deveria ser um viajante sem rumo, um mascate, talvez um fugitivo por ter cometido um crime qualquer, um roubo, um assassinato. Meu Deus! Que loucura a sua manter uma conversa tão longa. Ela não era uma artista de palco, uma mulher que se apresentasse em casa de espetáculos, dada a conversar com todos os tipos de homens! O vigário da Matriz lhe diria que pecou por palavras e atos. Ah, se seu pai soubesse! Por certo, no primeiro momento da raiva, ele lhe ameaçaria mandar para um convento, como já fizera em outras ocasiões. Ela nunca se preocupou verdadeiramente. As ameaças não passavam apenas de tentativas frustradas de um pai amoroso que desejava controlar o comportamento da filha – para o bem dela própria –, segundo, claro, a crença dele. Orminda fingia intimidar-se com as ameaças para que ele acreditasse tê-la sob suas rédeas. Ela sabia que, depois, a pena seria convertida em outra, mais branda: deixá-la trancada por todo um dia no quarto. Ele mandaria que lesse o livro dos sermões, que orasse a Deus pedindo perdão pelo pecado cometido e lhe lembraria do episódio por muitas vezes durante meses em situações as mais diversas. Ainda bem que poderia contar com a discrição das amigas! Elas não revelariam o fato, pois tomaram parte dele como cúmplices e eram igualmente culpadas.

Nunca ficara sozinha com um homem que não fosse seu parente ou fizesse parte da criadagem e o encontro a marcara profundamente. Quando a charrete entrou na principal avenida da cidade e parou defronte ao palacete, Orminda Vitoriano sentia-se perdida: naquela noite seria apresentada ao futuro esposo. Teria o resto de sua vida para ser infeliz, para

chorar, para penitenciar-se. Ela, que nunca sentira amor nem desejara homem algum, apaixonara-se por um desconhecido que não veria mais. Desce ligeira da charrete, com a guirlanda nas mãos. Entra na residência pelas portas dos fundos e dirige-se ao seu quarto, ansiosa por um banho que pudesse repousá-la. Chorava: a beleza do homem a machucara. O olhar bíblico dele parecia o de alguém que já tinha visto tudo, um olhar inexcedível que a capturou em sua plenitude; fisionomia de desassombro, altivez bailarina do mínimo gesto. O futuro lhe reservava dourada ruína: o coração no corpo disse que o homem era aquele. Intuiu seu castigo de redenção: amá-lo.

Após o banho, deita-se para tentar refazer-se das emoções da tarde e preparar-se para as da noite. Não conseguiu adormecer profundamente, apenas dormitar. Gestos. O homem atravessara séculos de sombras no gestual que transportava de Troia antiga, gloriosa antes de guerras, a nobreza da linhagem de príncipes. Atravessara séculos com sua beleza de incendiar cidades, fazer sangrar, produzir dor, gelar vísceras. Orminda Vitoriano desejou o homem porque sofria incêndios e acalmava-se no gelo. Ela cederia a qualquer gesto seu no intangível daquilo que somente ambos poderiam ser, mais que o corpo, mais que a alma, para pecar, para sofrer, para jubilar-se e ter a certeza de que já era outra, desvairada, perdida, transgressora e plena.

Acorda com as leves batidas da criada na porta. Era a corpulenta e afetuosa antiga escrava da Costa da Mina, que após a Abolição não teve outra opção de vida, preferiu continuar no sobrado a fazer doces e quitandas para vender em tabuleiros nas ruas ou lavar roupas para famílias que

desconhecia. Havia percebido que sinhazinha não estava bem e resolvera trazer, por conta própria, um prato com um ralo caldo de galinha.

- Nhanhá, tome pelo menos um pouquinho. É para deixar o "estômo" bom para a ceia – disse ela, com seu jeito folclórico de entidade africana benfazeja, depositando a bandeja aos pés da cama.

Orminda Vitoriano sentou-se, disposta a tomar uma colherada. Quem sabe o gostinho de sal lhe cortaria a náusea, lhe daria o ânimo necessário para vestir-se, fazer a toalete e descer para conhecer o noivo que estava a chegar. A criada estendeu uma pequena toalha sobre as pernas da sinhazinha, depositando sobre elas a bandeja com o prato, a colher e o guardanapo. Orminda Vitoriano, no entanto, não conseguiu tomar mais que poucas colheradas do caldo; de fato, fez-lhe bem. Tudo, naquele início de noite, parecia lhe anunciar tristes novas. Como num jogo de espelhos postos frente a frente, ela era ela mesma, dentro de um sonho no qual estava acordada. Na estampa azul-pombinho da louça da Companhia das Índias na qual havia se alimentado tantas vezes, viu agora um triste desfecho no desenho daquela exótica paisagem chinesa. A baronesa da Varginha havia-lhe contado a história do mandarim, que, inconformado com o amor correspondido da filha por um carteiro, tentou resolver a situação com um casamento arranjado. A princesa preferiu fugir com o amado. Furioso, o mandarim, então, lançou-lhe uma praga. Ao ser trocado o primeiro beijo pelo casal, eles se transformaram em dois pombos. Talvez a filha do mandarim não fosse digna de pena, mas de inveja: ela havia conhecido o amor.

- Por favor, leve. Se tomar mais, passarei o jantar em jejum. Deixe-me repousar um pouco. Depois, volte para ajudar-me a vestir.

A criada sai. Orminda Vitoriano recosta-se nos travesseiros e quase adormece novamente, numa vã tentativa de fugir do compromisso que selaram em seu nome. Viu em uma espécie de pesadelo de semivigília, os detalhes do prato: o salgueiro, a macieira carregada, o barco e os dois pombinhos açoitados por um vendaval que reafirmava a praga rogada pelo pai, impedindo-os de se unirem.

Não sabe quanto tempo passou nesse limbo em que a luminosidade da tarde e seu acontecimento imprevisto lhe pareceram insustentáveis. Percebeu leves passadas nas tábuas do assoalho do corredor. A criada ainda não havia voltado. A mãe entrou no quarto como se atravessasse a parede do mesmo modo que imaginamos que os espíritos podem fazer, como se nenhum lugar naquele casarão conseguisse ser secreto e guardar segredo para ela: e não conseguia mesmo.

- Entre.

Bárbara Vitoriano entra farfalhando as saias com tal suavidade que mais parece um embalo de carícias para a filha continuar repousando. Ela usava um vestido de seda *eau de nil*, verde-pálido como a tarde que se esvaíra. A cortina entreaberta deixa ver que anoitecera e o cheiro dos manacás e jasmins invade o quarto.

- Minha filha, ainda estás assim? O deputado Gama chegou com o filho, há algum tempo. Teu pai está impaciente e me mandou buscar-te. O jantar logo será servido. Ponha tua

roupa e não demore. Essa tua demora já está no limite da boa educação.

Bárbara Vitoriano era uma mãe sacrificial, dessas capazes de fazer tudo pelos filhos, mas também de cobrar a conta deles de forma sutil, velada e convincente, beirando a crueldade. Um vento gelado soprava cada vez que dizia: - Orminda, minha filha. Conversava com a voz baixa, quase sussurrando, o que punha seu interlocutor em uma situação de confessar pecados devido ao clima de intimidade que conseguia imprimir aos assuntos mais irrelevantes. Dizia lisonjas com tal arte que o veneno permanecia oculto e nisso lhe prestava auxílio a vaidade do ouvinte. Esse *mise-en-scène* seguia rígidas regras de etiqueta: ela nunca falava sobre intimidades pessoais nem familiares e elegantemente interrompia seu interlocutor se ele se dispusesse a falar das próprias. Enfim, as conversas nada mais eram que um jogo de salão, uma encenação de semblantes na qual ela se sagrava exímia atriz.

O tempo que lhe sobrava entre as conversas da sala e a administração da casa, gastava-o a tecer longa colcha em crochê para cama de casal – gastava-o sem economia, como se fora feliz, cujo miúdo e trabalhado ponto-sem-volta tornava a obra pesada e infinda; ela encontrava mais graça em executar a tarefa do que em concluí-la. No íntimo, desejava a obra inconclusa, sempre por findar, pois, concluída, depararia de modo inevitável com uma insuportada solidão. A vida das Vitoriano era uma espécie de ponto-sem-volta com seu trágico destino de amores absolutos, porque é da essência desses amores serem sempre trágicos em sua voracidade de

completude e em sua impossibilidade de lua minguante. Orminda Vitoriano sentiu o coração apertar-se e um nó na garganta deixou-lhe a respiração entrecortada.

- Como é ele?

- Bem apessoado e de boa conversa. Culto e inteligente. Causou muito boa impressão em teu pai e em mim também.

Orminda Vitoriano desata a chorar, um choro a cântaros. Dona Bárbara senta-se no leito, abraça a filha com carinho e toma entre as suas as mãos dela. Com os olhos marejados a lhe turvar a visão como nas pinceladas mágicas de Turner, vê o rosto da mãe, tão próximo e irreal, a preservar um resto de juventude e a dureza gelada das pessoas que não conseguem ou não se permitem expressar seus afetos. Uma dureza ainda mais inútil que as outras.

- Mãe, disse para o pai que não quero me casar. Prefiro ficar solteira a me casar com um homem que não conheço.

- Tu já o conheces.

- Vi-o algumas vezes quando éramos crianças. Não me lembro mais do seu rosto. Ele deve ter mudado muito, assim como eu. Não quero vê-lo. Não me interessa. Não suporto.

- Tu o conhecerás com o tempo. Mulheres raras como tu, que leem muito e têm opinião independente sobre tudo, costumam ficar solteiras. As mulheres precisam de um homem para ajudá-las na administração da própria renda. Uma mulher sozinha não inspira respeito à própria família, à sociedade, à Igreja. Minha filha, tu não serás jovem por toda a vida. Pense nisso. Agora, estás em condição de aceitar o homem que te quer. Depois, homens assim não existirão mais. É sobre isso que tu devias pensar. A solidão de uma mulher solteira na

velhice é muito mais amarga que a de uma viúva. A viúva terá boas lembranças e os filhos a consolá-la. E tu? Buscarás consolo nos livros? Até quando somente os livros te bastarão? Ademais, teu pai e eu não viveremos para sempre. Se tu ainda não pensaste nisso, deveria pensar.

- Mãe, por favor. Eu gostaria de pelo menos adiar este noivado...

- Com teu noivo na sala a te aguardar? Impossível! Tu não me ouves? Perdeste o juízo? Conversamos tanto sobre este assunto, nada mais há a dizer. Querida, não tenhas medo. Teu pai não escolheria um homem que pudesse magoar-te. O homem que ele escolheu para ti é da absoluta confiança dele. Saber disso deveria ser suficiente para ti. A vida das mulheres é assim, bem poucas coisas nos resta escolher. Agora, pare com este choro, vais ficar com os olhos vermelhos e causar má impressão nas visitas!

- De que me adianta escolher somente coisas que não me fariam diferença alguma?

A mãe solta delicadamente a mão de Orminda, levanta-se e caminha até a soleira da porta, rápida e decidida:

- É insensatez nos agastarmos com uma questão já resolvida. Vista-se e desça. Estamos aguardando. Mandarei que Mina suba para ajudar-te. Avia-te.

Bárbara Vitoriano era capaz de dizer durezas com voz meiga e doce, gelo esculpido, cacos de cristal a ferir e a sangrar alva pele, como doce e sufocante perfume.

A criada de quarto subiu de pronto. Orminda Vitoriano veste-se com a sua ajuda. Ela lhe aperta o espartilho. O vestido de seda, de cor magenta, com rendas brancas no colo e

pescoço, teve caimento perfeito no corpo, realçando-lhe a graça natural dos ombros e braços, evidenciando o contorno dos quadris em contraste com a delgada cintura, num arranjo harmonioso e encantador. Apesar da suntuosidade das rendas, o vestido não a exibia; antes, realçava-lhe o encanto natural da personalidade, a graça dos movimentos, o viço da pele marmórea que parecia gelada e reluzente nas partes expostas e o olhar atento e escapadiço, cujas sombras vislumbravam um mundo misterioso e vago sem nunca descortiná-lo por completo. Ela herdara os grandes olhos negros dos Vitoriano, repletos de segredos noturnos, simultaneamente melancólicos e serenos, profundos e sedutores, brilhantes qual ágata polida. Naquela noite, Orminda Vitoriano os tinha num brilho antártico. Seu rosto não era propriamente belo, mas o traçado em linhas marcantes, de proporções incomuns, conferia-lhe a suavidade e a nobreza dos mármores antigos. Dona Alda de Barros, esposa do doutor Menezes de Barros, dissera-lhe certa vez:

- Menina, tens um rosto inesquecível.

Era verdade. Aquele rosto muito impressionaria os homens. Mas não somente o rosto, o bom humor apesar da angústia existencial, o brilho dos olhos e a sensibilidade à flor da pele que não necessitava ouvir palavras para capturar dentro d'alma a alma do outro sem, contudo, aprisioná-la, deixando-a livre para a troca dos mais íntimos segredos, das mais reveladoras confissões. E, por deixar livre, acabava docemente aprisionando, com o beneplácito e o pedido do aprisionado. A vida brotava, enfim, dos afetos profundamente partilhados. Eis por que Orminda Vitoriano encantava os

homens e encantaria também o futuro marido que a esperava no salão.

- E tens também um estranho olhar de despedida. Tu olhas as coisas como se estivesse a se despedir delas – continuou dona Alda – É um belo e melancólico olhar. Um olhar de quem deseja a vida.

- As coisas não são minhas nem de ninguém. É preciso saber despedir-se delas. Despeço-me delas a cada momento porque as amo.

A vasta cabeleira negra foi presa num coque, Orminda colocou os brincos de pérolas e no anelar da mão direita o anel do conjunto e lembrou-se de que, em sua família, as pérolas eram as únicas joias permitidas em uma cerimônia fúnebre. Tirou, então, do anelar da mão esquerda, o anel de rubi lapidado em degraus e o depositou sobre o mármore branco do lavatório ao lado da bacia e da jarra. A quem olhasse de repente, a joia assim posta com sua pedra atravessada pelos raios de luz parecia uma grande gota de sangue vivo caída sobre o mármore. O camafeu que fora da avó Domitila Vitoriano completava o conjunto. A rara joia lhe causou uma estranha sensação: pareceu gelada e úmida. Orminda perfumou-se com uma única gota d'*eau de parfum* amadeirado. Dispensou as essências cítricas que lhe pareciam mais apropriadas para o frescor das manhãs e o mormaço das tardes e as essências florais que poderiam dar ensejo a uma atmosfera de intimidade imprópria para um primeiro encontro. Com a opção pela fragrância amadeirada, *"elle nageait entre deux eaux"*[5].

As flores silvestres da guirlanda não resistiram ao mormaço da tarde, jaziam agora murchas sobre a cômoda. Estava pronta, enfim, e não lhe restava mais a fazer; desceria para que o pai a apresentasse ao futuro marido, desceria para exilar seu desejo em terra estrangeira ao amor; com certeza, amargaria este desterro até o último de seus dias.

Antes de ganhar o corredor, Orminda Vitoriano para sob o portal do quarto e olha já saudosa o amplo aposento de solteira que ocupa desde que nasceu. Naquela mesma noite, ao retornar para dormir, tudo estaria lá do mesmo jeito, exceto as velas quase a se apagar, mas ela não será mais a mesma: estará noiva. Dentre tantos objetos da decoração que boiavam na luminosidade tênue do quarto como restos de um navio naufragado à deriva ao luar, o brilho do anel lhe capturou a atenção com sua pedra de rubi atravessada pela luz. Uma leve tontura que breve lhe fugiu, fê-la ver sobre o mármore branco do lavatório uma montanha coberta de neve recém-caída, manchada por gotas de sangue, como em um bolo com cobertura de açúcar guarnecido por cerejas. Teve um arrepio que lhe eriçou os poros dos braços, e tal como a tontura, logo passou, pois o ar do casarão naquela noite, ironicamente, estava tépido como um morno abraço. Mais de meio século depois, ao bordar uma toalha de linho, ela se lembraria da visão vaga dessa noite que lhe veio como sonho de um breve segundo, mas no século vindouro, erroneamente, ela não lhe daria crédito.

Orminda Vitoriano caminha pelo corredor que lhe pareceu outro, longo e interminável. Assim também seriam seus dias e noites, unida a um homem que não conseguiria

desejar nem amar; com ele teria filhos, de preferência varões, para dar continuidade à linhagem dos Vitoriano e projetar o nome de seus ancestrais no futuro. Assim fizeram a tetravó Alma, a trisavó Aída, a bisavó Ifigênia, a avó Domitila e a mãe, Bárbara, criando elos de compromissos, de dever e de honra que atravessaram séculos. Assim faria ela, Orminda Vitoriano, querendo ou não. A história da família já estava escrita antes mesmo que ela nascesse. Que castigo impiedoso estaria reservado para aquela que a interrompesse?

Lembra-se com mágoa de um episódio infantil: certa vez, durante um jantar de cerimônias no sobrado, quis experimentar a compota de figos. Comera da fruta, mas ainda não a tivera experimentado em doces. Num sussurro para a mãe, ao seu lado, manifestou o desejo. O resultado foi pior do que se tivesse dito em voz alta. Os convidados pararam a conversa para olhá-la. O coronel Euclydes Vitoriano ordenou para a criada:

- Sirva-lhe doces.

A criada apanha a colher de prata, coloca um figo sobre a porcelana Maastricht cujo desenho, um arranjo de frutas ao centro, formava bela estampa e despeja, por cima, um pouco da calda viscosa que se derrama num fio de mel perolado e reluzente. Os convidados permaneciam em silêncio e a observavam, pois, involuntariamente, Orminda Vitoriano interrompera uma importante conversa.

- Sirva-lhe mais um – diz o pai, com sutil irritação no timbre da voz, somente perceptível aos familiares.

A criada serve outro figo e derrama nova colher da calda que cai reluzindo em fios dourados à luz do lampadário. A

situação causara constrangimento em Orminda Vitoriano, que tinha o coração disparado, a boca seca, com a língua a lhe aderir ao palato.

- Agora, coma! – ordenou-lhe Euclydes Vitoriano, imperativo.

A menina parte um quarto de um dos figos e o leva à boca, observada por uma plateia atenta e igualmente constrangida, embora o pai mantivesse, na aparência, a habitual elegância de modos. Orminda Vitoriano não apreciou o sabor que lhe pareceu ao mesmo tempo demasiado ácido e doce.

- Ah, gostaste! – diz o pai – Coma tudo, então. Mostre-nos que és uma menina educada.

Orminda Vitoriano teve náuseas e ânsias que a custo conteve. Aos poucos, cortava os figos em pedaços e os levava à boca. Mastigava-os e fingia engoli-los. Quando terminou a encenação, o pai lhe disse:

- Assim está bem. Queres mais?

A menina balança a cabeça negativamente, com a papa e a calda de figos dentro da boca, salivando em excesso.

- Mas, o que dizias mesmo, coronel João Augusto, a respeito da cotação da arroba do café? – pergunta Euclydes Vitoriano, reatando a conversação interrompida pelo desejo inoportuno da filha de comer compota. Somente então os convidados respiraram aliviados e a palestra seguiu seu curso.

Orminda Vitoriano não saberia dizer por quanto tempo permaneceu sentada à mesa com toda aquela papa agridoce na boca. Não conseguiria engoli-la e muito menos poderia

cuspi-la, somente sabe que o tempo lhe pareceu infindo e torturante.

Quando foram servidos os licores e o café, pôde, finalmente, libertar-se do suplício. Correu a um canto oculto do jardim e abortou aquela afronta à dignidade humana. Lavou a boca repetidas vezes, o gosto-de-nada da água refrescou-lhe a alma. Pela primeira vez na vida odiou conscientemente o pai e todo o patronímico Vitoriano com seu senso desmedido de moral e honra, com o dever posto acima de qualquer desejo ou interesse. Odiou também a mãe que não movera um único dedo para interferir no desfecho da cena, limitando-se a fitá-la com um olhar de comiseração que nada mais era que um reflexo de sua subserviência, temor e respeito pelo homem.

Em outra circunstância, descia as escadas com os primos, fagueira, envolvida em brinquedos infantis. Seu vestidinho armado de muitos panos deitou ao chão antiga e preciosa jarra de porcelana, espatifada com estrondo em incontáveis pedaços. Euclydes Vitoriano não se deu ao trabalho de conversar com ela. Espalhou grãos de milho no chão da sala e pô-la de castigo por meia hora, ajoelhada sobre eles. Desta vez, odiou o pai a ponto de desejar vê-lo morto, espedaçado; atiraria, então, os pedaços aos cães. Bárbara Vitoriano assistiu a cena de longe, aflita, soluçante, mas não se atreveu a dizer uma única palavra que pudesse ajudar a filha.

Orminda Vitoriano preferiria matar-se a ter destino igual para si. Pela segunda vez, no mesmo dia, lembrou-se da garrucha do pai na gaveta da secretária da biblioteca: ela lhe traria a solução rápida, quase instantânea e indolor.

Agora, descia para conhecer o futuro marido e a situação se lhe afigurava ainda pior que a dos figos: desta vez não poderia cuspir.

A partir deste momento renunciava às promessas de felicidade que todo amor encerra. Deveria esquecer-se do encontro furtivo com o desconhecido às margens do ribeirão. No entanto, já se imaginava olhando o rosto do marido e lembrando-se dele, chorando pelos cantos mais recônditos do jardim um sal de lágrimas que abrasariam as flores na certeza de revê-lo jamais e suspirando de amores atrás das portas para que ninguém pudesse adivinhar a extensão do seu infortúnio. Uma vida em segredo, na qual não poderia mais reconhecer-se; uma realidade de renúncia, determinada por forças poderosas impossíveis de serem detidas. Meu Deus, como seria infeliz!

Por vezes, Orminda Vitoriano sofria com horríveis pesadelos. Sonhava estar presa em uma imensa teia de aranha, armada sobre um precipício de escuridão. Em pontos equidistantes da rede, as gerações femininas de suas ascendentes, até Alma Vitoriano, dispostas sobre o traçado como num tabuleiro de xadrez.

De súbito, de uma das pontas da teia surge um enorme aracnídeo negro que lenta e ininterruptamente, principia a tecer uma finíssima trama de fios na qual envolve as Vitoriano, uma a uma, começando por Alma Vitoriano. A trama circunda os corpos tantas vezes que acaba por imobilizá-los totalmente.

Orminda Vitoriano é enredada em um casulo onde nenhum movimento, por menor que seja, é possível. Neste instante, tenta gritar, mas mesmo o grito fica preso na

garganta. Deseja que o peso do casulo rompa a teia, entretanto, se isto ocorresse, seria arremessada no vazio infinito, no vácuo eterno, despencaria pelo abismo de trevas até o fim dos tempos.

Ah, como almejava ser simplesmente Orminda sem também ter que ser uma Vitoriano para não arcar com o peso da Lei, para não carregar nos ombros o fardo dos manes...transformar-se-ia, então, num espectro dentro de labirintos perdidos.

No topo da escadaria avista todo o salão, a mesa posta para um jantar íntimo: o pai, a mãe, ela, o deputado Gama e o filho. Houvesse suspeita de desejo, desceria a escada aperfeiçoando o quilate do gesto para, no paradoxo da base, ver transformada em apoteose a celebração dos encantamentos. Mas não suspeitava desejos, percebia obrigações tais como as que a antecederam e se manifestavam presentes na repetição de uma história outra e sempre a mesma. Ai dela, ai de todas!

A mãe conversa com o deputado no sofá, enquanto saboreiam uma taça de licor. O pai, defronte à janela, dialoga com o jovem, cujo traje de casimira inglesa azul-marinho caiu-lhe à perfeição, a barra da calça terminava em cima de um distinto borzeguin de cromo chocolate com gaspea envernizada; era como se a moldura de um quadro pudesse tornar ainda mais belo o óleo pincelado pelas mãos do artista. Euclydes Vitoriano enumera as espécies vegetais que compõem o exuberante jardim do sobrado, pois logo soube que o rapaz é também um estudioso diletante de botânica, gosto que tomara com o pai e, esse, por sua vez, com os

contatos que tivera com a pintora inglesa Marianne North, quando ela esteve no Brasil em 1872 e 1873.

- *Allamanda cathartica* e *Trachelospermum jasminoides* – são as principais – diz o futuro sogro.

- *Papilio thoas brasiliensis, Papilio anchysiades capys* e *Methoma themisco* são outras – retruca o rapaz em tom de respeitosa galhofa.

Um tanto distraído, Euclydes pondera:

- Quais? Essas, eu não as conheço. Estão aqui, no meu jardim?

- São as borboletas do seu jardim. Elas não vivem sem suas plantas e gostam delas da mesma forma como gostamos de alface e de couve. O senhor sabia que a *Methoma themisco* morreria não fossem os manacás do seu jardim? É o único alimento que elas comem.

A brincadeira do rapaz fez com que Euclydes Vitoriano, sempre muito sério nas ocasiões formais, sentisse como se alguém tivesse puxado o tapete por baixo de seus pés. É que ele levava tudo a sério, inclusive o seu amadorístico conhecimento botânico. No entanto, o bom-tom que a situação casamenteira exigia fez com que ele logo reencontrasse o equilíbrio:

- *Methoma themisco*?!

- A borboleta-do-manacá.

- Ora, ora. Quem diria! O senhor também é um conhecedor de coleópteros!

- Quem gosta de plantas e flores não pode se esquecer das borboletas. Umas não vivem sem as outras.

- Está aí uma verdade que ninguém pode negar.

Pela posição em que se encontravam, Orminda Vitoriano conseguia ouvir apenas a voz do pai. A conversa dele fê-la lembrar-se de sua orquídea predileta, a *Paphiopedilum callosum*[6]. A beleza instigante e exótica daquela orquídea indiana de folhas mosqueadas e pétalas verrugosas, despertava-lhe fascínio e encantamento. Sentia-se seduzida e perturbada com essas formas e cores que desinstalavam sua maneira habitual de olhar para as flores e os jardins. Naquele mês do ano, as orquídeas quedavam murchas e secas nos caules. Nada nelas lembrava a beleza com que floresceram meses antes. A natureza fazia eco aos seus sentimentos. A natureza, no entanto, levava uma grande vantagem: nos anos seguintes a orquídea floresceria novamente. Sua vida, não. Ela se sentia como uma flor prestes a ser colhida.

Orminda Vitoriano respira fundo, coloca o pé no primeiro degrau, apoia-se no corrimão e põe-se a descer a escadaria. A pele do rosto tinha a aparência e o frescor de pétalas borrifadas com água gelada. Cabeça erguida, fronte altiva. Pisando nos restos do próprio coração e com o olhar cintilante de uma fúria muda de anteceder tempestades, ela conseguiu a metamorfose do tremor de músculos e vísceras: a elegância dos movimentos e a dignidade do semblante. Foi violentada pelo silêncio da arquitetura, pela quietude moribunda dos móveis. Não lhe interessou o céu que não pôde ver, esquartejado de estrelas, absoluto em sua prisão de brilho.

- Hei-la! Minha filha – diz Bárbara Vitoriano, com orgulho, levantando-se.

Um jogo de dados jamais abolirá o acaso. O acaso, por vezes, contribui para a realização dos desejos e quando ele acontece é sempre sem aviso, de imprevisto, uma surpresa. Orminda Vitoriano fita a nuca do rapaz, pareceu-lhe familiar. Ele saturava o ar com sua virilidade suntuosa que a envolveu antes mesmo dele se virar. Quando ele moveu o torso, seus olhos encontraram os dela, já no meio da escadaria. Uns olhos verdes, estupendos, calmos e profundos, da cor do mar ao entardecer, olhos que seriam as suas esmeraldas vivas pelo resto da vida. Sim, era ele, o desconhecido da tarde nas margens do ribeirão, com as gotas d'água a lhe escorrer pelos cabelos, pela nuca, pelos ombros largos, pelo peito forte e protetor. O desconhecido que a coroara com uma guirlanda de flores silvestres, como se ela fosse uma Flora dos bosques.

Ela sentiu o sangue lhe subir às faces, mas não abaixou a cabeça. Lembrou-se do que lera em Ana Karênina, de Leon Tolstoi: "Os cavalos fogosos conhecem-se pela marca e as pessoas apaixonadas pelos olhos". Temeu que seu olhar revelasse essa transparência. Fora educada para ocultar os sentimentos, não para revelá-los e, muito menos, para deixar-se arrastar por eles. Os instintos são maus condutores das ações, não se deixaria levar por eles fazendo uma revelação indesejada, desnecessária. Guardaria para sempre o segredo de tê-lo conhecido e das circunstâncias que envolveram esse fato. Intuitivamente, confiava que o rapaz manteria silêncio, partilhando com ela desse segredo. Esta certeza formou-se em seu íntimo e aos poucos a acalmou, antes mesmo que pusesse

os pés no último degrau da base da escada. A nudez luminosa do rosto dele fê-la estremecer. Terminou de descer a escadaria, resplandecendo com uma lua a qual foi dado o direito de escolher o próprio sol, um sol definitivo.

- Magnífico – disse o rapaz após uma pausa suficientemente longa para ninguém saber se ele se referia à opulência das espécies vegetais dos jardins ou ao encantamento que a jovem havia lhe despertado.

- Senhorita, meu filho Alberto da Gama – diz o deputado, apresentando-lhe o filho.

- Alberto Medeiros da Gama – completa ele, quase escandindo o sobrenome materno, Medeiros – encantado.

Após o jantar, Alberto da Gama e Orminda Vitoriano puderam ter um pequeno instante quase a sós: enquanto os pais conversavam na sala de jantar, o casal passeava pelo jardim, à vista deles, separados pelas vidraças da ampla porta de correr. Orminda Vitoriano tomou coragem:

- És tu, mesmo? Ou estou sonhando?

- Se tu sonhas, como pode o sonho ser o meu?

- Muito bem, então, o nome do senhor é Medeiros – diz Orminda com um tom de voz em que se percebia uma leve repreensão.

- Medeiros era o sobrenome de minha mãe. Não dei um nome falso. Apenas não quis estragar a surpresa desta noite.

- Então, já sabias quem eu era!

- Sim. Tu disseste teu nome. É um nome incomum. Seria pouco provável haver outra Orminda nesta vila. Não foi preciso muita inteligência de minha parte para deduzir que somente poderia ser tu. Mas não te preocupes. Este será um segredo

nosso – e, tirando do bolso da calça o lenço com o monograma bordado, devolveu-o a Orminda:

- Tome! Deixaste cair na relva.

- Oh!... – exclamou Orminda, pegando rapidamente o lenço, não sem antes verificar que os pais de ambos estavam distraídos com outros assuntos – ainda bem que tu não és Iago. Caso contrário, esse lenço seria a nossa perdição.

- Não, felizmente, tu não és Desdêmona, nem eu, teu Otelo. Não possuo a menor inclinação para sentir ciúmes e amores passionais.

- Ainda bem, senhor...

- Alberto. Deixemos de formalidades.

- Pois bem, Alberto. Alegro-me, pois, de tragédias, esta família já está farta.

Não precisou mais que esse breve instante para Orminda Vitoriano ter a certeza absoluta do amor eterno e de que amaria aquele homem mesmo depois que toda a eternidade tivesse se esgotado. O amor deles foi um encontro milenar. Nenhum tipo de racionalização a impediu de perceber isso. Mergulharia, então, naquele abismo para nunca mais sair dele. Somente semanas depois conseguiria lembrar-se do que havia lhe dito a velha cigana:

- *Quando tudo parecer estar perdido, quando o desespero que nunca sentiu tomar contar do seu coração, nesse dia, começarás a ser feliz...*

Poucos dias antes do seu casamento, Orminda Vitoriano ordenou que removessem do quarto de dormir a cômoda com os santos e a levassem para o quarto ao lado, separado do principal por uma pequena antessala. Ordenou também que

colocassem na parede sobre o lavatório um enorme espelho de bronze estilo império. A decisão da qual não arredou pé foi aprovada com muito bom humor pelo futuro marido, mas lhe valeu contínuas desaprovações do pai, da mãe e dos familiares, que, por fim, desistiram ao perceber que Mindinha fazia ouvidos moucos aos seus queixumes e reclamos.

Bárbara Vitoriano disse ao marido:

- Nisso é que dá permitir que uma filha leia os clássicos da literatura e estude filosofia, quando devia estar a bordar e a aprender a tocar piano. Ler os livros de devoção! Confessar-se! Penitenciar-se! Era isso que ela devia fazer às vésperas do casamento. Que o vigário não saiba disso, senão, serei eu a morrer de vergonha.

- Ora, Bárbara! Nossa filha borda com perfeição e todos apreciam as peças que toca ao piano – respondeu ele com uma seriedade forçada e com um meio sorriso nos lábios que a outra logo percebeu como uma brincadeira indevida e fora de propósito pela gravidade do assunto tratado.

- Senhor Euclydes, – era assim que chamava ao marido quando se irritava com ele – o senhor entendeu muito bem o que eu quis dizer. Mil e novecentos está chegando! São os fins dos tempos, senhor Euclydes! Aguarde e o senhor verá!

E saiu da sala resmungando imprecações contra a filha e o marido. Euclydes Vitoriano conhecia muito bem a filha que tinha. Talvez, egoisticamente, não pôde deixar de pensar que muito em breve a incumbência de por arreios em Orminda não caberia mais a ele, mas ao marido e foi tomado por um sentimento de alívio que não lhe causou culpa alguma, pois, afinal, não poderia haver melhor marido para a filha que

Alberto da Gama, um homem raro, capaz de compreender e de respeitar as excentricidades de uma mulher incomum.

O caso da cômoda dos santos rendeu assunto. Bárbara Vitoriano passou semanas após o casamento sem conversar com a filha impudica além do estritamente necessário, até que, por fim, resignou-se, mesmo porque os fatos escandalosos somente o são quando deles tomamos conhecimento pela primeira vez. O passar dos dias destrói o impacto e acaba, inevitavelmente, por diminuir sua importância. Além disso, era inevitável que ela, na condição de mãe de uma filha casada, pensasse em acalentar ao colo um neto querido e, em uma provável próxima gravidez da filha, não queria estar mal com ela. Uma situação dessas não poderia fazer bem a ninguém.

Um ano depois, ninguém mais se lembrava da remoção da cômoda, e o espírito de Bárbara Vitoriano se acalmou ao perceber que Mindinha e Alberto viviam juntos um sonho de amor acessível a poucos – ela bem sabia disso e, por que os vigários da Paróquia do Divino Espírito Santo nunca passavam dos aposentos sociais em sua visita ao casarão, exceto, Deus nos livre, em casos de doenças graves e de extrema-unção. O vigário, portanto, jamais teria conhecimento de que os santos foram expatriados do quarto do casal.

Um meio de um perfume e um perfume de um meio de um lugar. A memória da pele e dos sentidos. Orminda Vitoriano amava o marido e fora dele numa noite em que as estrelas não cabiam no céu.

Na noite de núpcias, Orminda Vitoriano ordenou à criada que descesse à adega e apanhasse uma garrafa de vinho do Porto da coleção guardada por Aída Vitoriano. O marido

bebeu uma taça. Orminda despejou o vinho na sua até a metade. Sorveu um único gole, lentamente. Depois completou a taça com água mineral e bebeu o restante. Queria entregar-se ao marido completamente sóbria para embriagar-se com tudo que sorvesse dele. Não carecia de lenitivos para as pequenas dores que, porventura, viesse a sentir, pois mesmo nelas o amaria e tão intensamente quanto no prazer sentiria a força de sua presença e do seu desejo. Ela anelava a completa lucidez dos sentidos para que, através deles, pudesse inscrever o marido em sua alma. Orminda Vitoriano transgrediu a lei entregando-se ao marido como se fora uma cortesã.

Antes se deitara em banheira de louça litóide de aspecto semelhante ao mármore opalino, cujos pés de prata maciça eram patas de leão e as torneiras, do mesmo metal, traziam esculpidas as caras desses felinos com olhos de safiras lapidadas, para tomar um repousante banho de imersão em água morna misturada com alguns litros de leite de cabra desnatados, pétalas de flores, folhas de hortelã e alfazema maceradas e gotas de uma suave essência floral. Terminado o rito do banho, ergueu-se das águas como uma tropical Vênus de Botticelli, com a mesma doçura e placidez fisionômica, pois não havia dúvidas que possibilitassem inquietação em seu espírito: amava o seu Apolo e se entregaria a ele sem reservas, de todos os modos possíveis a ambos. A bem poucos é dado o dom de mergulhar fundo no próprio desejo sem se perderem. Orminda Vitoriano via na leveza desse dom que encetara sentir em si a oportunidade de salvar-se da plúmbea agnação Vitoriano, um doce modo de vingar-se do pai, da mãe e de todos os seus ascendentes. Desde cedo recusou-se a subsistir

apenas por submeter-se sem restrições. E quando após amá-lo, Orminda Vitoriano descerrou a janela, assistiu a uma chuva de estrelas que se precipitaram no lago do palacete (o firmamento improvável não pôde retê-las; demasiadas, traziam a gravidade dos desejos e uma rota de colisão: o zênite das impossibilidades).

Nessa noite, o desejo contido de Orminda Vitoriano explodiu no excesso em que ela quase teve dificuldade de se reconhecer: maltratada, judiada, por precisão de um batismo de gozo, dor e sangue, não por nenhuma natureza cruel daquele homem. Pediu, suplicou. Deflorada sem piedade, lambuzou o membro dele da papa morna do seu sangue como recém-nato, viu-o escorrer pelas paredes do sobrado, tingir de púrpura os lençóis numa ausente marca de ignomínia, mas viva de libertação. Que ele a matasse, estraçalhasse suas entranhas para cuspir dentro delas a lava incandescente de senhor do universo.

- Se eu não tenho piedade de mim, porque é que tu vais ter? Faz-me tua do jeito que a natureza manda. Não te quero com cautela, com cuidados, aos poucos. Quero-te no absoluto, no superlativo!

Não se deve provocar os homens, nem mesmo de brincadeira. Cada um deles tem dentro de si uma fúria, um animal adormecido e todos são machos. Ela ousara despertar nele o que nenhuma outra mulher conseguira. Foi atendida: ele sentiu a consciência fugir-lhe, atordoado pelo desejo, provocado pelo instinto e possuiu-a com o desespero dos suicidas, com a fúria das tempestades e com a doce inconsequência das crianças.

Orminda Vitoriano não era exatamente uma pessoa a quem se possa chamar de religiosa. Na infância, tivera aulas de catecismo com o padre José Paulino da Silva, mulato robusto, clérigo que usava o natural dom da oratória na construção de vivas metáforas para atemorizá-la e às companheiras com o fogo do inferno, castigo que consumiria eternamente os pecadores e incendiaria casas e cidades inteiras. Ela imaginava, então, a cidade em chamas, a população aterrorizada, correndo de um lado para outro, sem encontrar saídas em meio à fumaça sufocante e ao calor, como Pompeia destruída pelo Vesúvio, história que a mãe havia-lhe contado após ter lido o relato de Plínio, o Jovem, sobre a erupção e que causara profunda impressão em seu espírito de tal maneira que naquela noite ela mal havia conseguido dormir.

Entretanto, não sentia medo de Deus, nem na infância, nem agora. Transferiu o ódio para o padre com seu impiedoso discurso de pecado, culpa, medo e punição. Ouvia-o calada, engolindo em seco, asfixiada como uma pompeiana em desespero a respirar os gases venenosos expelidos da cratera pela fúria da natureza, fingindo concordância para evitar a punição certeira. Rezava e sorria com falsa meiguice. No íntimo acreditava que os pecadores mereciam benevolência, mereciam pelo menos salvar-se da Igreja, dos padres, de Deus e de todos os santos. Por isso, Orminda Vitoriano não se assustou com Alberto da Gama ao sabê-lo ateu. Ele representava o desafio necessário para fazê-la sentir-se viva. Agora era sua vez de expressar-se além do fingido sim, de dizer tudo sem palavras, de falar com um gesto de amor ao aceitar o iconoclasta amante da vida. Tudo o que queria é que ele a

ensinasse a pecar. Não haveria necessidade de perdão, o amor aboliria o sentimento do pecado e da culpa e ela estaria livre para ser feliz.

A remoção da cômoda dos santos era apenas um detalhe em meio a todas essas transformações. Orminda Vitoriano se recusou por completo a admitir a existência da camisola "Deus abençoe esta família" – e muito menos a cogitar em vesti-la, embora, àquela época, a indumentária já estivesse fora de uso tendo sido substituída por peças mais leves que não traziam o peso da interdição secular da família. Entretanto, mesmo assim, as Vitoriano ainda utilizavam a escuridão do quarto para se abrigarem dos olhos desejosos dos maridos. Orminda, não. Ela deixou o quarto à meia-luz não para ocultar ou proteger-se de algo, mas por uma disposição romântica íntima que lhe era sempre inescapável. Ela sabia que a primeira noite necessitaria que reunisse em si toda a coragem – e isso nunca lhe faltou. Então, quando chegou o momento, despiu-se diante do homem amado e para enfrentá-lo não teve nada além de seu próprio corpo e daquilo que era: uma mulher altiva, desejosa, domadora dos próprios medos e consciente dos seus desejos. Por isso mesmo, ela se tornou aos olhos de quem a amava, ainda mais adorável. Foi um golpe certeiro de xeque-mate, absoluto e definitivo que lhe valeu pela vida toda o amor de Alberto da Gama até o dia em que as esmeraldas deixaram de brilhar.

Então, Orminda Vitoriano rendeu-se, depôs as armas, baixou a guarda, capitulou, entregou-se num abandono de rosa vermelha desabrochando em suave hemorragia e nunca

mais se lembrou do seu ódio ao pai e de sua prevenção contra os homens.

A masculinidade dele a arrebatava substancialmente, pois não excluía o elemento feminino em seu vigor arquetípico. Por isso, Orminda Vitoriano conseguia sentir maciez de pétalas desfolhadas no aço dos músculos – bíceps, tronco, pernas, ventre, coluna; a doçura da voz contida e exposta no ondeamento de carícias dos graves que ele emitia, sons do vento nas folhagens e da água nas pedras de rios, oceanos e chuva.

Orminda Vitoriano o via como em fotografia de imagens superpostas, de espelhos defrontados: vendo-o e vendo a si própria, juntos e separados, unidade e diferença. Não pôde nem quis resistir. Deixou-se arrastar. Sentiu a presença dele em sua alma como lua adentrada num eclipse que não teria mais fim. Foi passional. Desejou vida e morte, sexo e amor, loucura e lucidez, fogo e também gelo para poder descansar da queimação arrebatadora dos sentidos, envolvendo seu raciocínio num torpor semelhante ao da embriaguez alcoólica. Era ela, e ela e ele, num desespero faminto de ser dele, de ser rasgada, possuída, amarfanhada de modo tão absoluto que quisera imiscuir-se como um nada pelos poros dele, para florescer, para renascer outra e igual, para continuar sendo ela mesma dentro de um outro que também seria ela: dois, um; todo pedaço, todo e pedaço em uma fronteira de contornos imprecisos. Isso era tudo o que possuía, tudo o que podia, tudo o que devia e tudo o que queria. Deus e Demônio não existiam mais. Aquele homem anulou qualquer possibilidade de céu e de inferno e estabeleceu com ela uma unidade indissolúvel de

opostos que permaneceria intacta, mesmo depois da morte dele, e que bastaria a ela pelo resto dos seus dias, vividos vazios da presença física dele. Que importa o resto das cinzas se a chama foi duradoura e intensa? Que importa a devastação total do depois como resultado permanente e imutável no real, se a lembrança que permaneceria era a dos campos verdejantes? Ele representou para Orminda Vitoriano aquilo que ela devia encontrar na relação consigo mesma. O que mais pode existir além disso?

Orminda Vitoriano conheceu o marido primeiro vendo-o e ouvindo-o. Depois, amou-o pela gustação e pelos poros. Mascava cravo-da-índia antes de beijá-lo, para perfumar o hálito e deixar gosto na boca dele. Com o tempo, no aperfeiçoar das intimidades, passou a conhecê-lo de todas as formas que lhe seriam possíveis pelos sentidos.

Aprendeu a decorar a topografia daquele corpo amado, com seus vales, montes e reentrâncias e o caudaloso rio em que ele se transformava no final, precedido por uma chuva de hálitos e transpirações, numa geografia de desejos.

Decorou-o com a ponta dos dedos e com a extensão de toda a sua pele; tocá-lo era soçobrar em voragem de pétalas e frescores.

Aprendeu a delícia do olor cítrico que o suor dele exalava, lembrando o cheiro de limões sicilianos recém-colhidos e ainda úmidos de orvalho.

Sentiu o sabor deste suor cujo gosto era o mesmo da lágrima; até a saliva dele, de gosto-nenhum, ela apreciava e sorvia. No mais íntimo que poderia experimentar do homem sentia o sabor de vinho branco seco, levemente frutado.

Deitava-se com o homem para navegar de caravela entre as constelações já esquecida da dor e de Deus depois de ter sido derrotada pelo consentido terremoto de suas vísceras. Adorava acordar pelas manhãs e sentir no espesso ar do quarto fechado o cheiro bom do homem que transpirara em sono para sonhar outros mundos nos quais ela certamente estaria presente para também neles continuar a amá-lo, que umedecera de amor os lençóis depois de prostrado no exercício do sexo, que era dela por consentimento e ela, dele, por adoração indefectível. Orminda Vitoriano deleitava-se em contemplar o bravo guerreiro adormecer lentamente após exaurir-se em dar-lhe, generoso, um oceano morno, tudo que tinha de si e de melhor, e, ela, igualmente exausta, aguardava que o gladiador adormecesse primeiro para poder apreciar o espetáculo da entrega definitiva e viver a renovada sensação de triunfo da beleza e do amor. Nestes momentos, prestes a cair no sono, ela o amava numa plenitude de morte. Conhecendo-o, Orminda Vitoriano conheceu os homens porque ele era muitos em um só.

E Mindinha construiu, por fim, uma memória cartográfica de cada impressão sensorial, decorando a alma do marido, amando-o com a razão e com a sensibilidade. Ela vivia a experiência religiosa da entrega nada vendo de profano nessa consagração, antes, sentia-se remida do peso de um patronímico que asfixiara suas ancestrais. Afinal, no matrimônio homem e mulher não se tornam uma única carne, um só espírito? Que pecado poderia haver em sagrar essa união até as últimas consequências, fazendo o espírito materializar-se na carne e elevando a dimensão carnal à ordem

do divino? O amor por aquele homem fazia Orminda Vitoriano sentir-se única em espírito e carne e afastava de sua mente qualquer ideia, por remota que fosse, de pecado. A cada entrega do corpo, ela se santificava, a entrega do espírito tornou-a devassa. O lugar dela, espreitado pela noite, era o corpo inteiro dele, selvagem, e o medo das coisas que as palavras são incapazes de nomear, mas isso não impedia seu ímpeto quase suicida de se entregar. Iconoclasta de um patronímico de cárcere, alma de alvorecer, teve uma vida intensa de amor e, aos poucos, perdeu-se na fronteira: não sabia mais se vivia sonhando ou se sonhava viver.

Aguardava pacientemente pelo equinócio do outono, que, com o inverno, eram suas estações prediletas. A partir dessa data, noites cada vez maiores, ela, talvez ao contrário da maioria das pessoas, sentia o acontecimento astronômico revigorar suas forças. Do mesmo modo, apreciava a penumbra e o silêncio. Não nutria, contudo, aversão a ruídos. Aqueles capazes de enternecê-la: chuva no telhado e chão, vento nas árvores, pássaros em liberdade com seu piado e bater de asas, cavalo a trote desatrelado ou conduzindo charrete pelo caminho de terra e pedregulhos. Depois de conhecer o marido passou a apreciar também o som da voz masculina no timbre musical do grave suave, igual elemento da natureza, capaz de envolvê-la abrindo as portas para um mundo de sensações ainda desconhecidas em sua plenitude. Nos momentos de intimidade, marido deitado na cama, recostava o ouvido no pescoço dele ou lhe tocava a garganta para melhor sentir o ar vibrar naquela fonação de encanto, feita na medida para acalmá-la e lhe dar a certeza de que aquele homem era

realmente seu. Essa certeza se tornava mais intensa quando ele lhe sussurrava palavras de amor ao ouvido e lhe fitava com os olhos daquele verde sísmico inesperado. Então, deixava-se ruir por completo.

Desejo. As mensagens todas eram de amor. No final do inverno e início da primavera, quando principiaram as chuvas da nova estação, o mestre carpina havia feito reparos no telhado, trocado algumas telhas e removido ninhos de pássaros que entupiam as calhas. A mudança das estações exercia efeito benfazejo no espírito de Orminda Vitoriano. Lá estavam os majestosos agapantos que ela tanto amava em sua forma e tonalidades, embora nunca soubesse dizer com precisão a cor deles se lilás-escuro ou azul-hortênsia com suas hastes docemente balançadas pelo vento para cá e para lá como espumas flutuando nas ondas do mar. Ela se sentia calmamente tomada pela força de renovação da vida como um botão de flor nos instantes que precedem o desabrochar.

O marido finalizava a leitura diária de livros médicos na biblioteca. Enquanto o aguardava em seus aposentos, aproveitava a luminosidade sedosa e fugidia produzida pelas dezenas de velas nos castiçais dos móveis e das arandelas e a amenidade do início da estação para contemplar a chuva leve e persistente que escorria pelas janelas e embaçava os vidros do lado de dentro. Na escuridão da noite, o fundo do lago era um imenso espelho negro com a superfície levemente ondulada pelo vento e esbranquiçada pela luz da lua. Nela se viam movediças e sombrias impressões em que se ressaltavam as linhas elegantes dos caules dos bambus com suas folhas ruidosas, àquela hora, assustadoras e espectrais.

Aguardar pelo marido nunca a angustiava, pelo contrário, esperá-lo, sabê-lo presente em um local qualquer da cidade ou da casa, enchia de encanto e luminosidade cada recanto do casarão. Depois se deitavam na cama macia e aquecida por cobertores. Ela, então, fechava os olhos, ouvia o som da chuva se distanciar cada vez mais, sentia na pele a tepidez perfumada da pele dele com pelos do peito finos e macios como os de um arminho e o som da voz em seus ouvidos não lhe trazia a preocupação de compreender o que lhe era dito, pois nada do que ele lhe dissesse naquele momento poderia importar-lhe, o som da voz dele era tudo, a mão que embala o berço; o som da voz dele comportava também a mensagem e mensagem carecia de ser decifrada. As palavras perdiam por completo a dimensão cultural e linguística porque a mensagem era o desejo bruto e instintivo realizado na violência dos beijos vulcânicos que ele lhe dava e que ela lhe retribuía da mesma forma. A chuva apertara o passo e as grossas gotas d'água explodiam crocantes nas telhas de barro como os suspiros feitos pela preta da Mina dissolviam na boca. Orminda Vitoriano sentia Alberto da Gama dedilhar suas costas com a mesma intensidade da chuva ao apertar o passo e o amor líquido dele terminava irremediavelmente como uma pancada abrupta e previsível sucedida por um silêncio pleno que bastava a si mesmo em sua devastação, justificava os momentos anteriores e clamava pelos vindouros. Quando ele a abraçou, sonolento, a maciez de sua pele fê-la lembrar-se do dia em que lhe serviu pêssegos em calda com pétalas de rosas (ainda podia ver diante de si a fisionomia de agradável surpresa com que ele degustou a sobremesa floral).

Ela deixou-se envolver pelo aconchego dos lençóis de linho egípcio para apagar-se no sono mais suave que a chama de uma vela apagada pelo vento.

ULTIMA FRUCTUS

Orminda Vitoriano demorou muitas estações após o matrimônio para engravidar. A demora açulou a imaginação dos maledicentes que a diziam estéril. Para uma Vitoriano a esterilidade corresponderia à morte, pois interromperia o fluxo das gerações ao cortar o vínculo do passado com o futuro na ausência dos frutos do presente.

Benzedores, rezadeiras, adivinhadores e conhecedores de ervas e de simpatias ofereceram-lhe seus préstimos. Orminda Vitoriano recusou os favores de todos com amabilidade, porém, firmeza. Agradeceu a boa-vontade, o carinho e a preocupação. Fora criada em ambiente familiar na convivência com pessoas letradas, amantes das ciências e das artes, como ela própria. Não cederia ao impulso das práticas que a imaginação popular recomendava, mesmo que, no íntimo, em momentos que a fragilidade falava mais alto, pudesse desejar.

Quando finalmente engravidou, teve uma gravidez de sustos, perturbada por pequenas hemorragias, febrículas, fortes náuseas, vômitos frequentes, dores nos seios e cólicas que simulavam contrações das mulheres em trabalho de parto.

O cheiro dos jasmins e manacás que sempre a deliciara passou a causar-lhe fastio, o sabor do pão com manteiga dava-lhe engulhos, e a visão da xícara de café lhe provocava pequenos arrepios. Cousa estranha: a voz mais aguda de algumas mulheres a nauseava da mesma forma que o cheiro das substâncias doces. Entretanto, a voz masculina, e, muito

especialmente, a voz do marido com sua sinfônica de graves, tinha sobre ela um efeito calmante e antiemético. Sentia-se pior pelas manhãs, menos mal às tardes e relativamente bem às noites. Foi uma gravidez de repouso, chás e banhos de sol pelas manhãs.

Também havia momentos, felizmente não tantos, em que se sentia sufocar, o ar lhe faltava e ela se debatia no leito crispando os dedos nas palmas das mãos. Pensamentos inconfessáveis lhe perturbavam o espírito: por que não poderia cuspir aquele incômodo do seu corpo como fizera com os figos no jardim? Por que, deliberadamente, não punha um ponto final na estirpe, decidindo-se por não gerar filhos? Por que não ter compaixão com as gerações vindouras poupando-as do fardo da existência? Mas a afeição pelo marido terminava por prevalecer: reteria a semente daquele amor desmedido e sem fronteiras dentro do seu ventre até que estivesse madura para vir à luz.

O que não suportaria neste mundo pelo marido? Ele desejava ardentemente esta criança (ela também, apesar do transtorno que a gravidez causara no seu corpo) e já a amava antes mesmo do nascimento. Bastava que o marido a olhasse, mesmo que por breves segundos, para ela ver confirmado o carinho e o afeto que ele lhe devotava. Então, todas as suas dúvidas se dissipavam e seu coração se acalmava.

Em outros instantes, assaltada por um tipo de medo difuso e vago como imagem vista na água em dia de forte vento, receava que o surto epidêmico da febre tifóide, repetido todos os verões ou a terrível disenteria que há anos consecutivos assolava o povoado do Espírito Santo a ponto de

dar à vila a lúgubre fama de Cemitério das Crianças, não deixasse seu rebento vingar, arrancando-o sem clemência de seus braços protetores para secar-lhe a seiva da vida.

Os últimos dois meses da gestação foram os mais difíceis e Orminda Vitoriano não encontrava postura que pudesse repousá-la: nem deitada na cama, nem recostada nos sofás. Com frequência, o landau do doutor Menezes de Barros, médico amigo da família, passou a ser visto altas horas da noite a entrar nos jardins do sobrado ou a estacionar na calçada defronte. Os criados subiam e desciam as escadarias, rápidos, silenciosos e sorumbáticos, com jarros d'água fresca, pomadas, chás e trocas de lençóis e toalhas. Após as demoradas consultas com a paciente, Menezes de Barros descia para a biblioteca onde se trancava com o amigo Alberto da Gama para conversas mais demoradas ainda. Algumas vezes chegou a retirar-se com o dia prestes a amanhecer e, em outra oportunidade, pernoitou no sobrado. Toda esta situação alimentava mexericos na vizinhança sobre a perda do bebê e sobre a fragilidade física da gestante, logo desmentidos no sol alto do dia seguinte para reacenderem poucos dias após, quando a presença do médico se fazia necessária novamente.

Chovia a cântaros. Orminda Vitoriano entrou no salão do sobrado. De pé, e, embaixo do lampadário holandês para quatro dúzias de velas, Alma Vitoriano a esperava, emocionada, com os olhos úmidos. O vestido armado de crinolina possuía barras que não se encostavam no assoalho, causando a estranha impressão de que ela flutuava na penumbra.

Em cima da mesa de jantar uma ampulheta, cuja areia finíssima do vaso cônico superior, estava prestes a escorrer totalmente. Alma Vitoriano diz:

- O oceano.

E, levantando a mão direita fechada, à altura do peito, esticou o braço para frente. Quando abriu a mão e a virou, lentamente, deixou escorrer uma porção de finíssima areia que escoou toda e findou no mesmo instante em que chegava ao final a areia do vaso superior da ampulheta. Então, todas as velas do lampadário se apagaram.

Orminda Vitoriano despertou, assustada. Transpirara tanto que os lençóis estavam úmidos. Levantou-se com cuidado do leito para não acordar o marido. De leve, abriu uma fresta da janela para sorver um pouco do ar puro e perfumado do jardim.

Não fora um sonho qualquer. Aquele sonho continha um presságio que ela somente decifraria anos depois.

Na última semana do outono, Orminda Vitoriano deu à luz seu primeiro e único filho, o último varão da principal cepa dos Vitoriano. Foi um parto difícil, feito pelo doutor Menezes de Barros, auxiliado pela velha parteira D. Maria Flora e pela preta da Mina.

A parteira Maria Flora era filha de Anunciada Maria, a célebre parteira da Vila do Espírito Santo que, desde a época de Domitila Vitoriano, havia trazido à luz grande parte dos munícipes. Por isso, e também, por dotes próprios, D. Maria Flora era muito respeitada. Qualquer palavra dela sobre gravidezes, fetos, bebês, unguentos, ervas, benzeções e simpatias era imediatamente acatada. A voz dela,

impressionante, calma, suave e levemente rouca parecia a de um oráculo infalível. Quando ela estava por perto e dava sua opinião, os pareceres dos médicos causavam a impressão de serem frios trechos extraídos de livros empoeirados e sem qualquer relação de intimidade com a vida.

Naquela delicada situação, Alberto da Gama abdicou da posição de médico e preferiu agir apenas como pai. Aguardou no salão, ansioso por notícias e com os ouvidos atentos aos menores ruídos, à espera do choro do recém-nato. Horas de expectativa e angústia antecederam os primeiros vagidos, pois as condições da parturiente inspiravam cuidados e o desfecho poderia ser trágico para mãe e filho.

Logo que o bebê nasceu, a velha D. Maria Flora, com o conhecimento de quem já tinha posto muita gente no mundo e com a sabedoria acumulada de gerações de parteiras das quais descendia, disse sem se constranger com a presença do médico:

- Nhanhá Mindinha "tá' com a mãe-do-corpo fora de lugar[7]. Daqui para frente deve evitar pegar peso, mas mesmo assim não vai poder mais ter filhos.

Após o nascimento do filho, Orminda Vitoriano teve várias hemorragias e febres intermitentes que a deixaram prostrada e próxima ao delírio. Por fim, o diagnóstico médico definitivo confirmou a fala de D. Maria Flora: não poderia gerar outros filhos, estava estéril. O marido mesmo lhe comunicou a triste nova, e Orminda caiu no leito num pranto inconsolável e infindo. A notícia da esterilidade atravessou as paredes do sobrado, comoveu a vizinhança e toda a cidade. Pela primeira vez, os olhos verdes do doutor Alberto da Gama se turvaram

com a sombra da melancolia, lembrando aquelas manhãs de março em que espessas névoas pairam sobre as montanhas, ocultam o sol e criam um cenário propício para fantasias sombrosas.

A recuperação foi lenta e difícil, pois Orminda Vitoriano encontrava-se extremamente frágil. Cataplasmas com infusões de ervas eram aplicadas sobre o seu ventre três vezes ao dia, o uso medicinal de sanguessugas não foi recomendado já que a enferma perdera muito sangue. A criada preta cuidava de prender-lhe ao pescoço, nas noites mais frias do inverno, um lenço embebido em álcool canforado e dar-lhe, para os mal-estares do estômago, o tal sulfa... não sei o quê, no modo de dizer do doutor Albertinho, que ela chamava mesmo é de salamargo, dissolvido em pequena quantidade em meia xícara d'água. O ar frio e seco do inverno aliado à fraqueza da convalescente levou-a a tossir com frequência. Para esse mal a recomendação foi leite com açúcar queimado e uma colherinha de manteiga. O preparado era bom para a expectoração, mas a gordura da manteiga aumentava-lhe a náusea. Da mesma forma, não apreciava o fortificante feito de gemada de ovo de pata, com algumas gotas de vinho tinto. O sabor era insuportável, porém, acabava tomando tudo por insistência do marido. Doutor Alberto da Gama zelava para que nada lhe faltasse, satisfazia todas suas vontades e dera ordem para que o quarto de dormir estivesse sempre bem aquecido. Ele temia que Mindinha contraísse uma pneumonia e não resistisse.

Naqueles dias, quando chovia e o ar se tornava ainda mais frio e úmido, quando o amanhecer revelava as árvores e

arbustos do jardim transformados em uma paisagem de vidro transparente pelo sincelo da madrugada, era necessário por um tacho com brasas debaixo da cama. Esse recurso aquecia o ambiente e deixava o ar mais seco. A diferença de temperatura entre o interior e o exterior orvalhava o vidro das janelas. Pela manhã, ao levantar-se, Orminda Vitoriano descerrava as cortinas, com o indicador caligrafava, como num desenho de bordado, a adorada letra *"A"*, a primeira da palavra 'amor', a primeira do nome do grande amor de sua vida. Quando a água evaporava, ao olhar atentamente, ainda era possível ver a marca da letra como uma sombra, uma tatuagem sobre a pele fria do vidro que duraria até a próxima limpeza feita pelos criados.

A mulher passou quase todo o inverno trancada em seus aposentos, em repouso absoluto, alimentando-se de canja de galinha, frutas, pães e chás. Profunda melancolia apossou-se de seu espírito. Não pôde amamentar o filho, entregue aos cuidados de uma ama-de-leite preta.

O início da primavera encontrou-a mais disposta e em franca recuperação. Aos poucos, o tom rosado da face reapareceu e o brilho dos olhos voltou a ter a intensidade lunar de antes. Quando, por fim, conseguiu levantar-se da cama em definitivo, pensou que era mesmo uma questão de sabedoria aceitar o próprio destino, conforme lhe havia dito a velha cigana, anos atrás. Animada com a recuperação, abriu a janela para arejar o quarto e receber no rosto e no corpo a lufada de ar fresco que trazia o úmido e fresco cheiro das flores abertas e das folhas das árvores. A Orminda Vitoriano de antes regressara.

ORMINDA E A BARONESA DA VARGINHA

Por coincidência, naquela mesma manhã, recebeu por meio de um criado de recados um convite do Major Joaquim Eloy Mendes, Barão da Varginha e de sua mulher, Dona Marianna Bárbara da Conceição, para passar uma temporada na Fazenda do Triunfo com o filho, que recebera no batismo o nome de Eugênio Barbalho Cartaxo Vitoriano da Gama. O criado voltou com a resposta: ela iria no dia seguinte. Precisava de tempo apenas para providenciar os arranjos.

No dia seguinte, por volta das nove horas, com a charrete do sobrado já preparada, acompanhou-a até ao veículo um verdadeiro séquito de criados. Somente para transportar seus vestidos foram necessárias quatro canastras de estrutura de madeira, revestidas com couro trabalhado a ferro e fogo em arabescos e motivos fitomórficos.

Chegando ao Pontal, Orminda Vitoriano desceu da charrete em meio ao jardim de camélias, cultivado com esmero pela própria baronesa. A camélia era o símbolo dos abolicionistas, e ninguém na cidade da Varginha ignorava a simpatia da baronesa pela causa, a ponto de os moradores se referirem carinhosamente a ela como a “baronesa das camélias”. A abolição era agora fato consumado, mas permaneceram o cuidado com o jardim e o título gracioso.

A diferença de idade entre Orminda Vitoriano e a baronesa – Don’Aninha, no dizer afetivo da primeira – aproximou-as como a mãe e a filha. O barão, devido às inúmeras atividades diárias requeridas pela administração da

extensa fazenda, aos tratos políticos e ao temperamento pouco expansivo, quase solitário, mantinha-se recolhido a uma distância maior do que recomendava o trato social. Era-lhe habitual. Rosto comprido e magro, ocultado por espessa barba; os olhos, encimados por grossas e rebeldes sobrancelhas, lembravam os de uma ave com receio do cativeiro. Orminda Vitoriano o compreendia. Aprendera a respeitar aquele homem soturno desde menina. Sabia que poderia permanecer na Triunfo por muitos meses, pelo tempo que desejasse ou fosse preciso, com pleno consentimento do barão; mais que isso até, com o convite dele, conforme constava da rubrica do envelope.

Conseguia perceber o afeto paternal do velho major nos pequenos e ariscos olhares que ele, vez ou outra, lhe dirigia e na pergunta feita à baronesa diariamente, tão logo punha os pés em casa, ao fim da tarde:

- Então, como está hoje a nossa hóspede?

- Um pouco melhor do que ontem – era a resposta recebida, igual e verdadeira todos os dias.

- Ah, assim está bem! – dizia ele, satisfeito, ou então: - Não lhe falei? Os ares da Triunfo curam até a tísica mais empedernida!

À mesa de jantar, sentindo-se melhor e recuperada, com o espírito jocoso e questionador que a caracterizava, Orminda Vitoriano não deixava de provocar por brincadeira o barão.

- Senhor barão, satisfaça-me uma curiosidade: Porque o nome “Triunfo”? Um triunfo pressupõe um vencedor e um vencido. Se o nome é Triunfo, pô-lo, certamente, o vencedor. Qual foi a batalha?

A seriedade do barão não inibia seu fino senso de humor e ele respondia no mesmo tom jocoso:

- Não sei ao certo, minha filha. Deve ser a vitória da civilização sobre a barbárie.

- A civilização conhecemo-la bem, não é necessário que o senhor barão no-la explique: é a vitória do homem sobre a natureza. Não é verdade? A civilização venceu a barbárie? Além do mais, a barbárie seria o quê? Ou melhor, a barbárie seria de quem?

O barão ficava sonolento após as refeições mais pesadas do dia – almoço e ceia; respondeu sem pensar muito, apenas alavancado pelo impulso eliciado pela pergunta daquela mulher que revelara desde criança uma curiosidade estranhamente articulada e masculina:

- Deve ser a dos índios, vencidos em uma época da qual não posso guardar memória, pois antecedeu a vida dos meus avós. Nada posso dizer-te, portanto, sobre isso – e arrematando: - Muito menos a senhora baronesa que nem desta província é.

Antes que a conversa se tornasse uma discussão filosófica sobre os males da guerra, sobre a justiça de quem perde e de quem ganha, sobre os benefícios progressistas da paz, sobre o início do século XX, que prometia a vitória definitiva da ciência sobre quaisquer outras crenças, D'Aninha fez sua providencial entrada no assunto de um jeito que contribuía para tornar a digestão mais amena e a degustação das bebidas – café e licores –, mais saborosa:

- Mindinha, depois deste assado que deve ter-te parecido com excesso de tempero, não deixes de provar a geleia de jabuticaba com o biscoito de nata.

Ao contrário de Mindinha, as coisas do mundo que pareciam muito distantes, teóricas ou abstratas causavam enfado à baronesa. Com as que lhe estavam próximas demais a ponto de não poder ser ignoradas como um cão que rosna, mostra-nos os dentes e se desembala em nossa direção, ela se envolvia de corpo e alma. A alcunha de "baronesa das camélias" não deixava dúvida alguma sobre o fervor surpreendentemente revolucionário com que aquela aparentemente pacata matrona de casa-grande se atirou à causa abolicionista. Ela foi capaz de demonstrar em público sua obstinação e arroubos, o que causou surpresa a muitos e quase uma reprovação oficial da Câmara Municipal do Espírito Santo, responsável pela administração do Distrito da Mutuca, cujos integrantes temiam grandes prejuízos econômicos ocasionados pela escassez da mão de obra.

No entanto, foi Orminda Vitoriano que, empunhando uma colher de geléia de jabuticaba, encerrou de maneira muito bem-humorada e sorridente a conversa que conduzida por ela acabaria, com certeza, tomando ares de uma querela supostamente acadêmica.

- Cheque-mate. Triunfo da senhora baronesa. Não há quem possa resistir a essa geleia.

Todos riram gostosamente do desfecho espirituoso da hóspede, notoriamente conhecida pela prontidão de suas respostas e pela agudeza quase sardônica de suas perguntas. Naquela noite, anfitriões e hóspedes – incluído aí o pequeno

Eugênio e sua ama-seca, recolheram-se com a tranqüilidade que se poderia adivinhar dos dias vindouros.

E assim, os dias da estada na Triunfo correram céleres para Orminda Vitoriano. Pareciam fugir, impalpáveis, fina areia a lhe escorrer das mãos, suave aragem refrescante numa tarde de verão: ao nos darmos conta da delícia de tê-la acalentado nossa pele, já se foi, deixando-nos a memória de um afago e o anseio de aguardar por outra.

A baronesa tomou Orminda Vitoriano por confidente e contou-lhe um segredo que somente ela e o barão sabiam:

- Mindinha, bem deves saber que não tive filhos com meu primeiro marido, o finado Oliveira. Deus também não quis conceder-me essa graça com o Quincas. Estás aqui há algum tempo e deves ter percebido como vivemos bem. Sinto-me, no entanto, sozinha. É uma solidão de distância, de quem veio de outro lugar. Não tenho mais meus parentes da antiga província do Rio de Janeiro e nem tenho filhos, uma descendência com que pudesse conviver, criar um lar ruidoso, cheio de filhos e netos, como sempre desejei. Crianças alegram a casa. Mas não clamo da vida. Se Deus reservou-me esta sina, é porque devo merecê-la. Primeiro preciso saber aceitá-la. Depois, devo aprender a suportá-la. É o mínimo que exige a fé cristã.

Os olhos da baronesa umedeceram, sem a pretensão caudalosa de formar lágrimas que desabassem face abaixo. Até no sofrimento intenso, ela era capaz de manter-se discreta. E, pensou Orminda Vitoriano, a discrição excessiva nas coisas do lar, o recato cheio de pudor, era, talvez, um dos poucos pontos de semelhança entre D'Aninha e sua mãe, D. Bárbara.

- Oh, D'Aninha, e nossa família? Não nos tens na conta de parentes queridos? E eu? Não dizes sempre que sou tua filha amada? Acaso seria isso, então, mentira? Não, D'Aninha, não posso crer que mentes para si própria e para mim. Bárbara é o nome de minha mãe. Não vês que por uma coincidência ou determinação do destino, tens Bárbara como segundo nome? É por que, embora não tenha eu saído de teu ventre, sinto-me tua filha de outra maneira. Estás a pecar quando chama a vida que levas de sina.

As duas – mãe e filha postiça – não puderam deixar de se emocionar com declaração tão arrebatada e verdadeira. Elas se abraçaram, cada uma tendo consciência dos próprios sofrimentos e da própria dor, elos que as uniam da mesma maneira que a certeza da terna sinceridade e das boas lembranças de um longo passado de convivência.

Orminda Vitoriano aponta para o filho no colo da ama-seca, roliço e rosado, como as crianças retratadas pelos pintores renascentistas, a distrair-se com as travessuras do gato a correr pela sala jogando para cá e para lá uma bola feita de meia velha. Aliás, algo havia nessa delicada cena doméstica que lembrou a Orminda Vitoriano as telas de Caravaggio.

- O pequeno Eugênio, quando crescer, adorará vir aqui para ver a madrinha.

A baronesa fita alternadamente Mindinha e o filho, sorri de modo enigmático e triste, faz uma pequena pausa e reata a conversa:

- Faz algum tempo, chamei a Triunfo o Souza Bueno.

- O escrivão de paz? – surpreende-se Orminda.

- E tabelião de notas. É nisso que ele me interessa – completa a outra – ele mesmo. Peço-te segredo nessa minha confissão: fiz o meu testamento.

- Ah, Don'Aninha! Estás doente? Escondes-me algo? Um segredo? – a exclamação e as perguntas saíram da boca de Orminda Vitoriano como um suspiro de preocupação.

- Não te preocupes. Veja! Por acaso tenho a aparência de alguém que está mal? – diz ela rindo, para espantar a preocupação do semblante da amiga.

- Compreendo. Estás bem e mui disposta, felizmente. Mas se tiveste essa vontade, se teu coração pediu por isso, sou da opinião de que agiste certo.

- Serei breve. Estás convalescendo, não quero importunar-te com assuntos desagradáveis e lúgubres.

- Não me importunas. Ademais, estou bem recuperada graças aos ares da Triunfo e aos cuidados que aqui tenho recebido. O que pretendes revelar-me, D'Aninha?

- Deixarei aos meus ex-escravos a Fazenda São Diogo, aquela que tenho à margem esquerda do Rio Sapucaí, incluindo todas as benfeitorias.

- Vindo da senhora, a atitude não me surpreende. Nunca duvidei de tua generosidade que, aliás, é de conhecimento público. Quem na cidade da Varginha desconhece tua simpatia com a causa abolicionista? Não é à toa que lhe chamam de a baronesa das camélias!

- Não é generosidade, Mindinha. É gratidão e reconhecimento pelo trabalho árduo deles, pela dedicação com que há anos servem a mim e a meu marido. Tive receio, entretanto, de que tão logo se encontrassem senhores das

terras, desejassem dispor delas. Por isso, inclui a determinação de que as passem de pai para filho, enquanto vigorar a lei de sucessões. Não poderão vendê-las, em hipótese alguma.

- Fizeste muito bem. Eu não teria pensado em coisa melhor.

- Na época, roguei à justiça de Sua Majestade Imperial que meu desejo e última vontade se cumpram. Agora, espero da República a mesma coisa.

- E o Major?

- Não se opôs, de forma alguma. Caso eu venha a falecer primeiro, concordou em pagar os selos correspondentes à doação, coisa de pouca monta, é claro.

Apesar da seriedade e da clara ideia de despedida, essa parte da conversa foi encerrada com sorrisos e com outro abraço e a convicção de que aquela amizade estreitava laços ainda mais indissolúveis. A criada preta serviu chá de casca de maçã seca, biscoitos de nata e polvilho e bolo de fubá, cuja farinha especial havia sido triturada no monjolo da Triunfo naquela mesma manhã.

Encerrado o chá, a baronesa foi ao piano, para tocar Liszt, mestre da predileção dela por compor músicas a que ela atribuía caráter fantasioso, melódico e melancólico que lhe lembravam as pinturas impressionistas tão de seu agrado pela delicadeza e fugidio das imagens. Não confessara nenhum pecado, mas a confidência feita deixara mais leve seu coração.

A estada na Fazenda do Triunfo fizera bem a Orminda Vitoriano, o ar puro, a tranquilidade da casa-grande, a solicitude da criadagem, o filho que se desenvolvia a olhos

vistos, a gentileza do barão, que, apesar da seriedade e dos modos comedidos, manifestara sincero interesse por sua saúde, e a acolhida maternal da baronesa que se desdobrara, preocupada com os caldos e chás que lhe eram servidos, com a troca diária das roupas de cama, com a leitura de livros de poemas e romances açucarados para distraí-la. Pelas manhãs, ao acordar, encontrava um arranjo de mimosas margaridas e flores silvestres, postas em uma jarra sobre a pedra mármore do lavatório do quarto. Era o jeito delicado de a baronesa lhe desejar bom dia. No final das tardes, Dona Marianna sentava-se ao piano para tocar na maioria das vezes as mais suaves músicas de Mozart e Chopin e, de quando em vez, fazia pequena pausa para decifrar a fisionomia de Orminda Vitoriano, tentando perceber se ela de fato se distraía com o recital. E como era visível no rosto da amiga a expressão divagativa e sonhadora que lhe era habitual, continuava dedilhando o teclado na certeza de que aquela prazerosa atividade equivalia a um santo remédio para ambas.

Manhã de início de outubro. As flores do açude tinham já aberto seus olhos úmidos sobre o espelho enganador da água quando Orminda Vitoriano percebeu que era o momento de regressar para a cidade. Sentia-se mais disposta e animada e seu vigor voltava aos poucos. Não foi sem pesar que poucos dias depois ela despediu-se dos barões da Varginha, a fim de embarcar para a estância hidromineral das Águas Virtuosas. Durante toda sua vida guardaria ternamente as lembranças daquele pequeno e decisivo período em que fôra acolhida de modo tão amável.

- Aqui será sempre o lugar do meu coração – disse ela, comovida, ao despedir-se.

O barão da Varginha apertou-lhe a mão, resmungou algumas palavras que ninguém compreendeu, e, rapidamente, escondeu o rosto atrás da folha da porta aberta para que não lhe vissem o sentimento de pesar crispar-lhe os músculos do rosto. Num ímpeto, D'Aninha atirou-se nos braços de Orminda Vitoriano.

- Oh, minha querida! Dá cá um abraço na tua mãezinha postiça.

Quando a charrete iniciou a tomar o rumo do Pontal para Varginha, Orminda Vitoriano não teve coragem de olhar para trás. Mesmo assim pôde ver o barão e D'Aninha de braços dados nos degraus da casa-grande em acenos de despedida, envoltos na fina nuvem de poeira avermelhada que o trote do cavalo e o passar da charrete alevantavam do rústico caminho.

Pouco tempo depois, Dona Marianna adoeceu gravemente antes de falecer e deixar o barão viúvo pela segunda vez. Orminda Vitoriano regressou à Fazenda do Triunfo; pôde, então, retribuir o carinho recebido, cuidando da baronesa durante uma breve temporada. Somente então Orminda Vitoriano conseguiu decifrar o sorriso triste e enigmático da baronesa e o modo como olhava demoradamente para Eugênio Vitoriano nos braços da ama-de-leite, na tarde em que ouviu a confidência do testamento. Ela, de fato, já devia estar enferma e soube esconder isso muito bem até quando foi possível.

ORMINDA E BÁRBARA

Em meados de outubro, doutor Alberto da Gama deixou Orminda Vitoriano na estação de trens. Ela embarcou para a Vila de Caxambu, junto com o filho, a mãe Bárbara Vitoriano, a ama-de-leite e a criada preta. A viagem teria o efeito de completar a recuperação, iniciada de modo auspicioso na propriedade rural dos barões da Varginha.

Uma nuvem de fumaça esbranquiçada desprendia-se do trem enquanto Alberto da Gama permanecia na plataforma para as despedidas. Ele lá ficou, vendo o comboio tomar distância cada vez maior, a esperar que, ao longe, a mulher lhe acenasse. Ela não lhe acenou, não quis saber de abrir a janela para a fuligem cair nos seus olhos, bastavam-lhe os motivos que havia tido para chorar.

A pequena vila tinha pouco mais de duzentas casas e cerca de meia dúzia de hotéis. Hospedaram-se no Hotel Duble, em rua silenciosa, afastada do trânsito de coches, charretes e montarias que circulavam pela rua principal em direção às Fontes das Águas, levando ilustres nomes da antiga corte. A bela construção colonial datada de 1831 possuía amplas janelas das quais pendiam crisântemos e begônias de vasos postos sobre os parapeitos, paredes externas revestidas por hera e chão interno por tábuas de jacarandá, onde repousava o pesado mobiliário Chippendale de imbuia, com pernas *cabriolet*, dos salões e aposentos íntimos.

Todas as manhãs, Orminda Vitoriano passeava pelas margens do ribeirão Bengo e pelo bosque onde se

encontravam as fontes das águas minerais curativas, acompanhada da criada que trazia ao colo o pequeno Eugênio. Na própria fonte tomava um copo d'água e mandava que serviçais do hotel enchessem um garrafão para levar-lhe ao quarto a fim de que pudesse bebê-la durante o dia no conforto do aposento. Afinal, se as conhecidas águas santas curaram a Princesa Imperial de sua propalada infertilidade, por que não fariam bem a ela em sua recuperação da saúde? Na pior das hipóteses, se bem não fizessem, com certeza, mal não fariam.

Do seu quarto, nas noites que ainda traziam a friagem do início da primavera, Orminda Vitoriano se deleitava em apreciar a névoa que descia dançando do alto da montanha e deixava úmidos os vidros da janela. Então, ela se lembrava com doçura dos desjejuns no sobrado quando, da varanda do seu quarto, imersa em uma paisagem de sonhos, acreditava na vida somente como dádivas de generosidade e promessas de amor, esquecida do alto preço que se paga tanto pelos instantes fugazes de felicidade quanto pelos intermináveis de infortúnio. Ah, como fora ingênua!

Aproveitou-se da estada em Caxambu para ter o de que necessitava a fim de consolidar a recuperação do corpo e do espírito: boa alimentação em horários regulares, ar puro da montanha num lugar aprazível e encantador e a tranquilidade de uma rotina quase doméstica no convívio com a mãe, com as criadas e com o filho que, passadas as adversidades e os contratempos da gestação e do parto, crescia saudável e cheio de vida.

A convivência com a mãe nunca lhe fora fácil, achava-a demasiado submissa e presa às convenções sociais, as quais

utilizava como uma persona, uma máscara, para jamais revelar quem realmente era. No entanto, a velhice conseguiu suavizar os sentimentos mais amargos de Bárbara Vitoriano. Silenciosas e magoadas uma com a outra, cada qual à sua maneira e com os seus motivos, aguardavam entenderem-se na expectativa dos segredos. Orminda Vitoriano sentia-se ironicamente grata à mãe e também ao pai; as coisas poderiam ter sido bem piores para ela, pois, salvo a morte, regra das regras e exceção das exceções, não há nenhuma situação ruim que não possa ficar ainda pior.

Uma vez a mãe adoecera, ficando retida ao leito por semanas. Orminda Vitoriano cuidou de fazer-lhe companhia. Servia-lhe as refeições, penteava-lhe os cabelos, arrumando-os num coque, abria-lhe o missal na reza desejada e escancarava as janelas de par em par para permitir a entrada benfazeja do morno sol matinal e do doce perfume do jardim, arrastado pela brisa que ondulava o claro tecido das cortinas como enormes lenços de adeuses. No entanto, quase nunca falava. Seus gestos davam-se em silêncio, um silêncio tenso e afiado que tornou, desde o início, um castigo a companhia uma da outra.

Como perdoar a frieza da mãe que nunca a abraçara, beijara ou a pusera no colo? Ocupava todo o seu tempo com a própria *toilette*, a administração da casa, dos serviçais e a recepção dos muitos hóspedes e convidados. E a dureza do pai? Essa beirava a crueldade. Não poderia haver algo mais terrível. Ele era capaz de punir a menor travessura infantil quase como um ato criminoso, com castigos infinitamente desproporcionais às infrações cometidas. O pai, portanto, não

era um homem justo, e Orminda Vitoriano perdeu o respeito por ele quando passou a percebê-lo dessa forma.

Mas, o que é o perdão? Esquecer-se das humilhações sofridas? Para Orminda Vitoriano, certamente, não. Talvez fosse lembrar-se das cenas que provocaram dor no passado sem, contudo, sofrer no presente. Como se pode conseguir tal coisa? Como se pode achar o caminho mágico dessa necessária libertação? Ainda não o vislumbrara e seu coração pesado, por vezes, afundava no ressentimento. Antes fosse ira ou cólera! Teriam a vantagem de se gastarem, e, nesse processo, provocar alívio. O ressentimento, não; é remoído, repisado, tornando o ressentido uma pessoa amarga consigo própria, com os outros, com a vida. Saber dessas implicações, contudo, não a livrou do sentimento. Procurava entender-se com a mãe, embora temesse a si própria, já que saber perdoar não era uma de suas virtudes. Com isso, tornava o outro prisioneiro de sua memória e, ela própria, prisioneira de suas memórias nesse mundo terrível construído e mantido de pé como uma fortaleza pelas lembranças das faltas cometidas. Perdão e luto exigem um trabalho, uma elaboração, um desligar-se das lembranças penosas. Nenhum dos dois pode ser conseguido por determinação do intelecto, eles acontecem no desvencilhamento, na ruptura entre o afeto e a lembrança que provoca dor. Perdão e luto! Que dificuldades para Orminda Vitoriano enfrentar! Essa situação de sentimentos era a mais usual. Entretanto, em alguns momentos privilegiados, ela e a mãe conseguiam entender-se. Colaborou para isso, além da vontade de ambas, dois fatores da ordem natural da vida: a velhice de Bárbara Vitoriano, que tornou possível a

transformação quase mística de muito do fel em mel, e, a maternidade de Orminda Vitoriano, que alterou para melhor a percepção que ela possuía da mãe.

Assim, os dias seguiam seu curso com acenos de bonança, e Orminda Vitoriano pensava em como é difícil, senão impossível, a completa felicidade: faltava-lhe a adorável e amada presença do marido para encher de graça cada canto do hotel e tornar surpreendentes os acontecimentos mais banais. Todavia, até dessa sentida ausência ela procurou aproveitar-se alimentando em seu peito a saudade morna e calma dos afetos verdadeiros e recíprocos. Sentia-se enriquecida por amar Alberto da Gama e caso não tivesse o privilégio de ser correspondida sentir-se-ia do mesmo modo, pois acreditava que o amor enriquece quem o sente, ao passo que, se fosse por ele amada e não pudesse corresponder-lhe, nada ganharia com isso.

Pensando nele, rabiscou com caligrafia inexata, embebedada na emoção do instante, a bico de pena e à luz de velas, esses versos que desrespeitaram a métrica convencional e obedeceram aos ditames do sentimento:

Sonho-te
Acordada.
De amor
E desejo
Teço suspiros
De poemas
A naufragar
Na marola

De luz e sombras
Dos teus olhos
De mar.

Enquanto escrevia sentia o tempo profundo dentro dela escoando-se sem se perder, um tempo outro, diferente do tempo marcado pelo relógio e pelo movimento dos astros no infinito, um tempo que era a essência da vida e que parecia misturado com a idéia do amor longe: a saudade.

Os versos não lhe pareceram bons o suficiente. Não gostou da falta de rimas e da métrica não conseguidas; aquilo não era um poema, mas uma prosa que seguiu o livre fluxo do pensamento e os impulsos do coração. Uma composição dessas seria execrada em qualquer clube literário, mesmo o de amadores. Rasgou-o em seguida, após tê-lo memorizado. Apanhou outra folha. Lembrou-se de Camões, "Os lusíadas", canto épico que havia lido no início da gravidez. Dele, veio-lhe vivamente à memória do coração uma estrofe do Canto Terceiro que narra o amor de Inês de Castro pelo príncipe herdeiro D. Pedro, filho de D. Afonso IV, sétimo rei de Portugal, com quem se casara secretamente[8]. Era significativo que do magistral épico português ela se lembrasse de cor apenas dessa estrofe de amor imorredouro, mas trágico. Inspirada no clássico autor lusitano, principiou-se a rascunhar outros versos, agora decidida a ser um pouco mais rigorosa na métrica. Depois de riscos, rabiscos, várias folhas amassadas em pequenas bolas e atiradas ao pé da mesa, suspiros, pensamentos divagativos e um sentimento profundo de falta

do marido que a deixavam inquieta, conseguiu novas estrofes, melhores que as anteriores – assim ela as considerou:

Do querido amor meu, A------,
As lembranças que n'alma me acudiam,
E eram todas doces sonhos, cor e som,
Dos alados desejos que fugiam[8].

Ao deitar-se, apagou a vela do castiçal em cima do criado-mudo. Lembrou-se com ternura da primeira frase com que encetava a escrever qualquer carta para o marido – em todas: "Meu bem de minh'alma". O quarto mergulhou em uma penumbra repousante. Voltou a pensar na mãe, não sabia o porquê, mas esse pensamento e as lembranças maternas da infância lhe vinham à mente com uma nitidez e força pouco habitual. No quarto contíguo, Bárbara Vitoriano se preparava para deitar-se; lavou o rosto, penteou o longo cabelo e deixou uma vela acesa. Conseguia dormir totalmente no escuro somente em sua própria casa. Mal sabiam que esse encontro tão benfazejo a ambas seria também o de despedida, o último antes da viagem sem regresso. Raramente o destino premia alguém com mais de uma grande e feliz sorte de cada vez. O mais comum é a fortuna dar-nos algo com uma mão e nos tomar coisa diversa com a outra. O tempo foi insuficiente para que a convivência entre mãe e filha pudesse, de fato, reparar em profundidade as mágoas recíprocas, muitas e de longa data.

Orminda Vitoriano sentia-se culpada por algumas vezes ter dito à mãe desnecessárias verdades. Dona Bárbara já as

sabia e, nessas situações, ferir é tudo que as palavras conseguem. Há coisas que não devem ser ditas, nem mesmo uma única vez. Depois, é impossível desdizê-las ainda que se as negue.

Em uma dessas conversas no casarão, Bárbara Vitoriano, já um tanto suavizada pelo avanço da idade, permitiu-se a uma queixa que era ao mesmo tempo um pedido, quase que uma súplica, à filha Orminda:

- Ontem foi o dia do meu aniversário e tu não me deste um abraço e nem me disseste nada.

A voz saiu-lhe arrastada da garganta, um pouco rouca e embargada, pois lhe era extremamente penoso expressar seus sentimentos.

- A senhora nunca me abraçou e beijou, nem nos dias dos meus aniversários, nem em dia nenhum. Eu era uma criança e sobrevivi. A senhora é uma mulher adulta, há de sobreviver sem meus abraços e beijos – respondeu-lhe Orminda, saindo do quarto da mãe não sem antes perceber o profundo olhar de ressentimento cheio de decepção que ela lhe dirigiu. Um olhar que era ao mesmo tempo o reconhecimento dos erros cometidos e das impossibilidades de sua reparação. Ao chegar ao próprio quarto, Mindinha trancou a porta, encostou-se nela, respirou fundo. Depois, chamou a criada e pediu que lhe servisse uma xícara de chá de casca de maçã com biscoitinhos adocicados de nata cujo sabor lhe foi amargo. Em muitas situações o arrependimento não causa alívio algum, antes, pelo contrário, parece alimentar a culpa. Ela se arrependeria pelo resto da vida desta sua fala insensata, cruel e desnecessária.

Orminda Vitoriano regressou à cidade do Espírito Santo uma semana antes do Natal completamente refeita e saudosa do marido. Logo no dia seguinte, a luz da manhã trouxe de volta à existência as casas de paredes caiadas e as igrejas com suas torres e sinos que ela tanto conhecia e amava; asfixiadas pela escuridão haviam mergulhado durante toda a noite numa vida misteriosa e palpitante repleta de anseios incompreendidos. A luz da manhã recuperou os agradáveis arranjos para o olhar, trouxe de volta as flores perdidas e todas as outras coisas que durante a travessia da madrugada eram apenas sons, cheiros e vibrações. A luz da manhã recuperou as coisas de sua vida secreta, mas não revelou todos os seus segredos e isso agradava a Orminda Vitoriano.

Ela envolveu-se diligente nos preparativos da festa natalina cuidando da lista de convidados, dos arranjos de chão, mesas e paredes, da seleção dos pratos salgados e doces para compor o menu, da verificação das porcelanas, cristais e prataria que seriam usados no serviço e dos uniformes da criadagem. Esmerou-se na escolha do presente de Alberto da Gama como um arquiteto a perscrutar minúcias na construção de uma catedral. Ela se emocionava de véspera, conhecedora da expressão de contentamento que vislumbraria na fisionomia amada, olhar e sorriso, seus inapreciáveis presentes. E, ao entregar a dádiva, seu coração bateria mais forte, suas mãos tremeriam porque a verdadeira seria dela ao ver um brilho de fogo desprender-se em faíscas de suas abissais esmeraldas.

Bárbara Vitoriano faleceria semanas depois de regressar de Caxambu, antes de entrar fevereiro, em uma modorrenta

noite de verão dessas em que se pode cortar o denso ar com a faca, sozinha no amargor do seu leito de viúva, onde os criados a encontraram numa placidez de sono profundo, ao final de um insosso dia em que nada de importante ou diferente aconteceu no sobrado e em toda a cidade.

Orminda Vitoriano lembrou-se com tristeza da noite na qual a mãe havia lhe pedido um abraço que ela queria, mas não conseguiu lhe dar. O olhar de profunda decepção da mãe visitaria a sua memória, esporadicamente, inúmeras vezes, durante o resto de sua vida.

CASULO E BORBOLETA

Na noite de uma semana em que a luz da superlua nova de sangue do eclipse rajara as paredes do sobrado com as cores de um fim de crepúsculo, a criada, distraída, preparava o jantar, quando Orminda Vitoriano, repentinamente, entrou na cozinha. A preta assustou-se, deixando a faca escapar-lhe das mãos. O tempo gasto para o objeto percorrer em rodopios o pequeno espaço entre os dedos trêmulos e o chão pareceu-lhe inexplicavelmente longo. O encontro do metal com a cerâmica dura do piso produziu um barulho frio, seco, brilhante. Depois da vibração, a faca aquietou-se como cobra sonolenta e um silêncio incômodo denunciava o medo de um ataque em algo indefinido, porém, vital.

Orminda Vitoriano sentiu-se inquieta e angustiada com esse prosaico episódio. A inquietação e a angústia permaneceram difusas, abertas em leque ou espiral. O temor vagava em seu coração sem ter uma lembrança, fato ou objeto onde pudesse ancorar-se, sem formar sedimentos. Por isso, o efeito que a banalidade ocasionou em seu íntimo foi terrível. Sentiu-se torturada sem ter um algoz a quem dirigir seu ódio, sentiu-se roubada sem poder dizer o que lhe foi subtraído, sentiu-se infeliz, quando sua vida era mapa de delicados afetos e rota dos mais ternos sentimentos. Saiu da cozinha perturbada para ir chorar na cama.

Algumas vezes, naquele estado de sonolência que precede ao sono profundo, sentia uma saudade indefinida, estranha, que gravitava em torno de algo que nunca houve

nem poderia haver, como se fosse uma memória não somente do passado, mas também do futuro. Isso, ao mesmo tempo em que a assustava, era uma espécie de lenitivo para as perdas já acontecidas e para as que o futuro certamente traria.

Meses antes de o marido morrer repentinamente, Orminda Vitoriano teve outro mau presságio. Era sábado de uma linda e radiante manhã de abril. Não havia uma única nuvem no céu de intenso azulado. A temperatura agradável, não fazia calor nem frio e soprava brisa das mais suaves, dessas que parecem dedos de carícias a roçar a pele e os cabelos. Ela se levantara feliz e bem disposta, mais ainda que de costume. Mandara a criada servir o café em uma das pérgulas laterais ao sobrado. A criada arrumou a pequena mesa com esmero. Xícaras de porcelana inglesa em branco e azul com estampas de cenas campestres, faqueiro de prata, bules de chá e café, pequena jarra de leite, pratinhos com torradas, pães, biscoitos e quitandas variadas e uma bandeja com frutas da estação. Geleias de abacaxi e laranja, manteiga e mel, cobertos por pequena toalha de linho branco bordado em ponto de cruz.

Enquanto aguardava o marido, pensava em como era feliz e na satisfação em que se transformara todos os seus dias e noites desde que conhecera Alberto da Gama, na alegria de conviver diariamente com aquele homem terno, ouvir sua voz grave e pausada, sentir na pele seu cálido olhar marítimo. O homem tinha mãos para descobri-la a cada vez de uma forma, e reunia no seu corpo e na sua alma uma masculinidade profundamente marcante porque aliada a uma doçura jamais vista em outro. No momento exato e mágico, ele sabia dosar o

afeto de fogo para arrebatá-la a um mundo onde todos os sentidos vibravam com máxima intensidade. Ele também gostava de contar histórias que prendiam a sua atenção e faziam com que se sentisse companheira e amiga dele. Para ela, não havia nada mais envolvente em um homem do que saber e gostar de conversar. Foi assim que eles se tornaram rapidamente, ainda antes do casamento, companheiros de vida.

Orminda Vitoriano amava desesperadamente aquele homem que transpirava e se desprendia em sons, suores, saliva e sêmen, e ela o recebia como um bosque recebe a benção da chuva, deixando escorrer o líquido precioso pela copa das árvores frondosas, pelas folhas verdejantes, pelo tronco lanoso até verter pelo solo e ser sugado pelas entranhas da terra na gratidão da vida. Aquele homem fora sua salvação. Ele merecia dedicatórias de amor nos livros, não em um, mas em todos os romances que pudessem ser escritos. Alberto da Gama dividira a vida dela em duas: uma antes, e, outra, depois de tê-lo conhecido, e Orminda Vitoriano nem ao menos sabia dizer como isso tinha acontecido. Era pensar nele e ter os olhos úmidos, vê-lo, e o coração disparar, tocá-lo, para entrar num transe de dervixes.

Na pérgula em que as trepadeiras haviam sido replantadas para substituir as que morreram retorcidas e secas de velhice, Orminda Vitoriano pensava se viveria o suficiente para vê-las crescer entrelaçadas sobre o teto gradeado de madeira a espalhar gentilmente sua sombra de folhas, a floração, e, depois, no início do outono, para pisar na nuvem de pétalas secas e crocantes. Havia sempre um irremediável

sentido de urgência da vida em seu coração e em seu pensamento, sentido que se expandia e incorporava o desejo de amar e de ser amada. Ela era assim, uma tola ou tonta que sentia saudades de coisas que não tinham acontecido e transbordava de expectativa com as coisas mais comezinhas do cotidiano, pois, em cada uma podia perceber a vibração misteriosa do fluxo constante e oculto da vida.

De súbito, enquanto se entretinha com esses pensamentos, um casulo se desprendeu das ramagens da trepadeira que forrava o teto da pérgula e caiu dentro da xícara vazia de Alberto da Gama. Uma larva de borboleta se contorceu por alguns segundos até romper o invólucro filamentoso e, aos poucos, remexendo-se daqui e dali, o abandona totalmente, eriçou suas asas coloridas e saiu esvoaçando pelo outonal jardim. Dentro da xícara restaram os filamentos do casulo, como casa abandonada. Orminda Vitoriano arrepiou-se e teve medo; viu na cena o fim de um ciclo, uma despedida. A atmosfera sombria que pressentiu agora era muito diferente da do seu esperançoso tempo de menina, quando costumava passear pelas ruas da cidade com um laço de fita na cabeça, vestidinho rendado e armado, e sapatinhos de boneca, a levar consigo amarradas a compridos e finíssimos fios de seda presos em alfinetes espetados nos corpos das esvoaçantes borboletas rosa-de-luto e caixão-de-defunto.

Alberto da Gama chegou para o café, de barba feita, cheirando a lavanda. Ele notou a sombra da inquietude nos olhos da mulher. Orminda Vitoriano mostrou-lhe o casulo,

ainda dentro da xícara e lhe relatou o ocorrido como se tivesse acabado de voltar de um oráculo. Ele sorriu, bem-humorado:

- Do que tens medo? Os ciclos da vida são as ordens da natureza. É tolice temê-los uma vez que não se pode evitá-los nem modificar seu ritmo. Não deves ter medo do ciclo que se fechou, pois o resultado dele já é conhecido. Tens medo, então, do que está para acontecer! É isso, Mindinha?

- Não brinques! Senti um arrepio e tive medo.

- Mindinha...o que podes temer? Não és feliz? – Segurou as mãos da mulher.

- Sim, muito.

- E é essa felicidade que temes perder?

- De certa forma, sim.

Ela não disse que seu maior temor era perdê-lo. Ela não disse que a eternidade do amor deles, para ela, estava fora do tempo, não porque o anulava, mas porque fazia dele um presente infindável e sem fronteiras. Ela não disse que temia o rompimento do presente e que esse rompimento a arrastaria para o caos que antecedeu o Verbo da criação do mundo. Ela não disse que temia o caos que a faria deixar de ser ela mesma, porque é assim que se perceberia sem ele.

- Tu me amas?

- Desde antes de conhecer-te. Estavas em meus sonhos. Amo-te tanto que não sei mais se amo ou se sonho amar.

- Então, que mais podes querer?

- Morar na tua alma.

- Já moras, desde aquele instante em que quase desmaiaste nos meus braços, na margem do ribeirão. Faz tanto

tempo! Tu te lembras? – disse ele, rindo – isso não basta para ti?

Orminda Vitoriano sorriu, pensativa.

- Deveria bastar. É mais do que consegue a maioria das mulheres, mas que me importam as outras mulheres?

- A vida é tempo, Mindinha. Sejas feliz enquanto és feliz. Por que buscas mais que isso se tu mesma pareces nem saber o que buscas? O que queres afinal?

Alberto da Gama tinha razão, mas Orminda Vitoriano não conseguiu evitar os olhos marejados de lágrimas.

- Ei...que isso, Mindinha! Não vais deixar que esse pequeno incidente atrapalhe nosso café e estrague o teu dia. Não estás contente? Temos mais uma borboleta em nosso jardim – diz ele, tentando fazer troça.

Conseguiu o efeito esperado. Como Orminda Vitoriano poderia resistir àquele afago de mãos, aquele olhar capaz de dissipar qualquer tempestade, aquela voz com o timbre exato para embalar corações temerosos e aquele bom humor cordial, leve e ao mesmo tempo cheio de sabedoria? Orminda Vitoriano deu uma boa gargalhada, abraçou o marido, dispensou a criada, trocou a xícara e serviu café a ambos. Tomar café com ele era degustar toda a paisagem em volta, o clima, a aragem, a louça, o bordado da vida dele dentro da sua.

O ESPELHO DE GELO

Eugênio Vitoriano havia embarcado para a Europa três semanas antes e seria avisado por telegrama: Alberto da Gama morreu pouco depois de completar sessenta anos, num fim de tarde gelado de inverno, com o vento a soprar forte, a balançar janelas e portas, a desfolhar plantas do jardim em um redemoinho de fino pó de terra e folhas secas. O dia havia amanhecido tão grandiosamente azul! Impossível imaginá-lo como o prenúncio de qualquer desgraça. E, no entanto, era o princípio de dolentes tempos de solidão para Orminda Vitoriano, cheios de sombras, suspiros e memórias.

Ele se recolhera à biblioteca, antes do jantar, como de costume, para ler alguns livros, folhear outros e escrever apontamentos. Como naquele dia ele se demorava além do habitual e os preparativos para o jantar estivessem quase concluídos, a criada foi chamá-lo. Encontrou-o morto, recostado na poltrona Chesterfield, com a cabeça ligeiramente pendida para trás, olhos abertos a fitar o teto, o infinito, talvez. A fisionomia revelava profunda tranquilidade.

Minutos antes, ao entrar no quarto, Orminda Vitoriano estranhara uma borboleta rosa-de-luto pousada, imóvel, na parte superior do espelho da penteadeira. Ela ouviu o grito da criada de seus aposentos. Não precisou de mais nada para ter a certeza. Para que servem as palavras? Para dizer aquilo que não é preciso? Teve a fatal certeza sentada de frente ao espelho da penteadeira, enquanto ajeitava os cabelos e a gola alta do vestido. O grito lhe pareceu saído de dentro do vidro,

espectral e lancinante. Espelho da falha, espelho da falta, espelho da fala, espelho da dor, espelho do silêncio, espelho do não-pode-mais-ser, espelho do acabou...*speculum gelidi*.

Ela caminhou pelo corredor que era outro, longo e interminável na distância a separá-la do primeiro degrau. No topo da escadaria Orminda Vitoriano avistou a ampla sala, apoiou-se no corrimão respirando aos saltos, com o fôlego curto. O sangue gelado corria-lhe nas vísceras. Foi agredida pela arquitetura colossal, pelo sono denso dos móveis. Não sentiu a noite escondida, retalhada em postas, sangrando uma cintilação de respingos nas vidraças. Olhando um pouco para a direita ainda podia ver o homem de costas para ela, em frente à janela aberta para o jardim, conversando com o pai sobre plantas e temeu o vazio de seus dias e noites – sem ele um céu de estrelas não significaria nada e as flores do jardim desabrochariam inutilmente.

Assim, Orminda Vitoriano principiou a descer a escada. Desejava que cada passo a levasse para longe da cena que preferia não ver. Ela sabia intuitivamente da crua nudez da verdade que lhe esperava na biblioteca. Quem dera tivesse descido os degraus para o reencontro de sonhos, para outra noite de surpresas inefáveis. Orminda Vitoriano não precisou ver nem ouvir nada para formar em seu íntimo a convicção do rompimento inexorável. O afeto que a unia ao marido simultaneamente tinha no corpo, nas impressões sensoriais, no desejo, sua gênese e o transcendia sendo isso e algo mais, muito maior que tudo, um afeto sem limites e fronteiras, dentro dos corpos e além deles, para sempre, para a eternidade. O rompimento físico, portanto, aniquilava

somente uma parte deste amor, aquilo que ele tinha de tangível e sensorial, mas era incapaz de anular a dimensão transcendente no tempo e no espaço, a essência do que o tornava perene.

Na biblioteca ela se deparou com o trágico em sua existência e agiu com a dignidade das heroínas gregas: o homem amado morto, cabeça reclinada como se estivesse a dormir, sentado em sua poltrona predileta com um livro semiaberto entre as mãos. Os dedos suaves de Orminda Vitoriano cerraram os olhos do amado num gesto de alguém a guardar em porta-joias nunca mais aberto, que rouba do depositante o bem inestimável depositado. E eram as esmeraldas líquidas dela, agora cristalizadas numa imperscrutável solidez. Então, sentiu suas lágrimas rolarem face abaixo e se inclinou sobre a cabeça dele beijando sôfrega seus lábios ainda quentes pela última e derradeira vez.

Deu-lhe forte golpe nas costas o forte vento gelado que abriu bruscamente a folha da janela; caminhou até ela para fechá-la. Um brilho translúcido lhe chamou a atenção. Percebeu, então, que ainda permanecia na relva do jardim o resultado da chuva de granizo da última madrugada: milhares de pequenos e arredondados cristais de gelo que se recusavam a derreter. Milhares de pequenos cristais arredondados como se – não, não queria pensar nisso, não poderia ser... como se tivesse chovido pérolas! Arrepiou-se. De longe no tempo lembrou-se da velha cigana a lhe dizer: *Depois, no dia em que terá chovido pérolas, virá uma grande tristeza...* Estava escrito. Ela lia agora. Preferia ser cega. Preferia ser analfabeta dos sentidos da vida.

- Desgraçada de mim! Meu filho, meu filho! Que escolha tu fizeste! Não estás comigo e não sei se voltas! De tudo que tive nesta vida, não sobrará nada!

O vento continuava a uivar balançando as janelas do sobrado como uma matilha de lobos famintos e raivosos. No inverno, o vento, o ruído dos mecanismos dos muitos relógios e das badaladas do sino da Igreja Matriz era tudo o que se podia ouvir no casarão, sons que pelo silêncio reinante sufocavam docemente os demais. Que o vento, então, arrancasse o sobrado desde os alicerces para transformar em pó sua glória e luxo. Nada mais lhe interessava. Antes, sentia que o sofrimento tornava os dias mais longos. Agora, tinha apenas a certeza de que os dias de felicidade quedavam silenciosos nas lembranças do passado.

Dona Miminde se levanta da cadeira de balanço. Passou tanto tempo que parece que aconteceu em outra vida; mas, não, tudo tinha acontecido ali mesmo, naquela sala. A velha senhora põe as mãos nos ombros da preta Dandara.

- Dandara, prometeste-me que não choravas. Assim, não te conto mais. Esta história não é de chorar, é a de um amor que está além do tempo – diz a anciã, sem conseguir impedir as próprias lágrimas de rolarem pelos muitos sulcos da face enrugada.

Inútil apelo. A preta maluca chora a história da outra como se fosse a dela – e, no íntimo, era. Se houvesse outra vida, Dandara queria voltar para ser a Dona Miminde nos tempos áureos da felicidade conjugal e dos últimos raios de esplendor do casarão. Então, extirparia da nova vida, tão graciosa quanto a que ela imaginava que foi e que, apesar de

tudo, ainda era a de Dona Miminde, as dores, as tristezas e as lágrimas. Extirparia também os lutos, fonte principal de sofrimento. Assim, todas as gerações dos duzentos anos da família Vitoriano viveriam juntas ao mesmo tempo, em uma realidade mágica, paralela e atemporal que preservaria o passado, seria fundada apenas no presente e ignoraria por completo as transformações reservadas pelo futuro. Um tempo único, que ao passar, seria sempre o mesmo. Quanto ao casarão, queria dele o jardim completo, com todas as suas árvores copadas, úmidas e com os troncos rugosos recobertos de líquen, com o lago de margens acetinadas de musgo e as borboletas equilibrando sobre ele o colorido de suas asas, e, as que existiam trêmulas e fugazes na superfície da água, pois, essas, especiais, sabiam ser do jeito impossível dos reflexos; queria o sol alaranjado que se dissolvia no lago ao fim das tardes como uma gema de ovo no prato de sopa; queria todas as louças coloridas daquele azul tão bonito que o branco do fundo só fazia realçar; queria todas as roupas de vestir, principalmente as que fizessem frufru quando ela caminhasse pelos tapetes no labirinto dos corredores infinitos; queria as roupas das paredes que eram as cortinas, brinquedo do vento, e tudo o mais que havia de lindo dentro do palacete, pois aqueles objetos nunca d'antes vistos por ela e que pareciam ter sido feitos para existir somente ali enchiam seus olhos e seu coração de uma alegria infantil e desmedida. Nenhuma outra casa da Varginha, nem agora, nem no tempo em que a vila era chamada de Espírito Santo, conforme Dona Miminde lhe havia dito, nem nunca mais, teria as coisas, as formas, as

cores, os sons, os cheiros gostosos e as texturas do casarão dos Vitoriano.

Orminda Vitoriano tinha o espírito inundado com as mais ternas lembranças enquanto permanecia à beira do esquife, vestida de negro, com um véu a cobrir-lhe a cabeça e o rosto, a velar o corpo do marido, em pé durante todo o tempo, sem escorar-se, sem nada comer nem beber; lágrimas ferventes e salgadas abrasavam a pele de sua face. Adormecido no esquife, as pálpebras cerradas ocultavam as esmeraldas, agora embaçadas, como antes da lapidação. Os gestos cristalizados no tempo e na memória, o marmóreo rosto de príncipe troiano, a beleza de incendiar cidades existia ainda, mas muda. Ela, que o amara sangrando, amava-o no frio. Chora por não haver mais, mas o havido bastava para mais de uma vida. Amou nele aquilo que respondia ao que lhe faltava. Que coisa é essa, gigantesca, avassaladora? Não saberia dizer, não lhe interessava saber. O que ela sabia foi vivido, isso era mais do que o suficiente. Quis tudo dele, nele, para ele. Obteve vestígios mal alinhavados dessa ânsia (tinha o mérito ou a insensatez de não desistir nunca).

A noite escoou tão sem pressa que parecia infinita. Maior que a noite, o oceano a separava do filho na Europa. Pela primeira vez na vida Orminda Vitoriano sentiu o temor infantil de que seria engolfada por uma noite eterna e de que o dia não voltaria a raiar. No entanto, logo que a Aurora adentrou lenta e decidida na abóbada celeste com sua carruagem puxada por cavalos de ouro, percebeu que o dia jamais imaginado por ela havia não somente chegado, mas se imposto: o dia de sepultar o corpo do homem amado e de

despedir-se dele para sempre, o dia em que o veria pela última vez. E tudo aconteceria antes de a carruagem de fogo buscar refúgio no lado oposto da cúpula celestial para permitir que o carro de prata conduzido por dois cavalos trouxesse a lua e, com ela, outra noite, essa sim, definitiva e eterna, pois seria o primeiro elo de todas as outras noites igualmente luminosas e frias.

Logo mais, quando o sol arranhou o céu da tarde com sua ferrugem dourado-avermelhada, luzidia e tépida, e no final dela – sim, a tarde também chegou, passou e não serviu de consolo para Orminda Vitoriano. O féretro saiu da Igreja Matriz, após a missa de corpo presente de encomendação da alma, com as centenas de acompanhantes que deixaram vazios o mercado municipal, a plataforma da estação ferroviária, os empórios, as capelas, as sacarias de café. A Avenida Rio Branco estava apinhada de gente que se apertava em todo o Largo da Matriz, e daí, até bem para baixo do Jardim do Sapo com seu coreto. Em todos outros cantos por onde o cortejo não estivesse a passar, a antiga Vila do Espírito Santo havia se tornado, então, uma cidade fantasma.

Quase sozinha no casarão, a preta da limpeza da casa tomou da vassoura de capim e varreu da sala as pétalas das mais variadas, coloridas e perfumadas espécies de flores que caíram das coroas e dos arranjos trazidos pelos paroquianos de toda condição econômica. Ela precisou da ajuda do jardineiro para carregar o fardo com os restos da extinta vida das flores em um carrinho de mão e jogá-los nos canteiros em frente à fachada do casarão para que servissem de adubo à florada da primavera que se avizinhava e traria com ela a estação das

chuvas. Enquanto varria, a preta, que nutria especial afeto pelo patrão, pois fora o pai dele quem concedera, gratuitamente, carta de alforria aos seus pais, imaginava que de qualquer lugar onde ele estivesse lhe dirigiria um sorriso de aprovação. Afinal, Dr. Albertinho – era assim que o chamava de modo íntimo e maternal –, entendia muito de flores, pássaros, borboletas e da renovação da vida.

DEPOIS DO VENTO, AS CINZAS

A felicidade é ruidosa; a dor que há muito ultrapassou o desespero, pede o silêncio. Quando regressou do enterro, a Orminda Vitoriano sobrou a coragem não de começar de novo, mas de continuar a viver. Alma embebida em crepúsculo, Mindinha cortou os cabelos bem curtos, cobriu a cabeça de cinzas como os antigos gregos e ordenou que as janelas do sobrado permanecessem cerradas durante todo um ano. O sol não deveria entrar em uma casa em luto. Sempre soube, intuitivamente, da natureza grandiosa do tempo e nunca a confundiu com os rastros da vida humana, mas mesmo assim aquele amor sempre lhe parecera eterno.

Lembrou-se do encontro com a cigana nos jardins do sobrado. Na noite daquele dia memorável, havia descido sobre a cidade uma fria luz lunar, argentina como o revestimento da parte posterior dos espelhos. Da janela do seu quarto, Orminda Vitoriano vira uma estrela cadente rasgar o negro veludo do céu. Rápida, formulara o desejo de viver um amor de libertação, mas a estrela se apagara antes que ela tivesse formulado plenamente o pedido. Receosa, parecera-lhe que os céus lhe anunciavam a inutilidade dos seus desejos. O receio permaneceria em seu coração, mesmo tempos depois, quando daquela mesma janela, em noite mágica nunca dantes, viria uma chuva de estrelas se precipitar no lago do palacete. A vida lhe provava, agora, que seus receios tinham fundamento. Mas, não, nunca ela culparia a vida por ter-lhe dado um amor incomensurável mesmo que para, cruelmente, lhe arrancar

depois. O mar de estrelas que balançara entre ela e Alberto desde sempre continuaria a balançar num entremeio impossível de ser rompido.

Há o sol que nasce para todos. Houve um sol que nasceu somente para ela. Alberto da Gama era o seu segundo sol. Da vida de antes, guardava memórias pretéritas como se fossem de outra encarnação, como se pudessem pertencer apenas àquela menininha de vestido rendado e sapatinhos de boneca que andava pela vila empinando borboletas presas a fios de seda. Nela, tudo se resumia a sonhos de amor nos quais o homem imaginado não possuía face nem corpo. Sofria com o desejo de desvendar segredos, de conhecer os músculos de um homem, saber de seu cheiro, suores e palpitações, sentir o gosto da língua e da saliva dele em sua boca. Da vida de depois, soube que os desejos não se saciam, que são vorazes e pedem sempre mais, independente das circunstâncias e dos afetos vividos, e que ansiar por um homem causa uma dor na alma para a qual não há lenitivos e os bálsamos são todos inúteis. Ela sabia que a ausência física do marido não impediria o brilho e o calor do segundo sol se irradiar até o último dia de sua vida.

Depois da morte de Alberto da Gama o casarão ficou com paredes demais para um vazio que não podia ser contido em nenhum limite. Agora que ele se foi, ela pensava: lembrariam as fachadas das igrejas do seu nome? As cordas da viola cigana lembrar-se-iam do som de sua voz? As pedras das ruas guardariam a memória de seus passos? Orminda Vitoriano não buscou pela ausência de Alberto da Gama nos aposentos da casa, lugares impossíveis da falta, mas imaginou-a

animicamente espalhada pela arquitetura da cidade com seu desenho de ruas, sombras das árvores, pedras do chão e bronze dos monumentos. Seu coração, denso e pesado, flutuava no relicário nevoento das lembranças como alga desgarrada do fundo do oceano por uma poderosa corrente marítima; à deriva, agora, seria seu destino permanente.

Naquela noite, Orminda Vitoriano teve um estranho sonho. Andava por Varginha, via suas ruas, casas e transeuntes, mas a cidade lhe parecia outra, como se pudesse, ao mesmo tempo, ser e não ser a Varginha que ela tanto amava e conhecia. As pessoas que transitavam pelas ruas olhavam-na e pareciam, ao mesmo tempo, vê-la e não vê-la. Aos poucos, como em uma enxurrada em que o volume de água aumenta quase cada vez mais, a sensação de deslocamento no espaço e de estar perdida e incomunicável foi ganhando corpo até quase levá-la ao desespero. Então, ainda incerta se seria vista e se poderia ser ouvida, perguntou para um senhor preto que passava de charrete:

- Que cidade é esta em que me encontro?

Para surpresa dela, ele lhe respondeu:

- É a Cidade da Abundância. Mas a pergunta certa é: - Em que época nós estamos? Estamos na Era da Posteridade Paterna.

Orminda Vitoriano acordou tocada pelo sonho, mas sem ter a chave para decifrá-lo.

Os primeiros oito dias do nojo guardou-os recolhida quase que todas as horas do dia na capela, a rezar. Nas preces, não sabia se suplicava ao Criador que acolhesse em Sua misericórdia e bondade infinitas a alma do marido ou se Lhe

rogava que levasse ela, Mindinha, o quanto antes desse mundo de abandono, solidão e saudades. Na dúvida, pediu as duas coisas. Para castigo seu, Deus demorou a atender ao seu pedido e lhe reservou outras perdas que sempre lhe remeteriam a essa como pedras de um jogo de dominó que caem umas sobre as outras.

Pelas manhãs, ao abrir a janela do seu quarto, a Mindinha do doutor Alberto estranhava a revoada matinal das borboletas rosa-de-luto no jardim, mas nunca o nome dessa espécie de papilionáceas de asas negras bordadas de cor-de-rosa lhe pareceu tão apropriado. Neste período, ela se recolheu em recordações e não havia um único canto sequer do sobrado que não lhe trouxesse à memória momentos felizes do passado com o marido recolhido agora em seu silêncio eterno e mineral. Lembrou-se do calor dourado daqueles dias, do canto e da dança dos pretos, do vestuário elegante das senhoras, do cheiro de lavanda dos homens. Recordava o que foi sem poder celebrar o que viria. Os dias imensos acabavam-se rapidamente ou mesmo pareciam nem ter principiado, pois não havia o que esperar. Recebia e escrevia longas cartas, recepcionava parentes para o café da tarde. O ambiente solitário e de clausura afastou amigos e familiares dos almoços e jantares e Orminda Vitoriano tomava as refeições sozinha, na sala de jantar, sentada à cabeceira da longa mesa, usando da melhor porcelana e prataria numa solidão de luxo e requinte. Os sons que se ouviam eram os da criada a lhe servir, do vinho tinto a se derramar na taça misturado com um pouco d'água mineral, dos talheres que por vezes faziam tinir as louças, da respiração de Orminda

Vitoriano que ansiava aspirar o pneuma do marido, do frio vento de agosto que balançava as janelas do sobrado, obrigando folhagens e flores a dançar, a contragosto, um balé de réquiem numa melancólica coreografia de saudades. Da janela de seu quarto podia avistar, ao longe, os verdes pastos da dançante folhagem manchada de branco, amarelo e roxo pela florada decídua de centenas de ipês coloridos. Passou a buscar no passado as surpresas de sua vida. Do futuro nada havia a esperar além da solidão. Felizmente, no entanto, a solidão absoluta lhe era negada pelas lembranças havidas. A solidão absoluta seria um ruidoso silêncio de suicídio que lhe causaria profunda estranheza. Percebeu, então, que a vida era tão inevitável quanto a morte.

Ela consumiu-se no peso dos tributos antigos e presentes, junto com a casa, na dívida de perdas anteriores, cujo irrevogável clamava por escuta impossível e com o alísio arrastando para muito longe promessas e súplicas de desata nós. Nas manhãs, punha-se na varanda a aguardar pelo carteiro que, duas vezes por mês, lhe trazia os telegramas do filho na Itália. Os telegramas com frases curtas nunca trariam a notícia que mais desejava: o regresso de Eugênio, o fim da guerra, mas acabavam por lhe tranqüilizar por curtos instantes, uma vez que diziam: “Estou bem. Não se preocupe comigo. Não estou ferido. Tenho amigos. Saudades.” Os dias viraram noites infindáveis e simultâneas. Para sonhar novos sonhos é preciso primeiro acordar do sonho antigo. E ela, por desejo, jamais acordaria do seu sonho antigo e eterno. Apesar de tudo, sua vida não se resumia ao espaço de entre mortes e de lutos sobrepostos; o tempo, para ela, não era uma linha reta: seu

futuro, nada mais seria que o presente, feito das queridas imagens decantadas a cada momento do passado inesgotável.

Em seu quarto nos dias mais frios do inverno, quando o fogo da lareira apagava, Orminda Vitoriano costumava pôr sobre as brasas a crepitar, uma lata de folha de flandres destampada e com pequenos furos no fundo feitos a pregos, repleta de folhas secas de eucalipto. Aquecidas, elas desprendiam um cheiro fresco mais suave que o melhor dos incensos. O cheiro dos incensos queimados na igreja era sufocante e lhe causava náusea; o olor nauseabundo dos incensos dos prostíbulos da Rua da Luz Vermelha, misturado com o de gordura, suor, mofo, fumaça de cigarros de palha e de cachimbos, e com o do perfume barato chamado pomposamente de “Narciso Negro”, ela desconhecia, mas tinha dele remota notícia, quando surpreendia as pretas da cozinha a travar conversas, cujo conteúdo ruborizaria o mais despudorado dos homens.

Naquela época, as lembranças perambulavam pela casa como espíritos desencarnados que não haviam encontrado a paz. Todos os objetos que o marido havia tocado lhe pareciam encantados pelo intenso ardor daquela vida que parecia não se esvair nunca. Ficou o cheiro de homem nos lençóis mesmo depois de muito lavados, nos travesseiros revestidos por crochê filê, nas roupas e sapatos dos armários. O estojo inglês de barbear conservava o perfume de alfazema alpina e lhe dava uma saudade ainda mais cortante que as lâminas de aço da navalha de faces polidas como espelhos. Fotografias, a maioria delas com ambos, um ao lado do outro, ou ternamente abraçados, cordões e anéis de ouro, centenas de livros sobre

os mais variados assuntos e obras de arte adquiridas nas muitas viagens feitas pelo Brasil e pelo exterior. O legado desses objetos valia pelo que era capaz de evocar, o disparo do gatilho da memória a puxar elos de imagens e impressões aparentemente desconexas, mas com o sentido único do amor infindável. Orminda Vitoriano conseguiu doar somente os móveis e alguns apetrechos médicos do consultório e as roupas e sapatos novos: os primeiros lhe pareceram impessoais por serem instrumentos da profissão, os segundos, por não terem sido amaciados e recebido a forma do corpo e impregnado sua substância com o cheiro dele. Os demais pertences foram conservados, como se o marido ainda vivesse e pudesse chegar repentinamente para usá-los, do mesmo modo quando alguém chega de uma viagem antes da data previamente anunciada e causa a quem não esperava pelo regresso antecipado um inesperado contentamento e uma interrupção benfazeja do dia.

Sentia-se protegida nas tardes e noites de chuva, quando a escutava a cair nas telhas de barro cozido como toques de dedos nas teclas de um piano e, depois, na melodia rochosa das pequenas enxurradas que formavam mansos meandros entre a terra e os pedregulhos do jardim. Nessas doces ocasiões o tempo parecia parar definitivamente e lhe dava a impressão de que o marido ainda vivia. A cortina entreaberta deixava ver a água a escorrer na vidraça e, através dela, uma parte do jardim enevoado pela condensação do vapor d'água. O barulho da chuva se misturava ao cheiro levemente adocicado do óleo de peroba espalhado em fina camada pelo mobiliário do quarto e ao cheiro das margaridas e sempre-

vivas colhidas no dia anterior. Sentia também o cheiro morno da transpiração do peito do marido no qual costumava repousar sua cabeça para dormir um sono tão profundo e oceânico que seria impossível querer acordar dele.

Mindinha frequentava as missas aos domingos com seu traje de luto fechado, véu negro a lhe cobrir o rosto, o andar altivo e cabeça erguida para não despertar a compaixão das pessoas. Sentia horror à piedade alheia, principalmente dos estranhos, já que ela mesma não se apiedava de si, sendo grata a Deus por ter tido a ventura de conhecer Alberto da Gama, apaixonar-se perdidamente e viver os melhores anos de sua vida na companhia daquele homem único e envolvente em tudo que dizia, fazia ou sentia. O mundo restou-lhe como aparência do que sempre foi: nada além de pedra e um rasto deixado na água.

Não há dor maior do que a de se recordar o tempo venturoso na miséria. Não, não seria como a Francesca da Rimini, de Dante. Inverteria o enunciado. Que deleite maior pode haver do que na desgraça recordar-se da bem-aventurança? Se tudo aquilo que está inscrito em suporte material corre o risco de perder-se, o suporte no qual se inscrevem as lembranças é indefectível em sua imaterialidade. Não seria ela, deveras, uma Francesca da Rimini às avessas? Uma bem-aventurada dona de imperecível tesouro que não pode ser doado, perdido ou destruído? Que motivos, então, haveria para lastimar-se? Nenhuma pessoa sensata lamentar-se-ia da própria riqueza.

Talvez comentassem nas ruas, à boca pequena, que um amor tão grande não servia para nada, somente para fazer

sofrer. Orminda Vitoriano jamais concordaria com essa ideia. Um amor como o dela move uma vida e subordina todos os acontecimentos à sua própria ordem. Isso é tudo que se pode dizer sobre ele e basta.

Não sentia falta da mãe nem do pai, que nunca conseguiram ser carinhosos com ela. O lugar da mãe havia sido tomado há muito pela lembrança ao mesmo tempo doce e doída de D. Marianna Bárbara da Conceição, a baronesa da Varginha. Ah, meu Deus! Quem dera que outra temporada na Fazenda do Triunfo pudesse resolver seus problemas, como os resolvera da primeira vez.

Em vários anos consecutivos no final de maio e início de junho quando a floração dos ipês-roxos e amarelos vivia seu curto e exuberante ápice anual, Orminda Vitoriano alegrava-se com a proximidade de sua visita à baronesa da Varginha na sua propriedade rural. A satisfação levava-a a se envolver com os preparativos com bastante antecedência: primeiro, em um ritual quase sacro pela repetição, mandava um pretinho de recados ir a cavalo até a Triunfo para entregar um bilhete seu em que confirmava a visita para os próximos dias. Depois, ordenava às criadas que limpassem as canastras com pano úmido e as pusessem ao sol para encerá-las e lustrar o couro trabalhado a ferro e fogo, que entiotassem as rendas dos vestidos, não se esquecessem de seus livros prediletos e embrulhassem com cuidado os presentes, que consistiam, sobretudo, em compotas e doces cristalizados feitos no casarão.

Quem dera pudesse passear de braços dados com D'Aninha entre as jabuticabeiras, a ouvir o murmúrio do regato

e o estridente canto das maritacas e, ao final das tardes outonais tomar café, deixar-se levar pelo som de agradáveis melodias ao piano e, por último, recostar a cabeça no colo macio e protetor da baronesa. Mas quem é que pode trazer de volta a realidade das coisas que já se foram? E quantas se tinham ido no decorrer de todos esses anos! Não era assim somente para ela, Orminda Vitoriano. Assim é para todos. Cada um que sobreviva a isso como puder.

Decorrido um ano, as janelas do sobrado foram abertas novamente, não todas de uma vez, as do pavimento superior, primeiro, mas esquecer-se do marido era impossível para Orminda Vitoriano e ela não se importou mais com os dias e as noites, todos iguais em sua monotonia de horas vazias. Ainda aguardava pelo regresso de Eugênio. A bandeja de prata da sala de estar estava repleta dos telegramas recebidos. Todas as noites, antes de deitar-se, ela os relia entre pesarosa e enternecida.

Com frequência, da janela do sobrado, como um caixilho, um enquadro de pintura, Orminda Vitoriano se debruçava sobre paisagens da memória, onde a alternância de luminosos e opacos revivia vestígios de antigas afeições, mais presentes que nunca neste crepúsculo que levava consigo o brilho de estrelas mortas há séculos, cuja luz ainda deixa visíveis rastros no céu.

Nos desejos abandonados ou vividos como possibilidades, cabem a sombra dos fulgores de outrora, do tempo em que o sobrado, ribalta dos sonhos dela e das gerações que a precederam, não permitia a antevisão do

próprio apocalipse e grandiosidade e glória não eram mais que emblemas do cotidiano.

Do soçobro da epopeia com seus personagens heróicos restou o brilho das lembranças, mas um brilho de fenecidas estrelas. Orminda Vitoriano do naufrágio, mitológica sobrevivente de épocas que já se foram, vem à janela do sobrado sonhar sonhos que não mais cabem em uma única vida nem no tempo das estrelas. E com as bandeirolas da janela aberta a lhe fazerem sombras no rosto, deixa-se arrastar pelo aluvião das irrepetíveis cenas do passado, escombros da felicidade redentora. Agora é o que lhe resta: uma fortuna de lembranças que, por sua natureza indefectível, salvou-a da desgraça total.

Em uma manhã de início de primavera, quando os primeiros raios do sol arranharam o manto negro da noite para torná-lo primeiro, cor de cinza, depois um azul diáfano que logo ganharia a tonalidade do cobalto, Orminda Vitoriano acordou docemente ao ouvir os passos do marido. Ele passou pelo corredor dos quartos do pavimento superior, desceu a escada e dirigiu-se ao cômodo predileto dele: a biblioteca. Apesar da longa distância que separava o pavimento superior do térreo e das cortinas e tapetes que amorteciam os sons como se estivessem a embrulhá-los em carícias, ouviu com nitidez os passos dele sobre as tábuas corridas do chão. O ruído aveludado das passadas se assemelhava às de alguém que anda calmamente em meio a um denso bosque, cujo chão encontra-se repleto de folhas quase secas. Ninguém, a não ser Alberto da Gama pisava daquele jeito. Não havia dúvidas: era ele.

Ela escutou a porta da biblioteca abrir-se e, logo em seguida, a janela que dava para o jardim girar sobre os seus gonzos. A certeza da presença dele firmou-se em seu espírito. Alberto debruçou-se no peitoril e pôs-se a assoviar. Orminda levantou-se, então, ainda sonolenta, com o coração aos saltos e, trêmula, vestiu o *robe de chambre*. Ao descer a escadaria, sentiu o cheiro fresco da lavanda preferida dele. Ele acabara de passar. Orminda Vitoriano penetrou no saguão e, depois, ao entrar no corredor, avistou a porta entreaberta da biblioteca que deixava ver partes das paredes forradas de papel suavemente iluminadas pela tênue luz da manhã. Seguiu até ao recinto. Rápida e decidida, empurrou com força a maçaneta da porta. O ímpeto com que abriu a porta como se estivesse a arrombá-la assustou o imenso gato de telhado que afiava as unhas na madeira do peitoril. O felino, cuja pelagem preto-acinzentada lembrava a de uma onça, assustado com o movimento da porta empurrada tão bruscamente, saltou rápido para o jardim.

Orminda Vitoriano atirou-se na poltrona, a mesma em que mais de um ano antes havia encontrado o marido morto. Sentiu dificuldade para respirar, pois suas costelas pareciam feitas de aço e todo o ar do mundo lhe parecia insuficiente. A sensação era bem pior que a provocada pelo mais apertado dos espartilhos. De seus olhos não saíram uma única lágrima. Quando minutos depois conseguiu recuperar-se, pensou em ralhar com a criada distraída que deixara a janela aberta durante a noite.

EUGÊNIO E A ESTRELA PERDIDA

O tempo passava. Eugênio Vitoriano tornou-se um belo jovem, fisicamente muito parecido com o pai a quem ele tentava, em vão, emular o comportamento. Após cursar o ensino primário, Alberto da Gama matriculou-o no semi-internato do mesmo Colégio Jesuíta, instalado em um amplo edifício de dois pavimentos quase no início da zona rural da cidade, de onde, à esquerda, se descia em um caminho íngreme que levava ao Pontal.

Lá, Eugênio conheceu Arthur Stern, jovem matriculado no internato. Tinham a mesma idade. Stern era de origem alemã, cuja família de rígidos princípios religiosos havia se instalado em Campanha, integrante de um grupo imigratório independente, na primeira metade do século XIX, vindo de Dortmund, da Renânia do Norte-Vestfália. O rapaz tinha um rosto de traçado harmônico, forte e duro como se fora esculpido em pedra. A fisionomia denotava uma masculinidade primordial capaz de capturar o olhar do outro, pois, intrigante, não se prendia a nenhuma época histórica específica e, nesse aspecto, esse rosto, imemorial, lembrava a Eugênio as aventuras das quais tinham participado os homens mais marcantes de sua própria família, segundo ouvira dos relatos da mãe e dos tios mais velhos da família. Os olhos de Arthur buscaram da paleta de cores a de um incrível azul-acinzentado, cuja radiação luminosa e galáctica era da mesma tonalidade das hortênsias que Orminda Vitoriano cultivava nos jardins do sobrado. Os lábios rosados possuíam o brilho translúcido e

úmido dos bagos de uma romã madura, ressaltados pela pele alva de onde se pronunciavam centenas de pontículos dourados dos fios da barba e do bigode, sempre muito bem escanhoados a navalha. Ele gostava das aulas de canto orfeônico e se destacava na ginástica por sua flexibilidade e porte.

Em Campanha, ainda meninote, fora dedicado aprendiz de relojoeiro, pois o mecanismo desse instrumento capaz de medir o tempo estimulava sua imaginação filosófica e seu interesse pela engenharia. Quando não estava na oficina de relógios ao lado da catedral de Santo Antônio, podia ser encontrado na biblioteca do avô materno a ler livros raros e difíceis. Entendendo-os ou não, em parte ou no todo, nunca abandonava a leitura, discutia os aspectos ininteligíveis ou obscuros com o avô e, assim, aos poucos, foi sendo moldada sua formação intelectual e aperfeiçoados os seus conhecimentos de literatura, teatro e filosofia, que eram muito superiores aos dos rapazes da sua idade.

O espírito irrequieto de Stern era um cavalo selvagem que não se deixava aprisionar por ameaças, dogmas, teorias e líderes carismáticos. Por isso, ele não apenas se sentia, mas era, de fato, um peixe fora d'água no Colégio Jesuíta com seus uniformes impecáveis e sapatos lustrados, hierarquia inquebrantável, disciplina militar, preciosismo vazio do rigor pelo rigor e repúdio absoluto pela contestação. Stern não era tolo. Ele sabia valorizar a educação de alto nível que recebia, bastava apenas que peneirasse as influências recebidas para acolher em seu espírito somente aquelas que desejasse aproveitar. Não era uma tarefa fácil, mas ele sabia fazer isso

como ninguém, com a eficiência de mestre e sem sofrimento algum.

Por todo o conjunto de atributos físicos e espirituais percebidos em Arthur, Eugênio Vitoriano sentiu um choque em seu íntimo, quando o viu pela primeira vez; antes de apreendê-los com a razão, intuiu-os com os sentidos. O ímpeto indomável que fagulhava do olhar luminoso, dos gestos amplos, da risada sonora, era a antítese de todas as pregações que ouvira dos sermões dos padres na igreja e da introspecção lúgubre do interior das capelas e paróquias. Logo Eugênio percebeu que o ímpeto indomável do outro era o precipício que inconscientemente sempre buscara para se atirar. Na presença de Arthur, Eugênio Vitoriano experimentava o sentimento de morte como uma espécie de renascimento. Foi assim que, pouco a pouco, o medo começou a morrer dentro dele e, nessa caminhada, era impossível dar passos para trás, de modo que sua excitação era cada vez maior quanto mais se aproximava da beira do precipício.

Amizade firmada, Eugênio levou o amigo para conhecer os pais no casarão. Arthur ficou fascinado quando lá entrou pela primeira vez e se deparou com a pêndula da sala de jantar e com os inúmeros outros relógios de várias épocas, nacionalidades, modelos e tamanhos, feitos com os mais variados materiais: da alpaca ao ouro, do bronze à prata, espalhados pelos cômodos, todos de beleza e qualidade incontestáveis. O interesse dele, embora não ignorasse esses detalhes de colecionador, prendia-se ao fato mais elementar, tão cotidiano que aparentemente se afiguraria desprezível para a maioria das pessoas: os relógios marcam o transcorrer

do tempo. E Arthur percebia o tique-taque com alegria, pois uma vida que não se acabasse nunca seria o inferno e faria desabrochar nela a semente do desespero e da loucura.

Em todas as coisas da vida – assim parecia a Eugênio e assim não deixava de ser, Arthur primava pela organização e disciplina e isso não fazia com que ele perdesse sua espontaneidade cativante.

A sensibilidade de Eugênio e de Arthur uniu-os a uma amizade de cúmplices totais em que tinham o gosto do partilhamento das afinidades mútuas nas conversas, música, literatura, pequenas viagens a cavalo às cidades vizinhas, quando a ocasião permitisse, pescarias e prática de esportes ao ar livre e, mais que tudo, sentiam-se incondicionalmente aceitos um pelo outro sem que fosse necessário dizer qualquer palavra para validar esse sentimento.

Curiosamente, a turma rapidamente apelidou a Stern de "estrangeiro", e não de "alemão", como seria o esperado ou o mais usual. De alguma forma, as pessoas percebiam naquele rapaz incomum uma rebeldia nata e pulsional que tornava impossível identificá-lo apenas como mais um membro de um rebanho, qualquer que fosse o tipo dele. O "estrangeiro" se interessava pela engenharia naval e sonhava em realizar uma viagem ao redor do mundo. Em suas redações, o tema que lhe era mais caro era o mar, navios, cais, portos, viagens, aventuras em mundos distantes, exóticos e fascinantes. Ele possuía uma pequena coleção de mapas antigos, editados nos séculos XVIII e no início do XIX, período em que as famílias abastadas costumavam decorar as paredes de suas salas com essas ilustrações artísticas.

Depois de algumas semanas de convivência, quando estavam a sós, Eugênio Vitoriano passou a chamá-lo de Arturo, pois o porte altivo do outro lhe lembrava personagens de óperas italianas. A primeira vez que se referiu ao amigo dessa forma, o fez, propositadamente, em tom de galhofa quando se encontravam a sós. Caso Arthur rejeitasse a denominação que traía o mal disfarçado afeto e revelava, também, sua intensidade, Eugênio levaria tudo na brincadeira, não haveria testemunhas e estava morto o assunto sem que nenhum dos dois se comprometesse. Mas, para surpresa de Eugênio, ao ser chamado dessa forma, inusitada, musical e romântica, Arthur sorriu luminosamente deixando ver seus dentes alvos e devolveu:

- Sou, então, o teu Arturo. Mas serei Arturo somente para ti. Será um segredo nosso.

Fez uma pequena pausa, e olhando fundo nos olhos de Eugênio, continuou:

- E tu és o meu Eugênio Onegin. Tu és entediado com a vida como ele – disse Arturo comparando o amigo com o personagem do romance russo.

Pronto, estava introduzida, inadvertidamente, a referência trágica, mas, nem um, nem outro se deram conta.

- Tu leste Eugênio Onegin, do Pushkin?

- Ainda não.

- Trarei o livro para ti da minha próxima viagem a Campanha.

- *Va bene* – devolveu Eugênio com um sorriso.

Eugênio corou-se com alegria, pois sentiu que naquele momento firmava com Arthur um pacto de horda primitiva

masculina que jamais seria rompido. A ligeira perturbação de Eugênio, o discreto tremor nas mãos e na voz não escapou à perspicácia de Arthur. A partir daquele dia, Arthur passou a ser dois: o que tinha esse nome, conhecido pelos padres do Colégio Jesuíta, pelos condiscípulos e pelo resto dos alunos, e o Arturo, que era somente o do Eugênio.

Durante os recreios das aulas da tarde, ambos saíam juntos a passear pelos fundos do colégio, onde havia alas de pitangueiras e amoreiras intercaladas com pés de café. Depois de colher os frutos e degustá-los com a preocupação de não mancharem os uniformes para não serem denunciados, deitavam-se à sombra das árvores para olhar o céu entrevisto entre as folhas que se agitavam pelo vento com cheiro de terra seca, até que lhes chegasse o primeiro toque da sineta de bronze batida vigorosamente pelo padre encarregado do recreio. Então, apressavam-se para estar a tempo na fila da entrada da sala de aula. Para não despertarem suspeita, no meio do caminho eles se separavam a fim de que todos pudessem perceber que entraram na fila tendo vindo de lados opostos.

Nos finais de semana, Arthur aproveitava o cochilo ou a prolongada leitura do idoso padre plantonista que se punha à porta do dormitório sem a menor disposição para vigiar quem quer que fosse e pulava o muro do colégio para se encontrar com Eugênio. Do outro lado, o amigo já o esperava na hora combinada com uma bicicleta e uma cesta de piquenique com uma toalha de mesa grande, guardanapos, dois pratos, talheres, taças, pão, queijo, algumas frutas e uma garrafa de vinho tinto. Eugênio se sentava no tubo superior e deixava que

o amigo guiasse a bicicleta. A cesta de piquenique era amarrada na garupa. Era-lhe agradável a sensação de que Arturo pudesse lhe levar para onde quisesse como se fosse um governante antigo e poderoso, e teria deixado se conduzir para qualquer lugar, desde que fosse por ele.

Na maioria das vezes, desciam pelo caminho íngreme que margeava o lado esquerdo do colégio. Do meio para o final, a estradinha ia ficando cada vez mais estreita sombreada dos dois lados por imensos eucaliptos cujas folhas perfumadas desprendiam ao vento um cheiro parecido com o do hálito de hortelã de Arturo.

Sentado no selim, Arturo pedalava com o vigor do atleta e a cada pedalada Eugênio se arrepiava ao sentir as coxas robustas do amigo roçarem suas nádegas e pernas num movimento ritmado e constante. Quando Arturo falava ou ria, Eugênio sentia sobre suas costas a vibração das costelas dele como um instrumento de corda a tocar a música que ele mais desejava ouvir, uma música que reverberava a sinfonia de corações que se deixavam levar livremente, primeiro, ao sabor dos sentidos, depois – naquela época ele apenas entrevia isso – ao sabor dos instintos. O sentimento e a emoção que esse contato lhe despertava era ao mesmo tempo avassalador, irresistível e apavorante. A proximidade era tanta que o suor úmido, morno e delicadamente perfumado de Arturo passava dos braços dele para os seus e o cheiro de ambos se misturava na criação de um perfume primitivo e afrodisíaco, cuja essência lembrava o cheiro de um limoeiro cortado pelo machado.

Depois de pôr a bicicleta para descer a pique velozmente pelo caminho íngreme a levantar poeira, rolar seixos e levar a perigosas derrapagens, entre gritos, risos e calafrios na barriga, chegavam ao final como atletas vencedores do desafio de uma maratona. Então, punham a bicicleta de encosto ao tronco de uma árvore e se abraçavam ofegantes, suados e felizes.

Era sempre Arturo que tomava a iniciativa de enlaçar Eugênio, pois, ousado, sabia deixar o outro sentir-se dominado por sua calma e ternura, atributos que dele brotavam espontaneamente, sem cálculo algum, sem estratégias nem artifícios, o que tornava a dominação efetiva e ainda mais irresistível. Por um breve e intenso instante, Eugênio sentia entre seus dedos a cintura fina do amigo, a linha da coluna vertebral que se afundava em um longo sulco nas costas como o leito de um rio navegável e prazeroso, o peito forte e bem delineado e o bíceps torneado e vigoroso que se encostava a seu pescoço e rosto como um navio que atracara no cais. Em algumas dessas situações, Eugênio sentia também encostar-se em sua barriga, um pouco acima do umbigo, a espécie de corda dura e ao mesmo tempo flexível. Eugênio ficava tão envolvido com os próprios sentimentos e sensações que não conseguia analisar corretamente as reações de Arturo. Com isso perdia-se na própria imaginação e igualava o desejo de Arturo ao seu, mas tudo era, ainda, naquela época, um salto no escuro.

Então, perturbado por seus pensamentos e por sua própria respiração arfante que denunciava o que lhe ia n'alma, Eugênio se afastava e punha-se a preparar o lanche. Estendia a toalha sobre a relva e abria a garrafa do vinho. Preferia supor

que Arturo nada percebera, assim fingia que ocultava de si mesmo os próprios sentimentos. O barulho da rolha a estourar evocava o som de festa e misturava uma sequência inseparável de sensações. Gritavam “vivas”, tocavam as taças que emitiam ondas pelo ar como os sinos de bronze. Depois, o líquido grená escorria para dentro do cristal translúcido, enquanto desprendia o aroma frutado de uvas, que eles sorviam primeiro, antes de principiar a beber. Por fim, o brinde aos ouvidos com as taças erguidas a bater num movimento de esgrima seguido de um sonoro “saúde”. O ritual parecia-lhes a consagração perfeita do sentimento de querer bem e, anos depois, eles se lembrariam dos momentos desses encontros com a certeza de que foram únicos e não poderiam mais ser repetidos com ninguém, nem com eles mesmos, pois a época e as circunstâncias seriam outras.

Depois de saborearem o lanche, vinha-lhes a satisfação de ter pelo menos um dos apetites saciado, talvez o menos importante e adiável, e batia-lhes o sono. O farfalhar das folhas dos eucaliptos, convidativo, perfumado.

Num desses momentos, Arturo pediu mansamente com as palavras e com os olhos para dormir com a cabeça sobre o peito de Eugênio, que, imediatamente, baixou os olhos. Até então, ele nunca permitira intimidade maior que a de um abraço que ficava a cada vez mais apertado e demorado. Várias vezes haviam brincado como se estivessem brigando em uma luta greco-romana, atracando-se sem camisa, empurrando-se, dando tapas um no outro, entre risos, palavrões, suores e respiração entrecortada. Nessas situações,

o sentimento parecia a Eugênio Vitoriano menos perturbador, embora a intensidade da excitação nunca diminuísse.

Agora, a esse pedido do amigo, Eugênio não conseguiu dizer nem sim nem não, mas ficou claro para Arturo que o silêncio um tanto constrangedor queria dizer não. Arturo sabia esperar. Até nisso sua disciplina teutônica o ajudava. Ele não insistiu, virou para o canto sua cabeça de deus ariano emoldurada pelo cabelo de trigal dourado, grosso e liso, e adormeceu. Eugênio adormeceu logo em seguida. Acordaram quando a tarde já anunciava seu final, e o vento nos eucaliptos, esquecido do mormaço, tornava-se refrescante e mentolado, deixando antever a brisa fria que sopraria durante a noite.

E o tempo foi passando, com sua sucessão de semanas, meses e anos que sempre parece infinita para quem espera, pois, para quem deseja, o tempo se arrasta em penúrias infindáveis. O tempo de quem deseja é o presente paralisado *ad infinitum*. As tardes de sábados eram semelhantes, mas nunca iguais. Havia tardes e tardes, e chegou, por fim, uma tarde límpida em que se podia ver o halo solar e uma brisa suave e morna levava para cá e para lá o pólen das flores e as sementes voadoras.

Nessa tarde, Eugênio Vitoriano, roído pelo desejo cada vez mais perturbador e móvel como uma tempestade de verão que não era mais segredo nem para ele, nem para Arturo, cedeu antes que o amigo lhe pedisse novamente. Cedeu a Arturo que pacientemente havia esperado por ele a sofrer, a suar, a apertar as coxas em silêncio, a esfregar no lençol da cama sua barriga esculpida até encharcá-lo de um néctar viscoso. Ele havia sofrido um rosário de dias e noites que se

sucediam em tormentas no dormitório compartilhado com outros que ele ignorava (os padres jesuítas haviam se equivocado: aquele cavalo selvagem jamais receberia rédeas, pois seu espírito livre nascera isento de culpas e ele herdara a bravura atávica dos guerreiros alemães de todas as épocas).

Naquela tarde que mudou para sempre sua vida, Eugênio Vitoriano, depois de beber uma taça de vinho que lhe tingiu os lábios, recostou a almofada no tronco da árvore. Quando Arturo se ajoelhou no chão para buscar seu lugar de repouso, Eugênio o fitou longamente. Ficaram assim por algum tempo. Depois, Eugênio lhe estendeu os braços. O coração de Arturo galopava no peito como um antílope da savana e, por isso, não percebeu o do amigo que ia ao mesmo ritmo. Arturo tirou lentamente a camisa e por um breve instante deitou sua cabeça no peito de Eugênio, sentiu-lhe o coração a arrebentar e as veias que lhe pulsavam nas têmporas. Com os corações acelerados em ritmo de tambores africanos, a eletricidade do curto-circuito da vida fez o resto. Na sofreguidão, quase rasgaram as roupas um do outro, abraçaram-se, suspiraram, arfaram, apertaram-se, beijaram-se e, por fim, cada um despencou sobre o outro como uma chuva repentina e morna de primavera, que surpreende o transeunte desprevenido e não lhe dá chance alguma de defesa. Naquela tarde, Eugênio Vitoriano sentiu-se um estrangeiro, um gratificado boi fora da boiada e percebeu que o fato ocorrido mudaria o rumo de sua vida para sempre.

Em seguida, exaustos, adormeceram agarrados um ao outro, acreditando que o mundo todo se resumia a apenas aquele alqueire de terra ladeado de eucaliptos e envolto pelo

vento antigo que soprava naquelas paragens desde muito antes do primeiro Vitoriano nelas ter posto os pés pela primeira vez. Acordaram sem dizer palavra e, mudos, tomaram a providência de regressarem, um ao casarão, outro ao colégio, antes que a densa névoa de campo santo por fim caísse e transformasse o eucaliptal em um lugar ainda mais ermo e fantasmagórico.

Ao chegar a casa, Orminda Vitoriano lhe perguntou:

- O que tens, meu filho? Teus pensamentos vão longe!

- Sou como a senhora, minha mãe. Vivo em outro mundo.

- Ah, meu filho! Isso não é bom! Herdaste a sina dos Vitoriano!

À noite, Eugênio Vitoriano demorou para dormir, ou melhor, apesar de exausto e sonolento, recusou a entregar-se ao sono. Preferia continuar sonhando acordado com as lembranças da tarde: o corpo dourado e luminoso de Arturo sobre a relva, a pele alva e dos mamilos rosáceos, os pelos púbicos curtos e macios como a cabeleira do milho verde, as linhas azuladas das veias sob a pele que traçavam um mapa hidrográfico único e inconfundível por onde navegara o afeto de ambos, naquele instante despido de qualquer pudor, resistência e temores. Dormiu na alta madrugada, vencido pelo cansaço da excitação do dia e pelo sonho que anunciava o início ilusório e grandioso de um amor de perdição.

Depois daquele dia único, a repetição semanal da intimidade fez com que a culpa, o medo e a vergonha ruíssem quase que completamente em Eugênio Vitoriano. Quase que completamente, pois desses sentimentos perturbadores e

fundantes da natureza humana ficou um resquício transformado em temor do futuro, futuro esse que ambos sabiam não existir. Quando não se tem nada na vida, pode-se ao menos ter a esperança. O infortúnio faria com que eles tivessem quase tudo o que queriam da vida, menos a esperança de que um amor impossível pode se estender indefinidamente no tempo como suplica o desejo e pede o coração. Agora que tinham naufragado no afeto correspondido, a impossibilidade da permanência lhes pareceu ainda mais cruel.

Muitos anos depois, quando Arturo estivesse a viajar pelos oceanos a exercer a engenharia naval, nenhum porto do mundo lhe pareceria um ancoradouro tão seguro e desejado quanto aquele alqueire de terra ladeado de eucaliptos perfumados e sussurrantes.

Meses depois chegou ao fim o último ano letivo. No início do próximo ano Eugênio Vitoriano consolidou a vontade que amadurecera ao longo do tempo e decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro para estudar medicina. Na profissão, escolheu seguir o caminho já trilhado pelo pai. Arturo também havia traçado seus planos: iria para Londres, de onde seguiria para Southampton, a fim de estudar engenharia náutica e navegar pelo mundo. Eles embarcaram juntos na estação ferroviária com destino ao Rio de Janeiro.

Orminda Vitoriano e o marido acompanharam-nos à estação de trens. Ela despediu-se do filho com um estranho sentimento de perda, não o daquela pequena perda que poucos anos de estudo na capital da república representariam, mas o de uma perda irreparável, permanente; sentiu o coração

apertar-se no peito e não conteve as lágrimas. Eugênio Vitoriano compreendeu a mãe, mas eram outras suas preocupações não partilhadas com ela.

No Rio de Janeiro, Eugênio e Arturo hospedaram-se no mesmo quarto de hotel e a última semana que passaram juntos foi melancólica para ambos. Quase não trocaram palavras além de monossílabos, o que faltou em palavras abundou em gestos de carícias, olhares longos e vagarosos de ternura recíproca e contemplação. Andavam pela cidade, almoçavam, nos finais da tarde tomavam banhos de mar. Às noites, ceavam no quarto. Olhavam com tristeza um para o outro e sentiam os poucos dias da semana a escoar rapidamente sem que nada pudessem fazer.

A despedida em meio a tanta gente a embarcar e outro tanto a agitar os lenços brancos no cais foi contida como convinha: apenas um único, longo e forte abraço, beijos no rosto e mais as promessas de cartas a serem trocadas.

- "Somos feitos da matéria dos sonhos[9]". Minha vida sem ti será cercada pelo sono.

- Nossos sonhos são os mesmos e manterão nossas vidas unidas depois da tempestade, Eugênio.

- Terei chorado na chuva. Ninguém verá minhas lágrimas.

Eugênio foi o último a deixar o cais; lá permaneceu até que o mastro do vapor afundasse definitivamente no mar levando as hortênsias dele para terra estrangeira e longínqua, onde a primeira neve do inverno poderia matá-las de saudades. Em meio às vagas do mar e às espumas que martirizavam a areia da praia, Eugênio cristalizou em seu

íntimo a certeza de que seria infeliz para sempre. Ele não estava enganado. Agora que havia acabado o tempo da convivência diária com seu querido Arturo, fora instaurado o tempo eterno das lembranças e dos desejos sem desafogo. Para Eugênio, na percepção distorcida do tempo dos apaixonados, os anos passados juntos se condensavam nas poucas horas que marcam o desabrochar e o fenecimento de uma rara flor-da-lua.

Nos anos que se seguiram, dedicou-se com afinco ao estudo da medicina. As férias escolares do meio e do final do ano, passava-as com os pais no casarão. Todos os meses recebia e respondia as cartas de Arturo.

Orminda Vitoriano sabia que Eugênio era homem de muito boa índole, mas em tudo uma cópia mal acabada do pai. Igualmente formoso de corpo e rosto, com belos olhos verdes, faltava-lhe, contudo, a vivacidade radiante da fisionomia. Inteligente, mas de uma inteligência dispersiva direcionada a vários alvos simultâneos o que o fazia alcançar poucos objetivos; alcançados, pareciam já sem importância. Ele se irritava com a imperfeição do mundo; sentia-se insatisfeito, perdido. Orminda Vitoriano acreditava que o filho herdara da trisavó Aída o espírito melancólico, dado a meditações sombrias e à desesperança.

Um dia, anos depois, sem aviso prévio, Eugênio Vitoriano regressou médico e, para surpresa de toda a família, noivo. Conhecera a jovem Elisa Barcelos na universidade, onde ela estudava literatura. Desde o início do relacionamento entre eles, ele nada escondeu sobre sua amizade com Arturo, entretanto, disse apenas o necessário, sem entrar em detalhes.

Não queria criar constrangimento para si nem humilhar a noiva revelando a ela toda a extensão de um afeto que ainda o mantinha cativo, do qual jamais pretenderia esquecer e que não poderia ser substituído. O pouco que foi dito, no entanto, foi o suficiente para que Elisa compreendesse tudo. Ela nada perguntou além do que tinha ouvido, e o que fora revelado em nada diminuiu o seu amor por Eugênio. Mas Elisa não era tola: exigiu que ele lhe prometesse, mais que isso, que ele lhe jurasse pôr um fim definitivo nas correspondências. Ele lhe prometeu e lhe jurou, mas a falta de convicção dele não conseguiu convencê-la da jura feita. Filha de um bem relacionado e conhecido empreendedor imobiliário do Rio de Janeiro, apaixonou-se pelo aspirante a médico. De saúde frágil, resolveu segui-lo, mudar-se para Minas: o ar das montanhas e as afamadas águas minerais com propriedades terapêuticas poderiam curá-la. Todos sabiam que a Princesa Isabel havia curado sua esterilidade com as águas de Caxambu. Elisa imaginava também que poderia recuperar sua saúde, mudando-se para a região de clima ameno de onde brotavam as tais fontes miraculosas. Anos antes, quando menina, havia contraído a gripe espanhola e ninguém sabia como conseguira sobreviver. Conseguida a proeza da sobrevivência, sua saúde nunca mais fora a mesma. O ar das montanhas certamente lhe faria bem, era o que pensava, era no que precisava acreditar.

Ao ver o filho noivo, o espírito de Orminda Vitoriano se apazigou, mas não completamente, pois ela conhecia como ninguém os sortilégios do coração. Poucos meses depois Eugênio e Elisa se casaram. Viveram no sobrado durante alguns anos. Eugênio Vitoriano trabalhou os dois primeiros anos no

consultório do pai, aprimorando no exercício conjunto da medicina os conhecimentos adquiridos na universidade. No terceiro ano, instalou consultório próprio, independente, nas imediações do casarão, numa ampla casa localizada no Jardim do Sapo. Tinha pretensões políticas, pensava em candidatar-se a vereador com vistas à função de alcaide municipal. Ele também auxiliava o pai na administração da fazenda.

- Esse rapaz me preocupa, Mindinha – disse certa vez Alberto da Gama durante o café da manhã, aproveitando-se da ausência do filho e da nora, que se encontravam na fazenda.

- Por quê?

- Tudo que ele faz é muito bem feito, tanto na medicina quanto nos negócios da fazenda. O casamento parece que vai bem... parece.

- Então...?

- Não há paixão nele. Ele simplesmente faz. Sempre temi por quem não tem paixão.

Orminda Vitoriano também se preocupava com o filho. Achava-o melancólico demais.

- Nem todos podem ser como tu, apaixonados e apaixonantes...

- Preocupa-me a vida deles.

- E o que tens tu a ver com a vida deles? Eles vivem aqui. Estão conosco, estão bem.

- Têm chegado cartas da Europa. Tu bem sabes de quem e dos comentários que correram.

- Alberto! Não dê ouvidos a essa gente que opina sobre coisas de que não entende.

- Sei que Elisa não gosta.

- Então, deixe que ela resolva isso com ele. Não é um problema nosso.

- Será um escândalo, caso eles se separem, Mindinha.

- Isso não acontecerá. Elisa o ama.

- Não me preocupo com o escândalo social. Essa gente provinciana me embrulha o estômago. Mas não posso ignorar o impacto que isso poderia causar nele. Ele é médico, depende de sua reputação para viver. As pessoas precisam confiar nele. Esse casarão é o nosso mundo, mas não é o mundo todo.

Orminda Vitoriano abraçou Alberto da Gama e ele se acalmou em seus braços.

O que ela ignorava é que, há muito, Elisa Barcelos tinha conhecimento das cartas chegadas da Europa. Desde que passaram a residir no sobrado, ela interceptara todas com a ajuda do carteiro a quem havia dado alguns réis com o propósito de que, além de ele lhe entregar as cartas em mãos, mantivesse o mais absoluto sigilo. Com o tempo, as cartas foram rareando até que, enfim, pararam de chegar. Elisa escondeu até o fim esse fato do marido, mas teve a elegância e o respeito de queimá-las no fogo da lareira ou no fogão a lenha da cozinha sem lê-las e nem ao menos, abri-las. Sua culpa de moça católica educada em colégio de freiras não foi menor por isso, mas ela preferia carregar para o resto da vida essa culpa a sentir os ciúmes de saber que ele se inteirara das cartas e que as respondia. Entre a culpa e os ciúmes, preferiu a culpa, achou-a mais branda. Essa escolha revela os conflitos e a dimensão do amor que nutria por Eugênio.

Elisa Barcelos não conseguia engravidar, ter marido e sogro médicos em nada resolveu esta situação. Os três filhos

havidos, um a cada ano logo após o primeiro ano do casamento, abortou-os antes do quinto mês de gravidez. O enterro dos fetos era feito em sepultura reservada somente para eles. Os três quase-anjinhos, juntos, vestidos com camisolinha branca rendada, na parede mais escura da capela do sobrado, do lado direito do altar, abaixo de uma janela de ferro recortada e revestida com vidros coloridos.

Um final de tarde, ela e Eugênio regressaram da fazenda no domingo. A capota da charrete não impediu que uma repentina, longa e forte chuva de verão, dessas com enormes e gelados pingos d'água, encharcasse suas roupas. A temperatura ambiente caiu, abrupta, intensificada pelo sopro do vento gelado.

Elisa chegou ao sobrado com as roupas úmidas, indisposta e com dores de cabeça. Banhou-se em água quente e deitou-se. Tomou chás, fez escalda-pés. Não desceu para o jantar. No dia seguinte a indisposição aumentou, tossia, sentia dores nas articulações. Teve febre e tremores. Viu um cardume de peixinhos coloridos e reluzentes flutuarem nas paredes e uma gaivota abrir as imensas asas para dar-lhe um abraço que não queria receber. A madrinha – tia morta pela gripe espanhola – entrou no quarto e lhe disse, sorridente, que se preparasse, pois ambas fariam uma longa viagem. Elisa respondeu-lhe que não queria viajar, mas ter outro filho com o marido. Percebeu, no entanto, que a viagem seria inevitável: a bagagem estava ao lado da porta.

Na tarde do terceiro dia a febre aumentou bastante. Ondas de calafrios eriçavam os pelos de seu corpo. No quarto dia, seu estado agravou-se, a febre levou-a ao delírio. Viu

barcos, queria abrir a janela e avistar o mar. Eugênio Vitoriano sentiu não ser um comendador Fernandes, quisera construir com as próprias mãos uma caravela e pô-la na lagoa do sobrado, a fim de encantar a sua Chica da Silva. Se isso pudesse salvá-los...

Na oitava noite, após um longo e quente dia de estio, sem aragem e mais nada que pudesse suavizá-lo, Elisa Barcelos morreu de pneumonia sonhando com o mar, e levou consigo os três anjinhos de camisolinha rendada junto com as esperanças da descendência dos Vitoriano. O destino dela era mesmo morrer de uma doença nos pulmões, igual à madrinha, que tão asfixiada pela gripe espanhola, transformou-se, depois de morta em uma estátua de escuro bronze.

Depois deste dia fatíloquo, Eugênio Vitoriano tornou-se ainda mais introspectivo. Saía do casarão somente para ir ao consultório. Diminuiu as idas à fazenda. Passou a ler filosofia com voracidade: Nietzsche, Schopenhauer. Deste último gostou especialmente das "Contribuições à Doutrina do Sofrimento do Mundo" § 150, do Parerga e Paralipomena (1851), onde o emérito filósofo diz: "Parecemos carneiros a brincar sobre a relva, enquanto o açougueiro já está a escolher um ou outro com os olhos, pois em nossos bons tempos não sabemos que infelicidade justamente agora o destino nos prepara -, doença, perseguição, empobrecimento, mutilação, cegueira, loucura, morte, etc." Agora, tinha sido ele o carneiro escolhido para imolação, o carneiro da vez e a infelicidade que o destino lhe reservou foi dar-lhe um caráter inábil para lidar com as duras perdas e uma fraqueza constitucional da vontade. Viva Schopenhauer! Afinal, todo prazer é apenas um

hiato na ausência de dor e a satisfação nunca é durável. E ele, Eugênio Vitoriano, era fraco demais para, tendo percebido esta realidade, conseguir levar adiante sua vida. Acreditava, como Schopenhauer, que o mal e a dor são preponderantes na condição humana e que apenas a estética ou a música poderiam salvá-lo. Não conseguiu remir-se nem com uma, nem com outra, apesar de dedicar-se com obsessão a ler partituras para violinos e de tocar por horas o instrumento. Achava o som das cordas semelhante ao de uma voz humana a se lamentar de dramas e tragédias que não puderam ser evitados. Lembrava-se, melancólico, dos versos do amigo Costa Rego Júnior (sabia-os de cor):

> "Violino! Alma de músicos tristonhos,
> Infelizes que foram, n'outras plagas,
> Contar a morte de seus lindos sonhos...
>
> Naquelas cordas, que alvas mãos teceram,
> Anda o choro nostálgico das vagas
> E a saudade das cousas que morreram."[10]

O som do violino era o de sua própria voz e era dele, Eugênio Vitoriano, a dor dos músicos e dos poetas, uma dor sem cura. Apegou-se também com afinco aos estudos científicos, mas igualmente não conseguiu respostas para perguntas que não sabia formular, apenas intuir e se angustiar com elas. As festas do sobrado rarearam, as únicas datas festejadas eram as do Natal e do Ano-Novo. Nada, naquela casa, lembrava agora as alegres festividades do passado com

um sem-número de convidados, iguarias de todos os tipos, bebidas, música e risos.

Tentava consolar-se vendo as fotografias de Arturo na época do Colégio Jesuíta e relendo as cartas que ele lhe enviara quando passava as férias escolares em Campanha, guardadas em uma caixa de madeira oculta na gaveta secreta da secretária. Leu-as tantas vezes que a leitura agora lhe era inútil: sabia-as de cor. Sofria por imaginar os motivos que levaram Arturo a parar de lhe escrever, recebera poucas cartas da Europa, logo após a partida dele. Depois, a correspondência foi abruptamente interrompida e ele nunca conseguiu compreender o motivo. Nessas ocasiões, a vista da fotografia de Elisa Barcelos emoldurada no porta-retratos em cima da mesma secretária lhe despertava os sentimentos da melancolia, piedade e compaixão, nunca o do amor que não conseguiu sentir por ela, embora tivesse se esforçado para isso.

Poucos anos depois, o pai faleceu repentinamente, outro duro golpe para Eugênio Vitoriano. Amava o pai com devoção infantil. Aquele homem incomum era para ele ideal de pessoa, de médico, de cultura, de sensibilidade aliada à razão numa rara harmonia. Algo que ele próprio jamais conseguira ser. Talvez odiasse o pai por oferecer-lhe um modelo tão inatingível em sua completude.

Eugênio Vitoriano abandonou a leitura da filosofia e os pacientes do consultório. Entregou-se à bebida e às mulheres, chegava altas horas da noite no sobrado. Bêbado, atirava-se na cama de casal ou em uma das poltronas da biblioteca e lembrava-se com saudades de seu tempo de aluno do Colégio

Jesuíta, onde conhecera Arturo Stern, do canto orfeônico, da sombra perfumada das amoreiras e pitangueiras, dos passeios de bicicleta. Lá se foram mais de vinte anos. E ele não pudera esquecer. Ele não podia nem queria esquecer. Foi nestas circunstâncias que, homem já maduro, resolveu oferecer-se como voluntário à Força Expedicionária Brasileira, quando da declaração de guerra do Brasil ao nazifascismo.

Ele foi o único descendente dos Vitoriano a nascer no século XX, século da velocidade frenética dos automóveis, que conseguiam correr a espantosos 75 quilômetros por hora, como era prova o Ford Bigode do prefeito operístico, que assustava a população ao trafegar loucamente pelas ruelas da cidade deixando atrás de si uma nuvem de poeira vermelha; da energia elétrica que começou a iluminar as residências particulares depois desse privilégio ter tido seu início nas praças, logradouros e edifícios públicos; das transmissões radiofônicas as quais somente os abastados proprietários de um aparelho receptor tinham acesso.

Eugênio Vitoriano tinha o coração preso à poesia das épocas passadas, sofrera e sofria ainda, apesar de tanto tempo passado, com um amor impossível. Era um homem deslocado da época em que havia nascido, incapaz, portanto, de ter perspectivas de vida que vislumbrassem o futuro porque de modo inconsciente, negava o presente. Via-se, pois, imaginariamente preso em um tempo impossível, constituído de reminiscências que eram dele também apenas por ouvir dizer, porque esse tempo já havia passado e não havia meios de recuperá-lo. Aquela luva não era, portanto, para aquela mão, nem na história de sua família, nem na do seu amor. Tal

tempo não poderia ser restaurado da mesma forma que os arquitetos caprichosos fazem quando recebem a incumbência de devolver a uma construção em ruínas o fausto das eras idas do qual mesmo com a decadência mais extrema consegue manter intactos alguns preciosos elementos. A angústia existencial, marca de sua percepção do mundo, prendia-se a essa impossibilidade, mas ele a vivenciava sem dar-se conta do seu deslocamento; sentia apenas seus efeitos nos músculos trêmulos e na pele fria e suada.

O último dos Vitoriano almejava o futuro apenas como negação da vida. Talvez ele intuísse numa intuição sem verbo, voz ou imagem, portanto, avassaladora e abissal, que com ele, em águas fundas, densas e escuras, naufragariam os Vitoriano de todas as épocas.

Após despedir-se do filho que partia para a guerra na estação ferroviária, Orminda Vitoriano voltou para um sobrado que lhe pareceu ainda mais imenso pelo vazio das pessoas amadas que ali não mais residiam. Ela própria sentia-se meio viva, meio morta, cultivando em seu coração aquilo que a realidade não mais poderia lhe dar. Orminda Vitoriano regressou ao sobrado para viver o resto de sua vida sem outro alento que não os vestígios da felicidade do passado. Tempos depois, no jardim à frente, encontrou a preta desdentada e sorridente que lhe pediu para entrar e passear entre as alamedas. Apesar do inusitado do pedido, consentiu.

Poucos dias depois, do porto do Rio de Janeiro, Eugênio Vitoriano seguiu para o teatro de operações da Itália, tendo servido primeiro em Pisa e Livorno, onde foi chefe de

enfermaria. Por último, foi enviado para Collechio, no vale do Pó...vale do Pó...pó...pó, era no que tudo se transformaria.

Ele embarcou para a Itália como se estivesse sendo arrastado. Lá o esperava o teatro da guerra e para lá ele foi com a mesma fisionomia *blasé* com que costumava passear de charrete pelas terras da família nas ensolaradas manhãs dominicais.

Embarcou na estação de trens em que anos antes havia partido para a última viagem com Arturo, de quem a lembrança parecia, agora, apenas sombra e sonho, mas, ainda assim, com poder de reavivar antigas feridas. A estação encontrava-se enfeitada com longos fios de barbantes estendidos dos quais pendiam bandeirinhas de papel colorido que se agitavam com a brisa e com os acordes da animada banda municipal. Ninguém, nem mesmo Orminda Vitoriano seria capaz de olhar o coração dele e perceber o homem que pertencia à outra época, porque os sinais desses anseios nunca são claros o suficiente para serem percebidos. Orminda Vitoriano olhou-o e viu apenas o filho que ela amava imensamente afastar-se dela, talvez para sempre. A população despediu-se dos pracinhas da cidade como antecipados heróis nacionais, ou seja, havia nessa despedida a suposição do futuro regresso. De nada adiantaram as súplicas e rogos de Orminda Vitoriano para que Eugênio desistisse da ideia. Ela conhecia o filho, sabia que ele não desistiria; insistiu porque era seu desejo e dever de mãe. Ele partiu como um herói suicida, um romântico *démodé*, um homem que vivia por viver. A ideia secreta de suicídio poderia encontrar expressão aceitável na luta altruísta contra o totalitarismo no mundo. Seria um fim

nobilíssimo para o último descendente da principal cepa dos Vitoriano.

Agora, na Itália há meses, deitado, ouve os ruídos da guerra misturados com os odores e com a sensação do frio cortante na pele do rosto, mãos e pés. O tecido do uniforme da expedição brasileira para selva, areia, água e calor, deslocado na paisagem de gelo e alvura, distante da exuberância barroca do verde das matas e das flores tropicais. Rajadas de metralhadoras, o grito de dor do amigo atingido, instantâneos respingos criadores de rosas escarlates no tapete de neve. Doeu-lhe fundo ver companheiros com dedos ou pernas amputadas, necrose provocada pelo frio. As botas brasileiras de couro eram insuficientes para o cenário gelado das montanhas italianas. Uma tropa de alemães capturada e rendida. Os brasileiros ofereceram café e cigarros. Depois, a noite escura, longa e glacial.

Deitado, lembrou-se quando deixou Arturo dormir em seus braços pela primeira vez e sentiu seus beijos mornos que tinham o gosto de licor de cassis, pensou na mulher morta, no filho que não teve, nos três anjinhos enterrados no casarão, nos sonhos e na solidão irremediável da mãe, na herança: o palacete construído em uma montanha muito diferente da qual se encontrava, um fardo que ele não daria conta. Assaltou-lhe uma saudade sem esperança de reencontros, uma saudade ainda mais dolorosa. Lembrou-se das montanhas de Minas, com seu mar de montes ondulados e as ondas desses montes lhe trouxeram de volta o Arturo navegante dos oceanos, embarcado em um paquete que parecia chegar a cada porto sem lançar âncora. Destampou a rolha de uma

pequena garrafa de vermute, sorveu a última dose. O gesto não era de festa, mas de adeus. Queria jogar-se nos lençóis limpos e macios de sua cama no sobrado, alimentado pelo desejo inútil e torturante de esquecer-se de tudo, até de si mesmo. Todavia, em momento algum, arrependera-se de ter atravessado o oceano. Tinha ido ao encontro do seu destino, um destino que somente lhe estava reservado porque ele mesmo andou à sua procura. Não pensou no retorno da primavera. A sepultura ártica lhe pareceu eterna e gloriosa como o casarão dos Vitoriano, digna de receber seu corpo extenuado pela batalha impossível que havia começado a travar consigo mesmo desde o início da adolescência quando lhe brotaram os pêlos púbicos. A neve era branca como a cal das paredes entre as quais nasceu, cresceu e viveu a maior parte de sua vida. Assim, começo e fim pareceram-lhe a mesma coisa.

O frio intenso lhe causou um torpor anestésico. Não sentia mais dor. As rajadas das metralhadoras, o motor dos jipes, um barulho que vinha dali ou de um lugar distante, parecido com o de um sonho ou de uma lembrança vaga, com outras antigas, do som macio e delicado dos pratos de porcelana, dos talheres de prata e das taças de cristal nas quais ele bebera vinho tinto nas festas do sobrado, da água da chuva escorrendo pelas vidraças e os jardins envoltos em uma névoa que fazia de todo o conjunto outro mundo, ao mesmo tempo, mágico, real e encantador. Os limites de seu corpo se abriam para a neve e da neve para um espaço mais amplo, sem limites. Morrer é isso? Essa respiração suave e doce, esse

entorpecimento morno e aconchegante? Essa entrega confiante e serena? Ah, que prazer irrepetível.

Que deus ariano seria este de olhos tão intenso de azul a se debruçar sobre ele? (um azul gélido que em nada se parecia com o azul-acinzentado dos olhos de hortênsia que ele tanto amara e que naquele mesmo momento deveriam estar em um ponto longínquo qualquer de um dos três oceanos a viajar pelo mundo sem saber da desgraça que estava prestes a lhe ocorrer). As pupilas do deus ariano de agora, sóis negros naquele firmamento improvável (não, não era o segundo sol de que ouvira sua mãe falar algumas vezes). O tedesco ejaculou no seu peito entorpecido um jato ardente de fogo selvagem com toda a fúria de um reprodutor primitivo perdido desde a gênese do mundo. Um projétil transformado incontinenti em pastosas gemas vermelhas na relva gelada, branca e monótona. A mortalha de neve fofa recém-caída e ainda não pisada lhe trouxe à memória os lençóis de linho branco quando se deitava neles pela primeira vez depois de lavados.

Ainda teve tempo de pensar: Arturo... Arturo... em que constelação de mares tu navegas? Que distante porto é esse a que nunca chegas? Minha vida sem ti foi sono.

Arturo era o luar sobre os eucaliptos, a pétala da flor na superfície do lago, a brisa do início do outono. Lua, flor e vento lhe pareceram tão distantes quanto as estrelas e as coisas todas da Vila do Espírito Santo, coisas que alegraram e deram sentido à sua meninice e juventude, coisas que lhe entristeceram e lhe fizeram chorar, congeladas num bloco imenso de gelo aprisionado numa outra dimensão a que ele

jamais teria acesso. Mas estavam lá, todas, preservadas e vibrantes no silêncio branco das geleiras ancestrais.

Naquele instante, Orminda Vitoriano se encontrava na antessala da biblioteca, sentada em uma poltrona com o bastidor entre as mãos no qual se estendia o linho de uma branca toalha de mesa. Ela bordava absorta e lenta com ponto em cruz uma cesta com ramalhetes de flores em sobretons de azul. Uma briga de gatos em cima do muro a assustou, resgatando-a de volta ao mundo. O dedal escapou-lhe das mãos e o susto fez com que ferisse o dedo na agulha. Uma gota de sangue caiu ao centro de uma das flores, bordando-lhe o miolo. Instintivamente, levou o dedo a boca.

Outrora, talvez o episódio lhe despertasse um mau presságio, uma opressão no peito. Mas, agora, ela se sentia velha e cansada demais e percebeu-se traída ou abandonada pelos presságios. Preferiu pensar nada. No entanto, sem saber o porquê, lembrou-se da noite de seu noivado quando, indecisa, parou sob o portal de seu quarto e a vista do anel de rubi sobre o tampo de mármore a deixara zonza. Agora, ela preferiu não dar crédito a essa lembrança tão antiga quanto o século passado, pois suas preocupações eram outras. Cuidou em devolver ao cesto de costura o bastidor, linhas e agulhas. Que bom presságio poderia ter uma mãe amorosa e extremada tendo seu único filho querido na guerra?

Levantou-se para fechar a janela. Uma lufada de vento agitara as cortinas. O grande buquê de rosas brancas colhidas ainda em botão há sete dias e posto no vaso, exalou seu último suspiro e desprendeu as pétalas sobre o tampo da cômoda, uma lousa de Carrara cor-de-salmão. Ela chamou a criada e lhe

pediu que deitasse fora o arranjo de flores, o trocasse por outro e pusesse a toalha para lavar. Depois, recolheu-se silenciosa aos seus aposentos. Orminda Vitoriano estava cansada demais para pensar ou intuir a possibilidade de mais uma grande desilusão. As havidas eram muitas e lhe bastavam.

Duas semanas depois, em abril de 1945, uma Orminda Vitoriano ainda mais envelhecida recebeu telegrama do governo brasileiro anunciando-lhe a morte do filho na Itália, na batalha de Collechio, no vale do Pó. Mais um mês apenas e Eugênio teria se salvado pelo encerramento da expedição da Força Expedicionária Brasileira! Pela primeira vez em muitos anos, deu graças pela morte do marido. Ela não suportaria vê-lo sofrer dor tão profunda e sentiria a própria de modo crudelíssimo lidando ao mesmo tempo com a perda do filho e vendo o coração do marido excruciado por uma agonia que ela seria incapaz de impedir ou amenizar.

Entre gritos de desespero e choro convulsivo, ela finalmente pôde decifrar o prenúncio que o sonho com a tetravó Alma comportava: o filho, último varão da família Vitoriano morria sem deixar descendentes.

Alma Vitoriano lhe dissera:

- O oceano.

Era o oceano Atlântico a separá-la do filho amado, morto em combate. A ampulheta com a finíssima areia que acabava de escoar-se e as velas do lampadário que se apagavam todas. Agora a mensagem estava clara para Orminda Vitoriano. Clara como as ensolaradas e límpidas manhãs de abril: o sonho anunciava a morte de Eugênio e o fim da Casa Vitoriano.

Maldição! À dor da perda se juntou a dor de sentir-se culpada, de julgar-se a responsável pela interrupção dos elos entre as gerações. Ela atrairia sobre si a cólera dos manes e o castigo viria rápido. Malditos alemães. As ações de sabotagem dos nazistas intensificaram-se depois que o Brasil rompeu com os países do Eixo. Torpedearam o Baependi na costa nordestina, enquanto muitos passageiros dançavam valsa no salão de baile. Que tinha ela a ver com o ataque deles aos navios brasileiros? Que se danassem a Alemanha, o mundo e as guerras. Ela somente desejava que o filho pudesse regressar.

O TEMPO DA PÊNDULA

Dandara ganhou de Orminda Vitoriano, um terço de caroços de azeitonas ao qual agarrava-se como à tábua de salvação de um náufrago.

Lembrava-se com carinho do dia em que ganhara o presente e pensava em Dona Miminde com profunda gratidão; gratidão manifestada numa fidelidade canina, um afeto tosco, sem lapidagem. E da névoa da memória, surgiu a tarde fria e seca de setembro, quando se meteu na carroceria de uma caminhonete e foi à fazenda de Dona Miminde ajudá-la a trazer para a casa da cidade, móveis e o trem da casa. Tudo coisa de estimação, ainda mais depois da morte do marido. Aquele dia amanhecera diferente, o sobrado de Dona Miminde exalando essência de rosas (ela não percebera o augúrio). Aquele dia seria um acontecimento na vida de Dandara.

A caminhonete veio pela estrada de terra em meio a uma nuvem de pó que desmaiava a floração exuberante dos ipês numa palidez cérea. A cada solavanco do caminho, o piano vibrava, música divina para Dandara, sentada na liteira de Alma Vitoriano, com xale de franjas sobre os ombros e uma sombrinha aberta, de roto tecido salmão, encontrada no lixo ou ganha de alguém, após muito uso. Por que não seria ela Dandara Vitoriano? Por que não poderia mudar-se para o sobrado com todos os seus pertences: a canastra de couro esfrangalhado com santos quebrados, missais em latim, pedaços de livros, duas mudas de roupas, um par de chinelos rotos e o chapéu de palha ornamentado na larga aba com

sempre-vivas secas que se despetalavam a cada manuseio? Então, a mestiça enjeitada, a perambular pelas ruas da cidade como planeta sem órbita, seria a única rainha preta que o palacete jamais teve em seus séculos de resplendor. Ela desceria a escada com vestido de espartilho e comprida cauda, abriria as portas para acolher os mendigos, as meretrizes e toda a escória social da rica urbe da aristocracia cafeeira e mais as crianças que, de agora em diante, a adorariam e abririam as mãos e os sorrisos para receberem dela, generosas porções de balas e doces.

O veículo navegava lento, imerso no poeirão, com sua preciosa carga de móveis, louças, livros e afetos antigos. Tinha cristaleira de vidro *biseauté* e tampo de mármore italiano; livros de botânica escritos em francês, predileção de Alberto da Gama; o vestido de noiva de Orminda Vitoriano com o qual ela e a mãe, Bárbara Vitoriano, se casaram, a mãe em cerimônia gloriosa na Igreja Matriz do Divino Espírito Santo, ao som de coral de crianças vestidas de anjos com asas de pato embalsamadas que mais parecia um coral de anjos e chuva de pétalas de rosas; amarelado pelo tempo, mas conservando ainda suspiros de amor na delicadeza dos brocados e nos fios de pérolas dos arremates; o penico de porcelana francesa pintado à mão em estampas de rosas e violetas, com ramagens de ouro; o faqueiro de prata monogramado, onde se podia ler a inscrição *CV* (Casa Vitoriano), pertence da família há várias gerações; o aparelho de jantar em porcelana Companhia das Índias, do casamento de Domitila Vitoriano. A avó lhe contara, o aparelho viera para o Curato do Espírito Santo no lombo de mulas, descendo e subindo serras, no início do Império, bem

antes da construção da Estrada de Ferro Muzambinho. Dizia também que o Imperador D. Pedro II jantara nele quando esteve na região a passeio (para os maledicentes, tudo fábula, delírio de grandeza da bela Domitila). E tantas outras coisas, todas preciosas pela raridade dos objetos e pelas histórias de afeto que a eles se prendiam.

De tanto ouvi-las, Dandara sentia-se fazendo parte delas, uma sinhazinha desatinada, usando o vestido de noiva, imaginando-se casada com o filho de Dona Miminde que nem conhecera, pracinha morto na expedição brasileira da Itália na II Guerra, enterrado em Pistoia e cujo retrato enorme, em sépia, ficava na sala de jantar. O belo moço tinha porte majestático, rosto primoroso e lábios de polpa madura de goiaba. Os olhos verdes, fulgurantes e certeiros faziam as mocinhas tremerem dentro dos vestidos. Tão parecido com o pai! Dandara seria dele entre travesseiros de penas de ganso e lençóis de linho egípcio recendendo a alfazema; sentiria a pele alva, macia e morna roçar seu corpo e choraria por não saber dizer nada porque, quando as palavras sabem fazer calar, o silêncio adquire sua própria voz.

Imaginava-se a cear no aparelho de jantar, a obrar sobre as rosas do urinol, a mirar-se no espelho de cristal:

- Eu “tô” bonita, Dona Miminde?

Aquele mundo com tantos outros dentro, tantas personagens, histórias e detalhes inusitados lhe parecia mais real que o seu: o da rua e o do escárnio público.

E, ao entardecer, a caminhonete entrou solene na Avenida Rio Branco, a mesma dos Entrudos e das paradas de Sete de Outubro, glorioso dia da cidade, debaixo de uma

revoada de barulhentos pardais. A igreja dobrava os sinos. Os alto-falantes reproduziam uma arranhada ave-maria, de Bach-Gounod. Os últimos raios de sol iluminavam o campanário. A molecada parou para dar vivas e ver a rainha preta dos desvairados descer da caminhonete em apoteose, na liteira de Alma Vitoriano. Quatro mulatos, transpirando a delicado olor de flores, puseram a liteira no meio do passeio público. Orminda Vitoriano tirou um terço do estojo de madeira e depositou-o nas mãos de Dandara.

Com as sobras da lucidez que lhe restara, a anciã que havia resistido ao crepúsculo da própria época, sabia que a posteridade chegaria para esmagar o seu presente como alguém que pisa distraído em um inseto. O passado de seus trisavós havia sido esmagado pelo presente dela; o que a consolava era a certeza arqueológica dos vestígios. Ela também percebeu que o futuro da sucessão das gerações familiares havia acabado. Restava-lhe somente o passado imenso com sua glória mitológica que dali para frente seria contada, recontada, reconstruída, aumentada e perpetuada na memória da geração atual e das vindouras da antiga Vila do Espírito Santo. O resto de lucidez ainda a fez perceber que passou a vida a sonhar: na juventude, com o futuro, na velhice, com o passado.

Um vento gelado do fim do mundo começou a soprar trazendo em redemoinhos folhas secas e flores de ipê a bailar no lamento plangente de violinos ciganos de uma época que há muito findara. Outrora, Orminda Vitoriano se teria sentido melancólica ao contemplar a beleza absurda do jardim iluminado pelos últimos raios do sol. Os mulatos arrepiaram a

pele, retesaram os músculos vigorosos, mas Dandara e Orminda Vitoriano não perceberam os presságios anunciados. A velha senhora entrou no suntuoso e funéreo casarão. Delirava, quase atropelada pelos homens que transportavam móveis e louças, lembrando-se do passado como restos de um navio naufragado, sufocada pelo peso de inúmeras e irreparáveis perdas, saudosa do marido que sempre amara e que haveria de amar mesmo depois que toda a eternidade tivesse se esgotado; aquele homem de temperamento tão incomum era tudo para ela, e, em mágoa profunda por não poder depositar uma coroa de flores na sepultura do filho, tão distante, tão querido, separado dela por um oceano inteiro, intransponível de mágoas, de saudades, de expectativas frustradas e agora, também, das impossibilidades da velhice. Preferia o caminho da estrada de terra batida mesmo que longo, quase infinito, ao descaminho das águas móveis do mar, elas próprias, senhoras, a levar o navegante por suas incertezas. No chão de terra poderia acreditar falsamente na certeza de suas pisadas.

À noite, Orminda Vitoriano se serve de uma taça de vinho do Porto. Como na sua noite de núpcias. Ainda pode ouvir os risos dos últimos convidados se retirando, os votos de felicidades eternas, as mulheres com seus belos chapéus de penas e flores ganharem a calçada, saindo do jardim de agapantos e jasmins-estrelas, para tomarem as charretes e cupês, do outro lado da rua, e a baronesa da Varginha, de braços com o marido, voltar a cabeça para lhe acenar, sorridente, antes de diluir-se com seu vestido de vapor em meio às floridas jabuticabeiras que não estavam ali, mas em

lugar não muito distante de Triunfo e paz, lá para os lados do Pontal.

Na pêndula de chão da sala de jantar, vinte horas e trinta minutos. Aquela pêndula é o coração do sobrado, e seu vaivém, calmo e decidido atravessou séculos, marcando a vida de cada Vitoriano. Orminda Vitoriano acaba de ajeitar o vestido de noiva no corpo, os brocados, os filetes de pérolas e o véu, em uma nuvem de lembranças. (Se Dandara pudesse vê-la, acreditaria na ressurreição da velha noiva do enforcado). Mira-se no brilho molhado do espelho. São cabelos brancos e uma face com desenhos do tempo, de muito tempo, de um tempo que antecede uma vida. Tudo pode ter mudado, mas ela era a mesma a amar o marido, desesperadamente. Ouve os passos dele, todas as noites, pela casa (desde sua morte debruçou-se, pesarosa, sobre os escombros da felicidade perdida para alimentar-se de seus restolhos).

E, tal como alguém que está a se afogar, brotam-lhe da memória, como numa última aquarela, em vivas pinceladas: a tetravó, Alma Vitoriano, a branca reinol, transportada por índios Catágua seminus, com cocares de penas vermelhas e amarelas, numa liteira, paramentada para festa, com suas joias, abanando-se com leque, enquanto observa o sobrado, a vegetação luxuriante ao redor, as garças brancas que passeiam pelo jardim: aquela herdade de Sesmarias era a sua Capitania; o telegrama da Itália, anunciando-lhe a morte do filho, Eugênio Vitoriano, em Collechio, no vale do Pó; uma mesa posta por Aída Vitoriano, com toalha de renda da Madeira e travessas com as mais finas e variadas iguarias, num passado já sem data; o príncipe preto de músculos exatos, um vestido sujo de

pólen, a mentira da perda de um broche e a desgraça de Ifigênia Louca na noite de desespero quando o marido crocitou como ave de rapina; Domitila de inexcedível beleza, ao piano, dedilhando Chopin; mulas subindo a Serra do Mar, carregadas de mármores, vidros e ferros – muitos índios ficaram pelo caminho, mortos por picadas de cobras, febres ou a despencar de precipícios; a entrada triunfal da mãe, Bárbara Vitoriano, no átrio, depois, na nave da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo, para casar-se em uma cerimônia que a lembrança das gerações futuras tornaria lendária; Alma Vitoriano a dormir com uma jaguatirica domesticada, aos pés do tálamo conjugal, enquanto aguarda o retorno do marido, D. Fulgêncio Vitoriano, de demoradas viagens com tropeiros pelo interior desconhecido e selvagem da Colônia...

O ruído ritmado da pêndula de chão parece sumir-lhe, pouco a pouco. Esvaziara uma taça de vinho do Porto com água mineral, a do marido continuava intacta. O prato azul-pombinho com fatias de torradas, fê-la lembrar-se do tolo receio que sentiu na noite do noivado, quando acreditou que a armadilha familiar, tramada ao longo de gerações, havia de lhe capturar corpo e alma de modo irreversível. O aroma marcante dos jasmins e manacás recende pelos cômodos, num perfume de um meio de um lugar, desvãos da memória. Uma tranquilidade absoluta, quase absurda, toma conta de seu espírito; uma paz nunca sentida apazigua as lembranças, retira amargores, dá sentido de vida a cada uma. Orminda Vitoriano entra em sintonia de afeto com todos os Vitoriano que viveram ali, naquele sobrado, e um pouco de cada um deles, poderia ser percebido pulsando nos detalhes das paredes, dos móveis,

dos vitrais, dos quadros, das louças, das pedras, do jardim e de tudo o mais que constituía a alma do sobrado e emprestava sentido a todas aquelas vidas.

A pêndula de chão marca, agora, vinte e uma horas. O marido surge no alto da escadaria antes que a última badalada reverbere pelos aposentos. Ele lhe estende a mão. Orminda Vitoriano nunca resistiu ao fascínio daqueles olhos verdes, daquele homem calmo de dar medo, daquela pele tão macia que beijá-la era beijar pétalas de rosas, não resistiria agora. Ela se levanta, ajeita o vestido de inigualáveis tecidos, urdidos com sonhos.

Orminda Vitoriano principia a subir a escadaria como nunca subira antes, mais triunfal que a mãe na nave da Igreja Matriz, mais apoteótica que Dandara numa liteira carregada por quatro mulatos transpirando essência floral. A cada degrau vencido amenizam-lhe da face os desenhos do tempo, os cabelos retomam a cor preto-azulada. A pele recupera o viço de outrora. O marido a esperá-la no topo é o mesmo das águas do ribeirão, com a ceroula no meio dos joelhos, agarrada ao corpo e o olhar mais que brilhante, luminoso. Orminda Vitoriano sobe a escadaria como nunca subira antes. E, desta vez, para ser feliz para sempre.

Dandara ficou sabendo no dia seguinte. A bondosa Dona Miminde guardiã da memória municipal, matriarca de todas as famílias da cidade (mãe arquetípica de Dandara, esta que todo homem precisa ter, pelo menos um pouco, para poder acreditar na vida); tetraneta de Alma Vitoriano, a que morreu ao dar à luz ao sétimo filho varão e, que – diziam os índios –, uma estrela se apagou no céu naquela noite; trineta de Aída

Vitoriano, a Aída dos presságios, conhecedora dos segredos íntimos da preparação de acepipes, numa alquimia que deliciava o paladar e o olfato e enchia os olhos; bisneta de Ifigênia Louca que, perdida de amores por um príncipe africano, morreu encarcerada, acreditando-se rainha da nação iorubá, triste rainha, cuja sina foi perpetuar a própria desgraça, invocando moucos avatares; neta de Domitila, a rainha-bela dos Vitoriano, bela, mesmo depois de adentrada em anos, morta por pneumonia galopante, no ano em que a vila virou cidade, muito antes do alvorecer do novo século, no dia raro em que Vênus passou na frente do sol e se alinhou com ele e a terra, fenômeno astronômico que somente se repetiria quando toda essa história tivesse sido contada no início de um outro século tragicamente anunciado pelo terror e pela ascensão dos fanáticos da religião e da ideologia; filha de Bárbara Vitoriano, donzela que, em tarde de inverno, em uma época já perdida no tempo, atravessara a praça pública para encontrar-se com o noivo, debaixo de tantas e tão frondosas quaresmeiras que teve que abrir a sombrinha para proteger-se das pétalas que caíam, numa chuva de veludo e aromas, e que tivera a mais magnífica das cerimônias de casamento, comentada até mesmo nos círculos da corte; que fazia docinhos de abóbora com coco como ninguém; que conversava com as borboletas e formigas do jardim; que ouvia os passos do marido morto pela casa; que era o anjo da guarda de Dandara...

A pêndula de chão da sala de jantar, parada nas vinte e uma horas; a última badalada ainda reverberava pelos aposentos. A mesa, posta para duas pessoas; porcelana Companhia das Índias, faqueiro de prata, taças de cristal. Uma

garrafa de vinho do Porto, como na noite de núpcias. Dona Miminde, a velha vestida de noiva, a esperar pelo marido. Morta. Dandara foi das primeiras a saber, pois ela sabe o nome de quase todo mundo que nasce, morre e faz aniversário na cidade.

Agora que Dona Miminde se foi, que Dona Miminde está morta, o casarão está trancado, com todas as janelas cerradas. As dobradiças das portas soluçam tristezas carcomidas pela ferrugem. As goteiras tatuam nódoas nas paredes de cal. As ervas daninhas há muito tomaram conta dos jardins. O musgo criou uma roupagem verde escuro para as pedras. O mármore da principal escadaria encardiu e uma fina poeira tomou assento no mobiliário, nos cristais, nas porcelanas e tapetes. Até o sorriso do belo filho de Dona Miminde, no retrato em sépia da sala de jantar, parece evanescente...

Quem lhe contará as histórias do casarão dos Vitoriano? Quem lhe fará chorar com a tragédia de Ifigênia Louca? Quem lhe porá medo com as histórias da Rua dos Enforcados? Quem lhe contará a opulência das casas dos acionistas do Banco Hypotecário? E da casa-grande da Fazenda do Triunfo, de Joaquim Eloy Mendes, o soturno Barão da Varginha? E as histórias da Rua Direita, da Rua do Peixe, da Rua do Dinheiro, da Rua do Carmo, da Rua da Chapada, da Rua Passa-Boi? Quem lhe descreverá uma cena tão viva como a do casamento triunfal de Bárbara Vitoriano que Dandara poderia até sentir as pétalas das rosas despencarem do teto da Igreja Matriz e roçarem sua pele? Quem lhe falará da comida gostosa de Aída Vitoriano até lhe dar água na boca? Quem lhe contará alguma outra história de Domitila, a rainha-bela dos Vitoriano? Quem

lhe permitirá que passeie na liteira de Alma, a matriarca do clã Vitoriano?

Agora, Dona Miminde se foi. Dona Miminde está morta. O casarão está trancado, com todas as janelas cerradas. As ervas daninhas tomam conta dos jardins. O musgo criou uma roupagem verde escuro para as pedras. Os cupins devoram a madeira das pérgulas. O mármore da principal escadaria encardiu. Uma fina poeira tomou assento em todos os objetos do interior do casarão. Cigana nenhuma pode mais prever felicidades vindouras, apenas recordar as do passado porque o elo entre as gerações foi definitivamente rompido.

Dandara jamais pisaria dentro do sobrado novamente e, com a alma lacerada de dor, tinha esta certeza. Se ela pudesse entrar lá, tentaria, com suas mãos grossas e calejadas, impulsionar a pêndula.

Requiem aeternam dona eis[11]...

A VITÓRIA-RÉGIA DO AÇUDE

No dia do primeiro ano da morte de Dona Miminde, Dandara foi vista a caminhar por toda a cidade com vestido de cambraia de linho armado de crinolina, decote generoso, cabelo penteado em arremedo àqueles dos retratos das damas antigas, afixados nos corredores do palacete, sombrinha rendada aberta e, no colo, bijuteria que imitava com perfeição um camafeu, cuja pedra mesclava tons de violeta e opala, e muitos, à primeira vista, supuseram joia legítima. Naquele dia, inesperadamente, ninguém zombou de Dandara. Os bêbados tiraram os chapéus ao vê-la passar. As crianças, seus costumeiros e impiedosos algozes, a aplaudiram de pé nas calçadas. As meretrizes da rua da luz vermelha lhe serviram um copo d'água caprichosamente posto em uma bandeja coberta por tecido adamascado. Nenhum outro morador da cidade escarneceu de Dandara. Aquele dia especial parecia não ter mais fim e trouxe no vento vestígios dos tempos heróicos da fundação do arraial. Dandara saiu da cidade reverenciada como uma Vitoriano, arrastando os panos do vestido na terra seca da rua. Os últimos a vê-la foram os pescadores e deles o testemunho de que Dandara dobrou a estrada no rumo do açude, no momento em que o sol acabava de se por e pareceu tragada pelo balouço da luz entre as sombras das árvores. Foi esta a última notícia que se teve de Dandara. Dias depois, a sombrinha aberta foi encontrada no açude, flutuando qual vitória-régia barroca.

NOTAS

1 Página 16: FONSECA, Sylvestre; LIBERAL, João. Álbum de Varginha. São Paulo: Pocai & C., 1920. Transcrição de trechos das páginas 10, 12 e 13.

2 Página 30: "Oh, face amortecida...": LEHMANN, João Baptista (organizador). Harpa de Sião : coleção de cânticos sagrados para uma ou duas vozes com acompanhamento harmônico. Parte de canto, p. 17. Juiz de Fora : Editora Lar Católico, 1957. 3ª edição, 202 p.

3 Página 50: *Cui faxit aeternitas: e*xpressão em latim. Indica o desejo de que a capela seja eterna.

4 Página 59: "la fece natura, e poi ruppe lo stampo": A natureza a fez, depois perdeu o molde.

5 Página 214: *"elle nageait entre deux eaux"*: Ela nadava entre duas águas; fazia jogo duplo.

6 Página 222: *Paphiopedilum callosum*. Conhecida como sapatinho-de-vênus. Em Varginha (MG): sapatinho-de-príncipe.

7 Página 243: Mãe-do-corpo: útero. Esse brasileirismo informal encontra sua origem em superstições portuguesas da Idade Média no "mal de Madre", a superstição de que o frio ou a água fria poderia tornar uma mulher estéril ou suspender-lhe a

menstruação. Madre: Matriz, útero. Essa ideia aparece na Farsa de Inês Pereira (1523) de Gil Vicente.

8 Página 263: Trata-se da estrofe 121 do Canto Terceiro que narra o amor de Inês de Castro pelo príncipe herdeiro D. Pedro, filho de D. Afonso IV, sétimo rei de Portugal, com quem se casara secretamente: Do teu príncipe ali te respondiam / As lembranças que na alma lhe moravam, / Que sempre ante seus olhos te traziam, / Quando dos teus fermosos se apartavam; / De noite, em doces sonhos que mentiam, / De dia, em pensamentos que voavam, / E quanto enfim cuidava e quanto via / Eram tudo memórias de alegria (CAMÕES. Os lusíadas. Canto Terceiro, estrofe 121, p. 105. São Paulo : Nova Cultural, 2003). Considero esses versos os mais belos escritos em Língua Portuguesa.

9 Página 306: "Somos feitos da matéria dos sonhos; nossa vida pequenina é cercada pelo sono": fala de Próspero na peça A tempestade (Cena I, Ato IV), de William Shakespeare (1623).

10 Página 313: Versos de Costa Rego Júnior: "Álbum de Varginha", p. 77, de Sylvestre Fonseca; João Liberal, escrito em 1918 e publicado em 1920, pela Pocai & C., São Paulo (SP).

11 Página 335: *Requiem aeternam dona eis*: Dai-lhes o repouso eterno.

José Roberto Sales

COLEÇÃO

Em 2014, o Setor de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural do Município de Varginha realizou o inventário do conjunto das obras do historiador varginhense José Roberto Sales que tem por assunto a história de Varginha em seus mais variados aspectos. Surgiu, assim, a Coleção José Roberto Sales que integra o acervo de inventário de proteção do patrimônio cultural local. Este livro é uma das obras que integram a referida Coleção.

José Roberto Sales
COLLECTION

In 2014, the Historical Heritage Sector of the Cultural Foundation of Varginha Municipality carried out an inventory of all the works historian José Roberto Sales, whose subject is Varginha's (Brazil, MG) history in its most varied aspects. Thus arose the José Roberto Sales Collection which integrates the inventory of protection of the local cultural heritage. This book is one of the works that integrate the said Collection.

O AUTOR

Fotógrafo: José Carlos Salomão, 1998

ESTE LIVRO COMPOSTO NA FONTE CALIBRI 11 COM ESPAÇAMENTO 1,15 FOI IMPRESSO NAS OFICINAS DA GRÁFICA EDITORA SUL MINEIRA, LOCALIZADA NA RUA TIRADENTES, Nº 395, CENTRO, VARGINHA, MINAS GERAIS, EM PAPEL MIOLO OFF-SET 90 g/m³, TENDO SIDO FINALIZADO EM JANEIRO DE 2019.

SUMMARY AND INTRODUCTION
THE MEMORY OF SENSES

A novel by José Roberto Sales

Letter from the reviewer Marcos Valério Albinati Silva (*) translated by José Roberto Sales

Varginha (Brazil – MG), November 09, 2018

Dear José Roberto,

How rich is the text of your novel! I read it carefully so as not to lose every moment of this story somewhat sad, but impregnated with beauty! I felt like a miner who, digging with avidity, discovered a marvelous lode of literary charms that were worth gold - the fluidity of the phrasing, the force of the descriptions, the provocative narration, the vocabulary treasure ... You need not envy the goldsmith! I walked, with gusto, to the old Varginha. I stayed friends with the characters, with whom I smiled and for whom I had great compassion. Their names became familiar to me. How you managed to visit their souls! How you understood and explored his thoughts, desires, fears and joys! How easily you put us inside the mansions, the farms, the church! ... I liked the pictures so subtle and the proper intertextuality. The references are very well used. The themes are very current and thought-provoking. I am here thinking that the fluency of history, the density of the facts, the celebration of the details of the scenes and scenarios well deserve the dignity of a beautiful publication. What's more, they could be immortalized in the cinema. Varginha has been emerging in this field. [...]

(*) Professor of Portuguese Language and Literature.

ISBN 978-85-60604-24-1

GRÁFICA
EDITORA SUL MINEIRA
(35) 3221.3284 - 3214.3863